



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA - PPGB
MESTRADO PROFISSIONAL EM BIBLIOTECONOMIA - MPB

REGIANE CRISTINA LOPES DA SILVA

O BIBLIOTECÁRIO-NARRADOR E OS ENCONTROS NARRATIVOS:
contribuições bakhtinianas para o incentivo à mediação oral da literatura.

Rio de Janeiro

2020

REGIANE CRISTINA LOPES DA SILVA

O BIBLIOTECÁRIO-NARRADOR E OS ENCONTROS NARRATIVOS:
contribuições bakhtinianas para o incentivo à mediação oral da literatura.

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB), no Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia (MPB), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Biblioteconomia.

Área de Concentração: Biblioteconomia e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Biblioteconomia, Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof.Dr. Gilberto de Castro

Rio de Janeiro

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S 586 Silva, Regiane Cristina Lopes da
O bibliotecário-narrador e os encontros narrativos: contribuições bakhtinianas para o incentivo à mediação oral da literatura / Regiane Cristina Lopes da Silva. -- Rio de Janeiro, 2020.
224 f.: 30 cm

Orientador: Gilberto de Castro.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2020.

1. Mediação Oral da Literatura. 2. Bibliotecário-narrador. 3. Encontros narrativos. 4. Círculo de Bakhtin. I. Castro, Gilberto de, orient. II. Título.

CDD 028.9

REGIANE CRISTINA LOPES DA SILVA

O BIBLIOTECÁRIO-NARRADOR E OS ENCONTROS NARRATIVOS: contribuições bakhtinianas para o incentivo à mediação oral da literatura.

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB), no Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia (MPB), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Biblioteconomia.

Aprovado em 17 de setembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilberto de Castro - Orientador - Presidente
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Prof.^a Dr^a. Patrícia Vargas Alencar- Titular Interno
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Prof.^a Dr^a. Sueli Bortolin - Titular Externo
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Alberto Calil Elias Junior - Suplente Interno
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Prof.^a Dr^a. Cloris Porto Torquato - Suplente Externo
Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG

Rio de Janeiro

2020

Dedico esse trabalho aos meus pais Hécio Lopes da Silva e Angela Maria da Silva; e às minhas irmãs Janaina e Luana.
Obrigada por tudo!

AGRADECIMENTOS

A Jeová, a Jesus Cristo e ao Espírito Santo por terem me dado fôlego de vida e forças para vencer as adversidades.

Ao meu pai Hércio Lopes da Silva, à minha mãe Angela Maria da Silva e às minhas irmãs Janaina Cristina Silva de Andrade e Luana Cristina Aparecida Lopes da Silva por terem incentivado a minha trajetória estudantil, pelo amor, carinho e compreensão das minhas ausências.

Aos meus gatos e cachorros por terem ficado comigo durante as leituras solitárias e escrita desse trabalho.

Ao meu orientador Gilberto de Castro, pelos ensinamentos, carinho, atenção e por ter me apresentado o filósofo russo Bakhtin.

Às professoras Elisa Campos Machado, Lucia Maria da Cruz Fidalgo, Patrícia Vargas Alencar e Sueli Bortolin pelas contribuições na etapa de qualificação.

Aos professores Alberto Calil Elias Junior, Cloris Porto Torquato, Patrícia Vargas Alencar e Sueli Bortolin por fazerem parte da banca de defesa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) pelos ensinamentos.

Ao Conselho Regional de Biblioteconomia da 7ª Região (CRB-7) pelo apoio na divulgação do questionário online enviado aos bibliotecários do Estado do Rio de Janeiro.

Aos bibliotecários do Estado do Rio de Janeiro por terem respondido ao questionário.

Às minhas amigas Cláudia e Danielle por terem cedido um espaço na residência delas durante os dias que precisei realizar a compensação de horário de estudo no trabalho e não tinha condições de voltar para a minha residência devido ao horário avançado.

A todos os sujeitos conhecidos e desconhecidos, lembrados ou esquecidos que direta ou indiretamente transmitiram os enunciados dos quais sou composta.

Por muito tempo se opôs oral e escrita, embora o livro e a voz sejam companheiros, e a biblioteca, em particular, seja um ambiente “natural” para a oralidade: é o lugar de milhares de vozes escondidas nos livros que foram escritos a partir da voz interior de um autor. Quando lê, cada leitor faz reviver essa voz, que provém às vezes de muitos séculos atrás. Mas para as pessoas que cresceram longe dos suportes impressos, alguém tem que emprestar sua voz para que entendam aquela que o livro carrega.

Michèle Petit, 2010.

RESUMO

A presente dissertação focaliza o bibliotecário como mediador oral da literatura em interação dialógica com os leitores de qualquer idade e as muitas vozes contidas nas obras literárias fomentando a recepção e a transmissão de enunciados. O objetivo geral do estudo é trazer a ótica bakhtiniana para a Mediação Oral da Literatura, contribuindo com estudos na Ciência da Informação e Biblioteconomia. Discorre sobre a presença dos gêneros do discurso bakhtinianos orais, escritos e não verbais. Explicita os gêneros do discurso dos encontros narrativos. Discute sobre a dicotomia literatura erudita e literatura de massa como fruto da construção dos gêneros do discurso. Desvela os enunciadores literários que influenciam direta ou indiretamente os encontros narrativos. Apresenta a descrição e análise dos dados relativos a uma pesquisa realizada através de questionário online enviada aos bibliotecários do Estado do Rio de Janeiro para identificar os profissionais que atuam, ou não, com o incentivo à leitura literária. A pesquisa se caracteriza como quali-quantitativa com objetivos exploratórios-descritivos. Os resultados obtidos revelam que os bibliotecários atuam, ou têm o desejo de atuar, com mediação da literatura, mas nem todos utilizam a voz para ler em voz alta ou narrar as obras literárias. A pesquisa apresenta enunciados que podem contribuir com estudos sobre o dialogismo na Ciência da Informação e Biblioteconomia e a mediação oral da literatura fora do escopo hábito de leitura, didatismo, entretenimento ou prazer, mas como o encontro com muitas vozes disponíveis para dialogar com os leitores contribuindo com a recepção e transmissão de enunciados.

Palavras-chave: Bibliotecário-narrador. Mediação Oral da Literatura. Encontros narrativos. Círculo de Bakhtin. Incentivo à Leitura Literária.

ABSTRACT

The present dissertation focuses on the librarian as oral mediator in literature on a dialogical interaction with the readers of any age and the many voices on the literary works fostering the reception and the transmission of the utterance. The general objective of the study is to bring the bakhtinian perspective to the Oral Mediation of Literature contributing with studies in Information Science and Librarianship. It discusses the presence of oral, written and no-verbal bakhtinian discourse genres. It explains the genres of the narrative encountering discourse. It discusses the dichotomy of erudite literature and mass literatures as a result of the construction of genres of discourse. It unveils the literary enunciators who directly or indirectly influence narrative encounters. It submits the description and the data analysis related to a research held through an online questionnaire sent to the librarians in the State of Rio de Janeiro to identify the professionals who work, or not, with the incentive to literary reading. The research is characterized as a quali-quantitative with exploratory-descriptive objectives. The obtained results reveal that the librarians act or have the desire to act with the literature mediation, however not all of them use the voice to read out loud or recount the literary works. The research reveals some utterance that may contribute with the studies about the dialogism in Information Science and Librarianship and the oral mediation of literature outside the scope on the habit of reading, didacticism, entertainment or pleasure but with the encounter of many voices available to dialogue with the readers contributing to the reception and the transmission of the utterance.

Keywords: Narrator-Librarian. Oral Mediation of Literature. Narrative encounters. Bakhtin Circle. Incentive to Literary Reading.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Mapa conceitual dos gêneros do discurso	52
Figura 02	Hora do conto para o público infantojuvenil em biblioteca	70
Figura 03	Hora do conto para adultos em biblioteca	70
Figura 04	Batalha de poesia em biblioteca	74
Figura 05	Círculo de leitura em biblioteca	81
Figura 06	Leitura dramática em biblioteca	84
Figura 07	Roda de leitura em biblioteca	87
Figura 08	Sarau literário em biblioteca	89
Figura 09	Tertúlia literária em biblioteca	93
Figura 10	Roda de conversa em biblioteca	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Estilística dos leitores-narradores	42
Quadro 02	Estilística dos leitores-ouvintes	43
Quadro 03	Estilística de escritores	44
Quadro 04	Atuação do profissional da informação: enfoques e atividades	55
Quadro 05	Círculo de leitura em biblioteca: passo a passo	80
Quadro 06	Tertúlia Literária Dialógica	91
Quadro 07	Dez direitos do leitor	107
Quadro 08	Objetivos das perguntas do questionário	145
Quadro 09	Documentos Recuperados na Base BRAPCI e Repositório Benancib: delineamento técnico: 2008-2018	151
Quadro 10	Documentos recuperados na Base Brapci e Repositório Benancib: encontros narrativos: 2008-2018	152
Quadro 11	Bibliotecários que atuam, ou não, em projetos de incentivo à leitura literária: por gênero e idade	158
Quadro 12	Conceito de literatura pelos bibliotecários do RJ	161
Quadro 13	Literatura de fato para os bibliotecários do RJ	164
Quadro 14	O que é promoção da leitura literária para os bibliotecários do RJ ..	168
Quadro 15	Considerações sobre o incentivo à leitura literária para os bibliotecários do RJ	173
Quadro 16	Função do bibliotecário no projeto e a mediação oral da literatura ..	183
Quadro 17	Motivos de não atuar em projetos de incentivo à leitura literária	197

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Bibliotecários respondentes do estado do Rio de Janeiro	153
Gráfico 02	Gênero dos bibliotecários	154
Gráfico 03	Idade dos bibliotecários	157
Gráfico 04	Principal fonte de capacitação para mediação da leitura literária	159
Gráfico 05	Obras escolhidas para mediação da leitura literária	176
Gráfico 06	Enunciadores literários	177
Gráfico 07	Vinculação de projetos de incentivo à leitura literária com instituições de ensino	180
Gráfico 08	Projetos sob responsabilidade do bibliotecário	181
Gráfico 09	Público-alvo dos projetos de incentivo à leitura literária	184
Gráfico 10	Regiões do Estado do RJ com projetos de incentivo à leitura literária	186
Gráfico 11	Parceiros no projeto de incentivo à leitura literária	187
Gráfico 12	Ações de mediação realizadas por bibliotecários	188
Gráfico 13	Obras, por suporte, preferidas para mediação	190
Gráfico 14	Obras, por gênero, mais utilizadas na mediação	191
Gráfico 15	Estudo de Usuários	193
Gráfico 16	Feedback	194
Gráfico 17	Interesse em participar de projetos de incentivo à leitura literária	196

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	JUSTIFICATIVA	14
1.2	PROBLEMA	16
1.3	OBJETIVOS	16
1.4	ESTRUTURA DO TRABALHO	16
2	CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN NA MEDIAÇÃO ORAL DA LITERATURA	18
2.1	HISTÓRICO DO CÍRCULO DE BAKHTIN	18
2.2	GÊNEROS DO DISCURSO	21
2.2.1	Classificação dos gêneros por linguagem	26
2.2.1.1	<u>Orais</u>	27
2.2.1.2	<u>Escritos</u>	30
2.2.1.3	<u>Não verbais</u>	37
2.2.2	Classificação dos gêneros por complexidade	38
2.2.2.1	<u>Primários e secundários</u>	39
2.2.3	Características intrínsecas ao gênero	41
2.2.3.1	<u>Estilística</u>	41
2.2.3.2	<u>Responsividade</u>	44
2.2.3.3	<u>Conclusibilidade</u>	51
3	O BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR ORAL DA LITERATURA	53
4	ENCONTROS NARRATIVOS	64
4.1	HORA DO CONTO	66
4.2	BATALHA DE POESIA, OU, <i>SLAM</i>	71
4.3	CÍRCULO DE LEITURA	75
4.4	LEITURA DRAMATIZADA	82
4.5	RODAS DE LEITURA	84
4.6	SARAU LITERÁRIO	87
4.7	TERTÚLIA LITERÁRIA DIALÓGICA	90
4.8	RODAS DE CONVERSA	93
5	LITERATURA ERUDITA E LITERATURA DE MASSA	96
6	ENUNCIADORES LITERÁRIOS	109

6.1	MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA E/OU ENTRETENIMENTO .	109
6.2	FAMÍLIA	118
6.3	GOVERNO	123
6.4	INSTITUIÇÕES DE ENSINO	130
6.5	INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS	134
6.6	MERCADO EDITORIAL	137
7	METODOLOGIA	142
8	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	153
8.1	PERFIL DOS BIBLIOTECÁRIOS	153
8.2	OS PORQUÊS DA LITERATURA	160
8.3	AÇÕES DE INCENTIVO À LEITURA LITERÁRIA	180
8.4	ESTUDO DE USUÁRIOS/ <i>FEEDBACK</i>	192
8.5	BIBLIOTECÁRIOS QUE NÃO ATUAM EM PROJETOS DE INCENTIVO À LEITURA LITERÁRIA	195
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	200
	REFERÊNCIAS	205
	APÊNDICE A - Estudo de leitores-ouvintes: modelo sugestivo	219
	APÊNDICE B - Controle dos Encontros narrativos: modelo sugestivo .	222
	APÊNDICE C - <i>Feedback</i> dos encontros narrativos: modelo sugestivo .	224

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um País que em pleno século XXI ainda possui um número considerável de analfabetos funcionais e funcionalmente alfabetizados (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, c2017). Nesse contexto, estão as bibliotecas com predominância de acervos em linguagem verbal escrita, pois desde os primórdios foram criadas para salvaguardar suportes com texto escrito (SERRAI, 1975) e, ao longo de sua trajetória, em sintonia com a sociedade, abarcaram obras em suportes variados, com conteúdos em linguagem verbal oral e linguagem não verbal, tal como explicita Milanesi (2003) ao abordar sobre as bibliotecas centros de cultura.

Apesar da valorização de todas as linguagens, há uma necessidade social do texto escrito das obras literárias chegarem ao conhecimento dos leitores, independente de serem alfabetizados ou não, infantojuvenil ou adulto, pois a literatura é um direito de todos (CANDIDO, 2004); possui infindáveis valores (COMPAGNON, 2009; PATTE, 2012; PETIT, 2009, 2010, 2013); é estudada em diversos campos do saber; além de ser um gênero do discurso, logo, com enunciados relativamente estáveis para serem compartilhados em sociedade (BAKHTIN, 2016; VOLÓCHINOV, 2017).

Por isso, as bibliotecas, como instituições democráticas (RANGANATHAN, 2009), precisam descortinar as vozes contidas nas obras literárias (PETIT, 2010) para que cumpram o papel social para os quais foram produzidas.

Os textos não foram criados para ficarem presos nas obras, mas para serem lidos, para enunciarem e dialogarem com a sociedade. Logo, o bibliotecário, como um profissional de enfoque técnico, tecnológico, gerencial, político e social (VALENTIM; ALMEIDA; SILVA, 2015), precisa cientificar-se da necessidade cada vez mais latente do cunho social da profissão, dentre as ações pertinentes para tal atuação está a mediação *oral* da literatura defendida por Bortolin (2010).

O destaque na oralidade da mediação advém do fato que esta abrange uma multiplicidade de leitores e coloca o bibliotecário em interação dialógica com os leitores, pois mediar literatura não é apenas colocar o livro, repleto de signos indecifráveis para muitos, nas mãos do leitor, sem compreender a composição enunciativa desse sujeito, pois “[...] talvez não exista exclusão pior que a de ser privado de palavras para dar sentido ao que vivemos”. E nada pior que a humilhação, no mundo atual, de ficar excluído da escrita (PETIT, 2009, p. 42).

Portanto, os encontros narrativos em bibliotecas elencados no presente trabalho (Hora do Conto, Batalha de Poesia, ou *Slam*, Círculo de Leitura, Leitura Dramatizada, Rodas de Leitura, Sarau Literário, Tertúlia Literária Dialógica e Rodas de Conversa) são catalisadores da interlocução entre os leitores e autores das obras, além de proporcionarem o acesso democrático à literatura.

Petit (2009, p. 183) aclara que:

Para democratizar a leitura, não existem receitas mágicas. Apenas uma atenção especial às crianças, aos adolescentes, às mulheres e aos homens. Um questionamento diário sobre o exercício de sua profissão. Uma determinação. Uma exigência. Um pouco de imaginação. É um trabalho a longo prazo, paciente, muitas vezes ingrato, na medida em que é pouco mensurável, pouco “visível” na mídia, e do qual os profissionais quase nunca têm um retorno, a menos que algum pesquisador passe por ali e estude precisamente esse impacto.

No entanto, como não basta focar apenas nos encontros narrativos sem compreender o contexto enunciativo dos participantes dos encontros, o presente trabalho buscou embasamento teórico no Círculo de Bakhtin, em especial, no filósofo russo Bakhtin (2016) e no linguista Volóchinov (2017).

1.1 JUSTIFICATIVA

Entre os anos de 2011 a 2015, exerci a função de bibliotecária na Sala de Leitura Viriato Correia, da Escola Municipal França, pertencente à 5ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, localizada em Cavalcanti, na zona Norte do Rio de Janeiro. No entanto, mesmo com bibliotecária na Sala de Leitura e com o desenvolvimento de atividades pertinentes à profissão, o espaço não foi transformado em uma Biblioteca Escolar. Um impasse prejudicial para os objetivos propostos na Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que “Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País” (BRASIL, 2010).

Entretanto, como bibliotecária e, em parceria com professores do ensino fundamental I e II, fui capacitada pela Secretaria Municipal de Educação (SME) para atuar com mediação da leitura literária, tendo por foco o público infantojuvenil. Algo que despertou a minha atenção para a atuação dos bibliotecários nesse campo.

Logo, através de observação indireta, constatei que os bibliotecários que atuam com mediação da literatura têm por objetivo o atendimento ao público infantojuvenil, ou seja, o incentivo aos novos leitores, mas sem a preocupação em apoiar os existentes para permanência; ou a prática de incentivar a leitura literária entre os que não tiveram oportunidade na mais tenra idade, como muitos adultos e idosos.

Além disso, não percebi em nenhum momento a preocupação em apresentar um cardápio literário com obras da literatura erudita e literatura de massa para contemplar as diversas produções humanas. As obras mais utilizadas nos encontros narrativos pertenciam aos clássicos da literatura infantil e da literatura erudita em geral.

Todavia, na sala de leitura foram desenvolvidas ações de mediação, tais como: hora do conto, círculos de leitura, rodas de leitura, rodas de conversa, leituras dramatizadas, saraus poéticos, tertúlias literárias, encontro com autores, concursos de poesia, contos, crônicas, entre outros, sendo protagonizadas por professores, com apoio da bibliotecária, tendo por foco os alunos do ensino fundamental I e II.

Em todas essas atividades havia a busca constante de participação dos funcionários da escola e da comunidade externa, composta por familiares infantojuvenis e adultos dos alunos, com encontro de mães leitoras, maratona de histórias etc. Alguns desses momentos foram registrados no blog da Sala de Leitura Viriato Correia, da Escola Municipal França (2011) e no website do Rioeduca, da SME do Rio de Janeiro ([201-]).

Porém, desde o ano de 2015, exerço a função de bibliotecária na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Entre os anos de 2015 a 2016 na Biblioteca Setorial de Enfermagem e Nutrição (BSEN) e, desde o ano de 2017, na Divisão de Atendimento aos Usuários (DAU) da Biblioteca Central e Biblioteca Infantojuvenil (BIJU). Nessa última, com ações de incentivo à leitura literária, entre outras ações, através da mediação oral da literatura em encontros narrativos (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, c2020).

1.2 PROBLEMA

As experiências de mediar oralmente literatura no campo biblioteconômico para o público infantojuvenil e adulto levaram aos seguintes questionamentos no ano de 2018: Quantos bibliotecários no Estado do Rio de Janeiro atuam com mediação *oral* da literatura e quais ações são desenvolvidas para manter e conquistar leitores literários?

1.3 OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa é trazer a ótica bakhtiniana para a Mediação Oral da Literatura, contribuindo dessa forma com estudos na Ciência da Informação e Biblioteconomia ao focar a Mediação Oral da Literatura como uma prática social da Biblioteconomia.

Os objetivos específicos são:

- Discorrer sobre os gêneros do discurso bakhtinianos orais, escritos e não verbais;
- Focalizar o bibliotecário como mediador oral da literatura, atuando no cunho social da Biblioteconomia;
- Explicitar os gêneros do discurso dos encontros narrativos;
- Discutir sobre a dicotomia literatura erudita e literatura de massa;
- Desvelar os enunciadores literários que influenciam direta ou indiretamente os encontros narrativos;
- Levantar, descrever, analisar e apresentar dados relativos aos bibliotecários do estado do Rio de Janeiro que atuam, ou não, com o incentivo à leitura literária.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

A presente investigação está organizada da seguinte forma: na seção 2, Contribuições de Bakhtin na Mediação Oral da Literatura, apresentamos um breve histórico da formação do Círculo de Bakhtin para situar os leitores com relação à formação desse Círculo; abordamos os gêneros do discurso classificando-os por linguagem, em orais, escritos e não verbais; por complexidade, em primários e

secundários; com destaque para as características intrínsecas ao gênero, como a estilística, a responsividade e a relativa conclusibilidade.

Na seção 3, O Bibliotecário como Mediador Oral da Literatura, defendemos a atuação do profissional bibliotecário no enfoque social da profissão, como mediador que usa a própria voz para ler em voz alta ou narrar as muitas vozes das obras literárias, catalisando a interlocução entre essas vozes e os leitores, incluindo o próprio bibliotecário-narrador, para recepção e transmissão de enunciados.

Na seção 4, Encontros Narrativos, discorremos sobre os gêneros do discurso dos encontros narrativos. Para tanto, apresentamos as “regras” relativamente estáveis dos seguintes encontros narrativos: Hora do Conto, Batalha de Poesia, ou *Slam*, Círculo de Leitura, Leitura Dramatizada, Rodas de Leitura, Sarau Literário, Tertúlia Literária Dialógica e Rodas de Conversa.

Na seção 5, Literatura Erudita e Literatura de Massa, abordamos a dicotomia entre a literatura erudita e a literatura de massa como fruto da própria construção dos gêneros do discurso.

Na seção 6, Enunciadores Literários, desvelamos a existência dos enunciadores literários, dos sujeitos/instituições e seus múltiplos sujeitos que se entrelaçam e influenciam direta ou indiretamente os encontros narrativos devido à focalização na literatura. Os enunciadores apresentados são: meios de comunicação de massa e/ou entretenimento, a família, o Governo, as instituições de ensino, as instituições religiosas e o mercado editorial.

Na seção 7, Metodologia, pormenorizamos as normas estabelecidas para realização desta pesquisa.

Na seção 8, Descrição e Análise dos dados, descrevemos e discutimos os dados mais relevantes obtidos através do instrumento de pesquisa questionário online, preparado na ferramenta Google Formulários e enviado aos bibliotecários do Estado do Rio de Janeiro.

Na seção 9, Considerações Finais, refletimos sobre as evidências encontradas ao longo da investigação.

As partes finais da presente investigação são: Referências; Apêndice A - Estudo de leitores-ouvintes: modelo sugestivo; Apêndice B – Controle dos Encontros narrativos: modelo sugestivo e Apêndice C - *Feedback* dos encontros narrativos: modelo sugestivo.

2 CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN NA MEDIAÇÃO ORAL DA LITERATURA

Antes de discorrer especificamente sobre as contribuições bakhtinianas para o incentivo à mediação oral da literatura, convém situar, através de um breve histórico, o filósofo russo Mikhail Mikhailovitch Bakhtin e os outros membros do intitulado *Círculo de Bakhtin*¹, os quais elencam a linguagem como elo das interações humanas e o discurso do outro na constituição do nosso próprio repertório de enunciados.

Entre os principais integrantes do Círculo, segundo Alessi (2011), estão o filósofo Bakhtin, o linguista Volochínov e o jornalista literário Medviédev².

2.1 HISTÓRICO DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Brait e Campos (c2009) abordam a trajetória do Círculo de Bakhtin afirmando que para compreensão do pensamento bakhtiniano é necessário trilhar os caminhos do filósofo Bakhtin e dos outros membros do Círculo porque:

Compreender o que se denomina *pensamento bakhtiniano* significa percorrer um caminho que envolve não apenas o indivíduo Bakhtin, mas um conjunto de intelectuais, cientistas e artistas que, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, dialogaram em diferentes espaços políticos, sociais e culturais. Sendo um homem de seu tempo, não produziu sozinho nem esteve excluído das circunstâncias benéficas e maléficas de um longo período compreendido entre as décadas de 1920 e 1970 (BRAIT; CAMPOS, c2009, p. 15, grifo do autor).

Outro fato a ser considerado é que ao longo da história, a própria composição do Círculo e até a assinatura das obras foram objeto de dúvidas, por exemplo, a obra *Marxismo e a Filosofia da Linguagem*, de Volóchinov³, atribuída durante anos ao Bakhtin e classificada como tal em muitos catálogos de editoras e bibliotecas, ainda na contemporaneidade. Outra obra de Volóchinov que enfrenta essa

¹ Alessi (2011) informa que a denominação *Círculo de Bakhtin* foi atribuída por estudiosos do filósofo.

² Com relação à grafia dos nomes e datas, há divergências entre Alessi (2011) e Brait e Campos (c2009). A primeira apresenta Valentim Volochínov (1894-1938) e Pável Medviédev (- - 1938); Brait e Campos como Valentin Voloschinov (1895-1938) e Pavel Medvedev (1892-1938). Há concordância com relação ao filósofo Mikhail Bakhtin (1895-1975).

³ O nome do linguista aparece na literatura consultada como Volóchinov, Volochínov, Voloschinov, Voloshinov etc. Por questão de padronização, no presente trabalho - exceto quando a obra consultada apresentar outra grafia - optou-se por utilizar Volóchinov, conforme a obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, de 2017, da Editora 34.

problemática é *O Freudismo*, atribuída constantemente ao Bakhtin. Costa (2015) aborda essa problemática.

Brait e Campos (c2009) também citam a importância do leitor observar a tradução das obras a partir de sua origem porque em algumas obras foram incluídos ou distorcidos conceitos que o próprio Círculo não utilizava, mas estão presentes em muitas traduções.

O histórico do Círculo “começa na Rússia czarista do final do século XIX e começo do XX”, com o nascimento dos membros do Círculo, período em que a Rússia mantinha um descompasso social enorme: os extremamente ricos e os assustadoramente pobres. “Em seguida, adentra a Rússia soviética (URSS) [...]”. (BRAIT; CAMPOS, c2009, p. 18).

Ou seja, os membros do Círculo passaram por momentos históricos conturbados de onde receberam enunciados para composição de suas obras, como o czarismo, a Revolução de Fevereiro de 1917, a transformação do Partido Bolchevique em Partido Comunista que culminou na formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a Promulgação da primeira Constituição soviética etc.

Além disso, Brait e Campos (c2009, p. 18) também destacam o contexto geográfico como importante para entendimento do pensamento bakhtiniano e mencionam as cidades de nascimento dos membros: “Nevel, Vilnius, São Petersburgo, Vitebsk e Orel [...]”; e ao longo da obra outras cidades pelas quais os membros do Círculo passaram. Com isso, destacam a importância da questão geográfica para a composição enunciativa dos sujeitos, como a cultura, os costumes, a língua, a religião etc.

Entre os intelectuais do Círculo citados por Brait e Campos (c2009), onde é possível observar a diversidade de áreas do conhecimento em diálogo, consta o filósofo Matvei Isaevich Kagan (1889); a pianista e professora Maria Veniaminovna Yudina (1899); o professor Lev Vasilievich Pumpianskii (1891); o jornalista literário Pavel Nikolaevich Medvedev (1892); o biólogo, filósofo e historiador da ciência Ivan Ivanovich Kanaev (1893); o poeta e escultor Boris Mikhailovitch Zubakin (1894); o linguista Valentin Nikolaevich Voloschinov⁴ (1895); o poeta Konstantin K. Vaguinov

⁴ Grafia apresentada pelas pesquisadoras na p. 19. Nas páginas 17 e 20-23 consta como Voloshinov.

(1899), o músico, crítico e professor de história do teatro Ivan Ivanovich Sollertinski (1902), o filósofo Mikhail Bakhtin (1895-1975), entre outros eruditos.

Brait e Campos (c2009) discorrem que Bakhtin deixou sua cidade natal, Orel, com 10 anos de idade, e ao longo de sua vida passou por cidades como Vilnius - Odessa - São Petersburgo - Nevel (formação do primeiro Círculo, em 1918, denominado *Seminário Kantiano* ou *Círculo de Nevel*⁵) - Vitebsk (recomeço das reuniões do Círculo, a partir de 1920, e casamento de Bakhtin com Elena Okolovitch) - Leningrado (local da terceira fase do Círculo, de 1924 a 1929, bem como de sua dispersão. Nessa cidade, Bakhtin enfrenta longas batalhas pela sobrevivência⁶) - Saransk (época do Grande Expurgo vivido pela Rússia. Bakhtin é obrigado a pedir demissão do trabalho, mas depois da Segunda Grande Guerra retorna) - Savelovo (cidade onde Bakhtin teve a perna amputada em 1938 e enfrentou, entre outras dificuldades, a falta de emprego. Contudo, para a produção intelectual o período foi próspero) - Kimry (o filósofo passou por essa cidade devido à entrada da Rússia na Segunda Grande Guerra) - Kremlin (em 1968, Bakhtin permaneceu devido à problemas de saúde) e Grivno, onde Bakhtin é colocado em um asilo.

“Em 1971, morre sua esposa. Muito doente, Bakhtin é cuidado na Casa dos Escritores de Peredelkino, onde se forma um *Círculo* de amigos e discípulos” e “entre 1973 e 1975, prepara uma antologia de textos intitulada *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Não chega a ver a publicação, que sai em meados de 1975, porque morre em março daquele ano” (BRAIT; CAMPOS, c2009. p. 25, grifo do autor).

Brait e Campos (c2009, p. 27) noticiam que, “no Brasil, desde a década de 1980, o pensamento bakhtiniano tem recebido atenção de vários estudiosos”, dentre estes, o orientador da presente investigação, o Professor Doutor Gilberto de Castro, que publicou as seguintes obras: *Discurso citado e memória - ensaio bakhtiniano sobre Infância e São Bernardo* (2014); *Diálogos com Bakhtin - edição comemorativa dos 100 anos de Mikhail Bakhtin* (edições de 1996, 1999, 2001, 2007 e 2016); *Vinte*

⁵ Cf. Brait e Campos (c2009. p. 20).

⁶ “Bakhtin foi preso em 24 de dezembro de 1928, muito mais por seu vínculo com a tradição ortodoxa [...] que por suas posições políticas”; hospitalizado em 1929 por problemas de saúde; exilado em Kustanai, no Cazaquistão, de 1930 a 1934; proibido de ensinar em escolas oficiais etc. (BRAIT; CAMPOS, c2009. p. 22).

ensaios sobre Mikhail Bakhtin (2006); e *Proceedings of the Eleventh International Bakhtin Conference* (2003).

O percurso do Círculo traz à luz o contexto de produção das obras dos teóricos, bem como dos conceitos abordados no presente trabalho, pois em cada uma das cidades supracitadas, em contextos históricos diversos, muitos de aflição, Bakhtin recebeu enunciados que influenciaram seu pensamento e dos outros membros do Círculo. Por isso, na próxima seção será abordado o conceito de *Gêneros do Discurso* focalizado pelo teórico.

2.2 GÊNEROS DO DISCURSO

Para entender o que são gêneros do discurso, é necessário compreender que a linguagem está presente em todos os aspectos da vida em sociedade, desde o escopo informal ao formal, pois o sujeito se comunica através da linguagem verbal oral, escrita; e não verbal em todos os campos da atividade humana (escola, igreja, salão de beleza, mercado, academia, biblioteca etc.) por onde passa, influenciando e sendo influenciado durante o processo comunicacional.

Ou seja, a linguagem é a base das relações sociais. É impossível alguém viver em sociedade sem interação linguística. O sujeito se comunica durante conversas rotineiras, através de bilhetes, cartas, e-mails, livros, pinturas, ilustrações, língua brasileira de sinais (Libras), braile; ao apresentar sinais de satisfação ou insatisfação por meio de gestos, olhares etc.

Além disso, o sujeito utiliza com mais ênfase uma linguagem do que outra, ou todas de maneira análoga, dependendo da particularidade de cada campo ou condições específicas do sujeito, como o analfabetismo, a deficiência visual, auditiva, mental, entre outras particularidades.

Bakhtin (2016, p. 11) elucida que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. A linguagem, seja verbal ou não verbal, é a forma predominante de interação social e essa não se dá através de frases, orações ou períodos isolados como estudado na gramática normativa, mas atrelados ao contexto social, geográfico e histórico onde estão sendo propagadas, adquirem significação.

Em outras palavras, Rodrigues e Rangel (2015, p. 1120) afirmam que:

É a interação verbal, portanto, fenômeno social fundamental e original, que constitui a realidade da língua, e não o sistema abstrato de formas linguísticas; é a comunicação verbal concreta entre o falante, o outro e o objeto, uma tríade viva, uma tríade humana.

Por isso, discorrer sobre a Mediação Oral da Literatura (MOL)⁷ é também situar a forma de interação entre os sujeitos envolvidos nesse tipo de ação porque no encontro narrativo há um constante diálogo entre o leitor-narrador (bibliotecário), o leitor-ouvinte (público participante, incluindo o próprio bibliotecário) e o autor da obra mediada (escritor, ilustrador etc.), pois são sujeitos sociais que se comunicam através da linguagem.

Isto é, na mediação oral da literatura há interlocução. O sujeito recebe e transmite enunciados que contribuem na formação da própria consciência. Por isso, para tal defesa, o presente trabalho recorre aos pensamentos do Círculo de Bakhtin, especificamente, do filósofo Bakhtin (2016) e do linguista Volóchinov (2017). Além, do especialista bakhtiniano, o linguista Gilberto de Castro (2007, 2008, 2011, 2014a, 2014b).

Bakhtin (2016, p. 11) utiliza o termo *enunciado*, “[...] ato de enunciar, de exprimir, transmitir pensamentos, sentimentos, etc. em palavras”, para designar o componente formador do sujeito social que permite que este interaja com os seus semelhantes, pois cada sujeito é um conglomerado de enunciados de outros sujeitos: dos familiares, professores, amigos, pessoas conhecidas, desconhecidas, lembradas ou esquecidas; e também produtor de enunciados.

Desde o nascimento até a morte o sujeito está em contato permanente com enunciados de outros sujeitos e também produz enunciados que influenciam num processo contínuo, dinâmico e cíclico. Afinal de contas, como o próprio Bakhtin (2016) desvela, o sujeito quando nasce não é o primeiro homem sobre a face da Terra. Este já nasce num mundo de enunciados e gradativamente, pela interação com o outro, vai formando o próprio repertório de enunciados:

⁷ Bortolin (2010, p. 137) conceitua MOL “[...] como toda intervenção espontânea ou planejada de um mediador de leitura visando a aproximar o leitor-ouvinte de textos literários seja por meio da voz viva ou da voz mediatizada”. Entretanto ressalta (BORTOLIN, 2010, p. 48) que a oralidade pura “[...] não pode prescindir da pessoa concreta. Talvez as tecnologias, com suas vozes mediatizadas tendem a aproximar o leitor-ouvinte de uma voz real, mas a presença que elas proporcionam é diferente, pois é uma presença-ausente”.

O falante não é um Adão, e por isso o próprio objeto do seu discurso se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos (na conversa ou na discussão sobre algum acontecimento cotidiano) ou com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias, etc. (no campo da comunicação cultural). Uma visão de mundo, uma corrente um ponto de vista, uma opinião sempre têm uma expressão verbalizada. Tudo isso é discurso do outro (em forma pessoal ou impessoal), e este não pode deixar de se refletir no enunciado. O enunciado está voltado não só para o seu objeto, mas também para os discursos do outro sobre ele. (BAKHTIN, 2016, p. 61).

Similarmente, Castro (2014b, p. 32, grifo do autor) também ratifica a presença do discurso do outro nos enunciados do sujeito, pois “o discurso citado, ou *a arte de nos reportarmos à palavra alheia*, seria, assim, juntamente com os gêneros do discurso, um dos elementos nucleares e norteadores do processo social de construção de nossas enunciações”.

Além disso, Bakhtin (2016, p. 54, grifo do autor) aborda essa questão da alteridade ressaltando que:

[...] a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de *assimilação* - mais ou menos criador - das palavras *do outro* (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos.

Essa perspectiva linguística voltada para realidade social também é defendida por Volóchinov (2017, p. 98-99, grifo do autor) ao tratar da palavra como o elo da comunicação social porque:

A palavra é o fenômeno ideológico par excellence. Toda a sua realidade é integralmente absorvida na sua função de ser signo. Não há nada na palavra que permaneça indiferente a essa função e que não seja gerado por ela. A palavra é o *medium* mais apurado e sensível da comunicação social.

Contudo, para que haja comunicação entre os sujeitos dentro de cada campo da atividade humana são geradas estruturas comunicacionais - de certa forma estáveis - que permitem a identificação do que é transmitido.

Bakhtin (2016, p. 12, grifo do autor) afirma que “[...] cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. Em outras palavras, os diversos campos da

atividade humana ditam “regras” - relativamente estáveis - que modelam a interação entre os sujeitos dentro desses campos.

Essas “regras” dentro de cada campo também são citadas por Volóchinov (2017, p. 94, grifo do autor) ao afirmar que:

*Cada campo da criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade, e a refrata a seu modo. Cada campo possui sua função específica na unidade da vida social. Entretanto, o caráter *signico* é um traço comum a todos os fenômenos ideológicos.*

Então, é por meio dos gêneros do discurso adquiridos nas interações sociais que o sujeito se conscientiza, por exemplo, como deve se comportar dentro de uma biblioteca. O que existe dentro dessa instituição. Quais serviços esperar. A terminologia mais adequada para utilizar dentro desse espaço etc.

Todavia, esse entendimento depende de questões sociais. Caso o sujeito tenha recebido enunciados de pessoas desconhecedoras do que seja uma biblioteca e nunca tenha lido ou ouvido algo sobre o assunto, não há como reconhecer os enunciados do campo biblioteca.

Entretanto, a partir do conhecimento, o sujeito estará apto para reconhecer e compartilhar esses enunciados com outros sujeitos. Aqui podemos destacar o importante papel da apresentação, pelo bibliotecário-narrador, do passo a passo, das “regras”, relativamente estáveis de cada encontro narrativo aos leitores-ouvintes.

Além do mais, por existirem os gêneros do discurso é possível reconhecer, dentro e fora do escopo da mediação oral da literatura, o que é um xingamento, uma receita de bolo, uma placa de advertência, uma notícia, uma bula de remédio, uma mímica, um poema, uma novela, uma peça teatral, um filme, entre outros, pelas “regras” relativamente estáveis existentes em cada uma dessas linguagens. Inclusive, para executar a leitura do mundo, leitura dos signos, antes da leitura da palavra defendida por Freire (2017), já que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Assim sendo, torna-se relevante entender o alicerce comunicacional dos sujeitos assistidos pelas diversas tipologias de bibliotecas (FONSECA, 2007) para

atendê-los empaticamente (ORNELLAS, 2014), pois o ser humano só recebe e transmite enunciados devido às interações sociais e uns interagem em ambientes onde a linguagem verbal oral, escrita; e não verbal coexistem abundantemente, como nas bibliotecas, nos centros culturais, nos museus, em teatros, nas pinacotecas etc., catalisando o acesso à cultura. Contudo, há ambientes onde há escassez de tudo, inclusive, de enunciados.

Então, o bibliotecário não pode inferir que todos os leitores conhecem “as regras” relativamente estáveis de cada encontro narrativo ou que dominam, só pelo fato de estar dentro de uma biblioteca, a linguagem verbal escrita. O bibliotecário precisa enunciar aos leitores, pois percebendo ou não, os enunciados transmitidos são respondidos de alguma forma pelo leitor.

Bakhtin (2016, p. 12) revela que:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade.

Brait e Pistori (2012, p. 398, grifo do autor), tomando por referencial teórico o Círculo de Bakhtin, fazem um levantamento do conceito de gênero do discurso dentro das produções bibliográficas dos pensadores demonstrando a complexidade inerente a esse conceito e concluem que:

[...] é possível deduzir que o conceito de gênero do discurso, segundo a perspectiva do Círculo, deve ser considerado levando-se em conta que: (i) várias obras do Círculo delineiam caminhos teóricos metodológicos; (ii) não se limita às produções literárias, dizendo respeito, também, à linguagem cotidiana em sua ampla variedade; (iii) a variedade de experiências individuais e coletivas, vivenciadas numa sociedade, num tempo, numa cultura, congrega a multiplicidade de gêneros e suas mudanças; (iv) não se limita a textos ou estruturas, embora os considere, mas implica o **dialogismo**⁸ e a maneira de entender e enfrentar a vida; (v) para sua compreensão é necessário observar a dupla orientação para vida, incluída na materialidade que o constitui e que aponta para fora, para a vida que o motivou e que é por ele refletida e refratada; (vi) considera a tradição em que um gênero se insere, explicitando que o gênero se liga a uma tradição genérica, que precisa ser identificada e compreendida, implicando estudos diacrônicos e sincrônicos; (vii) articula o conceito de gênero ao de discurso e/ou relações dialógicas; (viii) diferencia **forma composicional** e **forma arquitetônica**⁹; (ix) sua descrição, análise e compreensão não pode ser limitada a forma de composição, conteúdo temático e estilo.

Logo, considerando a heterogeneidade do conceito de gênero do discurso, são apresentados abaixo a classificação dos gêneros por linguagem, em orais, escritos e não verbais; por complexidade, em primários e secundários; e também são destacadas características intrínsecas ao gênero, como a estilística, a responsividade e a relativa conclusibilidade.

2.2.1 Classificação dos gêneros por linguagem

A seguir, são apresentados, para maior clareza das especificidades dos gêneros do discurso, os enunciados orais, escritos e não verbais *separadamente*, mas que na realidade da prática sócio-verbal podem ocorrer simultaneamente. Os sujeitos falam ao mesmo tempo em que escrevem, fazem sinais de aprovação ou desaprovação, modelando de acordo com o ambiente onde se encontram, ou seja, emitem e recebem enunciados. Tal como acontece nos encontros narrativos.

⁸ "O dialogismo se faz presente nas obras do Círculo de três maneiras distintas, aqui apresentadas da mais geral para a mais particular: a) como princípio geral do agir - só se age em relação de contraste com relação a outros atos de outros sujeitos: o vir a ser, do indivíduo e do sentido, está fundado na diferença; b) como princípio da produção de enunciados/discursos, que advêm de 'diálogos' retrospectivos e prospectivos com outros enunciados/discursos; c) como forma específica de composição de enunciados/discursos, opondo-se nesse caso à forma de composição monológica, embora nenhum enunciado/discurso seja constitutivamente monológico nas duas outras acepções do conceito" (SOBRAL, 2018, p. 106).

⁹ "[...] a forma arquitetônica define o 'gênero' e a forma de composição, a textualização específica desse gênero, num dado tipo de texto". (SOBRAL, 2018, p. 113).

2.2.1.1 Orais

Com relação aos enunciados orais, o sujeito compreende, devido às interações sociais, desde a mais tenra idade que existem “regras” para comunicação verbal oral, gêneros do discurso, em cada um dos múltiplos espaços que interage oralmente, tais como: escola, curso, trabalho, bar, festa etc.

O sujeito compreende que não pode gritar na biblioteca, não deve contar uma piada durante um velório, pode rir em um show humorístico, pode conversar em um salão de beleza, deve moderar o tom de voz em elevadores, dentre outros exemplos.

Logo, durante a mediação oral da literatura há enunciados orais que precisam ser observados. O bibliotecário-narrador percebe que não deve proferir determinados tipos de palavras de acordo com o público participante, ou seja, utilizar palavras rebuscadas para crianças recém-alfabetizadas; em língua estrangeira para um público que não domina tal idioma; gírias incompreensíveis se não fazem parte da região cultural¹⁰ onde está mediando etc. A gíria “da hora”, de São Paulo, que significa legal, por exemplo, utilizada por um mediador no Rio de Janeiro, pode ser incompreensível para os leitores cariocas. Em todos os casos, cabe ao mediador elucidar os enunciados para que sejam compreensíveis e não obstar seu uso.

Da mesma forma, o leitor-ouvinte precisa ser orientado, antes do encontro narrativo, sobre as manifestações orais permitidas ou quando o momento for propício. Coelho (2006, p. 55), ao discorrer sobre interrupções nos encontros narrativos para crianças, mas válido para leitores-ouvintes de qualquer faixa etária, ressalta que:

É raro haver interrupção da narrativa, se a conversa inicial foi bem desenvolvida. Mesmo assim, ocorrem certas interrupções por motivos variados, prevalecendo aquela que é mais uma participação do ouvinte, quando faz uma espécie de adendo ao que o narrador contou. Entretanto, alguém pode interromper com algum dito que nada tenha a ver com o enredo, apenas para chamar a atenção sobre sua pessoa. Em nenhum caso, o contador interrompe a narrativa. Se foi um adendo, confirma-o com um sorriso, uma palavra, um gesto de assentimento. Na segunda hipótese, fixa o olhar na direção de quem interrompeu, sorri e com um gesto pede-lhe para aguardar. Concluída a narração, imediatamente pergunta-lhe o que estava querendo dizer ou indagar, dando-lhe oportunidade de expandir-se.

¹⁰ O Brasil, por exemplo, é dividido em cinco regiões geográficas (Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste) e cada região apresenta aspectos culturais diferentes uma das outras e até internamente, entre os estados que compõem a região. Há semelhanças e diferenças culturais entre as regiões.

Além disso, referente aos enunciados orais durante os encontros narrativos, o bibliotecário-narrador, conforme orientações de Tahan (1961, p. 143, grifo do autor), ao ler uma história, “[...] deve ter presentes os quatro *itens* básicos que regulam a leitura: 1º) a velocidade; 2º) as pausas; 3º) as inflexões; 4º) o volume vocal”. Já Bortolin (2010, p. 183) faz as seguintes recomendações para a leitura em voz alta ou narração, sugerindo a escolha da modalidade pelo próprio bibliotecário:

[...] recomendo ao bibliotecário-narrador que antes de realizar a mediação literária oral faça a opção: ler ou contar. A diferença entre essas duas ações é que na leitura em voz alta, apesar de algumas pessoas defenderem constantes digressões (interrupções), o mediador oral deve ler com as devidas entonações, respeitando todas as estruturas propostas pelo autor. No ato de contar, o leitor-narrador tem maior liberdade para incluir falas e usar o corpo em todas as suas possibilidades (gestos, expressões faciais...).

A presente investigação defende que o próprio bibliotecário seja o leitor-narrador, não desconsiderando outros mediadores, pois além de ser um profissional da informação, é um sujeito que utiliza a linguagem verbal oral para interagir socialmente com sujeitos afins. Logo, não há impeditivo para que o bibliotecário utilize os enunciados orais para além da função usual de atendimento aos leitores que utilizam os múltiplos serviços da biblioteca.

A voz do bibliotecário precisa ser potencializada, inclusive, na mediação de textos orais, ou seja, gêneros do discurso orais que não foram registrados em nenhum suporte físico, como os da tradição oral de povos indígenas e africanos, pois concordamos com Bortolin (2010, p. 27) que:

[...] ler em especial literatura, não é apenas apoderar-se da palavra escrita, é ir além, buscar aquilo que ainda não foi dito e está nas “entrelinhas”. Entrelinhas aqui entre aspas, para incluir também os textos orais, isto é, aqueles que não foram impressos e talvez nem sejam.

Referente ao último tópico, cabe destacar que apesar da valorização dos enunciados orais, os enunciados escritos estão presentes na maioria das sociedades e ficar excluído da cultura escrita é, de certa forma, ficar excluído do mundo. Petit (2009, p. 43) desvela isso ao afirmar que: “aprendemos a olhar as civilizações orais de um modo diferente, sabemos que podiam ser territórios de cultura muito elevada. Mas, hoje em dia, na maioria das sociedades, ficar excluído da escrita é ficar excluído do mundo”.

Por isso, uma forma de inclusão literária é a leitura em voz alta ou narração, diferente da leitura solitária que beneficia apenas o leitor.

Manguel (1997, p. 59) ao citar a surpresa do professor de retórica latina conhecido como santo Agostinho ao ver o bispo da cidade de Milão Ambrósio fazendo uma leitura silenciosa aclara o seguinte: “ainda que se possam encontrar exemplos anteriores de leitura silenciosa, foi somente no século X que esse modo de ler se tornou usual no Ocidente”, ou seja, a leitura em voz alta era comum, dentre outros motivos, para compartilhar solidariamente o texto com sujeitos afins. Com isso, abrangia os poucos letrados e, a maioria da população iletrada.

Além dessa particularidade, Manguel (1997, p. 61-62, grifo do autor) também destaca que:

As palavras escritas, desde os tempos das primeiras tabuletas sumérias, destinavam-se a ser pronunciadas em voz alta, uma vez que os signos traziam implícito, como se fosse sua alma, um som particular. A frase clássica *scripta manent, verba volant* - que veio a significar, em nossa época, “a escrita fica, as palavras voam” - costumava expressar exatamente o contrário: foi cunhada como elogio à palavra dita em voz alta, que tem asas e pode voar, em comparação com a palavra silenciosa na página, que está parada, morta. Diante de um texto escrito, o leitor tem o dever de emprestar voz às letras silenciosas, a *scripta*, e permitir que elas se tornem, na delicada distinção bíblica, *verba*, palavras faladas - espírito.

Chartier (1999) ao apresentar um histórico da leitura em voz alta igualmente revela aspectos valorativos desse tipo de leitura: estar com o outro, dividir, compartilhar, receber e transmitir enunciados; tão importante em qualquer sociedade, mas que na contemporaneidade se restringe a raros espaços institucionais e, em sua maioria, para o público infantojuvenil, conforme o seguinte fragmento:

[...] ler em voz alta era uma forma de sociabilidade compartilhada e muito comum. Lia-se em voz alta nos salões, nas sociedades literárias, nas carruagens ou nos cafés. A leitura em voz alta alimentava o encontro com o outro, sobre a base da familiaridade, do conhecimento recíproco, ou do encontro casual, para passar o tempo. No século XIX, a leitura em voz alta voltou-se para certos espaços. De início, o ensino e a pedagogia: fazendo os alunos ler em voz alta, procurava-se paradoxalmente controlar sua capacidade de ler em silêncio, que era a própria finalidade da aprendizagem escolar. Lia-se ainda em voz alta nos lugares institucionais como a igreja, a universidade, o tribunal. Durante todo um período do século XIX (ao menos na primeira metade), a leitura em voz alta foi também vivida como uma forma de mobilização cultural e política dos novos meios cidadãos e do mundo artesanal e depois operário. Em seguida, esvaziaram-se numerosas formas de lazer, de sociabilidade, de encontros que eram sustentados pela leitura em voz alta. Chega-se à situação contemporânea em que a leitura em voz alta é finalmente reduzida à relação adulto-criança e aos lugares institucionais. (CHARTIER, 1999, p. 142-143).

Petit (2009, p. 43) também desvela valores do compartilhamento da leitura:

Ao compartilhar a leitura, ao contrário, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal.

Com base na importância dos enunciados orais em um mundo onde predomina a cultura escrita, cabe ao bibliotecário utilizar a própria voz, ser o leitor-narrador nos encontros narrativos porque “[...] além das intenções comunicativas, os textos verbais e não verbais que construímos estão marcados por nosso modo de ser e nossa visão de mundo” (AGUIAR, 2004, p. 75). Logo, há contribuições enunciativas do bibliotecário-narrador porque esse sujeito não é um leitor mecanizado.

Além do mais, ao utilizar a voz nos encontros narrativos, o bibliotecário pode ser um mediador que abre amistosamente as portas da cultura letrada aos que se sentem desconfortáveis em entrar sozinhos, conforme salienta Petit (2009, p. 154):

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras”, é essencial.

Portanto, os enunciados orais associados ao gênero do discurso literário e a interlocução facilitam o acesso aos outros enunciados, como o da próxima subseção, os enunciados escritos.

2.2.1.2 Escritos

No âmbito dos enunciados escritos, o leitor consegue, devido às interações sociais, por exemplo, a diferenciar um conto de um poema, uma tese de um ensaio e uma carta de um bilhete. Inclusive, um diálogo informal dentro de uma obra literária,

pois os gêneros do discurso manifestam-se através de estruturas identificáveis para utilização nas interações sociais.

Além do mais, a forma que o gênero do discurso literário, ou não, adquire, dentre outros motivos, advém do desejo de expressão do autor, através das “regras” de cada gênero. Ou seja, o falante - que também é o escritor - escolhe, por exemplo, o tipo de gênero literário (conto, crônica, romance etc.), assunto, forma, entre outros aspectos, para emitir seus enunciados e dialogar com os leitores.

Bakhtin (2016, p. 37-38, grifo do autor) explicita que:

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de certo gênero de discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. Em seguida, a intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em determinada forma de gênero. Tais gêneros existem sobretudo em todos os gêneros mais variados da comunicação oral cotidiana, incluindo o gênero mais familiar e o mais íntimo.

Volóchinov (2017, p. 94) trata os enunciados como manifestações ideológicas, pois

Qualquer signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também uma parte material dessa mesma realidade. Qualquer fenômeno ideológico sígnico é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante [...]. O signo é um fenômeno do mundo externo. Tanto ele mesmo, quanto todos os efeitos por ele produzidos, ou seja, aquelas reações, aqueles movimentos e aqueles novos signos que ele gera no meio social circundante, ocorrem na experiência externa.

Com relação a isso, na mediação oral da literatura, o bibliotecário pode preparar encontros por enunciados escritos tendo por base a identificação da vontade discursiva do autor/gênero literário para transmissão dos enunciados; e do próprio bibliotecário, não voltada ao didatismo, mas à alteridade, tais como: rodas de leitura de cordel, novelas, fábulas, apólogos, parábolas, microcontos etc.

Dessa forma, o leitor-ouvinte terá contato com diversos gêneros literários e desfrutará de variados enunciados produzidos ao longo da história - e na contemporaneidade - que estão registrados em linguagem verbal escrita nos livros e outros suportes da escrita.

Outro fator relacionado aos enunciados escritos é apontado por Coelho (2006, p. 13), sobre a necessidade de uma adaptação oral nos encontros narrativos para melhor compreensão dos leitores, pois

Nem toda história vem no livro pronta para ser contada. A linguagem escrita, por mais simples e acessível, ainda requer a adaptação verbal que facilite sua compreensão e a torne mais dinâmica, mais comunicativa. Naturalmente, é necessário fazer uma seleção inicial, levando em conta, entre outros fatores, o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte, sua faixa etária, suas condições socioeconômicas.

Bortolin (2010, p. 157) também defende tal perspectiva de adaptação do enunciado escrito através do enunciado oral no seguinte fragmento:

Por isso o leitor-narrador deve estar atento para perceber o público que irá ouvi-lo e tornar palatável o texto, que muitas vezes lido solitariamente não seria facilmente decodificado pelo leitor-ouvinte. Não estou aqui defendendo uma adaptação empobrecida do texto, mas a sua contextualização no momento da narrativa oral. Há que se observar também elementos que possam interferir, entre eles: recursos materiais, acomodação apazível, faixa etária, intempéries, aproximação de equipamentos, aparelhos e maquinários ruidosos.

Tahan (1961, p. 105) similarmente, aprova, entre outros fatores, a adaptação porque “não deve a narrativa, dentro da maior exatidão pinturesca, apresentar vocábulos ou torneios de frases que escapem à compreensão das crianças, ou melhor, dos ouvintes a que é destinada”.

Além disso, Tahan (1961, p. 105) complementa o seguinte:

Alguns autores não se preocupam com o problema da adequação de suas histórias ao nível mental das crianças, e chegam ao extremo de intercalar em seus contos expressões literárias, vocábulos arrevezados e imagens inteiramente incompreensíveis para os pequeninos leitores.

A presente investigação igualmente concorda com a adaptação de certos enunciados escritos para melhor compreensão dos leitores-ouvintes, pois desconsiderar a adaptação do texto escrito na mediação oral para uma leitura robótica, como a dos softwares leitores de textos, de letra por letra, palavra por palavra, não é torná-lo, segundo as proposições analisadas em Bakhtin (2016), em

um gênero do discurso, pois este é modelado justamente para os sujeitos interagirem.

Ou seja, como o leitor-ouvinte pode dialogar em uma mediação oral de obras com linguagem arcaica, sem uma adaptação linguística pelo narrador? As dificuldades encontradas pelo bibliotecário-narrador devem ser sanadas antes dos encontros narrativos para que ao ler em voz alta ou narrar a história, os leitores-ouvintes compreendam. Tal apontamento é válido para todos os tipos de leitores, não apenas o infantojuvenil, pois depende da composição enunciativa do sujeito, independente de idade.

Com referência a esse tópico, é possível lembrar das adaptações literárias realizadas pelo escritor Monteiro Lobato, através da personagem Dona Benta, por insistência da boneca Emília e companhia, transformando alguns clássicos universais compreensíveis para o público infantojuvenil, conforme o trecho da obra *Dom Quixote das crianças* (LOBATO, 2020) abaixo, onde a Dona Benta começou a ler o referido clássico seguindo os enunciados escritos, conforme estava na obra literária, mas depois fez uma adaptação oral para conquistar os leitores do sítio:

[...] — Eu confesso que não entendo nada. Lança em cabido! Pois se lança é um pedaço de pau com um chuço na ponta, pode ser "lança atrás da porta", "lança no canto" — mas "no cabido", uma ova! Cabido é de pendurar coisas, e pedaço de pau a gente encosta, não pendura. Sabem que mais, meus queridos amigos? Vou brincar de esconder com o Quindim. . .
— Meus filhos — disse Dona Benta —, esta obra está escrita em alto estilo, rico de todas as perfeições e sutilezas de forma, razão pela qual se tornou clássica. Mas como vocês ainda não têm a necessária cultura para compreender as belezas da forma literária, em vez de ler vou contar a história com palavras minhas.
— Isso! — berrou Emília. — Com palavras suas e de Tia Nastácia e minhas também — e de Narizinho — e de Pedrinho — e de Rabicó. Os viscondes que falem arrevesado lá entre eles. Nós que não somos viscondes nem viscondessas, queremos estilo de clara de ovo, bem transparentinho, que não dê trabalho para ser entendido [...].

Ademais, a adaptação pode ser observada em Bakhtin (2016, p. 50) como o ato do bibliotecário-narrador substituir os enunciados para potencialidade enunciativa do texto lido ou narrado durante a interação social, conforme a seguinte proposição:

[...] é muito difícil desistir da convicção de que cada palavra da língua tem ou pode ter por si mesma “um tom emocional”, “um colorido emocional”, “um elemento axiológico”, uma “auréola estilística”, etc. e, por conseguinte, uma entonação expressiva inerente a ela enquanto palavra. Porque se pode pensar que quando escolhemos as palavras para o enunciado é como se nos guiássemos pelo tom emocional próprio de uma palavra isolada: selecionamos aquelas que pelo tom correspondem à expressão do nosso enunciado e rejeitamos as outras. É precisamente dessa maneira que os poetas representam o seu trabalho com a palavra e é assim mesmo que o estilista [...] interpreta esse processo.

A adaptação de cunho editorial, reprovada por Pennac¹¹ (1995) ao discorrer a respeito o direito do leitor pular as páginas do livro, é abordada por Machado (2002, p. 19) ao tratar sobre a leitura de clássicos pelo leitor infantojuvenil, pois esse tipo de literatura é um patrimônio que “[...] está sendo acumulado há milênios [...]” e o leitor tem o direito de lê-lo. Todavia, “[...] não é necessário que essa primeira leitura seja um mergulho nos textos originais. Talvez seja até desejável que não o seja, dependendo da idade e da maturidade do leitor” (MACHADO, 2002, p. 12) e acrescenta o seguinte:

[...] creio que o que se deve procurar propiciar é a oportunidade de um primeiro encontro. Na esperança de que possa ser sedutor, atraente, tentador. E que possa redundar na construção de uma lembrança (mesmo vaga) que fique por toda a vida. Mais ainda: na torcida para que, dessa forma, possa equivaler a um convite para a posterior exploração de um território muito rico, já então na fase das leituras por conta própria (MACHADO, 2002, p. 12-13).

Com relação ao último tópico, cabe acentuar que a leitura dos enunciados escritos, por conta própria, intitulada como leitura solitária, apreciada por Proust (2011), da obra mediada nos encontros narrativos pode ocorrer antes (o leitor sabe o título e lê de antemão a obra), durante (enquanto o mediador lê ou narra a história em voz alta, o leitor, além de ler com os ouvidos pode acompanhar com os olhos o texto escrito) e depois (o leitor não leu solitariamente de antemão ou deseja reler a

¹¹ Pennac (1995, p. 148, grifo do autor) ao contrapor a adaptação, desconsiderando que os enunciados visam a um interlocutor e esse pode não ser o infantojuvenil, culpabiliza o leitor ao declarar que “Um grande perigo os espreita, se não decidem por si mesmos por aquilo que está à disposição, pulando as páginas de sua escolha: *outros o farão no lugar deles*. Outros se armarão das grandes tesouras da imbecilidade e cortarão tudo que julgarem ‘difícil’ demais para eles. Isso dá resultados assustadores. *Moby Dick* ou *Os miseráveis* reduzidos a resumos de 150 páginas, mutilados, estragados, raquíticos, mumificados, reescritos para eles numa linguagem famélica que se supõe ser a deles. Um pouco como se eu me metesse a redesenhar *Guernica* sob o pretexto de que Picasso tivesse jogado ali traços demais para um olho de doze ou treze anos”.

obra como, por exemplo, através do empréstimo domiciliar). Em todos os casos, outras leituras são realizadas devido à relativa conclusibilidade dos enunciados¹².

Inclusive, essa leitura da linguagem verbal escrita por conta própria pode não ocorrer no futuro por motivos afins, como o analfabetismo e a falta de tempo, mas foi enunciado o conteúdo da obra e ficará na memória do leitor a história ouvida, a voz do mediador, a ambiência da mediação, os colegas presentes, os gritos, choros, as "palhaçadas" do aluno brincalhão, a capa colorida do livro, a expressão de satisfação dos leitores etc. Ou seja, a interlocução proporcionada pelos encontros narrativos transmitiram outros enunciados que foram agregados aos enunciados dos participantes.

Logo, a preocupação do bibliotecário-narrador é interagir com os participantes, ler em voz alta ou narrar para descortinar o conteúdo das obras aos leitores-ouvintes para troca mútua e espontânea de enunciados, pelo uso prático das linguagens, e não ensiná-los gramática ou as especificidades da literatura, como pedagogicamente ensinadas aos discentes durante a jornada escolar ou nas academias, em cursos universitários de literatura.

Para a alfabetização, por exemplo, há o professor, profissional capacitado para tal atividade, que também pode ser um mediador literário, conforme expresso por Bajard (2007, p. 108) ao diferenciar o papel do professor mediador e do mediador não professor:

Assim, o papel do padrinho da escrita - compartilhar o prazer da literatura - e o do mestre da escrita - proporcionar a autonomia do leitor - são claramente distintos. Todavia, se o padrinho se dedica apenas a propiciar o prazer da literatura, o mestre da escrita deve poder assumir ambos os papéis, já que sua perspectiva é formar leitores autônomos a partir do letramento iniciado pela atuação do padrinho.

Tal viés é destacado por Silva e Arena (2012) ao abordarem a formação literária desde a pequena infância - crianças até cinco anos - realizada por professores na Educação Infantil onde, além de instrumento de inserção da criança na cultura escrita, a literatura infantil é vista como um meio de humanização.

Patte (2012, p. 116-117), referente ao papel do mediador frente ao público infantil desde a mais tenra idade - importante para o desenvolvimento da cultura do livro - também aclara o objetivo não pedagógico da mediação oral:

¹² A relativa conclusibilidade é abordada na subseção 2.2.3.3 do presente trabalho.

Longe de querer “forçar” a qualquer preço um desenvolvimento precoce, trata-se, ao contrário, de passar um tempo ao lado da criança pequena e fazê-la provar, bem à vontade e antes do estresse das primeiras aprendizagens, o prazer maravilhosamente gratuito dos primeiros encontros com o livro. Longe de nós a preocupação paralisante e entediante dos métodos de “fazer a criança ler”! Longe de nós as abordagens apenas escolares, utilitárias e rentáveis! Longe de nós os cuidados do controle, da busca da eficiência programada e fortemente balizada! Eles são expressões de nossas ansiedades de pais e professores, reforçadas hoje pelas crescentes dificuldades sociais.

A respeito desse tópico, há de se considerar que a biblioteca é o espaço para múltiplas leituras, como a solitária e a solidária. No entanto, a leitura solidária, além de democrática, potencializa o diálogo com o outro, além do autor da obra, catalisando a transmissão e recepção de enunciados.

Manguel (1997, p. 67-68, grifo do autor), ao tratar sobre a obrigatoriedade da leitura silenciosa de textos escritos, ou leitura em voz interior, nas salas dos mosteiros - os *scriptorium* - onde os escribas faziam cópias de livros à mão, os códices, apresenta alguns benefícios desse tipo de leitura, também importante para os sujeitos que consigam realizá-las:

[...] com a leitura silenciosa, o leitor podia ao menos estabelecer uma relação sem restrições com o livro e as palavras. As palavras não precisavam mais ocupar o tempo exigido para pronunciá-las. Podiam existir em um espaço interior, passando rapidamente ou apenas se insinuando plenamente decifradas ou ditas pela metade, enquanto os pensamentos do leitor as inspecionavam à vontade, retirando novas noções dela, permitindo comparações de memória com outros livros deixados abertos para consulta simultânea. O leitor tinha tempo para considerar e reconsiderar as preciosas palavras cujos sons - ele sabia agora - podiam ecoar tanto dentro como fora. E o próprio texto, protegido de estranhos por suas capas, tornava-se posse do leitor, conhecimento íntimo do leitor, fosse na azáfama do *scriptorium*, no mercado ou em casa.

Em complemento, Chartier (1999, p. 143-144) apresenta a ambiguidade das leituras silenciosas realizadas em espaços públicos e nos recantos privados, pois “ela é realizada em um espaço coletivo, mas ao mesmo tempo ela é privada, como se o leitor traçasse, em torno de sua relação com o livro, um círculo invisível que o isola”. Contudo, afirma que nesse tipo de leitura há possibilidade de algum tipo de interação com o outro, além do autor da obra.

Ademais, o leitor, ao se expor com uma obra em mãos - independente do tipo de suporte - pode influenciar outras pessoas a lerem, a desejar o que está

escondido entre as páginas daquele objeto misterioso, a não temê-lo, a não considerá-lo como um direito apenas das vozes dominantes. Quem nunca observou no ônibus, metrô, barca, praça, shopping etc. a leitura alheia e quis ler similar obra?

Entretanto, Chartier (1999, p. 144) citando a questão do texto eletrônico, geralmente disponibilizado ao leitor sem a necessidade de ir à biblioteca, aponta uma das preocupações advindas da primazia desse tipo de leitura que isola o sujeito de qualquer espaço social, como as bibliotecas, pois

Com o texto eletrônico poderia se produzir uma reversão definitiva. Na biblioteca, ler-se-á isoladamente. E poder-se-á ler sem sair de casa, porque os textos virão ao leitor enquanto, até então, o leitor devia ir ao livro quando não o possuísse. A relação privada com o texto corre o risco de se separar de toda forma de espaço comunitário. Está levantada a suspeita que nasce com as sociedades contemporâneas: será que elas vão dissolver o espaço público, não somente aquele da cidade antiga, em que se proferiam e escutavam os discursos, mas também o espaço onde podiam articular-se as formas da intimidade e do privado com as formas do intercâmbio e da comunicação?

Os questionamentos supracitados permitem a ratificação da importância dos espaços comunitários de diálogos, dos encontros narrativos, da mediação oral da literatura, das relações sociais para recepção e transmissão de enunciados orais, escritos e não verbais, esse último, abordado na próxima subseção.

2.2.1.3 Não verbais

A respeito da última classificação dos gêneros por linguagem, na esfera do não verbal, o sujeito entende, devido às interações sociais, por exemplo, a identificar o olhar de aprovação ou reprovação dos pais, o sinal de pedido de silêncio do professor e a solicitação de aplausos do cantor. O próprio ambiente onde se encontra o sujeito assinala as “regras” de como se comportar. Entretanto, o sujeito só consegue “interpretar” esses signos porque são criados socialmente.

Volóchinov (2017, p. 91) ao discorrer sobre os signos ideológicos, dentre os quais apenas a palavra é neutra por ser capaz de representar linguisticamente, independente do campo, mesmo que minimamente, qualquer signo ideológico, apresenta, em outros termos, a linguagem não verbal como representativa de outra realidade, pois

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social - seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo - mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo também não há ideologia.

“O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93). Ou seja, na mediação oral da literatura, o bibliotecário-narrador, ao ler em voz alta ou narrar uma história e direcionar o polegar para cima está refletindo e refratando outra realidade. O bibliotecário não quer apenas mostrar o polegar aos leitores-ouvintes, mas esse gesto, socialmente formado, por isso compreensível, indica sinal de positivo.

Na mediação oral da literatura, o leitor-ouvinte utiliza a linguagem não verbal espontaneamente. Cara de espanto ou surpresa, mostra a língua, ergue os braços, faz gestos de aprovação ou reprovação etc.

Com relação ao leitor-narrador, Bortolin (2010, p. 188) aponta a importância da linguagem não verbal presente no corpo do mediador porque

O corpo é essencial para o ato da narrativa. O movimento do corpo deve ser estudado em diferentes aspectos: gesto, olhar, respiração etc. Para alguns contadores de histórias, a vestimenta e os acessórios também são fundamentais, no entanto, considero mais importante a atitude corporal e gestual que resulta na onipresença do corpo e do gesto.

O signo ideológico está presente na mediação oral da literatura, pois o encontro narrativo está impregnado desses signos que permitem aos leitores-ouvintes o contato com o lúdico, com outras realidades. A imagem de um pássaro não é o pássaro, simular beber água não é efetivamente beber água, abanar-se não significa que o narrador está sentindo calor, entre outros exemplos.

2.2.2 Classificação dos gêneros por complexidade

Além da classificação dos gêneros por linguagem, em orais, escritos e não verbais, esse conglomerado de enunciados são classificados por Bakhtin (2016) em gêneros primários e secundários. Ambos, presentes na mediação oral da literatura,

desde a conversa informal antes e depois do encontro narrativo quanto à própria obra literária lida ou narrada. Logo, faz-se necessário explicitar esses dois grupos de gêneros que se entrelaçam nos encontros narrativos e no cotidiano dos leitores.

2.2.2.1 Primários e secundários

Bakhtin (2016) classifica da seguinte forma: os gêneros do discurso primários, de caráter simples, são os advindos da oralidade e comunicações simples, normalmente envolvendo um número não muito grande de interlocutores; e os gêneros do discurso secundários, são os complexos, pois abarcam comunicações mais rebuscadas, com “regras” complexas, como as advindas da escrita de textos literários, com um número maior de interlocutores.

Em ambos os gêneros também há a questão do tempo. Os gêneros primários são comunicações que levam uma duração pequena para serem produzidos e os secundários uma duração maior. Escrever um bilhete (em geral para pouquíssimos destinatários, por exemplo, filhos) é mais rápido do que escrever um romance (para um número incontável de destinatários, mesmo sabendo o número de tiragens, afinal, uma obra pode ser lida por infinitos leitores ao longo de sua existência).

Ademais, Bakhtin (2016, p. 15) alerta o seguinte:

Jamais se deve minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado. Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) – não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – ficcional, científico, sociopolítico, etc.

Com base no supracitado, é possível afirmar que o bibliotecário-narrador e os leitores-ouvintes podem não perceber a presença dos gêneros primários e secundários na mediação oral da literatura, mas isso não significa que não estão presentes. Os gêneros do discurso simples e complexo aparecem simultaneamente, por exemplo, durante uma tertúlia literária, onde há leitura da obra, contextualização histórica e conversa informal sobre um texto da literatura clássica. Os sujeitos dialogam por gêneros primários e secundários e compreender isso é trazer para o

campo da Biblioteconomia o foco sobre os interlocutores (bibliotecário-narrador, leitores¹³ e autor da obra) e não para o suporte da escrita, o livro, o invólucro que preserva fisicamente a voz do autor. Por isso, o presente trabalho não especifica nenhum tipo de suporte utilizado pelo mediador, mas o conteúdo da obra, os enunciados do autor.

Como comprovação de enunciado do autor, Castro (2014b), no ensaio *Discurso citado e memória: ensaio bakhtiniano sobre Infância e São Bernardo*, entre outros fatores, traz à tona essa voz do autor que dialoga com os leitores a partir da análise dos romances *Infância* e *São Bernardo*, do escritor Graciliano Ramos, com base nos estudos do *Círculo de Bakhtin*. O escritor Graciliano Ramos rememora e valora os acontecimentos da própria infância sob o olhar adulto mostrando direta ou indiretamente a própria voz no texto, o julgamento, em grande parte negativo, dos enunciados que recebeu ao longo da vida.

Como exemplo, o escritor Graciliano Ramos (1981, p. 14 apud CASTRO, 2014b, p. 68), no trecho da obra *Infância*, como narrador adulto, rememora de forma pouco amistosa a figura dos pais:

Meu pai e minha mãe conservavam-se grandes, temerosos, incógnitos. Revejo pedaços deles, rugas, olhos raivosos, bocas irritadas e sem lábios, mãos grossas e calosas, finas e leves, transparentes. Ouço pancadas, tiros, pragas, tilintar de esporas, batecum de sapatões no tijolo gasto. Retalhos e sons dispersavam-se. Medo. Foi o medo que me orientou nos primeiros anos, pavor. Depois as mãos finas se afastaram das grossas, lentamente se delinearão dois seres que impuseram obediência e respeito.

Para além da complexidade dos gêneros do discurso, há características intrínsecas ao gênero, essas, discutidas na próxima subseção.

¹³ Fonseca (2007, p. 63, grifo do autor) alerta que “em nossos dias, a palavra leitor vem sendo substituída por usuário [...]”, mas o teórico prefere “[...] continuar usando a palavra leitor [...]”, fazendo dele as considerações do bibliotecário argentino Domingo Buonocore (1976, p. 420 apud FONSECA, 2007, p. 63-64, grifo do autor) em seu *Diccionario de Bibliotecología*, conforme o seguinte fragmento: “Com referência a uma biblioteca, entendemos que os usuários são aqueles que utilizam habitualmente um ou vários de seus serviços. Entretanto, o termo *usuário*, de sentido lato, não se identifica, em sua equivalência, com a palavra *leitor*. Entre ambos, parece-nos que existe uma relação de gênero e espécie. Usuário, de acordo com este critério, seria a pessoa que faz um aproveitamento intensivo, ativo e assíduo, não só do serviço de leitura, mas também de outros que as bibliotecas proporcionam, como o de fotocópia, bibliografias especializadas, traduções, resumos analíticos etc. O leitor, por sua vez, é o que somente se utiliza do livro - regular ou esporadicamente - seja na mesma biblioteca, isto é, *in situ*, ou fora dela, por meio do empréstimo domiciliar [...] Em síntese, no campo da informação, poderíamos afirmar com propriedade que todo leitor é, só por este fato, um usuário, mas a recíproca nem sempre é exata, pois às vezes o usuário dispensa o serviço específico de leitura para servir-se de outros.

2.2.3 Características intrínsecas ao gênero

Além da classificação dos gêneros do discurso por linguagem e complexidade, Bakhtin (2016) apresenta aspectos intrinsecamente ligados aos enunciados, tais como a estilística, a responsividade e a conclusibilidade.

2.2.3.1 Estilística

Apesar de inerente aos enunciados, cada campo do conhecimento permite - ou não - a aparição do estilo individual do sujeito. Por isso, a presente investigação destacou essa particularidade para aclarar sua especificidade dentro dos enunciados, pois tem total ligação com a mediação oral da literatura, visto que, nenhum leitor-narrador é igual ao outro, nenhum leitor-ouvinte é igual ao outro, nenhum autor é igual ao outro.

Cada sujeito possui um estilo próprio de enunciar. Todos podem ler em voz alta ou narrar o mesmo texto, mas a forma de apresentá-lo será diferente. Vários autores podem escrever sobre assunto similar, mas a perspectiva, o estilo de escrita de cada um será diferente. E cada campo do saber também possui internamente a estilística, uns campos propícios ao afloramento do estilo do sujeito, como nos gêneros literários, e outros não, como os campos jurídicos que exigem a escrita de leis, decretos etc. sem a presença do estilo individual de quem escreve, só do próprio gênero do discurso.

Bakhtin (2016, p. 17) afirma que:

Todo estilo está indissoluvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva [...] – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual. Os mais favoráveis são os gêneros da literatura de ficção: aqui o estilo individual integra diretamente o próprio edifício do enunciado, é um de seus objetivos principais (contudo, no âmbito da literatura de ficção os diferentes gêneros são diferentes possibilidades para a expressão da individualidade da linguagem através de diferentes aspectos dessa individualidade).

Em síntese, a estilística é a maneira própria de cada sujeito se expressar dentro das “normas” implícitas e explícitas de cada campo, mas no caso da mediação oral da literatura, não invalida as diretrizes apresentadas por especialistas no assunto de como preparar o encontro narrativo, quais histórias escolher, a durabilidade do encontro, entre outros fatores. Dentre esses especialistas, há de se destacar Tahan (1961), Barcellos e Neves (1995), Coelho (2006) e Bortolin (2010) que servem de fonte para os bibliotecários que tenham o desejo de ser leitores-narradores.

Ademais, independente das orientações de como deve ser um encontro narrativo, há o estilo do leitor-narrador, possuidor de particularidades, na preferência entre ler em voz alta ou narrar; na escolha gramatical na hora de mediar para o público infantojuvenil ou adulto; entonação de voz; expressões gestuais; a maneira própria de organizar o espaço (por exemplo, representar o mar da história com um tecido azul ou colocar um painel com uma foto do mar, considerando que entre o público participante pode ter leitores-ouvintes que nunca viram o mar); usar ou não figurino; entre outros fatores, sendo possível distinguir, pelo estilo, um leitor-narrador de outro, como os apresentados por Bortolin e Almeida Júnior (2014).

Abaixo, quadro 01 com exemplo de estilística de leitores-narradores.

Quadro 01 - Estilística dos leitores-narradores

Leitor-narrador A	Leitor-narrador B	Leitor-narrador C
Prefere ficar sentado e colocar os leitores-ouvintes em círculo para leitura; ler textos em voz alta; ficar com o livro em mãos; e não utilizar figurinos.	Prefere ficar em pé e colocar os leitores-ouvintes sentados em frente; narrar textos em voz alta, sem o livro em mãos; e utilizar figurinos.	Prefere dramatizar toda a história, convidando cada leitor-ouvinte para participar de maneira voluntária.

Fonte: A autora (2019).

Aliás, o leitor-ouvinte também possui o próprio estilo e pode receber a história de forma extrovertida interferindo com palmas, gritos, gestos de espanto, alegria etc. ou introvertida, fazendo suas manifestações de forma mental de aprovação ou desaprovação.

Tahan (1961, p. 157) ao abordar *Histórias com interferência* trata sobre a manifestação espontânea ou solicitada do leitor-ouvinte:

A narrativa é feita como no caso da história em simples narrativa, mas, de quando em quando, e em momento oportuno, de acordo com um sinal da narradora, ou por imposição do enredo da própria história, os ouvintes interferem (tomando parte na narrativa) e proferindo em côro: uma palavra; várias palavras; uma frase; parte de uma frase; uma pequena melodia; um som onomatopaico; um canto; um ruído; um assobio; aplauso; vaia, etc.

Bakhtin (2016, p. 49) também versa sobre os gêneros do discurso valorativos, presentes na mediação oral da literatura:

Na comunicação discursiva, existem tipos bastante padronizados e muito difundidos de enunciados valorativos, isto é, de gêneros valorativos de discurso que traduzem elogio, aprovação, êxtase, estímulo, insulto: "Ótimo", "Bravo!", "Maravilha!", "É uma vergonha!", "Porcaria!", "Uma besta!", etc. As palavras que, em determinadas condições da vida político-social adquirem um peso específico, tornam-se enunciados exclamativos expressivos: "Paz!", "Liberdade!", etc. (Trata-se de um gênero de discurso político-social específico).

Abaixo, quadro 02, com exemplos de estilística de leitores-ouvintes.

Quadro 02 - Estilística dos leitores-ouvintes

Leitor-ouvinte A	Leitor-ouvinte B	Leitor-ouvinte C
Procura sentar próximo ao leitor-narrador; grita quando ouve uma história assustadora; chora durante a mediação oral da literatura etc.	Não demonstrar nenhuma satisfação ou insatisfação durante a mediação oral da literatura.	Bate palmas, vaia, quer ser um leitor-narrador quando há abertura para leitura compartilhada etc.

Fonte: A autora (2019).

Além do mais, em um encontro narrativo há o estilo literário do escritor do texto escolhido para mediação oral e, principalmente quando o mediador é conhecedor da literatura, é possível distinguir um autor de outro, facilitando as escolhas das histórias. Por exemplo, se o encontro narrativo for para contar histórias de terror, o mediador não vai selecionar obras da Agatha Christie, mas do Edgar Allan Poe porque cada autor possui um estilo próprio que permite identificá-lo dentre outros escritores.

Outra possibilidade é selecionar obras literárias pela estilística composicional do autor porque cada um se expressa de uma maneira particular. A sátira do Machado de Assis, por exemplo, é diferente da sátira do Molière. Cada um possui uma maneira peculiar de escrever, não desmerecendo nenhum dos estilos.

Tal perspectiva estilística, geralmente, não é abordada no momento da seleção de obras literárias para mediação, mas está presente e, consideramos de

suma importância porque o bibliotecário-narrador precisa gostar da estilística do escritor para mediar seus textos com satisfação e, apesar dos encontros narrativos envolverem um número significativo de participantes, o mediador pode identificar se o público aprecia ou não determinado estilo.

Quem não aprecia o estilo da escritora Clarice Lispector dificilmente consegue mediar oralmente a obra com a potencialidade que a autora possui; de maneira similar, um grupo de leitores pode, após um encontro narrativo, como um clube de leitura, considerar não pertinente a continuidade de leitura de obras da escritora J.K. Rowling por não apreciarem sua estilística.

Tais exemplos aleatórios servem para pensar sobre a importância da estilística dos enunciados que podem afastar ou aproximar os leitores dos encontros narrativos. Entretanto, convém ao bibliotecário-narrador não deixar de mediar autores ou obras devido à estilística, mas procurar outro bibliotecário-narrador que aprecie sua estilística para mediar com satisfação ou, no caso dos leitores, reservar a obra para mediar para outro grupo que estime a estilística do autor ou da obra.

Abaixo, quadro 03, com exemplos de estilística de escritores.

Quadro 03 - Estilística de escritores

Escritor A	Escritor B	Escritor C
Tem um estilo próprio de escrever romance realista. Exemplo: Eça de Queiros.	Tem um estilo próprio de escrever romance realista. Exemplo: Aluísio de Azevedo.	Tem um estilo próprio de escrever romance realista. Exemplo: Gustave Flaubert.

Fonte: A autora (2019).

2.2.3.2 Responsividade

O penúltimo aspecto intrínseco do enunciado abordado na presente investigação é a responsividade por considerá-la importante no escopo da mediação oral da literatura.

Bakhtin (2016) afirma que há responsividade nas interlocuções, pois o locutor ao emitir um enunciado gera automaticamente alguma resposta do interlocutor, podendo ser unicamente mental, porque segundo o filósofo, não há passividade, mas respondemos (reagimos) afirmativamente ou negativamente as proposições que nos chegam através da linguagem verbal oral, escrita; e não verbal, produzindo outros enunciados.

O bibliotecário-narrador lê para sujeitos sociais e esse leitor-ouvinte, ainda que mentalmente, está concordando, discordando, avaliando positivamente ou negativamente alguns ou todos os aspectos do encontro narrativo. Igualmente, o bibliotecário-narrador ainda que não demonstre, tem reação similar com o texto lido ou narrado. Ambos dialogam com o autor do texto.

Bakhtin (2016, p. 24-25) aborda essa questão trazendo a responsividade dos interlocutores do estudo da linguística para a vida real, pois

Nos cursos de linguística geral [...] aparecem com frequência representações evidentemente esquemáticas dos dois parceiros da comunicação discursiva – o falante e o ouvinte (o receptor do discurso); sugere-se um esquema de processos ativos de discurso no falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte. Não se pode dizer que esses esquemas sejam falsos e que não correspondam a determinados momentos da realidade; contudo, quando passam ao objetivo real da comunicação discursiva eles se transformam em ficção científica. De fato, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante.

Bakhtin (2016, p. 25) complementa que o leitor-ouvinte também é, de alguma maneira, um leitor-narrador, ou seja, um falante, pois ao responder ao enunciado, ainda que seja apenas mentalmente, dialoga:

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte torna falante.

Além disso, Bakhtin (2016) também aborda os efeitos proporcionados pelo enunciado recebido que gera uma resposta imediata ou posterior. Entretanto, em ambos os casos, o discurso realmente captado proporcionará respostas dos interlocutores, seja no próprio repertório de enunciados ou no comportamento do sujeito porque:

A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta real e em voz alta. É claro que nem sempre ocorre imediatamente a seguinte resposta em voz alta ao enunciado logo depois de pronunciado: a compreensão ativamente responsiva do ouvido (por exemplo, de uma ordem militar) pode realizar-se imediatamente na ação (o cumprimento da ordem ou comando entendidos e aceitos para execução), pode permanecer de quando em quando como compreensão responsiva silenciosa (alguns gêneros discursivos foram concebidos apenas para tal compreensão, por exemplo, os gêneros líricos), mas isto, por assim dizer, é uma compreensão responsiva de efeito retardado: cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte. (BAKHTIN, 2016, p. 25).

Na mediação oral da literatura a responsividade pode ocorrer antes¹⁴, durante e depois do encontro narrativo. O leitor-ouvinte responde verbalmente ou não verbalmente sobre, entre outros exemplos, o tipo de obra escolhida, a performance do leitor-narrador, o caráter dos personagens da história lida ou narrada, o estilo do autor da obra, as ilustrações do livro, o prazer ou desconforto em ter participado de determinado encontro etc.

Com relação a esse aspecto, Bortolin (2010, p. 23) também cita o fato que, tanto na experiência com a mediação oral da literatura quanto pelas leituras realizadas na área de História da Leitura, que a ambiência onde os gêneros do discurso são propagados a

[...] fizeram observar diferentes reações no público. Por exemplo, sorrisos largos, risos ruidosos, olhos lacrimejantes, suor excessivo, vibração corporal (pulos e palmas), gritos de aprovação e desaprovação, aceleração cardíaca, arrepios, imitação de personagens, cantarolar de músicas, repetição de trovas etc.

Além disso, Volóchinov (2017, p. 100, grifo do autor) atrela à palavra a capacidade de responder internamente aos enunciados, intitulado de *discurso interior*, pois

¹⁴ Ao ser convidado para o encontro narrativo, o leitor responde de alguma forma aos enunciados, por exemplo, não vou ao encontro porque não gosto desse autor; conheço a obra a ser mediada e não quero ouvir novamente; não gosto de Hora do Conto, prefiro Roda de Leitura; nunca li obras desse autor, quero participar do encontro para conhecê-lo etc.

A palavra possui mais uma particularidade extremamente importante que a torna um *medium* predominante da consciência individual. A realidade da palavra, como a de qualquer signo, está localizada entre os indivíduos e é produzida por meio do organismo individual, sem a ajuda de quaisquer instrumentos e sem nenhum material extracorporal. Isso determinou o fato de que *a palavra se tornou o material sígnico da vida interior: a consciência (discurso interior)*. Pois a consciência foi capaz de se desenvolver apenas graças a um material flexível e expresso por meio do corpo. A palavra foi justamente esse material. A palavra pode servir como um signo de uso interior, por assim dizer; ela pode realizar-se como signo sem ser plenamente expressa no exterior. Por isso o problema da consciência individual, tomado como *palavra interior* (e em geral *signo interior*), é uma das questões mais importantes da filosofia da linguagem.

Ou seja, esse discurso interior é imprescindível para qualquer compreensão de fenômenos ideológicos, pois o homem absorve e descreve qualquer símbolo ideológico através do diálogo interior. Uma forma de exemplificação, tomando por base Volóchinov (2017), é o homem dialogar mentalmente, utilizando o signo palavra, sobre proposições do mundo exterior. Por exemplo, para compreender um fenômeno ideológico artístico como uma pintura, uma música, uma obra literária, um ritual etc. Logo, a palavra, por ser um signo base de qualquer comunicação social, abarca tanto o universo verbal quanto o não verbal por ter que interpretá-lo para que fique compreensível aos sujeitos.

Imagine um leitor-ouvinte participando de uma mediação oral da literatura e o leitor-narrador interrompe abruptamente a leitura em voz alta para atender uma chamada telefônica diante dos participantes. Nesse caso fictício, o leitor-ouvinte, exteriormente, permanece sem expressão de insatisfação, mas internamente utiliza o signo palavra para dialogar consigo dizendo: Como pode um narrador fazer isso? Que desrespeito! Não volto mais aqui!

Volóchinov (2017) afirma que a palavra não é capaz de substituir por completo todos os signos ideológicos, mas são apoiados e acompanhados por esse signo neutro, pois a palavra permite compreender e interpretar qualquer fenômeno ideológico. Logo, a palavra é o signo base de todas as manifestações humanas. Seja como criadora ou mediadora para compreensão total ou parcial da manifestação, inclusive, não verbal.

Além do mais, a responsividade abarca, dentre outros aspectos, a defesa de mediadores literários de que a literatura é capaz de humanizar o homem. O sujeito pode responder, a partir de uma história literária lida, com uma mudança de

comportamento. De vilão na vida real, decide ser o mocinho na vida real, mudando de atitude etc.

Zilberman (2001) aponta algumas responsabilidades comportamentais ocorridas em leitores ficcionais ao terem contato com a leitura literária. Como, por exemplo, a responsividade, sob a ótica negativa, do leitor fictício Alfonso Quejana, mais conhecido como Dom Quixote, na obra *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, que de tanto ler livros de cavalaria, enlouqueceu, mas quando recuperou a sanidade, entrou em depressão pela falta de livros e morreu.

Petit (2009, p. 184) igualmente fornece exemplos de responsabilidades de leitores não fictícios que tiveram contato com a literatura, não apenas literária, demonstrando que cada leitor-ouvinte fornece uma resposta, inclusive, aquela que o bibliotecário mediador não espera:

[...] quem poderia imaginar que Descartes seria a leitura preferida de uma jovem turca preocupada em escapar de um casamento arranjado, que a biografia de uma atriz surda permitiria a um jovem homossexual assumir sua própria diferença, ou que os sonetos de Shakespeare inspirariam um jovem laosiano, operário da construção, a escrever canções?

Outro exemplo de responsividade é fornecido por Sodré (1988, p. 7-8) ao apresentar o histórico da obra *Os mistérios de Paris*, de Eugène Sue, pois “o romance, ou, mais precisamente, a novela, provocaria reações jamais sonhadas por Sue” já que a “[...] narrativa capaz de encantar um público burguês sequioso de entretenimento e emoções fáceis” atinge inicialmente o desejo desse público, mas ultrapassa-o e o proletariado responde de outra forma, porque:

[...] à medida que avança a narrativa, o próprio proletariado acaba se reconhecendo nas descrições feitas por Sue, identificando-se com os personagens e ampliando o raio de alcance social da novela. A revelação de que o crime e a miséria são gerados por condições injustas, os discursos em prol da salvação coletiva através da fraternidade cristã, as ideias de reforma penal e outras tomadas de posição fizeram com que a narrativa exercesse uma poderosa influência sobre as classes populares francesas, a ponto de se dizer que *Os mistérios de Paris* é uma das causas prováveis da insurreição de 1848 na França (SODRÉ, 1988, p. 8, grifo do autor).

Tal responsividade surpresa é vista como benéfica por Petit (2009, p. 184), pois “os textos que mais trabalham o leitor são aqueles em que algo passa de

inconsciente a inconsciente. E isso nos escapará sempre, pelo menos em grande parte - felizmente”.

Ademais, o bibliotecário-narrador também responde aos enunciados. Esse sujeito, tal como o leitor-ouvinte, não é passivo, já que:

[...] todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (BAKHTIN, 2016, p. 26).

Petit (2009, p. 28-29) também aponta essa não passividade do leitor ao atestar que:

O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo.

Logo, há de se perceber que ambos interlocutores respondem aos enunciados de forma alternada. Um enuncia e o outro responde; o outro responde a essa ação e o outro enuncia, uma dinâmica simultânea. Referente a esse processo, Bakhtin (2016, p. 29, grifo do autor) intitula de alternância dos sujeitos e certifica que:

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão).

Bortolin (2010, p. 22) ao apresentar os conceitos de leitor-narrador¹⁵ e leitor-ouvinte¹⁶ também aborda a responsividade ao afirmar que:

¹⁵ “leitor-narrador é todo indivíduo que medeia o encontro do leitor com diferentes textos (de origem escrita ou oral), utilizando o seu suporte vocal para ler ou narrar” (BORTOLIN, 2010, p. 22).

Antes que os conceitos de leitor-narrador e leitor-ouvinte possam transparecer a concepção de indivíduos passivos, lembro que no momento da narrativa oral ambos interferem na ação do outro e fazem isso muitas vezes de forma inconsciente, por meio de gestos, olhares, sorrisos, cochichos, palavras etc.

Além disso, Bortolin (2010, p. 87) complementa o enfoque da responsividade ao trazer da Teoria da Literatura para a Biblioteconomia a Estética da Recepção que coloca o leitor no centro dos estudos sobre mediação oral da literatura, pois a

[...] Estética da Recepção estuda os modos de recepção e o conjunto de sensações e reações que são desencadeadas no leitor ao se encontrar com um texto, levando-se em consideração as suas historicidades. Aqui uso a palavra historicidade no plural para lembrar que a contextualização histórica não é apenas a da obra, nem tão pouco apenas do autor, mas também do leitor-receptor.

Costa (2015, p. 88, grifo do autor) também afirma que:

Essa *responsividade* implica um juízo de valor que, partindo da relação do enunciado com a realidade, com seu autor e com os outros enunciados anteriores, traz para as variadas manifestações semióticas possíveis os elementos ideológicos que as constituem.

Portanto, Costa (2015, p. 89) complementa que “[...] todo enunciado (discurso, quadrinho, obra de arte, etc.) é concebido em função de um interlocutor, ou seja, de sua compreensão e de sua resposta, bem como de sua percepção avaliativa (concordância ou discordância)”.

Logo, para finalizar a análise das características intrínsecas ao gênero, abaixo, é apresentada a relativa conclusibilidade que o enunciado requer como resposta.

¹⁶ “leitor-ouvinte é todo indivíduo que tem a sua leitura mediada, isto é, que recebe a interferência oral de um mediador para se encontrar com diferentes textos, podendo também ser chamado de leitor que lê com os ouvidos” (BORTOLIN, 2010, p. 22).

2.2.3.3 Conclusibilidade

O último aspecto intrínseco do enunciado abordado na presente investigação é a relativa conclusibilidade, pois todos os enunciados requerem uma resposta relativamente conclusiva, uma finalização relativa ao que foi enunciado.

Bakhtin (2016, p. 35) explicita que:

A conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) tudo o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições. Quando ouvimos ou vemos, percebemos nitidamente o fim do enunciado [...].

Essa relativa conclusibilidade do enunciado é a resolução da questão que o próprio enunciado intrinsecamente requer, pois “alguma conclusibilidade é necessária para que se possa responder ao enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 35). Ou seja, é como se os enunciados incitassem o ouvinte para dar algum tipo de resposta:

Em cada enunciado – da réplica monovocal do cotidiano às grandes e complexas obras de ciência ou de literatura – abrangemos, interpretamos, sentimos a *intenção discursiva* ou a *vontade de produzir sentido* por parte do falante, que determina a totalidade do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras. Imaginamos o que o falante quer dizer, e com essa intenção verbalizada, essa vontade verbalizada (como a entendemos) é que medimos a conclusibilidade do enunciado (BAKHTIN, 2016, p. 37, grifo do autor).

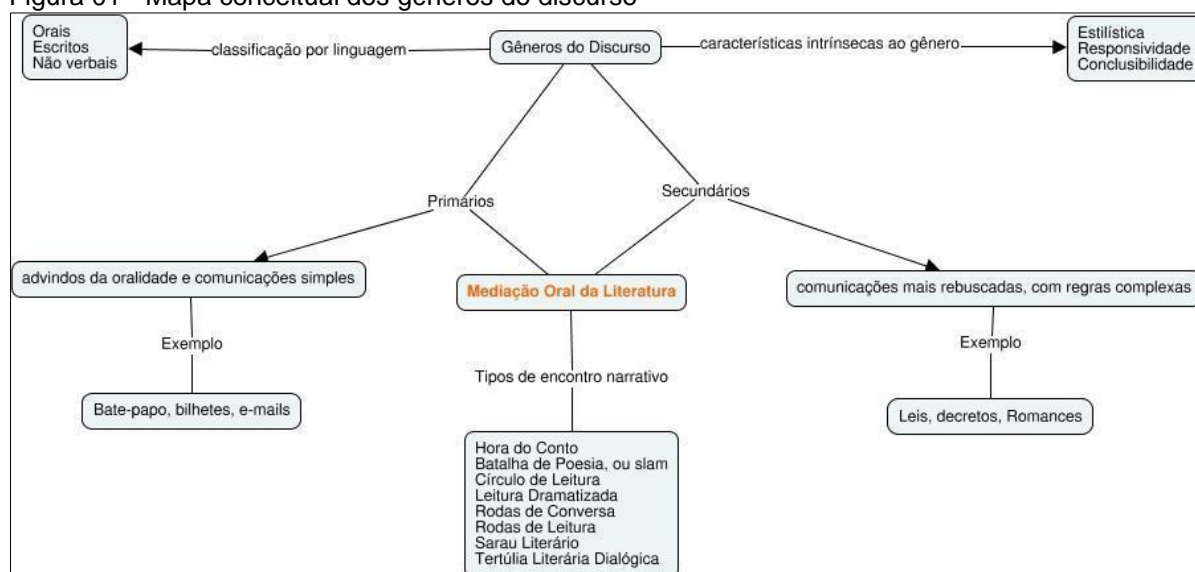
No cotidiano, é possível perceber essa relativa conclusibilidade, por exemplo, no seguinte enunciado proferido no transporte público: parece que vai chover. O passageiro “a” responde oralmente “sim”; o passageiro “b” responde mentalmente “esse sujeito está louco, o céu está limpo e o sol brilhando”; e o passageiro “c” balança a cabeça afirmativamente, concordando com o enunciado e pensa “um ótimo dia para tomar uma sopa”. Logo, o próprio enunciado pediu uma conclusão, um ponto final relativo de cada sujeito receptor. Contudo, é relativamente conclusivo porque o passageiro “a” pode refletir e dizer “não parece que vai chover”; o passageiro “b” pode rir de si mesmo e concordar que vai chover; e o passageiro “c” repensar e dizer que o tempo está mais favorável para tomar um sorvete.

Na mediação oral da literatura, a relativa conclusibilidade se dá quando o bibliotecário-narrador lê e o leitor-ouvinte ouve a história (o que o escritor quis dizer) e como forma conclusiva, interpreta a história, de acordo com a sua leitura de

mundo dando uma conclusão relativa, pois ao ouvir novamente a história ou ao ler solitariamente o texto escrito, pode ter outra conclusão relativa. Isso para cada leitor-ouvinte, ou seja, cada um responderá relativamente de uma dada forma. Referente ao enunciado não existe uma conclusibilidade definitiva.

Abaixo, mapa conceitual (Figura 01) condensando os Gêneros do Discurso, com inclusão dos encontros narrativos¹⁷, tendo por protagonista da mediação oral, o bibliotecário-narrador, assunto da próxima seção.

Figura 01 - Mapa conceitual dos gêneros do discurso



Fonte: A autora (2019).

¹⁷ Os encontros narrativos são temática da seção 4 da presente investigação.

3 O BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR ORAL DA LITERATURA

Após discorrer sobre os gêneros do discurso, faz-se necessário uma defesa específica do bibliotecário como mediador *oral* da literatura porque o bibliotecário, como qualquer outro profissional, é um ser social e como tal está em contato com diversos sujeitos, logo, recebe e transmite enunciados, desde o recanto familiar até o próprio local de trabalho, a biblioteca.

Por isso, mediar literatura vai muito além do processamento técnico dos livros; da disponibilização das obras em softwares de automação de bibliotecas, da divulgação dos itens em mídias sociais; do empréstimo dos exemplares; da organização dos documentos nas estantes para aguardar passivamente o leitor etc. Há questões a serem respondidas. Será que esse sujeito que adentra na biblioteca é alfabetizado? Letrado? Teve contato com livros? Conhece o gênero do discurso do espaço biblioteca? Qual a leitura de mundo desse sujeito? Quais enunciados recebeu ao longo da vida?

A arte de contar histórias não é restrita a determinados sujeitos, grupos ou campo específico do saber, conforme defesa de Bortolin (2010, p. 170-171):

[...] para trabalhar com atividades orais, em especial as narrativas literárias, não é necessário ter predisposição latente, tendência inata, dom ou outros predicados que a literatura dissemina e atribui, por exemplo, aos contadores de histórias. Se assim fosse, o indivíduo não se sentiria tão à vontade em contar uma piada, relatar o que ocorreu no capítulo da novela, narrar um acontecimento familiar ou coletivo, comentar um livro lido ou um filme assistido. [...] Eu acredito que todos, ou melhor, a maioria dos indivíduos, em especial os brasileiros que usam a oralidade tão intensamente em sua comunicação, gostam de narrar.

Entretanto, tal perspectiva é contrária à apontada por Coelho (2006, p. 50) ao afirmar - dando enfoque ao público infantojuvenil - que “contar histórias é uma arte, por conseguinte requer certa tendência inata, uma predisposição, latente aliás em todo educador, em toda pessoa que se propõe a lidar com crianças”.

Bortolin e Almeida Júnior (2014) ao discorrerem sobre mediação oral da literatura por bibliotecários, fornecem alguns exemplos de mediadores, múltiplas formas de mediar, utilizando por base personagens da própria literatura como: Totonha, do livro *Menino do Engenho*, de José Lins do Rêgo; vovó Candinha, do livro *Cazuza*, de Viriato Corrêa; Francisco, do livro *Mar Morto*, de Jorge Amado;

Michael Berger e Hanna Schmitz, do livro *O Leitor*, de Bernhard Schlink; e Liesel Meminger e Max Vandenburg, do livro *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak.

Tais exemplos mostram que a mediação oral é baseada em fazer uso da linguagem verbal oral, juntamente com a linguagem não verbal, para transmitir aos ouvidos dos leitores as narrativas orais ou as histórias registradas em linguagem verbal escrita. Mediar oralmente é escolher um gênero do discurso literário (conto, crônica, novela, romance, auto, tragicomédia, entre outros) e da própria mediação oral da literatura, os encontros narrativos (Hora do Conto, Batalha de Poesia, ou *Slam*, Círculo de Leitura, Leitura Dramatizada, Rodas de Leitura, Sarau Literário, Tertúlia Literária Dialógica, Rodas de Conversa etc.) para transmitir aos ouvidos do leitor as vozes sociais contidas nas obras literárias para interlocução (BAKHTIN, 2016; VOLÓCHINOV, 2017).

Por isso, o presente trabalho defende que o bibliotecário seja o mediador oral da literatura, retirando-o do tecnicismo da profissão, da mediação da literatura através de empréstimos, divulgação de livros em websites ou na estante de novidades etc., colocando esse profissional em interação dialógica com os leitores, pois em conformidade com Nóbrega (2009, p. 107), “[...] o bibliotecário necessita encontrar no espelho sua imagem arquetípica do Trickster [...]” porque talvez ainda falte a esse profissional a imagem do brincante, pois

[...] o Trickster tem características fantásticas para servir como imagem deste profissional, dito aqui, de uma Biblioteca que faz da ação cultural e da mediação, inerente a ela, seu *modus operandi*. [...] Ele é movimento constante, está sempre na travessia entre os mundos; é a figura do que é diferente, desnordeante, desconcertante. Quando ele aparece onde é desconhecido, mal chega e já se impõe, e seu culto se espalha como uma onda; de natureza multifacetada, gosta de estar onde está a ação e, quando não há nenhuma, cria-a (que bela imagem para o bibliotecário, pois não?). Travesso, ubíquo, de extrema picardia, é o Louco - o único vestígio dos trunfos do tarô, processo milenar de autoconhecimento, que subsiste até hoje nas cartas de jogar. Como Coringa, surge quando menos se espera e então... Ah! Que sorte, tudo se resolve (NÓBREGA, 2009, p. 109-110, grifo do autor).

Tal perspectiva também é apontada por Valentim, Almeida e Silva (2015, p. 11) ao apresentarem um quadro ilustrativo onde “[...] é possível pensar a atuação do profissional da informação considerando 5 (cinco) enfoques principais: técnico, tecnológico, gerencial, político e social”. Nesses enfoques, a mediação oral da literatura se enquadra no social, conforme quadro 04 abaixo:

Quadro 04 - Atuação do profissional da informação: enfoques e atividades

Enfoque	Exemplos de Atividades
Técnico	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar, selecionar e adquirir itens informacionais; • Classificar itens informacionais em distintos suportes e mídias, de acordo com códigos e parâmetros estabelecidos internacionalmente; • Catalogar itens informacionais em distintos suportes e mídias, de acordo com códigos e parâmetros estabelecidos internacionalmente; • Indexar itens informacionais em distintos suportes e mídias, de acordo com códigos e parâmetros estabelecidos internacionalmente; • Desenvolver e aplicar linguagens documentárias em distintos contextos organizacionais.
Tecnológico	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer, manusear e avaliar fontes de informação em diferentes suportes e mídias informacionais; • Usar tecnologias apropriadas para avaliar, selecionar, adquirir, organizar, gerenciar e disseminar informação; • Avaliar e selecionar hardware e software adequados aos processos, produtos e serviços informacionais em qualquer tipo de unidade de informação; • Desenvolver e manter canais de comunicação eletrônica, websites, redes sociais etc.; • Acompanhar o desenvolvimento de novas mídias e tecnologias, de modo a atualizar-se e aplicá-las aos processos, produtos e serviços informacionais em qualquer tipo de unidade de informação
Gerencial	<ul style="list-style-type: none"> • Monitorar a área de negócio da organização, acompanhando jornais, bases de dados, publicações técnicas especializadas, fóruns de discussão etc.; • Avaliar a pertinência e a relevância de informações ao público usuário; • Selecionar, analisar e agregar valor às informações, em acordo com as necessidades informacionais dos sujeitos organizacionais; • Proporcionar o uso e reuso de dados, informações e conhecimento em processos decisórios; • Planejar, desenvolver e gerenciar unidades, sistemas, serviços e produtos de informação; • Integrar equipes de gestão e/ou multidisciplinares; • Realizar ações de mediação da informação contribuindo com o processo de apropriação da informação pelo público usuário; • Atuar em processos voltados à gestão do conhecimento; • Avaliar os serviços e produtos de informação, por meio de pesquisas de satisfação de clientes, monitoramento e análise de uso de produtos e serviços informacionais.
Político	<ul style="list-style-type: none"> • Participar ativamente do desenvolvimento de políticas públicas de informação; • Desenvolver normas e padrões de comutação, compartilhamento, disseminação, uso e reuso de informação; • Estabelecer parcerias com os distintos segmentos econômicos da sociedade, no intuito de fortalecer as instituições informacionais
Social	<ul style="list-style-type: none"> • Orientar e desenvolver no público usuário competência em informação; • Desenvolver ações voltadas ao fortalecimento e à promoção da leitura; • Integrar projetos e ações no âmbito da educação e cultura.

Fonte: Valentim, Almeida e Silva (2015, p. 11).

Ranganathan (2009, p. 9, grifo do autor) também aborda a questão do cunho social da profissão ao afirmar que “[...] a própria existência da biblioteca consiste no *serviço pessoal* prestado aos consulentes” e Targino (2010, p. 124, grifo do autor) corrobora enaltecendo a função social da profissão porque “de uma forma ou de

outra, comprovam ser A SOCIEDADE a única meta que justifica a biblioteconomia como profissão”. Igualmente, Ornellas (2014) defende que a relação empática do bibliotecário em relação ao leitor é tão importante quanto o tecnicismo desse profissional.

Além do mais, Ortega y Gasset (2006) aborda duas tipologias de missão inerentes ao ser humano, a pessoal e a profissional. A primeira, por ser individual, pode ou não ser realizada pelo sujeito porque está intrinsecamente ligada ao livre arbítrio do homem. No entanto, a segunda missão é impregnada de deveres por estar relacionada à sociedade, é uma missão para coletividade.

Logo, a missão do bibliotecário é ser um bom bibliotecário e devido a explosão bibliográfica por volta do século XV, esse profissional surge como um guia para o leitor não especializado, uma nova missão que contrasta com a de mero guardião e organizador do acervo, para aquele que seleciona os bons livros que dialogam com a sociedade, daqueles produzidos puramente por questões mercadológicas, ou seja, “[...] a missão do bibliotecário deverá ser, não como até hoje, a mera administração da coisa chamada livro, mas o ajustamento, a *mise au point* da função vital que é o livro” (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 46, grifo do autor).

Essa abordagem corrobora com Buonocore (1976, p. 88-89.) que explícita no verbete bibliotecário a necessidade do profissional ideal, o detentor de mais cultura e humanidade do que tecnicismo:

Cultura y técnica no son términos excluyentes; antes, al contrario, ambas condiciones deben reunirse en el bibliotecario ideal. Será mejor bibliotecario quien sea más universalmente hombre y es tal quien es más culto, no más técnico. La cultura, más que la técnica, será el mayor incentivo para las fuerzas creadoras del administrador de los libros. No hay técnica eficaz si la misma no está vivificada por la humanidad, por el espíritu filosófico del bibliotecario.

Y a esa humanidad, que es un conjunto de valores espirituales, se llega únicamente por el camino de la cultura. Si tuviéramos que caracterizar la imagen del auténtico bibliotecario contemporáneo de acuerdo con los tipos ideales de vida que define Eduardo Spranger, diríamos que él se configura dentro de la forma del hombre social, de que nos habla el filósofo alemán, hombre social que mueve su vida exclusivamente por sentimientos de solidaridad, altruismo y simpatía hacia sus semejantes. Él es, bien se ha dicho, un servidor, el *servus servorum scientiae*, el servidor de los servidores de la ciencia. Y, por sobre todo y ante todo, un educador, un guía, un preceptor de lecturas, especialmente en las bibliotecas populares, donde el bibliotecario desempeña la función de un terapeuta de los espíritus y ser un verdadero cura de almas.

Fonseca (2007) igualmente apresenta a missão do bibliotecário com cunho humanista, contrastando com a visão tecnicista da profissão. Inclusive, para ratificar

essa posição, o teórico apresenta no apêndice antológico a literatura, objeto de estudo do presente trabalho, de escritores da literatura erudita, tais como: Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Mário de Andrade, Rubens Borba de Moraes, entre outros. Ou seja, a literatura deve estar presente nos estudos bibliotecários desde os primórdios, a graduação, visto que, como explicitado na introdução da obra, essa é destinada aos estudantes de Biblioteconomia.

Cunha e Cavalcanti (2008, p. 53, grifo nosso) apesar de apresentar o bibliotecário como um profissional que trabalha com uma diversidade de tipologias documentais, coloca por objetivo os leitores e não as obras: o bibliotecário “lida com documentos de todos os tipos (p.ex.: livros, periódicos, relatórios, materiais não-impressos) com base na especificação de seu conteúdo temático e *a serviço de uma variedade de usuários, desde crianças até cientistas e pesquisadores*”.

Todavia, Oliveira (2017, p. 29) noticia que “não é raro encontrar bibliotecários que se preocupam mais em realizar o processamento técnico e ‘colocar o livro na estante’ do que realizar atividades de promoção de leitura e ‘retirar o livro da estante’ [...]”. Complementarmente, Oliveira (2017), ao discorrer sobre a formação do bibliotecário, iniciando um histórico a partir de 1915, ratifica que a formação desse profissional é, em sua maioria, voltada ao tecnicismo.

Bortolin (2010, p. 162) também observa situação similar na imagem do bibliotecário como um profissional voltado ao tecnicismo e aponta certa preocupação com relação a não representatividade desse profissional fora desse escopo:

Houve na década de 80, num período diferenciado, um número relativo de bibliotecários que trabalhavam em instituições voltadas à promoção da cultura e que lidavam com outros fazeres além do tratamento da informação. Isso quase não deixou marcas e atualmente o uso massificado das tecnologias trouxe um retorno às funções tecnicistas. Penso nesse vaivém e isso me provoca um questionamento: será que as pegadas não deixaram marcas ou foram apagadas por ondas mais modernas e atraentes?

Além do mais, Bortolin (2010, p. 171) menciona que, dentre outros fatores, o que tem atrapalhado e empobrecido as iniciativas de mediação oral nas bibliotecas é a “[...] inapetência por parte do bibliotecário para mediar a leitura literária e, conseqüentemente o despreparo para utilizar seu suporte vocal nas diferentes narrativas”. Entretanto, ameniza tal cobrança ao “[...] apontar o dedo indicador para

os currículos dos cursos de Biblioteconomia brasileiros, que, em sua maioria, não preparam os bibliotecários para a mediação da leitura, seja ela literária ou não”, testificando, conforme supracitado, com Oliveira (2017).

Todavia, Silva, Silva e Lourenço (2016, p. 16), ao analisarem cursos de Biblioteconomia nas Universidades do Nordeste, chegaram a uma conclusão diferenciada, pois nessa Região,

[...] o bibliotecário tem, em sua formação, perfis e competências adequados para atuar como mediador de leitura, em que seu comprometimento com disciplinas voltadas a ações praticadas em forma de mediação de leitura, ajuda a formar e estimular novos leitores.

Ademais, Bortolin e Silva (2015) também apontam a necessidade de incluir disciplinas voltadas ao incentivo à leitura literária desde a mais tenra idade - destacam a literatura infantojuvenil - e apresentam exemplos de disciplinas ofertadas na graduação de Biblioteconomia e no curso de especialização Gestão de Biblioteca Escolar na Universidade Estadual de Londrina (UEL) - nos currículos de formação dos profissionais bibliotecários.

Além disso, Bortolin e Silva (2015, p. 126) trazem o seguinte questionamento: “Por que bibliotecários e demais profissionais atuantes em bibliotecas precisam compreender qual a importância da literatura e suas implicações na vida dos leitores?” Posteriormente, respondem da seguinte forma:

Entendemos que é para que tenham elementos básicos que os levem à compreensão da literatura infantojuvenil como arte e como ela pode influenciar cultural, emocional e psicologicamente na constituição dos sujeitos infanto-juvenis [sic], em suas leituras de mundo, em suas descobertas e em suas relações sociais.

Então, a partir desse delineamento da necessidade do profissional bibliotecário ser mais voltado ao escopo social da profissão e menos ao tecnicismo, defendemos que, como qualquer outro sujeito que tenha o desejo de ser mediador oral da literatura, cabe ao bibliotecário buscar a capacitação formal, aprender a arte de ler em voz alta ou narrar através dos enunciados orais, escritos e não verbais de narradores de campos afins do conhecimento, pois conforme explicitado por Bakhtin (2016), o sujeito é um conglomerado de enunciados de outros sujeitos, então,

através da qualificação formal¹⁸ e da interlocução, o sujeito vai moldando a própria forma de mediar oralmente a literatura.

Silva, Silva e Lourenço (2016, p. 12) declaram que:

A formação para qualquer profissional, entre outros fatores, inclui a ética profissional e o desenvolvimento da profissão, mas a sua qualificação tem sido um diferencial quanto ao seu desempenho e oportunidades na sua área de atuação. Diante dessa perspectiva, os caminhos que levam à formação do bibliotecário mediador são variados e diversificados, pois muitos obtiveram na própria experiência de vida. Atualmente, existem cursos, oficinas, e até mesmo disciplinas nas universidades, que auxiliam dando suporte na sua preparação profissional [...].

Todavia, independente de qualificação, Petit (2009, p. 161) alerta que: “para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor”.

Com relação às peculiaridades do narrador de histórias, Tahan (1961) aponta nove qualidades de um perfeito contador de histórias, também citadas por Bortolin¹⁹ (2010, p. 178), mas com o objetivo de “[...] demonstrar a preocupação sistematizada e pioneira de Malba Tahan quanto à conduta dos narradores de histórias em terras brasileiras”. As qualidades são:

- 1º Sentir, ou melhor, viver a história; ter a expressão viva, ardente, sugestiva.
- 2º Narrar com naturalidade, sem afetação;
- 3º Conhecer com absoluta segurança o enredo;
- 4º Dominar o auditório;
- 5º Contar dramaticamente (sem caráter teatral exagerado);
- 6º Falar com voz adequada, clara e agradável;
- 7º Evitar ou corrigir os defeitos de dicção;
- 8º Ser comedido nos gestos;
- 9º Emocionar-se com a própria narrativa.

Tahan (1961, p. 56) também científica, atrelando essa arte ao gênero feminino e ao público infantojuvenil, mas no presente trabalho consideramos extensível à todos os gêneros e, com as devidas adaptações, a todas as idades, que:

¹⁸Ornellas (2014) indica uma educação continuada embasada na leitura literária para atingir a plenitude humana do bibliotecário em seu fazer diário através do desenvolvimento da empatia.

¹⁹ Bortolin (2010) não concorda com a palavra “qualidades”, mas apresenta na tese as nove qualidades apontadas por Malba Tahan para, conforme supracitado, “[...] demonstrar a preocupação sistematizada e pioneira de Malba Tahan quanto à conduta dos narradores de histórias em terras brasileiras”. No entanto, aponta que ideias semelhantes podem ser encontradas em sua obra.

A uma narradora, iniciada nos delicados segredos da Arte de Contar Histórias, compete, pois:

- 1º Possuir as noções indispensáveis de Literatura Geral e de Folclore;
- 2º Estudar, com o necessário desenvolvimento, a Literatura Infantil;
- 3º Conhecer as noções elementares, fundamentais, da Psicologia da Criança e do Adolescente;
- 4º Ler, sempre que for possível (ler anotando, criticando e analisando) os livros de contos, novelas, etc., destinados à criança e ao adolescente;
- 5º Assistir aos filmes especialmente destinados às crianças (desenhos animados, comédias, etc.);
- 6º Ler constantemente, os jornais, revistas especializadas, almanaques infantis, histórias de quadrinhos, etc.
- 7º Conhecer os principais trabalhos sobre Teatro Infantil;
- 8º Entrar em contato com a criança, ouvir as suas histórias, acompanhá-la em seus jogos e brinquedos.

Barcellos e Neves (1995) também apontam a necessidade dos narradores terem, além de conhecimento do texto e gosto pela história, certas maestrias. Para isso evocam as habilidades apresentadas por Casasanta (1974 apud BARCELLOS; NEVES, 1995, p. 25-26):

- ser sensível à beleza da história, capaz de assimilar todos os seus elementos e transmiti-los bem;
- usar linguagem acessível ao público ouvinte, levando em conta sua faixa etária;
- modular a voz, de acordo com os acontecimentos narrados: ora mais baixa, ora mais alta, mais depressa, mais devagar;
- tratar todos os participantes com carinho, não dando preferência a nenhum;
- cuidar da dicção, emitindo as palavras corretamente, nem tão rápido que a criança não aprenda, nem tão devagar que acabe cansando os ouvintes;
- evitar vícios de linguagem, cacoetes e gestos repetidos constantemente (tais como: entenderam? Não é?, fungar, esfregar as mãos, etc.);
- criar um desfecho poético para deixar uma sensação de beleza que ficará com as crianças nas horas seguintes;
- usar as palavras do texto, na maior parte do tempo, pois a criança amplia seu vocabulário a partir das histórias ouvidas;
- provocar a emoção. Durante a história prepara-se a criança para a emoção que, atingindo o seu clímax, desfaz-se lentamente. O organismo volta então ao ponto de equilíbrio inicial. Nunca se deve parar no clímax, pois a emoção suscitada deve ir até o fim, seguir seu curso natural e descarregar-se normalmente.

Ademais, enunciados de contadores, dentre estes bibliotecários, são apresentados por Patte (2012) em experiências de mediação na França e em outros países, incluindo o Brasil, voltada para o público infantojuvenil, mas ressalta em vários momentos que também é possível realizar com o público adulto.

Petit (2010) também aborda a mediação oral da literatura e apresenta múltiplos relatos de leitores que superaram obstáculos psicológicos e sociais através da literatura e o importante papel dos mediadores culturais, dentre esses, os

bibliotecários, que emprestaram suas vozes e levaram aos ouvidos dos leitores os enunciados que os livros carregam. Além disso, Petit (2010, p. 59) salienta que:

Por muito tempo se opôs oral e escrita, embora o livro e a voz sejam companheiros, e a biblioteca, em particular, seja um ambiente “natural” para a oralidade: é o lugar de milhares de vozes escondidas nos livros que foram escritos a partir da voz interior de um autor. Quando lê, cada leitor faz reviver essa voz, que provém às vezes de muitos séculos atrás. Mas para as pessoas que cresceram longe dos suportes impressos, alguém tem que emprestar sua voz para que entendam aquela que o livro carrega.

Ornellas (2014) discute a necessidade de uma interação empática entre o bibliotecário e os leitores porque existe uma imprescindibilidade cada vez maior de entender e reconhecer quem é o outro e como o bibliotecário se relaciona com esse sujeito para uma prestação de serviço eficaz.

Apesar de Ornellas (2014) focar no bibliotecário de referência, o presente trabalho considera totalmente pertinente a todo e qualquer bibliotecário desejoso de atuar com mediação oral da literatura porque abarca a empatia, proveniente da leitura literária²⁰, como habilidade social desse profissional em querer estar no lugar do leitor para melhor atendê-lo em suas especificidades. Algo imprescindível durante os encontros narrativos onde o bibliotecário-narrador precisa lidar com diferentes sujeitos de forma empática para que este se aproprie da história lida ou narrada de forma salutar e não saia do encontro narrativo constrangido, considerando a biblioteca como um não lugar para estar, dentre outros aspectos.

O bibliotecário mediador oral da literatura é tão importante quanto aqueles que se dedicam apenas às atividades técnicas, tecnológicas, gerenciais, políticas ou outras de escopo social, tal como destacadas por Valentim, Almeida e Silva (2015), porque o bibliotecário-narrador mescla o profissional erudito com o enigmático Trickster apontado por Nóbrega (2009), em constante diálogo com os leitores e autores das obras mediadas - para receber e transmitir enunciados - a cada encontro narrativo, pois para mediar oralmente a literatura é preciso, entre outros quesitos:

²⁰ Ornellas (2014, p. 112) afirma que “A leitura literária nos permite, através da narração de acontecimentos e dos sentimentos dos personagens, ter conhecimento sobre o outro. A chamada experiência literária engrandece nossa percepção do mundo e do outro, sendo, portanto, uma atividade de prática e desenvolvimento da empatia”.

- Amar literatura;
- Apreciar o diálogo;
- Aprofundar-se em estudos relativos à literatura;
- Fazer estudo de leitores-ouvintes, uma identificação aproximada dos enunciados formativos de cada leitor que participa dos encontros;
- Interagir com outros sujeitos para recepção e transmissão de enunciados;
- Investigar o contexto histórico das obras;
- Ler previamente o conteúdo das obras;
- Realizar levantamento biobibliográfico do autor mediado;
- Ter empatia.

Ou seja, na mediação oral há benefícios para o próprio bibliotecário por afastá-lo, mesmo que temporariamente, das atividades estritamente burocráticas, aflorando-lhe a humanidade. Além do mais, o bibliotecário pode desfrutar e compartilhar os benefícios da literatura e da interação com sujeitos afins, independente de idade, raça, gênero, credo, convicções políticas, questões socioculturais, entre outras especificidades, incentivando a leitura literária.

Petit (2009, p. 166, grifo do autor) afirma que:

[...] não é a biblioteca ou a escola que desperta o gosto²¹ por ler, por aprender, imaginar, descobrir. É *um* professor, *um* bibliotecário que, levado por sua paixão, a transmite através de uma relação individual. Sobretudo no caso dos que não se sentem muito seguros a se aventurar por essa via devido a sua origem social, pois é como se, a cada passo, a cada umbral que atravessam, fosse preciso receber uma autorização para ir mais longe. E se não for assim, voltarão para o que já lhes é conhecido.

Castrillón (2011, p. 38) também aborda esse incentivo à leitura ao declarar que:

²¹ Podemos acrescentar nesse tópico o transmitir enunciados sobre os benefícios afins da leitura literária para o sujeito social através do exemplo, do diálogo, da mediação oral da literatura livre, espontânea, prazerosa, cativante, sem didatismo, sem necessidade de preenchimento de fichas de leitura, elaboração de redação, resenhas e estatísticas sobre o que foi lido.

[...] precisamos de bibliotecas que fomentem o interesse e o gosto pela leitura, que permitam a descoberta do valor que ela tem como meio de busca de sentido, como referência de si mesmo no mundo e para o reconhecimento do outro. Bibliotecas onde a leitura não seja concebida como uma forma de passar o tempo, de se divertir, mas como algo imprescindível para um projeto de vida que pretenda superar uma sobrevivência cotidiana.

Como visto até aqui, os enunciados do bibliotecário-narrador são essenciais para o incentivo à leitura do gênero do discurso literário. Por isso, na próxima seção são apresentados encontros narrativos que catalisam a interlocução entre o bibliotecário-narrador, os leitores-ouvintes e as muitas vozes contidas nas obras mediadas.

4 ENCONTROS NARRATIVOS

A partir da análise das especificidades dos gêneros do discurso bakhtinianos e da defesa do bibliotecário como mediador oral da literatura, é de suma importância para esse profissional se conscientizar que os encontros narrativos são gêneros do discurso com enunciados relativamente estáveis que fomentam a interlocução entre os leitores e autores das obras literárias. Logo, as “regras” relativamente estáveis da Hora do Conto foram criadas socialmente para ler em voz alta ou narrar contos, e não receitas de bolos; os Saraus de Poesia, com suas “regras” relativamente estáveis foram criadas para ler em voz alta ou narrar poesias e não documentários esportivos etc.

Por isso, cada encontro possui “regras” relativamente estáveis para comunicação entre os sujeitos. O leitor vai em um encontro narrativo tendo a consciência - depois que lhe for enunciado pela primeira vez e ter compreendido - do que esperar, de como se comportar, a possibilidade de leituras a serem realizadas etc. Um exemplo são as crianças quando anunciado a ida à biblioteca para participar novamente da Hora do Conto e dizem: Oba! Vamos ouvir historinhas!

Por conseguinte, um encontro narrativo não pode ser uma ação para aumentar o número de empréstimos da biblioteca ou colocar o livro na mão do leitor desconsiderando a função social do tipo de encontro e do conteúdo das obras mediadas, já que, o autor²² escreve visando um objetivo social (AGUIAR, 2004). A resposta ao enunciado pode ser vasta, mas um autor que escreveu histórias de terror para adultos, como *O exorcista*, de William Peter Blatty, não teve o mesmo objetivo do autor que escreveu sobre o amor aos gatos, como *Um gato chamado gatinho*, do escritor Ferreira Gullar.

Logo, os encontros narrativos abordados no presente trabalho, onde há predominância dos gêneros do discurso orais, escritos e não verbais, tanto primários quanto secundários, portanto, com a presença da estilística, responsividade e conclusibilidade são: a Hora do Conto; a Batalha de Poesia, ou *Slam*; o Círculo de

²² Faraco (2018, p. 37) explicita que Bakhtin “[...] distingue o autor-pessoa (isto é, o escritor, o artista) do autor-criador (isto é, a função estético-formal engendradora da obra)”. “O autor-criador é, assim, quem dá forma ao conteúdo: ele não apenas registra passivamente os eventos da vida (ele não é um estenógrafo desses eventos), mas, a partir de uma certa posição axiológica, recorta-os e reorganiza-os esteticamente” (FARACO, 2018, p. 39).

Leitura; a Leitura Dramatizada; as Rodas de Leitura; o Sarau Literário; a Tertúlia Literária Dialógica e as Rodas de Conversa.

Todos esses encontros estão impregnados de enunciados, na acepção de Volóchinov (2017, p. 99, grifo do autor), de palavra que “[...] é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir *qualquer* função ideológica: científica, estética, moral, religiosa”.

Então, escolher entre um encontro narrativo de Batalha de Poesia e uma Hora do Conto sobre preservação do meio ambiente é, em outras palavras, o bibliotecário catalisar - para aquele encontro - a função que a palavra (neutra em essência) irá assumir, pois narrar uma poesia antifascista não tem o mesmo objetivo que ler em voz alta um conto de temática ambiental. Além disso, a Batalha de Poesia possui “regras” diferentes da Hora do Conto.

Nesse tópico há de se conjecturar com Freire (2017) que “não há neutralidade” no processo educativo e nem nas atividades culturais desenvolvidas nas bibliotecas (o educador aponta a biblioteca popular), logo, as escolhas dos encontros narrativos não são apenas para “navegar no mundo da imaginação”, “ter prazer” etc. como propagado em *slogans* de incentivo à leitura, mas há uma ideologia²³ por trás das escolhas dos encontros.

Freire (2017, grifo do autor) ratifica que:

[...] tanto no caso do processo educativo quanto no do ato político, uma das questões fundamentais seja a clareza em torno de *a favor de quem e do quê*, portanto *contra quem e contra o quê*, fazemos a educação e de *a favor de quem e do quê*, portanto *contra quem e contra o quê*, desenvolvemos a atividade política. Quanto mais ganhamos esta clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política. Entendemos então, facilmente, não ser possível pensar, sequer, a educação, sem que se esteja atento à questão do poder.

²³ Miotello (2018) esclarece que "Em Voloshinov, intelectual pertencente ao Círculo de Bakhtin, no texto 'Que é a linguagem', escrito em 1930, encontramos a única definição de ideologia, dada por alguém do Círculo em forma direta e explícita: Por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sígnicas" (VOLOSHINOV, 1998, p. 107 apud MIOTELLO, 2018, p. 169). Por isso, o presente trabalho abarca o conceito de ideologia sob a perspectiva de Bakhtin, conforme explicitado por Aguiar (2004, p. 79), onde “[...] todo signo é ideológico, pois possui um significado e remete a algo fora de si mesmo”.

Freire (2017) complementa o seguinte:

A forma como atua uma biblioteca popular, a constituição do seu acervo, as atividades que podem ser desenvolvidas no seu interior, e a partir dela, tudo isso, indiscutivelmente, tem que ver com técnicas, métodos, processos, previsões orçamentárias, pessoal auxiliar, mas, sobretudo, tudo isso tem que ver com uma certa política cultural. Não há neutralidade aqui também. [...].

Por este motivo, no presente trabalho serão descritas, resumidamente, as “regras” relativamente estáveis de cada encontro narrativo nas subseções 4.1 a 4.8 para potencializar o uso dos gêneros do discurso pelo bibliotecário-narrador, além de ressaltar que já estão presentes em muitas bibliotecas, cabendo aos profissionais bibliotecários a apropriação da terminologia adequada para cada encontro e o despertar para produção científica sobre tais temáticas, considerando que o ato de mediar, conforme supracitado, vai muito além de colocar o livro nas mãos do leitor e muitos bibliotecários já trilham por esse caminho, em interação com campos afins do conhecimento.

Bortolin (2010, p. 116) afirma que:

Sendo a biblioteca uma agência mediadora, o bibliotecário não pode se esquivar da mediação da leitura, visto que o ato de ler precede o ato de se informar, descobrir e investigar. Portanto, a tarefa de mediar a leitura é tão fundamental quanto disponibilizar documentos (impressos ou eletrônicos) aos leitores de uma biblioteca.

Posto isto, o primeiro encontro narrativo a ser descrito é a Hora do Conto.

4.1 HORA DO CONTO

Um dos encontros narrativos mais conhecidos em bibliotecas, principalmente, em bibliotecas escolares, públicas e parque, é a *Contação de Histórias* ou *Hora do Conto*. A presente investigação considera a última terminologia mais adequada para representar os encontros narrativos de contação de histórias, visto que tais encontros, geralmente, seguem uma regularidade e fazem parte do calendário de atividades da biblioteca, mesmo que sejam mediados outros gêneros literários por falta de apropriação terminológica para denominar os encontros.

Silva, Silva e Lourenço (2016, p. 11) salientam que:

A contação de histórias, desde os tempos mais distantes, faz-se presente no contexto humano. No início da sua convivência em grupo, o homem buscava suprir as suas inquietações, expressar os seus sentimentos e desenvolver a sua oralidade quando, ao redor da fogueira, possivelmente, contava as suas aventuras. Desde então, essa arte milenar norteia a cultura de diferentes povos e tem se perpetuado até os dias atuais.

A intitulação *Hora do Conto* criada para representar a hora de contar *conto* literário, com o tempo, tal como definido pela figura de linguagem catacrese, passou a representar encontros para ler outros tipos de gêneros literários, sem que a essência do contato com o outro fosse perdida.

A Hora do Conto pode significar hora de ler em voz alta, hora de narrar, hora de ouvir obras literárias, hora de narrativas orais, hora de usar a linguagem verbal oral, escrita e não verbal, hora de se comunicar bakhtinianamente através dos gêneros do discurso, hora de dialogar com a literatura, hora do encontro literário etc.

Por isso, com relação à intitulação *Hora do Conto*, discordamos em parte de Bortolin (2010, p. 25-26) que considera a terminologia restritiva e sem possibilidades de abarcar encontros narrativos diversificados, como apresentado no seguinte fragmento:

Apesar da expressão Hora do Conto ser a mais usada na nossa área, considero que ela seja restritiva e desgastada. Opto pela expressão narrativas orais, tornando assim essa ação mais abrangente, visto que com ela e nela posso incluir, além de histórias, como contos de fada, contos de assombração e lendas, também, as poesias orais, as cantigas, as facécias, os jograis, os causos, os jogos verbais (parlendas, trava-línguas, adivinhas etc.) [...].

Logo, para que o leitor-ouvinte venha conhecer o gênero da mediação oral que será realizada no dia e hora agendados, o bibliotecário pode acrescentar, como se fosse um subtítulo, o gênero literário do encontro, como, por exemplo, a Hora do Conto sobre crônicas sobre o Rio de Janeiro, Hora do Conto de terror, Hora do Conto para travar a língua, Hora do Conto de Cantigas, Hora do Conto policial, Hora do Conto do Jogral, Hora do Conto de Parlenda etc.

A Hora do Conto requer um leitor-narrador, leitores-ouvintes e uma história, em geral curta, para ser lida em voz alta ou narrada (BARCELLOS; NEVES, 1995; COELHO, 2006; TAHAN, 1961). O encanto advém da voz, da presença do outro, da interação social, entre outros aspectos. Nesse encontro narrativo há presença dos enunciados orais, escritos e não verbais.

Com relação ao tipo de público, tanto na Hora do Conto quanto nos demais encontros narrativos, cabe atentar para a defesa de Bortolin (2010, p. 15), a qual a presente investigação apoia: “[...] que os indivíduos, em todas as etapas da vida, se interessam e na maioria dos casos têm necessidade de conviver com narrativas ficcionais, isto é, aquelas composta de uma linguagem simbólica e metafórica”. Por isso, a mediação oral da literatura deve ser realizada para o público infantojuvenil e também adulto, pois, infelizmente,

No âmbito da Biblioteconomia, quando realizadas limitam-se às bibliotecas escolares e às infantis, atendendo exclusivamente ao público infantil. Sendo incomum encontrar, não apenas na literatura biblioteconômica, relatos de experiências de narrativas de histórias orais para adolescentes e adultos. Essa é uma situação que deve ser revista, pois adolescentes e adultos também gostam de ouvir histórias (BORTOLIN, 2010, p. 137).

Tal afirmação consta na definição de público da Hora do Conto apresentada por Cunha e Cavalcanti (2008, p. 187), onde existe uma clareza de público destinatário, conforme a seguinte definição: “período dedicado à narrativa de histórias a grupos de crianças em bibliotecas infantis e escolares, bem como nos setores especializados de bibliotecas públicas”, como se o ato de narrar histórias fosse apenas para o público infantil. E também aparece na definição de *Contação de Histórias*:

Arte ou prática milenar de narração oral com apresentação dramática de contos e histórias. Sua figura central é o contador de histórias que procura encantar e transportar os ouvintes a outras realidades, desafiando o imaginário. Bastante utilizada com crianças em escolas e bibliotecas infantis, vale-se da diversão como uma característica forte, permeando todas as ações. Divertindo, desperta o interesse pela leitura e estimula a imaginação (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 104).

Barcellos e Neves (1995, p. 19) também versam sobre a importância desse encontro narrativo, mas igualmente destacam como público destinatário, o infantil:

A hora do conto amplia os horizontes da leitura, tornando a criança consciente da existência de infinidade de livros de diversos temas, gêneros e estilos, capazes de satisfazer suas necessidades individuais e seus gostos, além de permitir a seleção de obras que mais se ajustem ao seu grau de maturidade psíquica e intelectual.

Apesar da defesa permanente da Hora do Conto para ao público infantojuvenil, será que o público adulto não pode ser beneficiado como, por exemplo, de uma Hora do Conto erótica? Há obras sobre essa temática como o livro *Pornô Chic*, com contos eróticos da escritora Hilda Hilst, por exemplo. Devemos lembrar que revistas eróticas, filmes eróticos, vídeos eróticos etc. fazem parte do cotidiano de muitos leitores. Então, por que não destinar um espaço nas bibliotecas para temáticas um tanto “constrangedoras”, na perspectiva de alguns. Lembremos das obras censuradas e salvaguardadas por bibliotecários por conterem conteúdos considerados inoportunos, exibidos pela Biblioteca Nacional do Brasil, no ano de 2016, o *Gabinete Secreto*²⁴ (PINHEIRO, c2020), durante a exposição *Gabinete de Obras Máximas e Singulares*.

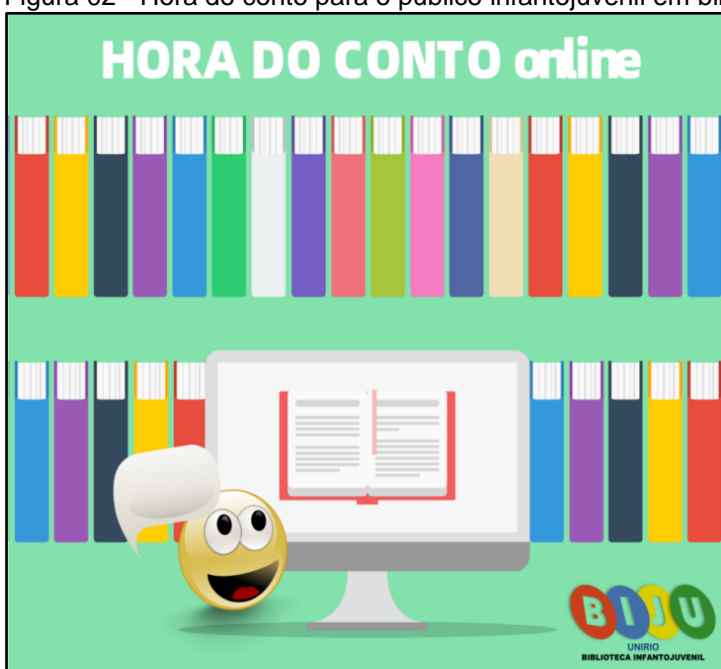
Em todos os casos, o bibliotecário precisa ter bom senso na seleção das obras a serem mediadas oralmente, “porque ler em voz alta não é um ato privado, a escolha do material de leitura deve ser socialmente aceitável tanto para o leitor como para o público” (MANGUEL, 1997, p. 145). Similar questão envolve o ato de narrar. Ou seja, em encontros para crianças não há como mediar obras com temática adulta.

Diante do exposto, há concordância com Lisboa (2015, p. 304) que “ouvir histórias não é [...] só um direito essencial das crianças, mas uma atividade que deve ser ampliada, intensificada e universalizada para jovens e adultos”.

Abaixo, figura 02, com um exemplo de Hora do Conto para o público infantojuvenil, em biblioteca, na Biblioteca Infantojuvenil da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

²⁴ A curadoria do módulo *Gabinete Secreto* foi da bibliotecária Ana Virginia Pinheiro.

Figura 02 - Hora do conto para o público infantojuvenil em biblioteca



Fonte: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (c2020).

Com relação a Hora do Conto para adultos, em biblioteca, segue, abaixo, figura 03, com um exemplo na Biblioteca Municipal de Cascais, em Portugal.

Figura 03 - Hora do conto para adultos em biblioteca



Fonte: Cascais (Portugal), 2019.

4.2 BATALHA DE POESIA, OU, SLAM

A *Poetry Slam*, traduzida como batida de poesia ou batalha de poesia, é uma competição onde os poetas, denominados de *slammers*, narram, com ou sem uso de microfones, poesias próprias para que sejam avaliadas por leitores-ouvintes. Não é usual o *slammer* ler em voz alta tendo algum tipo de suporte da escrita sob as mãos, mas é possível. Na *Slam*, a poesia é classificada como literatura de massa, a denominada marginal. Poesias de resistência, contra o autoritarismo, feminicídio, preconceito racial, sexual, social, linguístico, regional etc. A declamação é democrática, não pode haver censura ou interrupção. O momento é de diálogo, de liberdade de expressão.

Neves (2017, p. 93, grifo do autor) ressalta que:

A palavra *slam* é uma onomatopeia da língua inglesa utilizada para indicar o som de uma “batida” de porta ou janela, seja esse movimento leve ou abrupto. Algo próximo do nosso “pá!” em língua portuguesa. A onomatopeia foi emprestada por Marc Kelly Smith, um trabalhador da construção civil e poeta, para nomear o *Up-town Poetry Slam*, evento poético que surgiu em Chicago, em 1984. O termo *slam* é utilizado para se referir às finais de torneios de *baseball*, *tênis*, *bridge*, *basquete*, por exemplo. Smith nomeou também de *slam* os campeonatos de performances poéticas que organizava e no qual os *slammers* (poetas) eram avaliados com notas pelo público presente, inicialmente, em um bar de jazz em Chicago, depois nas periferias da cidade. A iniciativa “viralizou”, como se diz hoje, contagiando outras cidades dos Estados Unidos e, mais tarde, ganhou o mundo.

Neves (2017, p. 93, grifo do autor) complementa que a Batalha de *Slam* chegou no Brasil em dezembro de 2008 através da “[...] atriz-MC, diretora musical, pesquisadora, apresentadora de um programa juvenil na TV-Cultura de SP e afiliadas, e *slammer* (poetisa) brasileira” Roberta Estrela D’Alva, ao fundar o ZAP²⁵! *Slam* em São Paulo.

As poesias a serem declamadas são confeccionadas de antemão ou um pouco antes do evento, depende da destreza do *slammer*. Nesse tipo de encontro há manifestação do estilo pessoal do poeta e há regras a serem observadas.

O tempo máximo para cada participante declamar a poesia é de três minutos. A batalha de poesia ocorre em espaços públicos, com a presença dos leitores-narradores e dos leitores-ouvintes, dividindo-se em organizadores do encontro, sendo um o mestre de cerimônia (o apresentador da batalha) e o outro chamado de

²⁵ Segundo Neves (2017, p. 93), a Roberta Estrela D’Alva manteve a onomatopeia por funcionar como uma sigla para significar “Zona Autônoma da Palavra”.

counter por ficar “[...] encarregado de cronometrar o tempo de três minutos para cada apresentação, bem como de escrever as notas (de zero a dez) de cada *slammer* em uma planilha-controle e fazer a matemática do jogo” (NEVES, 2017, p. 100); além de *slammers* e jurados espontâneos convidados antes do início das batalhas.

D’Alva (2014, p. 113 apud NEVES, 2017, p. 99, grifo do autor) explicita

[...] que há três regras básicas que regem todo e qualquer *slam*: “os poemas devem ser de autoria própria do poeta que vai apresentá-lo, deve ter no máximo três minutos e não devem ser utilizados figurinos, adereços, nem acompanhamento musical” [...]. Logo, a avaliação do júri deve levar em conta a performance poética do *slammer* ao incorporar o seu poema recitando-o – espécie de “autoperformance”, nomeia a autora.

Entretanto, Stella (2015) aponta os conflitos gerados pela ocupação de espaços públicos pelos *slammers*, além do espaço dentro da própria literatura, pois,

Como toda nova forma de criação artística o formato das batalhas de poesia implica certa ruptura com outras formas de expressão poéticas e literárias existentes e toda ruptura traz consigo a necessidade de legitimação e reconhecimento do que é novo. Assim se pode pensar que o próprio surgimento dos *saraus* e do movimento de literatura marginal representou para o campo literário brasileiro tradicional (e ainda representa) certo desconforto, na medida em que sujeitos periféricos e/ou marginais passam a reivindicar um espaço no campo literário nacional mais amplo. Afinal escrevem e querem ser considerados escritores como quaisquer outros autores nacionais.

Outro aspecto do *Slam* é a realização de campeonatos nacionais para escolha de representante no campeonato mundial, conforme esclarece Neves (2017, p. 96):

Os campeonatos de poesias têm dez etapas ao longo do ano, pois acontecem de fevereiro a novembro, e em dezembro há o campeonato final, que reúne todos os ganhadores de cada mês, para definir quem será o vencedor anual daquele *slam*. Esse último é quem disputa o Campeonato Nacional de *Slams* (o *Slam Br*) com todos os outros campeões anuais de cada *slam* do país para definir o vencedor que vai representar o Brasil na Copa do Mundo de Poesia Falada, que ocorre todo ano em Paris, na França. Um mesmo poeta pode competir em mais de um *slam* desde que com poemas diferentes. Desse modo, se for vencedor, acaba eliminando a vaga de um ou outro poeta concorrente ao *Slam Br* e, por conseguinte, ao Campeonato Mundial.

Além do espaço público aberto, dos campeonatos e da Copa do Mundo de Poesia Falada (SLAM, 2019) supracitados, Neves (2017) ressalta que desde 2015 o *Slam* entrou no espaço intra/interescolar.

Ademais, Neves (2017, p. 101) traz a batalha de poesia sob a ótica bakhtiniana de responsividade, conforme abordado na subseção 2.2.3.2, ao apresentar a seguinte afirmação:

[...] pode-se dizer, na esteira da filosofia dialógica de Mikhail Bakhtin, que na performance poética do *slam*, o poeta age como locutor/falante interativo, o interlocutor/ouvinte como um leitor ativo, responsivo e replicante, e que as condições de recepção (a escuta) e de produção (a escrita) estão o todo tempo em jogo, isto é, são determinantes para a construção do gênero discursivo/textual poético.

Neves (2017, p. 101) também complementa que:

Para o filósofo russo, o dialogismo está nessa interação pela linguagem que ocorre em um contexto em que todos os participantes (falante e ouvinte) são ativos e se encontram em condição de igualdade. Todo falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva do seu ouvinte. Ele espera, por assim dizer, uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução etc. No caso dos *slams*, essa resposta não se restringe às notas do júri, mas também, e principalmente, à reação do público ouvinte. Esse dialogismo está presente durante todo evento, até mesmo nos intervalos da batalha, quando o mestre de cerimônias anima a plateia com perguntas e respostas, [...] ou quando anuncia o grito do *slam* e o público o completa, em coro, como sinal ritualístico de cada retomada ao torneio.

Regras básicas da Batalha de Poesia (NEVES, 2017; STELLA, 2015):

- A poesia é de própria autoria; não possui métrica preestabelecida, mas precisa ser declamada em três minutos;
- O *slammer* não pode utilizar figurino;
- A poesia precisa ser narrada. Raras exceções, lidas em voz alta;
- Os leitores-ouvintes podem se manifestar com gritos de aprovação ou reprovação a cada nota recebida pelos *slammers* ou quando o mestre de cerimônia solicita. Cada encontro de *Slam* possui o próprio rito;
- Os jurados avaliam as poesias, dando notas de 0 a 10, de acordo com as regras preestabelecidas.

É possível a biblioteca abrir um espaço para a batalha de poesia? O bibliotecário pode ser um dos *slammers*? Ou ser o mestre de cerimônia, organizador do evento? A biblioteca pode ser um lugar do não silêncio?

As respostas devem ser respondidas por cada bibliotecário que, mediante o estudo da realidade local, queira - ou não - incentivar a interlocução, o uso da linguagem verbal oral, escrita e não verbal por meio de oficinas de como confeccionar poesia para *Slam*, em parceria com especialistas na temática; batalhas de poesia dentro da biblioteca, em seu entorno ou em qualquer espaço público aberto como uma biblioteca volante etc.

A respeito de obras impressas de *slammers*, algumas são publicadas por editoras e outras de forma independente. Em ambos os casos, podem fazer parte do acervo bibliográfico de bibliotecas, tais como: *Negra Nua Crua*, da *slammer* Mel Duarte; *É que dei o perdido na razão*, da *slammer* Bell Puã e, *(A) massa*, de Emerson Alcalde.

Abaixo, figura 04, com um exemplo de *Slam*, em biblioteca, na Biblioteca Comunitária Solano Trindade em São Paulo.

Figura 04 - Batalha de poesia em biblioteca



Fonte: SLAM Letra Preta (2018).

4.3 CÍRCULO DE LEITURA

Outra ação que pode ser desenvolvida na mediação oral da literatura em bibliotecas é o Círculo de Leitura, “[...] que também pode receber outros nomes, tais como clube de leitura, clube do livro²⁶, círculo de literatura, oficina de leitura [...]” (COSSON, 2014), onde o leitor-narrador e os leitores-ouvintes discutem sobre uma obra literária lida previamente, um após o outro.

Yunes (1999, p. 18) ao abordar o Círculo de Leitura desenvolvido pelo *Programa Nacional de Incentivo à Leitura - PROLER*, da Fundação Biblioteca Nacional, entre os anos de 1992 e 1996, ressalta que:

Há toda uma estratégia teórico-pedagógica para justificar e realizar o Círculo de Leitura. Começamos pela constatação singela de que um encontro informal entre pessoas, sem intimidade (relações que se estabelecem seja em torno de uma mesa, seja para descontração, seja por conta de uma comemoração), ainda que de natureza episódica, favorece a criação de contatos, referências, contrapontos que vão orientando as opiniões e posições segundo uma singularidade própria ou uma interação que se joga no grupo. Neste clima de troca, baseiam-se os Círculos.

O primeiro passo para criar um Círculo no espaço da biblioteca é convidar leitores para identificar os interessados em participar desse tipo de encontro narrativo. Logo após, deve ser feito um estudo de usuários (FIGUEIREDO, 1994).

Com base nesse estudo, pode ser feito um Círculo de Leitura para crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, pessoas com deficiência visual, auditiva, mental etc. No entanto, pode haver grupos mistos, mas com o devido cuidado na hora da seleção das obras. Em todos esses Círculos, não há predominância de um tipo de enunciado. A linguagem não verbal, por exemplo, pode ser amplamente utilizada nos Círculos para pessoas com deficiência auditiva.

Antes de cada encontro, o bibliotecário seleciona em grupo, democraticamente, a obra ou parte da obra a ser lida solitariamente para discussão no próximo encontro²⁷, oportunizando desta forma estudos biobibliográficos, bem

²⁶ A terminologia Clube do Livro, de certa forma, restringe a ideia dos encontros. Parece que os clubes são para discutir exclusivamente a leitura contida no suporte da escrita livro. No entanto, há literatura em outros suportes, formatos e linguagens, como a televisiva, radiofônica (radionovelas disponíveis em podcast, por exemplos), cinematográfica, teatral etc.

²⁷ Na Biblioteca Central do Estado da Bahia (2017), por exemplo, “[...] é o público quem decide a obra que será discutida na reunião seguinte”. Ou seja, a escolha das obras é democrática.

como a contextualização histórica da obra. Entretanto, os dois últimos tópicos não são obrigatórios.

Outras curiosidades da obra também podem ser trazidas pelos leitores, tais como: a obra foi adaptada para novela, filme, cinema? A obra já foi censurada? A obra pertence à literatura erudita ou de massa? A obra foi traduzida para outros idiomas? Entre outros aspectos. Os encontros não são por temática, mas variados. O foco é a leitura da obra escolhida em grupo.

O condutor do Clube não precisa ser exclusivamente o bibliotecário. Outros leitores devem ser convidados para dinamizar os encontros estimulando a interação do grupo. A troca do condutor dos encontros é importante para que sujeitos afins sejam ouvidos²⁸. Contudo, a presença do bibliotecário nos encontros é indispensável.

No Círculo não pode haver ostentação de conhecimentos por parte de nenhum dos participantes para não intimidar os demais. Por isso, o condutor do encontro deve estar atento a si próprio e aos demais. Todos devem ser ouvidos democraticamente. É um momento onde os enunciados são expressos e valorizados. Os leitores podem concordar ou discordar do outro, inclusive do autor da obra.

Yunes (1999, p. 19) destaca a importância do condutor do encontro, intitulado de leitor-guia afirmando que:

O papel de coordenação, a linha que se estabelece entre os pontos é ocupada por um leitor-guia, figura que mobiliza, provoca, costura as demais falas, sem fazer prevalecer a sua própria. Neste sentido, sua experiência é muito relevante – longe de fazer preponderar a força de seu conhecimento, ele o partilha na medida mesma em que a solicitação direta ou indireta se faz, a partir de alguma outra colocação realizada por qualquer dos intervenientes do círculo. Como a criança antes do sono, ouvindo histórias e fazendo observações ou perguntas, não espera sentir-se ignorante, estúpida e desqualificada, o público dos círculos não pode ser convidado deliberadamente para viver um fracasso. O próprio domínio do tema pelo leitor-guia deve torná-lo paciente e hábil para sistematizar as observações ou intuições apresentadas.

A regularidade do encontro é dada pelos participantes do Círculo, pela disponibilidade de tempo de cada um, mas outros fatores podem interferir no intervalo dos encontros, como o agendamento de um espaço na biblioteca; a

²⁸ Com a troca de condutor, os Clubes adquirem versatilidade, pois cada sujeito pode aplicar a própria estilística na forma de dinamizar os encontros.

extensão ou complexidade da obra a ser lida etc. O ideal é que seja regular para não esfriar o desejo de participação e a dispersão do grupo, conforme salienta Yunes (1999, p. 18):

O encontro pode consolidar-se em reuniões periódicas e regulares, com a frequência de um público que já se identifica entre si e que, pouco a pouco, partilha uma certa proximidade; espontaneidade e confiança intervêm, enquanto o diálogo – com todas as suas divergências e/ou complementaridades – ganha corpo, literalmente.

No Círculo não há exclusividade de gênero do discurso literário, seja da literatura erudita ou de massa. Nesses encontros há uso da linguagem verbal escrita (leitura do texto escrito), oral (discussão do texto lido) e linguagem não verbal (gestos e reações efetuados por cada participante durante as discussões etc.). Um fator a ser levado em consideração é o domínio da linguagem verbal escrita porque o texto, caso seja escrito, precisa ser lido de antemão para o encontro. No entanto, há possibilidade do participante trazer apontamento do que ouviu sobre a obra ou até ler de ouvido, através de um audiolivro. O bibliotecário deve identificar essas particularidades através do estudo de usuários para auxiliar os leitores.

Contudo, reconhecemos que há uma sacralização²⁹ do livro impresso, logo do texto escrito. Os dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-livro (2016), demonstram a preferência pela leitura de livros em papel.

Outro exemplo de sacralização é fornecido por Manguel (1997, p. 143) ao apresentar um exemplo do livro utilizado como um talismã por contadores de história na França:

Durante o ato de ler (de interpretar, de recitar), a posse de um livro adquire às vezes o valor de talismã. No Norte da França, ainda hoje os contadores de história das aldeias usam os livros como suporte; eles decoram o texto, mas depois exibem autoridade fingindo que lêem o livro, mesmo quando o seguram de cabeça para baixo. Há algo em relação à posse de um livro - um objeto que pode conter fábulas infinitas, palavras de sabedoria, crônicas de tempos passados, casos engraçados e revelações divinas - que dota o leitor do poder de criar uma história e o ouvinte, de um sentimento de estar presente no momento da criação. O que importa nessas recitações é que o momento da leitura seja plenamente reencenado - isto é, com um leitor, uma platéia e um livro -, sem o que a apresentação não seria completa.

²⁹ Castro (2011) aborda em sua pesquisa a relação entre a visão da literatura e do livro como algo sagrado e culto que condiciona o ponto de vista da sociedade sobre a leitura e a formação do leitor.

Bortolin (2010, p. 26-27), com base na pedagogia freiriana, defende as múltiplas facetas da leitura, tomando por base o termo palavra:

[...] penso que a palavra - palavra - deva ser entendida no seu sentido plural, isto é, além da escrita, temos a palavra: falada, declamada, filmada, ilustrada, pintada, dançada, quadrinizada, grafitada etc. Nesse embalo desejo que o mesmo aconteça com a leitura, pois há em todos os continentes do planeta textos em formatos, suportes, linguagens diversificadas para serem apropriados.

Aqui, também reiteramos a importância e existência da leitura de mundo de Paulo Freire (2017) e da leitura dos signos de Volóchinov (2017, p. 97-98):

A consciência se forma e se realiza no material sógnico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada. A consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si a sua lógica e as suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação sógnica de uma coletividade. Se privarmos a consciência do seu conteúdo sógnico ideológico, não sobrar absolutamente nada dela. A consciência apenas pode alojar-se em uma imagem, palavra, gesto significativo etc. Fora desse material resta um ato fisiológico puro, não iluminado pela consciência, isto é, não iluminado nem interpretado pelos signos.

Em síntese, o Círculo é realizado para estimular a leitura em grupo e a socialização com diferentes tipos de pessoas. Uma forma de estar com o outro para receber e transmitir enunciados. No Círculo de Leitura não há leitura robótica de letra por letra, linha por linha, mas múltiplas leituras expostas publicamente, logo,

[...] os sujeitos entremeiam suas impressões, ilações e comentários acerca do texto, que conduzem o leitor responsável a estimular novas intervenções, a partir da leitura do texto proposto, ou de outros textos que tenham trazido, já antecipando tais problematizações, ou outras leituras, que eventualmente os outros leitores queiram fazer, portanto, se lê durante toda a atividade (SOUZA, 2012, p. 100).

Cosson (2014) científica que o Círculo de Leitura pode estar em outros espaços, além da biblioteca, pois esse encontro narrativo:

[...] consiste basicamente na reunião de um grupo de pessoas, em encontros sucessivos, para discutir a leitura de uma obra literária ou não. Esses encontros podem ser realizados como parte do programa de leitura de uma biblioteca ou atividade regular de sala de aula da disciplina Língua Portuguesa ou Literatura. Eles também podem ser promovidos por uma livraria ou café cultural e funcionar como um modo de socialização entre amigos que gostam de ler determinados tipos de livro. Há círculos de leitura que acontecem virtualmente em uma página na Internet e outros que combinam os encontros presenciais com registros on-line.

Todavia, Souza (2012, p. 100) ressalta que o ato de ler em público “[...] não pode ser confundido com o que se propõe a fazer em um círculo de leitura, que não é um exercício de retórica ou oratória. O mais importante em um círculo não é o conteúdo, mas as práticas de leitura e os sentidos produzidos coletivamente” porque

Um círculo é um espaço onde a leitura cheira a liberdade, sem o ranço teorizante das salas de aula, nem a presença de um erudito centralizando as discussões. Os participantes têm sua voz respeitada e ouvida. Ao mesmo tempo, é solicitado de seus participantes/leitores compromisso com a existência e o funcionamento da atividade, pois não basta ter vontade, é preciso que, num espaço de construção coletiva de sentido, todos conduzam o timão de sua formação (SOUZA, 2012, p. 100-101).

Colomer (2007, p. 143) também apresenta a importância de ler em grupo ao afirmar que:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas.

Logo, considerando a potencialidade interativa dos Clubes e as “regras” relativamente estáveis dos enunciados, fazemos uma releitura dos sete passos para o Círculo de Leitura apresentado por Cosson (2014), para a biblioteca, conforme quadro 05 abaixo:

Quadro 05 - Círculo de leitura em biblioteca: passo a passo

Círculo de Leitura em Biblioteca	
Passo a passo de Cosson (2014)	Passo a passo para a biblioteca
“[...] o primeiro passo para se montar um círculo de leitura é identificar os participantes e seus interesses de leitura”.	1) Um convite deve ser feito pela biblioteca para formar um grupo de leitores interessados em participar do Círculo. Logo após, um estudo de usuários (FIGUEIREDO, 1994) para identificação das preferências literárias, faixa etária, disponibilidade de tempo, nível de escolaridade, entre outros aspectos.
“O passo seguinte é a seleção das obras, que deve ser negociada conforme os princípios do primeiro passo”.	2) A partir do estudo de usuários, com os grupos formados, o bibliotecário pode selecionar as obras (VERGUEIRO, 2010) democraticamente com o grupo. Todas as vozes são importantes.
“O terceiro passo é a elaboração da agenda de leituras e reuniões”.	3) A agenda pode ser elaborada de acordo com a disponibilidade espacial da biblioteca, tempo dos leitores etc.
“O quarto é a preparação dos leitores, ou seja, é preciso “ensaiar” uma leitura com todos os participantes do grupo para que saibam como devem proceder nas reuniões futuras”.	4) O bibliotecário, independente de ser o condutor dos encontros, deve apresentar as regras relativamente estáveis do Círculo de Leitura para os demais participantes. Assim, os enunciados transmitidos e compreendidos são respondidos pelos leitores com o conhecimento das regras relativamente estáveis desse tipo de encontro.
“O quinto passo é o compartilhamento das leituras”.	5) Os leitores compartilham as leituras realizadas, trazem apontamentos que julgam relevantes. Todos podem participar de forma democrática, sob a coordenação do condutor do encontro.
“O sexto é o registro das leituras, que consiste na reflexão, preferencialmente por meio da escrita, sobre a obra que foi lida e o que se aprendeu na discussão do grupo”.	6) O bibliotecário pode criar uma forma de registro/compartilhamento público das leituras realizadas em mídias sociais (Facebook, Twitter, Youtube, WhatsApp, Instagram, Blogs, Podcast etc.) para que seja amplamente divulgado. Os nomes dos participantes podem ser ocultados ou ficcionalizados (colocar o nome de um escritor, por exemplo, deixando o público ciente dessa técnica).
“O sétimo e último passo é a avaliação, normalmente uma reunião dedicada a um balanço do funcionamento do círculo de leitura”.	7) O bibliotecário pode marcar uma reunião, ou reservar um tempo após o Círculo de leitura para o <i>feedback</i> /ajustes dos próximos encontros.

Fonte: A autora (2019).

Para finalizar, recomendamos a leitura de Bortolin e Santos (2014) que fornecem um *Manual de Instruções para um Clube de Leitura* em bibliotecas escolares.

Abaixo, figura 05, com um exemplo de Círculo de Leitura, em biblioteca, na Biblioteca Central do Estado da Bahia.

Figura 05 - Círculo de leitura em biblioteca

DEZEMBRO
20
10h

**CÍRCULO DE
LEITURA**

O AUTO DA COMPADECIDA

**BIBLIOTECA
CENTRAL**
DO ESTADO DA BAHIA

bpeb.fpc@fpc.ba.gov.br
(71) 3117-6000

Saiba mais: www.bibliotecas.ba.gov.br

FUNDAÇÃO
**PEDRO
CALMON**

SECRETARIA DE
CULTURA

BAHIA
GOVERNO DO ESTADO

Fonte: Bahia (2017).

4.4 LEITURA DRAMATIZADA

A leitura dramatizada ou dramática é um tipo de encontro narrativo onde o leitor-narrador explora as potencialidades da linguagem não verbal e da própria estilística. Entonação da voz, expressões faciais e corporais, entre outros, são utilizados como recurso para ler em voz alta ou narrar o texto.

Embora tais leituras sejam, em geral, realizadas por profissionais ligados ao teatro, a leitura dramatizada também pode ser realizada de maneira não especializada por outros mediadores, como os bibliotecários. Inclusive, esse tipo de leitura é estimulado e ensinado nas escolas (VIEIRA, 2014; VIEIRA, 2016). Por isso, discordamos de Amaro (2017, p. 82) que apresenta como recurso necessário para realização das leituras dramatizadas, “[...] atores para fazerem a leitura [...]”.

Na dinâmica da leitura dramatizada, quando o leitor-narrador lê em voz alta ou narra o texto de forma dramática, há variação - ou não - de vozes. O importante é que o leitor-ouvinte perceba os personagens que dialogam. Com relação ao texto a ser lido, o gênero do discurso literário não precisa ser exclusivamente o dramático. Entretanto, dependendo do objetivo do leitor-narrador, pode ser desse gênero, conforme aponta Vieira (2014, p. 234) ao abordar a leitura dramatizada no contexto escolar:

Optamos sempre por um texto dramático, embora a prática da leitura dramatizada possa ser desenvolvida a partir de outras tipologias textuais. Esta decisão prende-se com o facto de considerarmos que o texto dramático potencia a interação entre os intervenientes, motivando-os para uma dinâmica de ação-reação para a qual outros géneros predispoem em menor escala.

Cabe ressaltar que na leitura dramatizada há necessidade da leitura prévia do texto e ensaios antes da apresentação final, tal como no teatro, para que o texto seja interpretado em sua potencialidade na leitura em voz alta ou narração.

Amaro (2017, p. 80-81) esclarece que:

As leituras dramatizadas podem ocorrer em diversas [ações] de mediação da leitura, ou como uma atividade independente, com uma plateia que acompanha a leitura, seguida de debates com o mediador sobre o tema lido, podem também ocorrer na presença do autor e este participar do debate posterior a leitura. Pode-se usar também como recurso apresentações musicais.

Além do mais, Vieira (2014, p. 233) situa a leitura dramatizada “[...] a meio caminho entre a leitura e o teatro [...]” e ressalta que esse tipo de leitura

[...] permite maximizar as vantagens de duas atividades educativas fundamentais: a leitura e a expressão dramática. Enquanto ato de leitura, a leitura dramatizada possui benefícios relativamente à leitura silenciosa e individual: no interior da comunidade leitora e ouvinte, ela torna-se uma atividade hermenêutica e desencadeia discussões sobre as interpretações mais adequadas; permite ao leitor repetir e experimentar diversas versões sobre o texto em função da compreensão que o grupo vai desenvolvendo; além disso, enquanto expressão oral, coloca em relevo a materialidade dos signos linguísticos, chamando a atenção sobre a sua superfície corpórea, desenvolvendo no leitor a atenção relativamente à musicalidade das palavras, o ritmo das frases e a estrutura do texto.

Para exemplificação de leituras dramatizadas, cabe observar os estilos de leituras dramáticas de obras do escritor *Nelson Rodrigues* disponibilizadas no website do Itaú Cultural (2016), realizadas pelos diretores teatrais Zé Celso (leu uma das crônicas do livro *O Baú de Nelson Rodrigues*); Marco Antônio Braz (leu o ato inicial de *Otto Lara Resende ou Bonitinha, Mas Ordinária*); Antonio Cadengue (leu *Doroteia*); e Geninha Sá de Rosa Borges (leu *Vestido de Noiva*).

Abaixo, figura 06, com um exemplo de Leitura Dramática, em biblioteca, na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo.

Figura 06 -Leitura dramática em biblioteca



Fonte: São Paulo (Município), 2017.

4.5 RODAS DE LEITURA

As Rodas de Leitura são encontros narrativos onde os leitores leem em voz alta obras da literatura erudita e da literatura de massa, um após o outro. Não há necessidade de escolha prévia do texto a ser lido. A escolha é feita no momento do encontro pelo bibliotecário, mas pode ser democraticamente estendido aos outros participantes mediante votação.

Nas Rodas são utilizados vários gêneros literários e há possibilidade da expressão estilística dos participantes, pois cada leitor tem a própria maneira de ler. Uns rápidos, outros pausados, alguns utilizam expressões faciais e gestuais, há os que exacerbam na entonação etc.

Apesar da harmonização entre linguagem verbal oral, escrita e não verbal, para ler na roda, exceto se o livro for sem texto, é necessário conhecer a linguagem verbal escrita, pois cada participante lê em voz alta enquanto os outros

acompanham em seus exemplares para identificação do ponto onde o próximo leitor iniciará a leitura. Há possibilidade de um único exemplar da obra circular de mãos em mãos e o leitor sinalizar com o dedo, por exemplo, o trecho da obra onde parou para que o próximo inicie a leitura. Esse processo ocorrerá até o término da obra.

Caso algum participante não queira ler o texto escrito, é possível passar para o seguinte. O importante é que nenhum leitor seja forçado a ler. A leitura deve ser uma conversa agradável com o texto e com os demais participantes e não um momento sofrível para o leitor.

Yunes (1999, p. 18), ao abordar o Círculo de Leitura, aponta para uma experiência emocional desagradável vivenciada por muitos leitores durante a leitura em voz alta, mas que não podem ocorrer durante as Rodas de Leitura nas bibliotecas:

A experiência de ler, de pé, em voz alta, gaguejando, ou de ler silenciosamente, tendo, depois, de explicar o lido que não foi entendido, é corrente e traumática. Curiosamente, nestes casos, mesmo quando se está diante de um grupo, a sensação é de solidão, quando não de ameaça. Assim, o prazer de ler descrito por Proust, parece dever e castigo.

Para que ocorra a inclusão de leitores não alfabetizados, é possível que participem apenas como leitores-ouvintes. Cabe ao mediador gerenciar tais situações para que nenhum leitor fique constrangido. Logo após o encontro, caso seja de mútuo acordo, pode ocorrer uma Roda de Conversa.

Outro aspecto das Rodas é a disposição espacial dos participantes, pois os leitores sentam em círculo³⁰, formando uma roda, um ao lado do outro. Não há destaque para nenhum leitor, seja o leitor-narrador ou leitores-ouvintes.

Amaro (2017, p. 78) ressalta que:

A roda de leitura é uma atividade em que os participantes se dispõem confortavelmente em círculo, leem textos selecionados e trocam impressões sobre estas leituras, são mediadas por um dinamizador que vai estimular que os participantes leiam o texto e comentem suas impressões. O dinamizador irá, também, abordar questões do texto que não foram observadas pelos leitores, promovendo aprofundamento nas camadas do texto.

³⁰ Como os gêneros do discurso são relativamente estáveis, essa “regra” pode variar, em especial, devido ao espaço onde as Rodas são realizadas. Uma sala pequena para um número significativo de participantes pode ser um dos motivos. O importante é que cada um leia um trecho da obra e passe para o leitor seguinte através de algum tipo de sinalização.

Corrêa (2014) também aborda a dinâmica da Rodas de Leitura ao cientificar que:

Uma roda de leitura é uma prática pedagógica e cultural relacionada ao ato de ler conjuntamente, muito utilizada com leitores em formação (crianças da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental). Normalmente os chamados mediadores de leitura (professores, contadores de história, bibliotecários e outros profissionais ou pessoas envolvidas com a temática) leem com ou para os demais. Embora comumente seja realizada em círculo – daí o nome de roda –, essa prática admite que os participantes se coloquem em semicírculos ou que fiquem deitados em tapetes ou colchonetes.

Vargas (1997, p. 60) ao discorrer sobre rodas de leitura em centros culturais, afirma que as rodas de leitura não são novidades,

Nem aqui no Brasil, nem em outros países, onde é comum autores ou professores de literatura serem pagos para realizá-las, permanecendo em seguida à disposição do público para discussões e esclarecimentos. Tampouco este tipo de atividade é fruto da alardeada pós-modernidade, pois sabemos que da Grécia antiga ao tempo de Kafka as leituras públicas eram comuns como forma de divulgar obra e autor. De modo que nada há de inédito no projeto, a não ser a sua extrema simplicidade num momento em que a sofisticação e o requinte de certos métodos parecem protagonizar a cena literária.

Vargas (1997, p. 60-61) também apresenta um passo a passo para realização de rodas de leitura dentro de um Centro Cultural, mas adaptável às bibliotecas, onde o leitor:

Entra numa sala, recebe um texto e senta-se, juntamente com outros, para ler. A diferença é que ali existe um leitor-guia que, normalmente, é um escritor ou um professor de literatura. Este guia lê em voz alta, pausadamente, enquanto todos acompanham a leitura no seu respectivo texto. Depois, ele inicia uma conversa com o público. Falo em conversa porque não se trata de ler e/ou fazer uma conferência com tema previsto. Tampouco trata-se de uma aula, com assunto para teorizar ou enfocar didaticamente. O comentário é feito em tom de diálogo, e depende do nível cultural da platéia presente, de seus questionamentos, suas curiosidades. Depende também do grau de informação do leitor-guia (seu modo de pensar o texto) e da dimensão que as leituras podem assumir na vida de seus participantes.

Os apontamentos supracitados indicam que, “o interessante, nas *Rodas*, é que a responsabilidade didática ou acadêmica desaparece, dando lugar a um tipo de relação mais, digamos, prazerosa com o que é lido” (VARGAS, 1997, p. 62, grifo do autor).

Abaixo, figura 07, com um exemplo de Rodas de Leitura, em biblioteca, no Sistema de Biblioteca da Universidade Federal de Sergipe.

Figura 07 - Roda de leitura em biblioteca

RODAS DE LEITURA
BICEN/SIBIUFS

**RACISMO E “RAÇA”
NA LITERATURA BRASILEIRA**

MONTEIRO LOBATO
(18.04.1882- 04.07.1948)

CAROLINA MARIA DE JESUS
(14.03.1914 - 13.02.1977)

MEDIADORAS:
MARIA ROSENEIDE SANTOS – PROFESSORA DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL (DLEV/UFS)
SELMA SANTOS – BIBLIOTECÁRIA, HISTORIADORA E DIRETORA DA BICEN/SIBIUFS
MEIRE MANSUET – DELEGADA DO DAGV

PARTICIPANTES:
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO (CODAP)

REALIZAÇÃO: BICEN/SIBIUFS **APOIO: CODAP/UFS, DLEV/UFS**

INSCRIÇÕES VIA SIGAA
DATA: 16.04.2019 HORÁRIO: 14:00 LOCAL: AUDITÓRIO DA BICEN/UFS

Fonte: Universidade Federal de Sergipe (2019).

4.6 SARAU LITERÁRIO

O Sarau Literário é um encontro narrativo livre de formalidades, mas com a presença de enunciados relativamente estáveis, para ler performaticamente textos literários e interagir com os outros leitores. É uma atividade com participação voluntária e pode ou não ter temática preestabelecida. A diferença do Sarau Literário

de outros encontros narrativos é a ambiência³¹. Em geral, com música ambiente, tecidos coloridos enfeitando o espaço etc.

Cruz Filha (2018, p. 25), com relação à palavra Sarau, afirma que:

Este verbete, na atualidade, significa um evento cultural realizado para que as pessoas possam se expressar, se manifestar artisticamente e, conseqüentemente, logrem integrar-se socialmente entre os espaços de vida. Um sarau pode envolver poesia, música, dança, teatro, pintura, leitura de livros, etc. [...].

Entretanto, com relação ao horário dos encontros, originalmente no período noturno, Cruz Filha (2018, p. 25) aponta que:

[...] nos dias atuais, o horário que deu origem ao nome, não mais o define. Fazem-se saraus nos horários mais diversos do dia ou da noite. O formato de uma reunião de pessoas que têm ou pretendem ter algum contato com a cultura e suas manifestações performativas, o define mais atualmente.

No Sarau Literário, os leitores-narradores leem ou narram em voz alta gêneros literários diversos. Pode ser um Sarau de Poesias (contemporâneas, clássicas etc.), Sarau de Crônicas (humorísticas, jornalísticas etc.), Sarau de Contos (terror, erótico, humor etc.), Sarau de Romances (histórico, regionalista etc.), Sarau de Cordel, entre outros. Os saraus com temática são estimulantes e criam expectativas nos leitores desejosos de participar dos encontros com o gênero preferido, seja como leitor-narrador ou leitor-ouvinte.

Similarmente a outros encontros narrativos, no sarau literário o leitor-narrador pode ser o autor da obra lida ou narrada. O momento é democrático e a literatura clássica e contemporânea, publicada ou não, chega performaticamente aos leitores. Autores podem retirar suas obras das gavetas e compartilhar diretamente com os leitores nesses encontros narrativos.

Inclusive, o leitor-narrador, com fluidez da própria estilística, pode declamar uma poesia ou outra obra literária, dramatizá-la, tocar um instrumento musical etc. Cabe ao organizador do encontro, de preferência o bibliotecário, dependendo da quantidade de participantes, estipular o tempo de cada apresentação.

³¹ Bortolin (2010, p. 21) diferencia ambiente de ambiência, considerando o primeiro termo mais apropriado para utilização em contextos naturais e o segundo em contextos construídos. Essa ambiência, também denominada pela autora de oralífera, tem por objetivo englobar todos os elementos dos encontros narrativos, tais como: “[...] voz, corpo, movimento, respiração, ruído, som, cheiro, gesto, olhar, sussurro, pausa e silêncio”.

A diferença do sarau de poesia para a batalha de poesias, por exemplo, é o cunho de pontuação do último. No sarau não são escolhidos jurados e os leitores-narradores não são avaliados.

Um exemplo de saraus em biblioteca é o das Bibliotecas Parque do Estado do Rio de Janeiro ([2019]) que incluem em suas programações diversos tipos de saraus como o *Sarau dos Sambistas*, que “[...] divulga as atividades literárias de um grupo de sambistas cariocas. Entre um samba e outro, os artistas apresentam poesias e livros de sua autoria”.

Abaixo, figura 08, com outro exemplo de Sarau literário, em biblioteca, na Biblioteca Juracy Magalhães Júnior, na Bahia.

Figura 08 - Sarau literário em biblioteca



Fonte: Bahia (2019b).

4.7 TERTÚLIA LITERÁRIA DIALÓGICA

A Tertúlia Literária Dialógica (TLD) é um encontro onde os leitores-narradores leem *exclusivamente* obras da literatura clássica universal, seja infantojuvenil ou adulta, dependendo do propósito do encontro.

Marigo, Mello e Amorim (2012, p. 1503) elucidam que:

A TLD é uma atividade social, educativa e cultural baseada no conceito de aprendizagem dialógica, elaborado pelo Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA) da Universidade de Barcelona, a partir das contribuições teóricas de diferentes áreas de conhecimento [...].

Nas tertúlias literárias não há espaço para a literatura de massa. Entretanto, o Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa - NIASE, da Universidade Federal de São Carlos (c2020), apresenta o seguinte motivo para a utilização exclusiva dos clássicos:

Os clássicos universais propiciam acesso ao conhecimento sistematizado, ampliam o vocabulário e o conhecimento da língua, melhoram a compreensão de uma situação histórica, melhoram a qualidade da leitura e, finalmente, remetem aos marcos históricos de diferentes culturas, constituindo referências culturais de primeira ordem para a compreensão e a reflexão sobre o mundo. Hoje, mais do que nunca, em nossas sociedades globalizadas, a leitura dos clássicos universais de diferentes partes do mundo se constitui na aprendizagem básica para entender e compreender nossa sociedade.

Além disso, o NIASE (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, c2020) complementa que:

Uma obra clássica da literatura é aquela que perdura ao longo do tempo. Sobre ela existe um consenso universal que reconhece sua qualidade e sua contribuição ao patrimônio cultural da humanidade. São obras modelos em seus gêneros. Também são obras que abordam, com uma grande qualidade e profundidade, temas que preocupam a humanidade, independente de sua cultura ou época.

Na tertúlia, a obra a ser lida é escolhida previamente. A interpretação é coletiva, bem diferente da leitura solitária onde o leitor interpreta a obra sem ouvir o outro, exceto o autor. Nesse tipo de encontro, todos os participantes, seja o leitor-narrador, seja o leitor-ouvinte, podem dialogar sobre a obra. Não há necessidade da

presença de especialistas (mestres, doutores etc.) da obra/autor para discorrer sobre os clássicos. Caso estejam presentes, devem participar com a própria opinião de maneira igualitária, sem hierarquizá-la. Todas as opiniões são válidas para o debate.

Marigo, Mello e Amorim (2012, p. 1503) ressaltam que a TLD “trata-se de um encontro aberto a todas as pessoas da comunidade, incluindo as recém-alfabetizadas, onde é compartilhada a leitura de obras clássicas, a partir da ‘leitura-de-mundo’ de seus participantes”. Inclusive, há obras clássicas em múltiplos meios (CD, DVD, audiolivro etc.) e linguagens variadas, como as obras literárias em linguagem cinematográfica e televisiva. Por isso, o mediador pode tornar o encontro não excludente inserindo o não alfabetizado na dinâmica da tertúlia.

Além do mais, na TLD o moderador do encontro deve fragmentar a obra para que cada participante leia previamente a parte que lhe couber e depois compartilhe com os demais participantes, através da leitura em voz alta de um trecho que sintetize o próprio parecer sobre o texto lido; ou por meio da narração, abrindo espaço para ouvir a opinião dos participantes, gerando um diálogo sobre a obra.

Abaixo, quadro 06, apresentado pelo NIASE, da Universidade Federal de São Carlos (c2020), sintetizando e diferenciando a Tertúlia Literária Dialógica de outros encontros narrativos.

Quadro 06 - Tertúlia Literária Dialógica

TERTÚLIAS LITERÁRIAS DIALÓGICAS	
O que é	O que não é
1. Permitem a construção coletiva de significado e conhecimento, com todas as pessoas participantes, baseada na aprendizagem dialógica	1. Não é uma roda de leitura
2. Baseiam-se na Leitura Dialógica e implicam um processo de leitura e interpretação coletiva e dialógica de textos num contexto onde prevalece a validade dos argumentos no lugar das pretensões de poder das e dos participantes. Através deste procedimento dialógico cada pessoa e o grupo dão um novo sentido à leitura dos clássicos e se alcançam compreensões muito profundas e críticas que seriam impossíveis de serem alcançados solitariamente	2. Não é palestra ou roda de conversa com um especialista sobre qualquer tema ou livro.
3. Leem-se livros da Literatura Clássica Universal	3. Não é Tertúlia Literária Dialógica se não se lê livro da literatura clássica universal
4. A compreensão coletiva dos textos produz-se por meio de um processo de interpretação coletiva que está	

mediado pelo diálogo igualitário entre todas as pessoas participantes.	4. Não é uma Tertúlia Literária Dialógica se o diálogo está baseado em pretensões de poder e não de validade, sendo as pessoas com maior status acadêmico as que monopolizam o debate e impõem ao grupo suas interpretações.
5. As pessoas participantes na tertúlia já vão com a leitura realizada das páginas que foram combinadas. Durante a tertúlia, expõe-se um parágrafo que chamou a atenção, que gostou especialmente, e compartilha com os demais o sentido desse parágrafo e qual reflexão ele proporcionou. Posteriormente, abre-se um turno de palavras onde os demais participantes dizem suas opiniões a respeito desse parágrafo ou elaboram sobre as interpretações realizadas previamente, construindo assim de forma dialógica um novo sentido.	
6. Tem um moderador que tem a função de favorecer a participação igualitária de todos e todas participantes.	
7. O diálogo igualitário promove o desenvolvimento de valores como a convivência, o respeito e a solidariedade	
8. Podem ser realizadas com familiares, membros da comunidade, professorado, voluntariado e estudantes desde a Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior até a educação de pessoas adultas.	

Fonte: Universidade Federal de São Carlos (c2020).

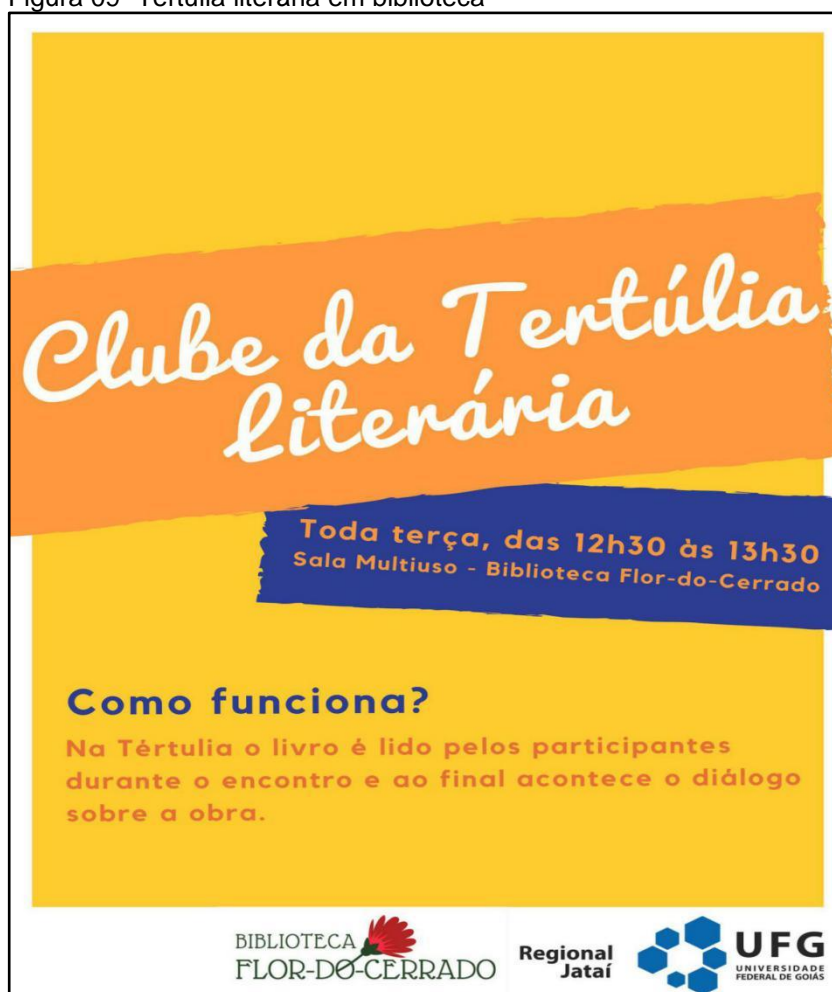
A TLD está presente no campo biblioteca, um exemplo é o da Biblioteca Flor-do-Cerrado, da Universidade Federal de Goiás (2018), com o projeto Clube da Tertúlia Literária que:

[...] busca reunir pessoas da comunidade interna e externa da Universidade, para a leitura de obras literárias. Os encontros do clube são organizados através do método da tertúlia literária dialógica, no qual o livro é lido pelos participantes durante a atividade e o diálogo acontece ao final da leitura.

A necessidade de leitura prévia do texto (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, c2020), ou não (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2018), sob a ótica bakhtiniana, aponta para as “regras” relativamente estáveis do gênero do discurso (BAKHTIN, 2016). Logo, uma TLD pode apresentar algumas diferenças com relação à outras TLD, mas a essência distintiva permanece, não é possível confundir uma TLD com outro tipo de encontro narrativo.

Abaixo, figura 09, com um exemplo de TLD, em biblioteca, na Biblioteca Flor-do-Cerrado, em Goiás.

Figura 09 -Tertúlia literária em biblioteca



Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (2018).

4.8 RODAS DE CONVERSA

As Rodas de Conversa são encontros informais onde há predominância do uso da linguagem verbal oral, mas não invalida a presença dos gêneros bakhtinianos escritos e não verbais. Entretanto, as Rodas de Conversa dentro do escopo da mediação oral da literatura são encontros narrativos realizados, em geral, para finalização de outro encontro narrativo para discussões, apontamentos, sugestões etc., ou seja, para ouvir o outro. Todavia, há Rodas de Conversa específicas para tratar sobre temáticas diversas, tais como: Rodas de Conversa sobre feminicídio, aborto, drogas, racismo etc. No entanto, em todas essas modalidades, o foco é a interlocução.

Logo, pela importância do conversar, do dialogar, do estar com o outro, da alteridade etc., os bibliotecários podem inserir Rodas de Conversas específicas na

mediação oral da literatura, tais como: feminicídio na literatura, aborto em romances, uso de drogas por vilões e mocinhos em obras literárias contemporâneas, o racismo nos escritos de Lima Barreto, as vozes da periferia em poesias marginais etc. Afinal, para iniciar uma conversa, basta começar.

Alessi (2011, p. 74), ao abordar as Rodas de Conversa, não especificamente literárias, mas as de cunho pedagógico, sob a perspectiva do Círculo de Bakhtin, tendo por material empírico as rodas de conversa realizadas com crianças de 4 a 5 anos em instituições de Educação Infantil de Curitiba, no Paraná, valora a presença da linguagem verbal e não verbal na interação entre os sujeitos:

Pensando nas rodas de conversa como espaço em que acontecem as trocas verbais, faz-se necessário observar, além das palavras, os gestos, olhares, movimentos, expressões corporais e entonações que acompanham o diálogo, ou seja, ouvir os ditos e não-ditos, “escutar” os silêncios que também poderão nos revelar elementos dessa dinâmica social.

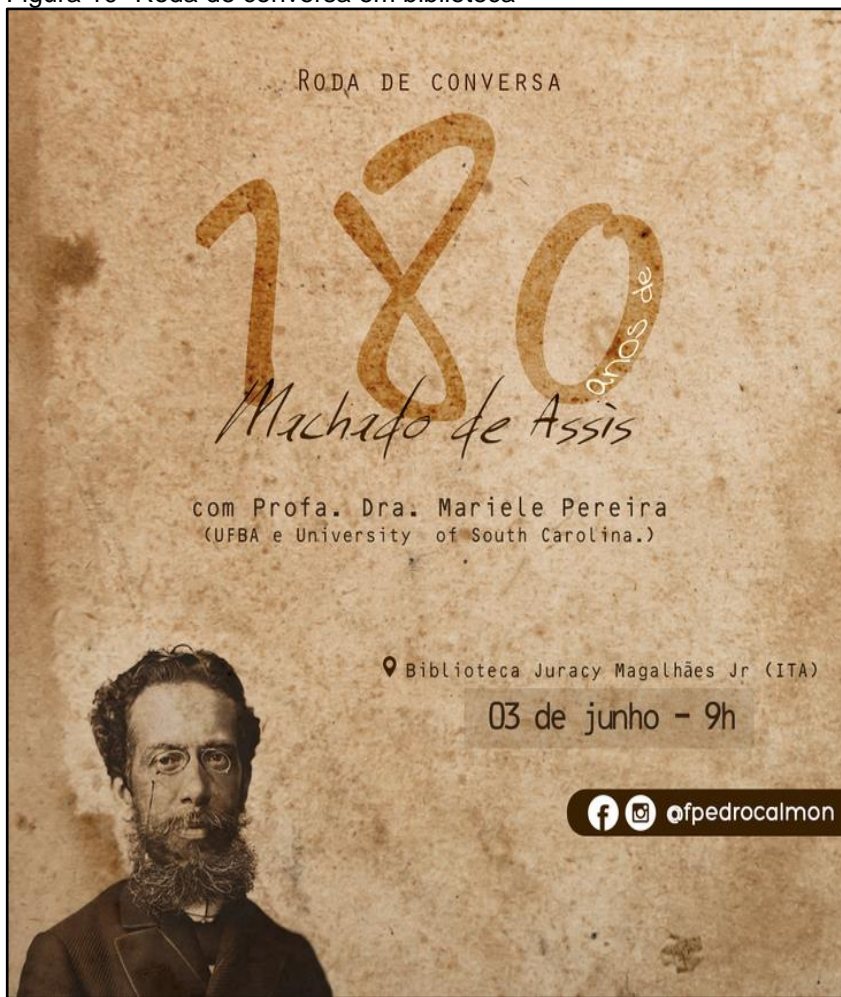
Além disso, Alessi (2011, p. 47) cita, “[...] a importância da alteridade na constituição dos sujeitos, ou seja, a interação permanente com o outro contribui para a formação da consciência do homem”. Perspectiva defendida na presente investigação porque, conforme já mencionado, cada sujeito é um conglomerado de enunciados de outros sujeitos. Logo, o leitor, por ser social, precisa dialogar com a sociedade, receber e transmitir enunciados, e conversar é uma dessas formas.

Petit (2009, p. 53) também ressalta a importância dos encontros com o outro ao afirmar que:

[...] é sempre na intersubjetividade que os seres humanos se constituem, e suas trajetórias podem mudar de rumo depois de algum encontro. Esses encontros, essas interações, às vezes são proporcionadas por uma biblioteca, quer seja um encontro com um bibliotecário, com outros usuários ou com um escritor que esteja de passagem. Podem ser também, certamente, encontros com os objetos que ali se encontram. Com algo que se aprende. Ou com a voz de um poeta, com o espanto de um erudito ou de um viajante, com o gesto de um pintor, que podem ser redescobertos e compartilhados de uma maneira muito ampla, mas que nos toca de forma individual.

Abaixo, figura 10, com um exemplo de Roda de Conversa, em biblioteca, na Biblioteca Juracy Magalhães Júnior, na Bahia.

Figura 10 -Roda de conversa em biblioteca



Fonte: Bahia (2019a).

5 LITERATURA ERUDITA E LITERATURA DE MASSA

Após apresentação dos encontros narrativos em bibliotecas onde a interlocução gerada tem por base os gêneros literários, convém destacar a dicotomia existente entre a literatura erudita e a literatura de massa³². Antes, porém, cumpre responder: *o que é literatura?*

Lajolo (1986) traz à tona a problemática da conceituação desse substantivo, pois vai muito além dos verbetes de dicionários. A definição de literatura é, de certa forma, mutável e variada porque está relacionada, dentre outros fatores, à época em que foi conceituada, ao intercâmbio social do texto, à classificação das instâncias de legitimação como a escola, o mercado editorial, o classificador “[...] pertencer à classe dominante ou, pelo menos, ter acesso a suas formulações culturais” (LAJOLO, 1986, p. 22) etc., sendo utilizado inumeráveis critérios temporais.

Conforme abordado por Lajolo (1986), é impossível precisar, dando um ponto final, imutável e eterno, sobre o que é ou não literatura. Textos diversos, conhecidos ou desconhecidos, publicados ou não podem receber a insígnia de ser literatura, sendo inexistente um aporte fixo que permita dizer, sem qualquer sombra de dúvida, que isto ou aquilo é literatura. Além do mais,

Estabelecer, afinal, *o que uma coisa é* pode não valer tanto a pena. Desconfio, e meus botões concordam, que a literatura continuará a ser o que é para cada um, independente do que outros digam que ela é. De qualquer forma, a ascensão e queda de conceitos de literatura parece seguir uma dinâmica própria e não exclusiva: pensadores, escritores, artistas e demais interessados discutem, escrevem, polemizam (antigamente às vezes até duelavam!) e, com isso, modulam conceitos que parecem explicar de forma convincente *o que é literatura* em vista da produção de seu tempo. (LAJOLO, 1986, p. 25-26, grifo do autor).

Contudo, a literatura é um gênero do discurso e como tal é formada de enunciados relativamente estáveis que são identificáveis socialmente. Além de estar presente em muitos lares, campanhas governamentais e midiáticas, jornais, revistas, redes sociais, bibliotecas etc; e de ser um objeto de estudo de diversos campos do

³² Com relação à classificação best-seller e folhetim (termo em desuso), Sodré (1988, p. 6, grifo do autor) insere-as como um sinônimo de literatura de massa, mas alerta que “[...] é evidente que uma obra de literatura culta pode tornar-se um best-seller (isto é, ter grande receptividade popular), assim como um livro ‘de massa’ pode ter sido escrito por alguém altamente refinado em termos culturais e mesmo consumido por leitores cultos”.

saber como Letras, Linguística, Pedagogia, História, Sociologia, Teatro, entre outros. E, apesar da visão tecnicista, da própria Biblioteconomia.

Visão tecnicista porque a literatura recebe um enfoque maior, em geral, fora do contexto de interlocução com os leitores, no momento da classificação documental, por ser uma das classes da *Classificação Decimal de Dewey* (CDD) e da *Classificação Decimal Universal* (CDU)³³; entre outras, ou, de maneira generalista quando se trata de mediação em Bibliotecas Parque, Escolares e Públicas.

Todavia, há de se considerar que a literatura é classificada como erudita e de massa, apesar da concordância com a visão de Bortolin (2010, p. 24) sobre a *produção e o consumo* de uma literatura híbrida: “[...] não gosto dessa dicotomia popular - erudita, pois acredito que não há mais territórios culturais, melhor dizendo estamos cada vez mais produzindo e consumindo, por sermos sujeitos híbridos, uma literatura híbrida”; bem como os dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-livro (2016), que mostra um consumo misto, mas com predominância da literatura de massa.

Além disso, é possível conjecturar pelos estudos do Círculo de Bakhtin que essa dicotomia entre literatura erudita e literatura de massa faz parte da própria construção dos gêneros do discurso, uma vez que ambas são palco de muitas vozes sociais representadas em personagens, pois os enunciados sempre visam um interlocutor (BAKHTIN, 2016) e estão intrinsecamente ligados às superestruturas de poder, ou nas palavras de Volóchinov (2017), em superestruturas econômicas.

Além do mais, também é possível concordar com Abreu (2006, p. 41) que, com relação à dicotomia entre literatura erudita e literatura de massa, “nós temos que discutir o que é literatura, pois ela é um fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais”, tal como apontado por Lajolo (1986).

A esse respeito, Assunção (2008, p. 89), ao tratar sobre a escrita e a leitura no Brasil, revela a transformação da elite econômica (minoría) em elite cultural. Por consequência, não há por parte das vozes dominantes interesse em legitimar a cultura das vozes não dominantes:

³³ A CDD e a CDU são sistemas de classificação documentária utilizados por bibliotecários.

A escrita-leitura, essa importante tecnologia de gravação e degravação da memória externa humana, não foi bem assimilada nem desenvolvida no Brasil, a não ser por uma pequena parte da população, que teve acesso a ela na escola e – muito tardiamente – na universidade. Com acesso a esse conhecimento, a elite econômica se transformou, também, na elite cultural do Brasil [...], relegando, também, a segundo e terceiro planos, a arte e a cultura dos detentores das formas mais espontâneas de expressão.

Com relação à esse fato, caso o mediador oral não se atente, pode ser um sujeito que responde afirmativamente aos enunciados das vozes dominantes de que a boa literatura é a advinda de seu interior ou, apesar de classificada como literatura de massa, aquela aprovada por seus acreditados, como se as vozes não dominantes³⁴ não tivessem condições de qualificar suas próprias produções literárias.

A biblioteca, por ser uma instituição democrática, deve conceder o direito à fala a toda produção humana, mediá-la oralmente, seja classificada como erudita ou de massa. Autores diversos devem ser convidados para dialogar nos encontros narrativos, por exemplo, o autor contemporâneo da periferia e o imortal da literatura que habita as academias de letras.

Todavia, Petit (2009) aponta uma prática realizada por mediadores, especialmente em meios sociais desfavorecidos, de oferecer ao público leituras consideradas “utilitárias” ou menosprezando a capacidade dos leitores de provarem cardápios literários diversificados, alimentando-os apenas com literatura de baixa qualidade:

No entanto, ainda hoje, com muita frequência, alguns mediadores do livro, alguns professores e assistentes sociais, gostariam de encerrar os leitores vindos de meios sociais desfavorecidos em leituras consideradas “úteis”, ou seja, aquelas que supostamente lhes serviriam de forma imediata em seus estudos ou na procura de um emprego. Ou então lhes concedem algumas leituras de “distração”, dois ou três *best-sellers* de baixa qualidade. O resto é reservado à “alta cultura”, à elite. Mas com esta classificação entre leituras úteis, leituras de distração e de alta cultura, parece-me que passamos ao largo de uma das dimensões essenciais da leitura, mencionadas com frequência pelos leitores quando relembram sua descoberta de textos: seu encontro com as palavras que lhes permitiram simbolizar sua experiência, dar um sentido ao que viviam, construir-se (PETIT, 2009, p. 77-78, grifo do autor).

³⁴ Domingues (2011, p. 417) afirma que “É preciso [...] questionar (e desconstruir) o conceito de cultura popular e ir além das dualidades (culto/popular, ilustrado/rude, refinado/arcaico, moderno/tradicional, letrado/oral) para pensar a cultura como arena de clivagens, disputas, conflitos e fraturas entre interesses antagônicos, qualificando como popular a produção cultural que se configura como manancial crítico, alternativo e contraponto à cultura hegemônica e/ou dominante”.

Portanto, o bibliotecário precisa se apropriar dessa dicotomia literária para não ser um agente de continuidade apática de valorização apenas da literatura erudita em detrimento da literatura de massa. Uma ação involuntária - ou não - de preconceito às variadas produções humana. Agindo dessa forma, a literatura africana, indígena, marginal, de cordel etc. fica no mesmo grau de prioridades para mediação oral que a literatura erudita.

Para aclarar essa dicotomia, Abreu (2006, p. 40, grifo do autor) discute as duas classificações literárias que percorrem a vida do leitor desde a fase escolar, a *Literatura Erudita*, também intitulada de Grande Literatura ou Alta Literatura, sempre em maiúscula, onde estão os “textos que interessam”; e a *Literatura de Massa*, textos que possuem “[...] características literárias, mas que não se quer valorizar. Para esses reservam-se outras expressões, também adjetivadas: *literatura popular*, *literatura infantil*, *literatura feminina*, *literatura marginal* [...]”. Ao discorrer sobre a primeira, Abreu (2006) salienta que Literatura, com “L” maiúsculo³⁵ é dada por uma, ou de preferência, várias, instâncias de legitimação que definem o que é a “verdadeira” Literatura e, por conseguinte, boa “para todos” porque:

Para que uma obra seja considerada Grande Literatura ela precisa ser declarada literária pelas chamadas “instâncias de legitimação”. Essas instâncias são várias: a universidade, os suplementos culturais dos grandes jornais, as revistas especializadas, os livros didáticos, as histórias literárias etc. Uma obra fará parte do seletivo grupo da Literatura quando for declarada literária por uma (ou, de preferência, várias) dessas instâncias de legitimação. Assim, o que torna um texto literário não são suas características internas, e sim o espaço que lhe é destinado pela crítica e, sobretudo, pela escola no conjunto dos bens simbólicos (ABREU, 2006, p. 40).

Outra questão com relação à classificação literatura erudita e literatura de massa apontada por Abreu (2006, p. 39-40, grifo do autor), é que essa não advém de critérios linguísticos, textuais ou estéticos, mas por posições políticas e sociais:

Entra em cena a difícil questão do valor, que tem pouco a ver com os textos e muito a ver com posições políticas e sociais. Por exemplo, já houve um tempo em que não se viam com bons olhos as produções femininas, pois as mulheres eram tidas como intelectualmente inferiores. Assim como os negros. Faça um teste: procure livros de história da literatura e veja quantas autoras são citadas até o final do século XIX. E quantos negros? Você, com certeza, conseguirá contar mulheres e negros consagrados nos dedos de uma só mão. Nos mesmos livros, procure referências a obras escritas por gente pobre. Talvez você nem precise da outra mão... Passe agora para o século XX e veja em quantas delas são analisados autores de *best sellers*. Feche a mão – você não vai mais precisar dela.

³⁵ Marisa Lajolo (1986) fala Literatura com “L” inicial maiúscula na Coleção Primeiros Passos.

Isso explica, em parte, a falta de muitos autores nas estantes das bibliotecas e para o diálogo nos encontros narrativos.

Domingues (2011, p. 404), da mesma forma, aborda as vicissitudes de classificações literárias ao assegurar que:

O que se qualifica de “erudito” e o “popular” está em permanente processo de ajustes, desajustes, reajustes, em suma, em movimento. Assim, tornar indissociável a divisão entre eles é anular os postulados metodológicos que procuram conferir um tratamento contrastado de um e de outro domínio.

Eco ([20--] apud PAES, 1990, p. 25) similarmente apresenta uma abordagem sobre a diferença de originalidade de representação literária entre a literatura erudita - intitulada na obra como literatura de proposta - e a de massa, onde “as obras da cultura de proposta nos oferecem, cada uma delas, uma visão de mundo singular e inconfundível”. Como exemplo, cita “o mundo tal como visto” por dois escritores contemporâneos entre si, “Dostoiévski nos seus romances” e por “Balzac, em *A comédia humana*”, na “[...] diversidade fundamental no modo de representá-los literariamente, desde o nível de estilo narrativo até o nível dos valores morais”.

Com relação à cultura de massa, segundo Eco ([20--] apud PAES, 1990, p. 26),

[...] a originalidade de representação tem importância muito menor. A fim de satisfazer ao maior número possível de seus consumidores, as obras dessa cultura se abstêm de usar recursos de expressão que, por demasiado originais ou pessoais, se afastem do gosto médio, frustrando-lhe as expectativas.

Além desses, o outro critério de diferenciação apontado pelo autor é o de esforço do leitor, pois “[...] a cultura de massa se preocupa em poupar-lhes, no ato de consumo, maiores esforços de sensibilidade, inteligência e até mesmo atenção ou memória”. Em contrapartida, “[...] a cultura de proposta não só problematiza todos os valores como também a maneira de representá-los na obra de arte, desafiando o fruidor desta a um esforço de interpretação que lhe estimula a faculdade crítica em vez de adormecê-la” (ECO, [20--] apud PAES, 1990, p. 26).

Contudo, a visão de Eco ([20--] apud PAES, 1990), representativa de atributos classificatórios utilizados por algumas instâncias de legitimação, não é prescritiva, Abreu (2006) aborda, conforme supracitado, essa problemática indo de

encontro ao exposto pelo erudito. Até obras de Shakespeare³⁶, por exemplo, já foram desqualificadas por instâncias eruditas (ABREU, 2006).

Sodré (1988) também distingue a literatura entre erudita e de massa, sendo a primeira classificada como tal pelas instâncias de legitimação e a segunda, por não receber nenhuma valoração de tais instâncias, ficam como um produto mercadológico sujeito ao sucesso ou fracasso pelo lucro advindo das vendas. Afinal,

É importante ter em mente o seguinte: o circuito ideológico de uma obra não se perfaz apenas em sua produção, mas inclui necessariamente o consumo. Em outras palavras, para ser “artística”, ou “cultura”, ou “elevada”, uma obra deve também ser *reconhecida* como tal. Os textos que estamos habituados a considerar como cultos ou de grande alcance simbólico assim são institucionalmente reconhecidos (por escolas ou quaisquer outros mecanismos institucionais), e os efeitos desse reconhecimento realimentam a produção. A literatura de massa, ao contrário, não tem nenhum suporte escolar ou acadêmico: seus estímulos de produção e consumo partem do jogo econômico da oferta e procura, isto é, do próprio mercado. A diferença das regras de produção e consumo faz com que cada uma dessas literaturas gere efeitos ideológicos diferentes (SODRÉ, 1988, p. 6, grifo do autor).

Além disso, Sodré (1988, p. 11) aponta o critério tempo atuando sobre a classificação literatura erudita e literatura de massa ao afirmar que “a história da grande literatura romanesca do século XIX é indissociável da do folhetim³⁷”. Muitos escritores considerados, na contemporaneidade, da literatura erudita, seja nacional ou estrangeira, também foram folhetinistas.

Hoffmann (2014, p. 119) ao focalizar no leitor e sua preferência de leitura também aborda a questão da efemeridade atuando sobre a dicotomia literatura erudita e literatura de massa ao declarar que:

³⁶ “Em 1768, o filósofo francês Voltaire leu *Hamlet* e declarou: ‘é um drama vulgar e bárbaro, que não seria tolerado pelo mais reles populacho francês ou italiano... só se pode pensar que essa peça foi escrita por um selvagem bêbado’” (ABREU, 2006, p. 96, grifo do autor). Essa opinião prova que os enunciados valorativos de uma pessoa, grupo, instituição etc. não são concordantes. Nesse aspecto, o bibliotecário também precisa enunciar sobre a seleção de obras para os encontros narrativos, independe da opinião de uma ou mais instâncias de legitimação. A literatura “boa para todos” pode não ser boa para o leitor-ouvinte que participa da mediação oral da literatura na biblioteca onde o profissional empresta sua voz para que a do autor seja ouvida.

³⁷ *Folhetim* é, desde o início, o romance publicado no rodapé dos jornais, por sua vez vendidos a preços baixos e com grande tiragem. A expressão (*roman-feuilleton*) origina-se no jornal *La Presse*, de Émile de Girardin, por volta de 1836. O *La Presse* simboliza a imprensa industrializada francesa do século XIX, pelo uso mais racional da publicidade e de técnicas avançadas de impressão. A essa imprensa de grande tiragem, germe da moderna indústria cultural, nasce atrelado o folhetim - aquilo que Flaubert chamaria (em *Bouvard et Pécuchet*) de “literatura industrial”. Trata-se, na verdade - vale acentuar - , de uma literatura não legitimada pela escola ou por instituições acadêmicas, mas pelo próprio jogo de mercado (SODRÉ, 1988, p. 10-11, grifo do autor).

[...] ao mirar para a história da leitura no Brasil, observamos que o clássico de hoje, pode ter sido o folhetim lido pela massa burguesa dos séculos XVIII e XIX. Sendo assim, nesta pesquisa, a característica que parece simbolizar uma distinção entre clássico e best-seller é a efemeridade. Não se trata da qualidade que se possa inferir a um texto, mas dos efeitos de sentido³⁸ que se produzem entre leitor e leitura.

O que diferia um texto de outro - inclusive do mesmo autor - era a forma composicional do texto³⁹. O folhetinesco tinha por objetivo fidelizar o cliente para compra do jornal, por isso abarcava uma temática e linguajar mais popular. Com relação ao folhetinista, os editores recorriam a esse profissional para escrever as obras e, assim, alavancar a venda dos periódicos (SODRÉ, 1988).

Outro objetivo dos textos era trazer entretenimento aos leitores fatigados pela labuta diária, pois “esta forma de contar histórias respondia às necessidades do público urbano de amainar as agruras do dia-a-dia e projetar-se como herói de aventuras insólitas” (SODRÉ, 1988, p. 10).

Todavia, no Brasil o folhetim obteve outra perspectiva devido à questão editorial, fazendo com que tanto a literatura erudita quanto a literatura de massa fossem publicadas como folhetins, conforme atesta Sodré (1988, p. 12, grifo do autor).

[...] muitas vezes os romances eram publicados em jornal devido às dificuldades técnicas para a edição de livros. Como não raro o livro era impresso fora do País (Lisboa, Porto, até mesmo Paris), o jornal apresentava-se como solução. Romances que nada tinham de folhetinesco em sua estrutura textual podiam, assim, ser publicados em jornal (por exemplo, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis) e não ter nenhum sucesso de público.

³⁸ “Os estudos do discurso defendem a ideia segundo a qual o sentido não se constitui apenas pelo reconhecimento das palavras e dos enunciados de uma língua, pois ela não é um código a ser decifrado. Da mesma forma, o sentido não é determinado pelo locutor e nem pelo interlocutor, pois é necessário que as expressões linguísticas sejam associadas aos discursos, que são de natureza social e não individual. Daí advém a tese de que há efeitos de sentido na enunciação escrita ou oral, tendo em vista que o sentido não tem origem nem nos interlocutores e nem na língua, mas se constitui na relação entre interlocutores no uso da língua, frente às condições sociais de produção do enunciado” (DIAS, 2014).

³⁹ O fato é que, na obra de um mesmo escritor, podem-se encontrar textos consagrados como “literatura culta” e textos de natureza claramente folhetinesca ou “de massa”. O José de Alencar de *Senhora* não é o mesmo de *A viúvinha*, assim como o Machado de Assis de *Dom Casmurro* não é o mesmo de *Iaiá Garcia* ou *Helena* (SODRÉ, 1988, p. 12, grifo do autor).

Castro (2011, p. 125-126) também elucida como responsáveis pela classificação entre literatura erudita e literatura de massa, as instâncias de legitimação:

Afinal, se pensarmos na história da formação de leitor de muitos de nós, nem sempre - ou talvez na maioria das vezes -, conseguimos traçar uma fronteira nítida entre a nossa relação com uma certa literatura de entretenimento ou de massa e a literatura mais clássica, culta ou nobre. Quem fez essa classificação foi a academia, a escola, a crítica, mas não o leitor comum; embora, é claro, todos nós leitores nos construímos sob o eco dessa voz classificatória, que mais cria preconceito e confusões metodológicas para o ensino do que promove a leitura e desenvolve leitores.

Lima (2009, p. 186) ao discorrer sobre a questão da literatura erudita e literatura de massa (popular), com base nos estudos de folhetos brasileiros, aponta essa classificação como originária da divisão de classes, sob a perspectiva de Bakhtin, afirmando que:

[...] Bakhtin, ao trabalhar a História do riso popular na Idade Média e no Renascimento, tomando a obra de François Rabelais como fonte principal, compreende as práticas populares como criadoras de um mundo, do qual participavam todas as categorias sócio-profissionais, irrestritamente, observando que foi com o estabelecimento do regime de classes que as formas cômicas passaram a caracterizar e ser caracterizadas como específicas da “cultura popular” e, por conseguinte, não-oficiais, criando-se duas formas antagônicas de expressar as visões de mundo: uma erudita e oficial e outra popular e extra-oficial.

Ou seja, a partir da literatura supracitada, podemos assegurar a existência da dicotomia literatura erudita e literatura de massa como fruto da classificação das instâncias de legitimação em dado contexto histórico, sendo a primeira valorada e a segunda, de certa forma, desvalorizada.

Entretanto, o presente trabalho defende uma mediação mista, tanto da literatura erudita quanto da literatura de massa, pois as obras estão impregnadas de vozes e mediar apenas as vozes aprovadas pelas instâncias de legitimação é silenciar as outras.

No tocante à qualidade literária das obras mediadas, há os enunciados valorativos (BAKHTIN, 2016) sobre os gêneros literários, estilística dos autores etc., por isso, concordamos com Abreu (2006, p. 111, grifo do autor) que:

Não se trata de se esquivar de qualquer forma de julgamento ou hierarquia, até porque os grupos culturais avaliam suas próprias produções e decidem que há algumas mais bem realizadas que outras. O que parece inadequado, entretanto, é avaliar *todas* as composições segundo os critérios pertinentes à criação erudita. Abandonando esta forma de agir, ficará claro que não há livros bons ou ruins para todos, pois nem todos compartilham dos mesmos critérios de avaliação.

Isto é, cada grupo cultural faz as próprias avaliações de suas obras literárias para classificarem o melhor, o razoável ou pior dentro de cada categoria. Nenhuma obra está livre de receber um enunciado valorativo de uma ou mais instâncias de legitimação. Por isso, as vozes dominantes em cada época não são as únicas a serem consideradas.

Com relação à literatura infantojuvenil, classificada dentro da bibliografia consultada como literatura de massa, Colomer (2003) ressalta a inter-relação da produção destinada ao público infantojuvenil com o contexto histórico em que foram criados e as instâncias de legitimação, em especial, a escola, pela associação dessa literatura à visão de cunho educativo de cada época.

Esse aspecto histórico da literatura infantojuvenil pode ser esclarecido em Bakhtin (2016), pois há influência do contexto histórico, entre outros, na modulação dos enunciados dos autores das obras literárias. Além desse aspecto, a escola⁴⁰ é uma instituição com enorme influência sobre a produção e o consumo de literatura infantojuvenil.

Logo, apesar de ser apontada como literatura de massa, esse tipo de produção, dentro do próprio escopo, tem classificado o que é literatura com qualidade inquestionável, boa para todas as crianças, como se fosse um sinônimo de literatura infantojuvenil "erudita"; dos outros textos.

O "erudito" são obras aprovadas por uma ou mais instâncias de legitimação, como a escola e especialistas em literatura infantojuvenil; ganhadoras de prêmios literários (Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Prêmio Hans Christian Andersen, Prêmio Jabuti, Prêmio Literário Biblioteca Nacional etc.); autoria já consagrada pelas instâncias de legitimação, por exemplo, os autores Ana Maria

⁴⁰ "A sociedade do livro exigiu a consolidação de aparelhos encarregados de disseminarem a escrita, dependente do uso de material impresso. Para exercer esse papel, reciclou-se uma instituição já utilizada por gregos e romanos, mas de desempenho bem discreto até o século XVI - a escola. Ela não apenas se universalizou, mas foi-se tornando obrigatória e estabelecendo como norma certo comportamento de entrada do estudante: sua primeira tarefa é aprender a ler e a escrever, convertendo-se desde o começo no consumidor de textos apoiados na redação" (ZILBERMAN, 2001, p. 108).

Machado, Eva Furnari, Pedro Bandeira, Roseana Murray, Ruth Rocha, Sylvia Orthof etc.

Por esse viés, a literatura de “massa” infantojuvenil são os textos literários apreciados pelo campo editorial, por exemplo, pela boa vendagem, mas que não receberam aprovação das outras instâncias de legitimação. Literatura produzida por atores e apresentadores televisivos famosos, youtubers, líderes religiosos etc.

Em ambos os casos, cabe ao bibliotecário-narrador selecionar as obras a serem mediadas de forma democrática, pois o leitor-ouvinte não pode ser privado de ouvir as vozes sociais contidas nas obras.

A respeito da seleção de obras infantojuvenis de qualidade para mediação oral, recomendamos a consulta das seguintes obras: *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*, de Regina Zilberman (2005) que cita vários autores/obras que marcaram a história da literatura infantojuvenil brasileira desde seu aparecimento no País, no final do século XIX, advindo de traduções, adaptações de obras destinadas ao público adulto e da oralidade da tradição popular para o texto escrito; *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*, de Ana Maria Machado (2002); e *Deixem que Leiam*, de Geneviève Patte (2012), que apresenta títulos diversos voltados ao público infantojuvenil. As duas primeiras obras apresentam índice de autores e títulos citados.

Com base no supracitado, independente de qualquer dicotomia, a literatura é um gênero do discurso (BAKHTIN, 2016) que possui infindáveis poderes atribuídos tanto pelo senso comum quanto por teóricos.

Candido (2004, p. 180) defende que a literatura é um direito de todos e pode levar o leitor à humanização, pois “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”.

Compagnon (2009, p. 31, 33, 37, 41) ao discorrer sobre a literatura francesa moderna e contemporânea no século XXI atribui os seguintes poderes à literatura: “[...] instrui deleitando [...]”; “[...] liberta o indivíduo de sua sujeição às autoridades [...]” e “[...] o cura, em particular, do obscurantismo religioso [...]”; “[...] corrige os defeitos da linguagem [...]” porque “[...] fala a todo o mundo, recorre à língua comum, mas [...] faz desta uma língua particular - poética ou literária”; e, por fim, o poder é o “[...] exercido sobre ela mesma”.

Patte (2012) também exalta os poderes da literatura ao expor suas experiências na França e em outros países, onde confere à leitura literária, em especial a infantojuvenil por tratar de bibliotecas para crianças, o poder de ser prazerosa ao mesmo tempo que contribuidora na transformação do sujeito desde a mais tenra idade, pois permite, entre outros aspectos, o encontro com o outro:

O livro é objeto. A leitura é experiência. O livro ilustrado se entrega ao leitor com palavras e desenhos. Na confusão e na violência de sentimentos que o habitam, o ritmo do livro, ao longo das páginas, lhe traz ordem, paz e serenidade. Assim, a obra se oferece ao partilhamento e à transmissão. A leitura é o encontro com o outro (PATTE, 2012, p. 127).

Petit (2010) igualmente dota a leitura literária de poderes onde é vista, especialmente em momentos de crises pessoais (desemprego, luto, desilusão amorosa, prisão etc.) e coletivas (guerras, atentados, repetidas violências, recessões econômicas etc.), como contribuidora do bem-estar e reconstrutora do sujeitos, um auxílio para resistir às adversidades, pois “não é apenas no momento de desarranjos internos que os livros servem de auxílio, mas também quando acontecem crises que afetam simultaneamente um grande número de pessoas” (PETIT, 2010, p. 18).

O poder conferido à literatura é terapêutico:

A literatura, em particular, sob todas as suas formas (mitos e lendas, contos, poemas, romances, teatro, diários íntimos, histórias em quadrinhos, livros ilustrados, ensaios - desde que sejam ‘escritos’), fornece um suporte notável para despertar a interioridade, colocar em movimento o pensamento, relançar a atividade de simbolização, de construção de sentido, e incita trocas inéditas (PETIT, 2010, p. 284).

Zilberman (2001, p. 55) atribui à literatura uma função social: “[...] porque propicia um tipo de leitura que produz uma ruptura no interior das vivências do sujeito, apontando-lhe as possibilidades de outro universo e alargando suas oportunidades de compreensão do mundo”.

As defesas supracitadas mostram a importância desse gênero do discurso para a sociedade, logo, onde não há literatura, o bibliotecário pode levá-la como mediador oral voluntário ou firmar parcerias (PATTE, 2012; PETIT, 2010) visto a escassez de bibliotecas públicas no País apresentados pelo *Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas* (BRASIL, 2015).

Patte (2012, p. 63) ressalta que “é importante para a biblioteca sair de suas paredes e, com pequenas coleções de livros escolhidos com cuidado e um mediador pronto para lhes dar vida, estar presente onde quer que se encontrem e vivam crianças e adolescentes”. Acrescenta-se a estes também jovens, adultos, idosos etc., pois o bibliotecário-narrador deve garantir os *Dez Direitos do Leitor* (PENNAC, 1995, p. 139), conforme listado no quadro 07 abaixo:

Quadro 07 - Dez direitos do leitor

Dez direitos do leitor, de Pennac	Dez direitos do leitor-ouvinte
1) O direito de não ler.	1) O direito de não participar de encontros narrativos.
2) O direito de pular páginas.	2) O direito de sair de um encontro narrativo e voltar.
3) O direito de não terminar um livro.	3) O direito de não participar de um encontro narrativo até o final.
4) O direito de reler.	4) O direito de participar de vários encontros narrativos onde seja mediado uma obra lida.
5) O direito de ler qualquer coisa.	5) O direito de participar de qualquer encontro narrativo, considerando a indicação de faixa etária, caso tenha.
6) O direito ao bovarismo.	6) O direito de ouvir histórias, abandonar temporariamente a vida real para se transportar para a realidade de uma obra literária, de um personagem, da forma que quiser.
7) O direito de ler em qualquer lugar.	7) O direito de ler de ouvido na biblioteca, na escola, na praça, no hospital, no asilo etc., onde houver encontro narrativo.
8) O direito de ler uma frase aqui e outra ali.	8) O direito de ouvir uma parte da história aqui, outra ali.
9) O direito de ler em voz alta.	9) O direito de utilizar a própria voz, também ser um leitor-narrador.
10) O direito de calar.	10) O direito de não falar sobre os enunciados recebidos em um encontro narrativo.

Fonte: A autora (2020).

Apesar do advento dos meios de comunicação de massa e/ou entretenimento, entre os mais populares o rádio e a televisão, que proporcionaram uma revolução na transmissão e modos de produção da cultura erudita e cultura

popular, Santaella (2008, p. 56) aponta que apenas “borraram” a divisa, mas não apagaram a existência da dicotomia entre literatura erudita e literatura de massa:

Não obstante o poder de que se revestem, contra todos os prognósticos, os meios de massa não levaram as formas mais tradicionais de cultura, a cultura superior, erudita, e as culturas populares, ao desaparecimento. Provocaram, isto sim, recomposições nos papéis, cenários sociais e até mesmo no modo de produção dessas formas de cultura, assim como borraram suas fronteiras, mas não apagaram sua existência.

Cabe lembrar que a linguagem televisiva, por exemplo, equilibra o erudito ao palato geral. Um exemplo é a minissérie *Os maias* “[...] baseada em romance homônimo do escritor português Eça de Queiroz” (MEMÓRIA GLOBO, c2020). Em contrapartida, há obras pertencentes à literatura de massa que ao serem adaptadas para televisão, foram direcionadas a um público mais erudito, conforme atesta Pantoja (2012).

A exemplificação mostra como há vozes sociais no gênero do discurso literário, transformando-o em um campo de interesses distintos. Por isso, a literatura não deve ser incentivada apenas pela faceta de cunho recreativo, prazeroso, lúdico etc. A literatura está impregnada de enunciados que geram algum tipo de resposta nos leitores, catalisa diálogos, além de ser incentivada e combatida por sujeitos/instituições e seus múltiplos sujeitos que influenciam direta ou indiretamente os encontros narrativos devido à essa focalização na literatura, assunto da próxima seção.

6 ENUNCIADORES LITERÁRIOS

A partir do estudo dos gêneros do discurso de Bakhtin (2016) e da dicotomia entre literatura erudita e literatura de massa, é possível identificar sujeitos/instituições e seus múltiplos sujeitos que influenciam direta ou indiretamente os encontros narrativos pelo foco na literatura. Todavia, não há como enumerar todos os enunciadores porque o leitor, desde o nascimento até a morte, por viver em sociedade, está rodeado por inumeráveis enunciadores e, mesmo sem perceber, recebe enunciados em cada campo que participa aos quais concorda ou discorda.

Os leitores que participam da mediação oral da literatura trazem consigo uma “bagagem” de enunciados adquiridos ao longo da vida. Os encontros na biblioteca são apenas um dos incontáveis campos que o sujeito participa. Por isso, são elencados nas subseções 6.1 a 6.6 sujeitos/instituições e seus múltiplos sujeito - que se entrelaçam - que podem influenciar direta ou indiretamente os encontros narrativos: meios de comunicação de massa e/ou entretenimento, a família, o Governo, as instituições de ensino, as instituições religiosas e o mercado editorial.

6.1 MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA E/OU ENTRETENIMENTO

A televisão, o rádio, os jornais, as revistas, a internet com suas múltiplas possibilidades, entre outros meios de comunicação de massa e/ou entretenimento são enunciadores⁴¹, sob a ótica bakhtiniana (BAKHTIN, 2016), que juntamente com os livros disputam a atenção do leitor. No início, esses meios eram destinados a públicos específicos e restritos, mas no decorrer da história, foram ampliados para sujeitos afins.

Uma das razões do brasileiro ter mais familiaridade com esses veículos enunciativos do que com os livros advém de questões históricas. A linguagem verbal escrita dos jornais e revistas, por exemplo, só atingiam os alfabetizados. A linguagem verbal oral e linguagem não verbal do rádio e da televisão abraçou todos os públicos e conquistaram seu lugar como veículo de comunicação e também de entretenimento.

⁴¹ Em cada um desses campos há sujeitos sociais, múltiplas vozes que enunciam através dos meios de comunicação de massa e/ou entretenimento e o leitor responde aos seus enunciados de forma positiva ou negativa. O sujeito não é passivo diante de nenhum enunciado.

Assumção (2008) aponta que esse distanciamento do brasileiro da cultura escrita é pelo fato do País ter possuído colonizadores com pouca propensão cultural e povos originários e escravizados onde inexistia a cultura da escrita⁴². Outro fator é advindo do mercado editorial, pois

A impressão só chegou ao País em 1808, com a imprensa real, porém direcionada para a fabricação de documentos e livros oficiais [...] E por essa razão, com bem poucas exceções, a difusão do livro no País inicia-se apenas no século 20, e é acessada quase exclusivamente por uma camada muito pequena da população. Os demais brasileiros amargavam o empobrecimento, resultado de um dos mais longos períodos de escravidão do mundo ocidental (ASSUMÇÃO, 2008, p. 86).

Por isso, a seguir, com um recorte histórico *não exaustivo*, do Brasil, são apresentados alguns meios de comunicação de massa e/ou entretenimento que chegaram ao País e que, somado aos livros, fazem parte do cotidiano dos cidadãos e estão de certa forma interligados, pois cada um desses veículos apareceu e permaneceu, enquanto outros surgiam e ainda estão presentes na contemporaneidade, alguns sob nova roupagem.

Logo, cabe ao mediador oral da literatura entender que esses veículos não são inimigos da escrita ou da literatura, mas fazem parte da sociedade, não deixarão de enunciar aos leitores e podem ser aliados dos encontros narrativos, do incentivo à leitura literária.

No entanto, há de se destacar que, a primeira biblioteca pública da América Latina data de 1811 (AZEVEDO, 2012) e Lajolo e Zilberman (1999, p. 18) afirmam que,

Só por volta de 1840 o Brasil do Rio de Janeiro, sede da monarquia, passa a exibir alguns dos traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora: estavam presentes os mecanismos mínimos para produção e circulação da literatura, como tipografias, livrarias e bibliotecas; a escolarização era precária, mas manifestava-se o movimento visando à melhoria do sistema [...].

⁴² “[...] os povos europeus que colonizaram o Brasil – em sua maioria, portugueses e habitantes do sul daquele continente [...] provêm de culturas em que a prática da leitura se desenvolveu com mais lentidão do que na Europa Central e do Norte. Também esses são países com menos leitores culturais, afinal esses decorrem diretamente do transbordamento de uma educação que, nos países do sul da Europa, desenvolveu-se de forma diferente do que no Norte. Soma-se a esse fato o de que, no Brasil, o processo de formação do País ocorre, principalmente, com base nas culturas desses europeus pouco alfabetizados e de dois povos de cultura oral: os indígenas, originários, e os africanos, trazidos pela escravidão” (ASSUMÇÃO, 2008, p. 85).

O primeiro meio de comunicação de massa e/ou entretenimento abordado é o teatro. No Brasil, inicialmente de cunho religioso, foi utilizado pelos jesuítas no século XVI para catequizar os indígenas e também os colonos. A primeira peça *Diálogo sobre a Conversão do Gentio*, do padre Manuel da Nóbrega, foi encenada em 1557 com o objetivo de “[...] convencer os próprios jesuítas do significado humano e cristão da catequese” (PRIMEIRAS, c2020). O teatro permanece na contemporaneidade, mas com temática generalista. Um exemplo é a peça *Auto da Compadecida*, do escritor Ariano Suassuna, que, além de encenada, foi adaptada para linguagem televisiva e exibida nos cinemas. Está disponível no formato livro, DVD, ambientes digitais, entre outros suportes.

Outro meio popular entre os brasileiros é o jornal⁴³ que chegou ao Brasil no século XIX e continua com formato impresso, mas possui versões digitais. O *Correio Braziliense* e o *Gazeta do Rio de Janeiro* chegaram em terras brasileiras em 01 de junho e 10 de setembro de 1808, respectivamente:

Considerado por alguns estudiosos como primeiro jornal brasileiro, o Correio Braziliense ou Armazem Litterario foi publicado em Londres durante 14 anos (junho de 1808 a dezembro de 1822), num total de 175 números, chegando ao Brasil, pelos tempos de viagem marítima da época, entre 45 a 90 dias depois [...]. Era dividido em quatro seções gerais: Política, Comércio e Artes, Literatura e Ciência e, ainda, Miscelânea (que se subdividia em Correspondência e Reflexões). A circulação do Correio era formalmente proibida e perseguida no Brasil e em Portugal, o que não impediu que circulasse, inclusive entre as autoridades [...] (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2001).

Referente a *Gazeta do Rio de Janeiro*, Brasil (2015) explicita que: “lançada a 10 de setembro de 1808, no Rio de Janeiro (RJ), a *Gazeta do Rio de Janeiro* foi o órgão oficial do governo português durante a permanência de Dom João VI no Brasil”. Atualmente, há diversos jornais circulando pelo País, em formato impresso e digital, com seções destinadas à cultura e ao entretenimento. O livro, a leitura e o leitor também aparecem nesse tipo de mídia, conforme estudo de Castro (2007).

A revista também chegou ao Brasil no século XIX e na contemporaneidade, similarmente ao jornal, é ofertado ao público em formato impresso e digital. Há revistas para crianças, adolescentes, jovens e adultos, com temáticas

⁴³ A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-livro (2016, p. 129), aponta que “A leitura de outros materiais, como jornais, é mais frequente que a leitura de livros propriamente dita”. Esse dado demonstra que os leitores reais e potenciais dos encontros narrativos podem ser leitores de outros suporte da escrita, não apenas do livro.

especializadas ou generalistas, e também abarcam em seu conteúdo assuntos relativos à mídias, como a televisão, e o próprio livro, conforme pesquisa de Castro (2008). Moura (2011, grifo do autor) aclara que,

Na Bahia, no ano de 1812, surgiu a primeira revista não oficial do país lançada pelo jornal *Idade d'Ouro do Brasil*. A publicação tinha como título: *As Variedades ou Ensaios de Literatura*. Ambos, o jornal e a revista, foram criados na tipografia de Manuel Antonio da Silva Serva, publicados sob a proteção do Conde dos Arcos. Os redatores eram Diogo Soares da Silva de Bivar e o padre Ignácio José de Macedo. A linha editorial era conservadora e, portanto, defendia o absolutismo monárquico português.

Com relação ao cinema, Ebert (c2018), comunica que a primeira exibição cinematográfica em terras brasileiras ocorreu em 19 de junho de 1896, mas somente “no início do século ocorre uma verdadeira explosão cinematográfica no Rio de Janeiro. Entre 9 de agosto e 31 de dezembro de 1907, nada menos que 22 salas de exibição são inauguradas”. Na atualidade, podemos prestigiar diversas obras cinematográficas baseadas em obras literárias, seja nacional ou estrangeira, enunciando aos espectadores. Um exemplo é o filme biográfico *O contador de histórias*, baseado no livro infantil com título homônimo, do autor Roberto Carlos Ramos. Do formato livro a obra foi para os cinemas, exibida na televisão e disponibilizada em outras mídias.

O folhetim, publicado no rodapé de jornais⁴⁴ e posteriormente no formato livro, também chegou ao Brasil no século XIX, conforme Sodré (1988), dentre outros motivos, para catalisação da venda dos jornais. Contudo, com a chegada do rádio e depois da televisão, o folhetim impresso cedeu espaço para o folhetim radiofônico e televisivo (as telenovelas), pois “com o advento do rádio e da televisão, o *marketing* passa a auscultar as preferências folhetinescas do público” (SODRÉ, 1988, p. 62, grifo do autor). Logo, ao invés de incentivar a compra de jornais, os folhetins nessas novas mídias atraíram investidores interessados na venda de seus próprios produtos. O principal público atingido pelo folhetim impresso eram os alfabetizados, do

⁴⁴ Na Hemeroteca Digital Brasileira (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, c2020), é possível consultar folhetins no rodapé de jornais devido à digitalização desses periódicos. No acervo dessa hemeroteca, “[...] pesquisadores de qualquer parte do mundo passam a ter acesso, inteiramente livre e sem qualquer ônus, a títulos que incluem desde os primeiros jornais criados no país – como o *Correio Braziliense* e a *Gazeta do Rio de Janeiro*, ambos fundados em 1808 – a jornais extintos no século XX, como o *Diário Carioca* e *Correio da Manhã*, ou que não circulam mais na forma impressa, caso do *Jornal do Brasil*”.

folhetim radiofônico e televisivo, alfabetizados e não alfabetizados. O público foi expandido.

O rádio, de acordo com a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (2013), chegou oficialmente no Brasil em 7 de setembro de 1922. A primeira novela radiofônica nacional, *Em busca da felicidade*, de Leandro Branco e Gilberto Martins, foi ao ar em 1941 (SODRÉ, 1988). Seguindo os moldes de produção do folhetim impresso. Na contemporaneidade, o rádio permanece como uma mídia apreciada e, entre suas programações, há incentivo à leitura literária, como a Rádio MEC (EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO, 2020).

A televisão, pioneira em preferência, conforme aponta a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-Livro (2016), chegou ao Brasil em 18 de setembro de 1950, com transmissão em preto e branco. Logo após, em 21 de dezembro de 1951, foi ao ar a primeira telenovela *Sua vida me pertence*, escrita, dirigida e protagonizada por Walter Forster, “[...] onde aconteceu o 1º beijo da televisão, entre Walter Forster e Vida Alves”, os personagens principais da telenovela. A primeira transmissão em cores no Brasil ocorreu em 1972 (MUSEU DA TV, [1995?]).

Sodré (1988, p. 65) afirma que “a televisão sintetizou, em suas diversas formas de teledrama (seriados, telenovelas etc.), toda a experiência do livro, do cinema, do teatro, do rádio, intensificando a fascinação dos efeitos visuais”. Além do mais, Santaella (2008, p. 56) anuncia que “a televisão, com seu apetite voraz, devoradora de quaisquer formas e gêneros de cultura, tende a diluir e neutralizar todas as distinções geográficas e históricas, adaptando-as a padrões médios de compreensão e absorção”.

Pantoja (2012) exemplifica essa absorção televisiva ao mostrar como os contos populares compilados por Câmara Cascudo e Sílvio Romero - do oral para o escrito - passaram por releituras para serem transformados na microssérie *Hoje é Dia de Maria*, linguagem audiovisual, sob direção de Luiz Fernando Carvalho, exibida no horário noturno e destinada a um público seletivo, não popular⁴⁵.

O último meio de comunicação de massa e/ou entretenimento apresentado é a internet que faz parte do cotidiano de múltiplos sujeitos e chegou ao Brasil,

⁴⁵Em nota, Pantoja (2012, p. 121) esclarece que: “a grade televisiva brasileira em rede aberta reserva os horários posteriores às 22h a produções destinadas aos públicos A e B, em tese, detentores de maior poder aquisitivo e número de anos de estudo formal”.

inicialmente, para um público restrito e atrelado à questões educacionais. Atualmente, é uma mídia que incorpora tanto a comunicação quanto o entretenimento de forma variada. Nela é possível ler um livro em linguagem verbal escrita; ser um leitor-ouvinte em um encontro narrativo online; ouvir a voz do contador de histórias no formato áudio; assistir uma contação de histórias em LIBRAS⁴⁶; assistir uma obra literária adaptada para linguagem televisiva, cinematográfica, teatral; utilizar um leitor de textos online para ouvir, mesmo de forma mecanizada, uma obra literária; conversar com conhecidos e desconhecidos sobre obras literárias em redes sociais etc.

Segundo a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (2018):

A internet chegou ao Brasil em 1988 por meio da Bitnet, uma rede de universidades fundada em 1981 e que ligava a Universidade da Cidade de Nova York (CUNY) à Universidade Yale, em Connecticut. Ela conectava, por meio de um fio de cobre dentro de um cabo submarino, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) ao Fermilab, laboratório de física especializado no estudo de partículas atômicas, que ficava em Illinois, nos Estados Unidos.

Contudo, somente "a partir de 1994, a internet se desloca da academia e começa a ser comercializada"; e, "em maio de 1995, o serviço se torna definitivo no país e o Ministério das Comunicações decide pela exploração comercial, tornando a internet tendência no país e a popularizando cada vez mais" (FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2018).

A respeito dessa popularização, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-livro (2016), aponta que o uso da internet figura como preferência entre os leitores e não leitores quando comparado aos livros. Além disso, a pesquisa (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p. 130) indica que:

⁴⁶ A série *Contação de Histórias*, do INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos (c2020), por exemplo, "[...] visa tornar acessível a literatura infantil e juvenil para a comunidade surda de todas as idades. Cada animação contempla autores e ilustradores nacionais traduzidos em Língua Brasileira de Sinais". As histórias, contadas em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), com legenda em português (linguagem verbal escrita) e leitura em voz alta (linguagem verbal oral) podem ser acessadas na página do Instituto ou através do seu canal no YouTube.

O tempo livre dos brasileiros está cada vez mais ocupado por uma variedade de atividades, com destaque em 2015 para o uso da Internet e outras atividades no computador ou no telefone celular (como redes sociais, WhatsApp, etc), fenômeno observado tanto entre não leitores quanto entre leitores (a diferença é que os últimos ocupam seu tempo livre de maneira mais variada que os primeiros, o que está associado à escolaridade e ao perfil de renda).

Apesar de tudo, não foi a chegada ou convivência com esses meios de comunicação de massa e/ou entretenimento que distanciaram o leitor do texto escrito dos livros. Há inúmeros fatores para esse resultado.

Assumção (2008, p. 86) cita, entre outras questões, a peculiaridade de formação de leitores no Brasil, mesclada pelo analfabetismo e desigualdade social, que impossibilita aos pobres, a maioria da população, o acesso à cultura escrita:

O fato é que, apesar da rica cultura oral, corporal e visual dos brasileiros, convive-se no País também com o resultado da herança de analfabetismo e da manutenção da exclusão da maioria da população à educação, ao letramento e ao cultivo do pensamento humanístico e científico, já que a dimensão escrita da palavra foi pouco acessada ou cultivada, em escala social, por vários motivos. A fraca e rara ilustração que chegou ao País restringiu-se quase exclusivamente às elites carioca, paulistana, pernambucana e baiana, entre alguns outros focos pontuais. Apesar de intensa nesses locais, o restante do Brasil amargou um distanciamento das letras e das humanidades até, praticamente, o século 20. Com escolas e universidades insuficientes, também a leitura cultural teve poucos ambientes para se desenvolver em nosso território.

Assumção (2008, p. 88, grifo do autor) também declara que:

[...] o Brasil chega ao século 21, época de grande difusão do audiovisual, ainda com um enorme *déficit* em temas de prática leitora. Como ressalta Nelson Werneck Sodré⁴⁷ em *Síntese de História da Cultura Brasileira*, atropelados pela cultura de massa, ainda desde a metade do século 20, a relação dos brasileiros com o audiovisual é, na verdade, anterior à sua relação com o livro e a leitura. No Brasil, há, conforme Werneck Sodré, uma antecedência do rádio e do cinema na comparação com o livro. Assim, o brasileiro passou, sem mediação, da oralidade para a cultura audiovisual, ou seja: tem acesso a uma tecnologia mais avançada de gravação antes de sua precedente e sem a qual, poderíamos dizer, está mais apto a *ver* as imagens do que propriamente *lê-las*.

Logo, “o fato é que o Brasil herda uma falta de relação cultural com o livro e ingressa no século 21 no pleno convívio com outras tecnologias de gravação e reprodução, em especial a televisão” (ASSUMÇÃO, 2008, p. 91).

⁴⁷ Nelson Werneck Sodré - historiador.

Tais apontamentos confirmam que “[...] ler não é um hábito, mas sim uma prática que depende da história e das políticas que transformam a presença do livro em algo real, em objeto comum na cultura cotidiana de qualquer pessoa” (CASTRO, 2014a). O sujeito só pode responder afirmativamente ou negativamente aos enunciados sobre a leitura dos livros, ou qualquer outro suporte da palavra, se lhes for ativamente enunciado. Por isso, a importância dos mediadores orais da literatura.

Os meios de comunicação de massa e/ou entretenimento também trouxeram para o interior da própria literatura certos questionamentos. Santaella (2008) declara que a cultura de massas⁴⁸ mesclou dentro de si a cultura erudita da elite e a cultura popular, bem definidas até meados do século XIX, apagando de certa forma a divisa entre ambas e, com o surgimento de novos meios de consumo cultural, uma nova problemática apareceu. Não havia clareza sobre o que era erudito, popular ou massivo, principalmente,

a partir dos anos 80, com o surgimento de novas formas de consumo cultural propiciadas pelas tecnologias do disponível e do descartável: as fotocopiadoras, videocassetes, vídeos, videogames, o controle remoto, seguido pela indústria dos CDs e a TV a cabo, ou seja, tecnologias para demandas simbólicas heterogêneas, fugazes e mais personalizadas (SANTAELLA, 2008, p. 52).

Logo, nasceu uma dinâmica diferenciada da lógica da cultura de massas onde poucos produziam para uma massa que apenas consumia os produtos oferecidos, porque “[...] a cultura das mídias inaugurava uma dinâmica que, tecendo-se e se alastrando nas relações das mídias entre si, começava a possibilitar aos seus consumidores a escolha entre produtos simbólicos alternativos” (SANTAELLA, 2008, p. 53), ou seja, a informação começou a ser disponibilizada em canais diferenciados, em mídias diferentes, “[...] partindo do rádio e televisão, continuam nos jornais, repetem-se nas revistas, podendo virar documentário televisivo e até filme ou mesmo livro”.

⁴⁸ Santaella (2008, p. 13) declara que tem “[...] utilizado uma divisão das eras culturais em seis tipos de formações: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura de mídias e a cultura digital [...] pautadas na convicção de que os meios de comunicação, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, embora, efetivamente, não passem de meros canais para a transmissão de informação, os tipos de signos que por eles circulam, os tipos de mensagens que engendram e os tipos de comunicação que possibilitam são capazes não só de moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também de propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais”.

Com isso, coabitam os ambientes eruditos e populares, pois esses meios massivos são ligados à dinâmica de mercado e não às instâncias de legitimação, como, por exemplo, as instituições de ensino.

Ademais, Santaella (2008, p. 53) traz as seguintes reflexões que apontam esses meios de comunicação de massa e/ou entretenimento como catalisadores do consumo de outras formas culturais:

Quantos livros não explodiram em vendas, depois de terem sido adaptados para o cinema, ou para uma novela de TV? Quantos são aqueles que assistem novamente a um concerto pela TV porque já o viram ao vivo? Quantos CDs são vendidos depois de um show ao vivo ou televisionado? Enfim, as mídias tendem a se engendrar como redes que se interligam e nas quais cada mídia particular - livro, jornal, TV, rádio, revista etc. - tem uma função que lhe é específica. É a cultura como um todo que a cultura das mídias tende a colocar em movimento, acelerando o tráfego entre suas múltiplas formas, níveis, setores, tempos e espaços.

Santaella (2008, p. 57-58) também coloca os meios de comunicação de massa e/ou entretenimento como aliados da cultura de uma forma geral, incluindo os livros:

[...] os meios de comunicação - jornal, revista, rádio, TV -, além de serem produtores de cultura de uma maneira que lhes é própria, são também os grandes divulgadores das outras formas e gêneros de produção cultural. Assim, o jornal como meio de registro, comentário e avaliação dos fatos cotidianos é um produtor de cultura, mas, ao mesmo tempo, é também um divulgador das formas e gêneros de cultura que são produzidos fora dele, tais como teatro, dança, cinema, televisão, arte, livros etc. Do mesmo modo, a televisão, queira-se ou não, é também produtora cultural, uma cultura que mistura entretenimento, farsa, informação e educação informal, funcionando ao mesmo tempo como o mais almejado meio de difusão da cultura, dado o alcance de público que ela pode atingir.

Portanto, com base nos estudos de Castro (2007), é possível afirmar que precisamos ampliar nossa visão com relação ao livro/leitura/leitor/literatura para lutar não por um sujeito que tenha a rotina de decodificar textos escritos, literários ou não, mas sim um leitor múltiplo, leitor responsivo dos variados enunciados disponíveis na sociedade. O diálogo com os enunciados escritos dos livros é apenas um, entre outros enunciados, que deve ser incentivado.

Então, as ações de estímulo à leitura não podem se estagnar no tempo com relação ao desejo de que o leitor leia apenas livros e, implicitamente, abandonem a televisão, o rádio, o cinema, a internet etc. - produtos da sociedade - por serem

considerados desincentivadores da “verdadeira leitura” que está nos livros em linguagem verbal escrita aprovados pelas instâncias de legitimação.

Raras exceções de estímulo à múltiplas leituras são fornecidas pelas bibliotecas parque, incentivadoras de leituras afins por recepcionarem em seus espaços outras linguagens, como a cinematográfica, televisiva, teatral etc.

Além desses enunciadores, a família, tema da próxima subseção, também influencia direta ou indiretamente os encontros narrativos.

6.2 FAMÍLIA

O sujeito leitor, seja o narrador ou o ouvinte, recebe, em geral, os primeiros enunciados no interior da própria família. Da mãe, do pai, da avó, do avô, dos primos e primas, entre outros membros da árvore genealógica.

Além disso, esses familiares, por viverem em sociedade, também recebem enunciados de outros sujeitos. O pai pode ser machista e impedir aos filhos leituras consideradas feministas. A tia religiosa pode proibir leituras com bruxas, gnomos ou com qualquer crença contrastante com a religião que professa. A leitura literária pode ser considerada desvirtuante dos bons costumes e na família ser autorizada apenas a leitura considerada utilitária, como as advindas de livros didáticos, por exemplo. Com relação ao último aspecto, concordamos com Petit (2009, p. 28) que “[...] não se deve opor a leitura considerada instrutiva àquela que estimula a imaginação. Uma e outra, uma aliada à outra, podem contribuir para o pensamento, que necessita lazer, desvios, passos fora do caminho”.

Contudo, não são raros os casos onde a família intervém sobre determinadas leituras, como as escolares, denunciando professores por mediarem determinados livros; ou impedindo a compra de obras consideradas nocivas etc.

Entretanto, como apregoado por Bakhtin (2016), o sujeito, por não ser passivo, pode responder afirmativamente ao enunciado proibitivo e não ler determinadas obras, perpetuando enunciados familiares; ou pode responder negativamente e ler tais obras, rompendo com os enunciados familiares como alguns exemplos de leitores retratados por Lajolo e Zilberman (1999) onde ler escondido determinadas obras se resumia em liberdade e felicidade, como o escritor Graça Aranha que fugia para o telhado ou escondia-se no mirante para ler seus

livros preferidos; Brito Broca⁴⁹ que sofreu uma leve censura familiar devido às leituras de Júlio Verne; Mário de Andrade que lia escondido obras não homologadas pela escola e pela família; Graciliano Ramos que procurava lugares escondidos para ler seus livros preferidos; Maria Helena Cardoso⁵⁰ que lia escondida porque a mãe confiscava-lhe as leituras, entre outros exemplos.

Nesse aspecto, Petit (2009, p. 173) aponta a posição dupla do bibliotecário em mediar oralmente, mas não impedir esses momentos de leitura clandestina: “observo que é muito delicado para um bibliotecário ter sempre em mente um duplo aspecto: por um lado, a importância de compartilhar, de conversar sobre os livros; por outro, a importância do secreto, da dimensão transgressora da leitura”.

Portanto, como os enunciados são formadores da nossa consciência, os enunciados familiares podem inibir a escolha de determinadas obras pelo leitor-narrador, deixá-lo desconfortável em mediá-la como se fosse um transgressor ou que faça a mediação com audácia rompendo com enunciados familiares. Como exemplo, o mediador oral pode não mediar literatura de cordel porque recebeu enunciados familiares xenófobos e ser xenófobo ou apesar de ter recebido enunciados xenófobos, não ser xenófobo e mediar tais obras desconsiderando os enunciados familiares.

Igualmente, o leitor-ouvinte pode aceitar ou não determinadas mediações devido aos enunciados familiares recebidos, tais como: a minha mãe disse que fadas são do diabo. Não quero ouvir nenhuma história com fadas; o meu avô disse que fantasmas não existem. Por isso, prefiro uma história mais realista; não gostei dessa história, pois a obrigação da mulher é cuidar dos filhos, como meu primo disse. Além desses exemplos, o leitor-ouvinte pode vaiar, xingar, processar etc. os mediadores por considerar a obra mediada ofensiva, entre outros aspectos, a crença, a tradição, a cultura etc. recebida no ambiente familiar.

O uso da palavra do outro, entre outros aspectos, para justificar determinados posicionamentos do sujeito social é algo corriqueiro. O tema do discurso citado é abordado por Castro (2014b, p. 61), pois "como diz Bakhtin no seu debate sobre o

⁴⁹ “José Brito Broca, um dos maiores críticos literários e historiadores culturais no Brasil no século XX, nasceu em Guaratinguetá, Estado de São Paulo, em 6 de outubro de 1903 e morreu no Rio de Janeiro em 1961” (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, [20--?]).

⁵⁰ Maria Helena Cardoso - Escritora. Irmã do escritor Lúcio Cardoso (REMÍGIO, 2005).

romance⁵¹, a relevância da palavra citada do outro é tão grande em nossas vidas que mais da metade de nossas palavras vêm do outro, da referência a ele, da ressonância de sua voz, da citação de sua palavra".

Zilberman (2001, p. 33-34) exemplifica um enunciado familiar através da própria literatura, onde a sogra da personagem fictícia Emma Bovary, na obra *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, proíbe-lhe leituras por considerá-las perniciosas. Segue trecho da obra onde a sogra, com o apoio do esposo de Emma, decidiu impedir a leitura de romances:

[...] ficou resolvido que impediriam Emma de ler romances. A empresa não parecia nada fácil. A empregada encarregou-se: devia, quando passasse por Rouen, ir pessoalmente ver o senhor que alugava livros e comunicar-lhe que Emma cessaria suas assinaturas. Não teriam o direito de advertir a polícia, caso o livreiro ainda persistisse com seu ofício de envenenador? (FLAUBERT, 2003).

Manguel (1997, p. 322, grifo do autor) cita o caso de pais que levaram, em 1980, aos tribunais uma escola pública, do Condado de Hawkins (Tennessee), pois "[...] argumentavam que toda uma série de livros da escola elementar, que incluía *Cinderela*, *Cachinhos de ouro* e *O mágico de Oz*, violava suas crenças religiosas fundamentalistas".

Dini (2018) apresenta enunciados negativos de uma mãe sobre o livro *O menino que espiava pra dentro*, da autora Ana Maria Machado, pois ao ser indagada pelo filho sobre um trecho da obra onde é apresentado a entrada do personagem no mundo da imaginação através do engasgo com uma maçã, a mãe toma a atitude de compartilhar nas redes sociais que a obra incita o suicídio, gerando uma avalanche de respostas a favor e contra a escritora. Dentre os defensores da autora, constam pais, apreciadores da literatura infantojuvenil e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) que, em 2018,

⁵¹ "Ainda que o objeto privilegiado nos estudos de Bakhtin tenha sido o romance, vale lembrar que o alvo de seu interesse teórico eram as formações da prosa na vida cotidiana com todas suas imperfeições, não acabamentos, efemeridade e aspectos grotescos. Tudo isso Bakhtin descobriu representado no romance, que lhe parecia um gênero rebelde demais para caber numa estrutura pré-determinada. E olhe que Bakhtin amparou suas observações em análises de uma longa e diversificada tradição produtiva" (MACHADO, 2018, p. 163).

[...] divulgou em sua página do Facebook o apoio à autora Ana Maria Machado, reconhecendo-a como “uma de nossas maiores autoras, vencedora do Prêmio Hans Christian Andersen do IBBY e do Prêmio Ibero-Americano de Literatura Infantil e Juvenil da Fundação SM, e referência na literatura para crianças e jovens no Brasil e no mundo”.

Outro enunciado familiar influenciador é a importância dada à leitura literária dentro do escopo familiar. Caso no âmbito familiar a literatura seja tratada com desprezo por ser considerada inútil se não for para fins estudantis ou profissionais, quais enunciados o bibliotecário transmitirá - independente da tipologia de biblioteca - aos leitores, caso responda afirmativamente a esse tipo de enunciado? Talvez que existem leituras mais proveitosas do que a literária, como as classificadas como “utilitárias”. Que o mais importante é ler apenas o que consta na bibliografia recomendada pela escola/academia/cursos/professor para obter um bom desempenho em provas, em processos seletivos profissionais ou acadêmicos, entre outros exemplos. Com isso, afastando-o de atividades relacionadas à mediação literária, como os encontros narrativos.

Será esse um dos motivos de tantos bibliotecários optarem mais pelo enfoque técnico, tecnológico, gerencial e político da profissão e menos pelo enfoque social da mediação literária? Ou será devido ao fato de não lerem literatura porque não foram estimulados no seio familiar? De qualquer forma, concordamos com Castrillón (2011, p. 46-47) que:

Não podemos continuar a aceitar que o bibliotecário não seja leitor. Todas as ações que conduzam a biblioteca a se tornar uma instituição que contribua para a mudança passam pela leitura. Sem ela é inconcebível um projeto que pretenda fazer da biblioteca um instrumento a serviço da democracia.

No caso do leitor-ouvinte, os enunciados familiares contrários à literatura não ocasionará, caso responda afirmativamente aos enunciados, a desistência na participação de encontros narrativos por considerar perda de tempo e, desta forma, procurar atividades consideradas mais proveitosas como estudar gramática para conquistar um bom emprego?

Longe de apresentar uma solução ou apenas problemas, o presente trabalho enfatiza a existência dos enunciados familiares e a probabilidade de influenciarem a mediação oral da literatura através dos encontros narrativos.

No entanto, independente de qualquer influência, Petit (2009, p. 52) observa a singularidade existente nos leitores ao afirmar que:

Aprendi que, embora os determinismos sociais e familiares pesem muito, cada destino é também uma história particular, constituída de uma memória e de suas lacunas, de acontecimentos, de encontros, de movimento. Cada um de nós não está apenas ligado a um grupo, um espaço ou um lugar na ordem social, do qual propagamos os traços, gostos, maneiras de fazer e de pensar característicos de sua classe ou de seu grupo étnico. Ele, ou ela, se constrói de maneira singular e tenta criar, com as armas que possui, com maior ou menor êxito, um espaço em que encontre seu lugar; trata de elaborar uma relação com o mundo, com os outros, que dê sentido a sua vida.

Além disso, Petit (2009, p. 140-141) também traz à tona a questão da importância dos enunciados familiares com relação à presença do livro nos lares e a mediação adulta para formar futuros leitores:

Várias pesquisas confirmaram a importância da familiaridade precoce com os livros, de sua presença física na casa, de sua manipulação, para que a criança se tornasse, mais tarde, um leitor. A importância, também, de ver os adultos lerem. E ainda o papel das trocas de experiências relacionadas aos livros, em particular as leituras em voz alta, em que os gestos de ternura, a inflexão da voz, se misturam com as palavras [...].

Com relação a presença dos livros e da leitura no campo familiar para formar futuros leitores, cabe ressaltar que o sujeito social recebe e transmite enunciados, mas isso não significa que uma família leitora gera automaticamente sujeitos leitores e nem que família de não leitores gera similarmente sujeitos não leitores.

Os enunciados de um adulto que lê solitariamente ou solidariamente gera algum tipo de resposta na criança. A resposta pode ser afirmativa, como, por exemplo, “eu quero ser leitor igual ao meu pai, ler muitos livros”, “quero aprender a ler para contar as histórias dos livros igual a minha avó”; ou a resposta negativa, tais como: “é chato ler, o meu irmão fica horas com o livro nas mãos e não assiste televisão comigo”, “a minha mãe lê o dia todo e nem liga pra mim, odeio livros”, entre outros exemplos.

Isso não quer dizer que há apenas os enunciados familiares para formar leitores ou que o livro seja a única fonte de leitura. Existem outros tipos de leituras e suportes, mas para esperar respostas positivas ou negativas com relação à leitura

do livro impresso, por exemplo, requer sua presença na vida dos adultos que rodeiam esse leitor, como os familiares, os professores e os bibliotecários.

Silva e Arena (2012, p. 12) declaram, destacando o contexto escolar, que “a formação do gosto literário desde a pequena infância ocorre pelas vivências que a criança tem, pelas relações que estabelece com o escrito, pela sua história de leitura que é tecida por tais vivências”.

6.3 GOVERNO

Outro enunciador literário é o Governo Federal, Estadual e Municipal. Dependendo da ideologia do Governo, algumas obras podem ser censuradas e outras incentivadas. Essa postura, de certa forma, pode influenciar mediadores na hora da seleção das histórias ou impedi-los de mediá-las, sendo um dos motivos, a dificuldade em adquiri-las no mercado livreiro por terem sido cerceadas pelo Governo ou porque há mediadores dependentes exclusivamente do acervo fornecido pelas instituições onde desenvolvem suas atividades profissionais, indo, de certa forma, ao encontro e não de encontro a voz do Governo.

Por exemplo, um Governo contrário a ideologia de gênero selecionará e disporá obras sobre essa temática nas instituições contempladas com acervos oriundos dos cofres públicos? A resposta pode ser afirmativa ou negativa. Contudo, cabe ressaltar que “a preocupação dos Estados autoritários em ocultar o seu próprio autoritarismo e manter uma aparência democrática é comum” (SOARES, 1989).

Manguel (1997, p. 315) salienta que “a censura [...] de qualquer tipo, é o corolário de todo poder, e a história da leitura está iluminada por uma fileira interminável de fogueiras de censores, dos primeiros rolos de papiro aos livros de nossa época” e Petit (2009, p. 26-27) ao tratar sobre os medos que o livro causa, salienta o desconforto dos poderes autoritários com relação ao leitor diante de um texto, declarando que:

[...] sempre se temeu o acesso direto ao livro e a solidão do leitor diante do texto. É por essa razão que, ainda hoje [...] os poderes autoritários preferem difundir vídeos, fichas ou trechos escolhidos, acompanhados de sua interpretação e contendo a menor possibilidade de “jogo”, deixando ao leitor a mínima liberdade.

Além disso, Petit (2009, p. 115) fornece um exemplo de ação autoritária na França, além de afirmar que:

[...] em nenhum lugar se está a salvo de sua determinação em controlar o jogo das palavras: por exemplo, na França, um partido de extrema direita, xenófobo, ganhou as eleições recentemente em vários municípios. Quando assumiu o poder, uma das primeiras medidas foi colocar as mãos nas bibliotecas, limitar o acesso a elas e controlar seus acervos.

Independente de censura velada ou desvelada, as obras literárias, em especial as direcionadas às instituições públicas de ensino, são pré-selecionadas pelo Governo e enviadas aos acervos de bibliotecas e incluídos nos currículos escolares, como as obras paradidáticas, de acordo com os critérios dados pelo Governo. Todavia, as escolas privadas e outros setores da sociedade também podem ser atingidos.

No Brasil, por exemplo, há o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), do Ministério da Educação (BRASIL, 2018, p. 1) que convoca através de editais,

[...] detentores de direitos autorais para participar do processo de inscrição e avaliação de obras literárias, em língua portuguesa e língua inglesa, destinadas aos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º anos) e do Ensino Médio (1º ao 3º anos) das escolas públicas federais e as que integram as redes de ensino federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal e aos estudantes da Educação Infantil (creche e pré-escola), das escolas da educação básica pública, das redes federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal e das instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o poder público [...].

Ou seja, há critérios explícitos para os autores serem selecionados, logo, as vozes autorizadas pelo Governo a serem ouvidas. Isso não quer dizer que é sempre uma ação censória prévia, mas há um olhar governamental sobre as obras literárias que respondem afirmativamente à ideologia do Governo vigente.

Com a troca de Governo, o acervo bibliográfico adquirido permanece, mas isso não significa que está isento de ser censurado pelos Governos vindouros. Não há neutralidade em nenhuma escolha.

Outro fator apontado no edital do PNLD (BRASIL, 2018, p. 32) são critérios socialmente aceitos para serem selecionados, tais como:

Não serão selecionadas obras que apresentem preconceitos, estereótipos ou discriminação de ordem racial, regional, social, sexual e de gênero, entre outros, tampouco aquelas que incitem a violência entre seres humanos ou contra outros seres vivos, em qualquer uma de suas diversas manifestações. As obras devem respeitar as legislações vigentes, especialmente as relacionadas ao PNLD, à educação básica e ao Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990).

No entanto, há critérios polêmicos como: “não serão selecionadas obras didáticas ou que contenham teor doutrinário, panfletário ou religioso” (BRASIL, 2018, p. 32). Isso pode acarretar na eliminação de obras literárias que contenha menção à religiosidades divergentes da propaganda pelo Governo, apesar da laicidade do Estado; exclusão de obras com foco em uma das facetas da literatura que é trazer conhecimento, como os livros que abordam política ou filosofia de maneira lúdica etc.

Será que *O Capital para crianças*, com adaptação do texto por Joan R. Riera, que apresenta de forma lúdica as ideias do filósofo alemão Karl Marx, por exemplo, é uma obra benquista por qualquer Governo? Ou *O Reizinho Mandão*⁵², de Ruth Rocha, que critica ludicamente a ditadura militar brasileira?

Outro exemplo de ótica governamental sob as obras literárias é descrita no *Portal Memórias da Ditadura* (INSTITUTO VLADIMIR HERZOG⁵³, [2009]) ao destacar que no “[...] golpe de 1964, livros e editores foram perseguidos pelo poder ditatorial”. Além disso, “a ditadura também organizou verdadeiros index, ou listas de livros e autores proibidos”.

Reimão (2011), na tese de livre docência *Repressão e resistência: censura a livros na ditadura militar*, através de fontes bibliográficas e documentais, também aborda a ação do Governo durante a ditadura militar brasileira (1964-1985), mostrando a influência da censura oficial sobre a cultura, as artes e livros de ficção. Teatro em livros, livros não ficcionais, livros eróticos/pornográficos, romances, contos, poesias e produções culturais como discos, filmes, espetáculos etc. foram alvo, dentre outros censores, do Serviços de Censura de Diversões Públicas (SCDP) e da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP).

⁵² Um dos livros abordados por Mariano (2012) ao dissertar sobre a literatura infantil e o autoritarismo no século XX.

⁵³ “[...] uma realização do Vlado Educação – Instituto Vladimir Herzog, que responde à demanda da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República de criação de um portal com o objetivo de divulgar a História do Brasil no período de 1964 à 1985 junto ao grande público, em especial à população jovem” (INSTITUTO VLADIMIR HERZOG, [2009]).

Reimão (2011) aponta que, dentre as obras censuradas, constam *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca e *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão, censuradas em meados da década de 1970, por processo de denúncia; *Dez Estórias Imorais*, de Aguinaldo Silva, um caso atípico dentro da ditadura, pois foi censurada nove anos depois de sua publicação; *Em Câmara lenta*, de Renato Tapajós⁵⁴; e contos como *Mister Curitiba*, de Dalton Trevisan e *O cobrador*, de Rubem Fonseca, proibidos de serem publicados em revistas, mas não em livros.

No entanto, Soares (1989) salienta que “a Censura não atuou de maneira uniforme durante os 21 anos da ditadura. Houve períodos de maior e de menor intensidade”, além de ressaltar que “a expansão mais acelerada da ação da Censura teve lugar durante o período mais negro por que o País passou: desde o AI-5, em dezembro de 1968, no governo Costa e Silva, até o fim do governo Garrastazu Médici”. “A censura. foi um pouco mais dura com as peças de teatro e com os livros ‘suspeitos’: 34% dos que foram examinados em 1976 foram censurados”⁵⁵ (SOARES, 1989).

Com relação a essa questão, Reimão (2011, p. 2) afirma que “uma das primeiras providências da maioria dos regimes autoritários é censurar a liberdade de expressão e opinião, uma forma de dominação pela coerção, limitação ou eliminação das vozes discordantes”. Por isso, dentre outros instrumentos, a censura prévia foi regulamentada pelo Decreto-Lei nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970 (BRASIL, [21--?]). Além, de uma constante proibição em divulgar as ações praticadas pela censura.

A respeito disso, Soares (1989) declara que:

A liberdade de imprensa foi assegurada aos brasileiros em 28 de agosto de 1821, assinada por D. Pedro I. Cento e cinquenta e um anos depois, precisamente no dia 6 de setembro de 1972, o decreto de D. Pedro foi censurado pelo Departamento da Polícia Federal, com a seguinte ordem a todos os jornais do país: “Está proibida a publicação do decreto de d. Pedro I, datado do século passado, abolindo a Censura no Brasil. Também está proibido qualquer comentário a respeito.

⁵⁴ Segundo Reimão (2011, p. 6), “[...] caso único de autor preso durante a ditadura militar por causa do conteúdo de um livro”.

⁵⁵ Soares (1989) informa que “essas diferenças refletem muitas coisas: em primeiro lugar, há um problema de amostragem, porque todas as peças de teatro e de rádio, assim como todos os filmes, eram examinados antes de liberados para o público, o que não se aplicava aos livros, uma vez que o número de livros publicados anualmente no Brasil é um múltiplo de 219. Este total refere-se aos livros levados à atenção da Divisão de Censura como “suspeitos” e, conseqüentemente, com maior probabilidade de serem censurados do que uma amostra aleatória dos livros publicados”.

Soares (1989) complementa que:

A proibição de se referir, nos meios de comunicação de massa, ao ato de D. Pedro revela a orientação da Censura. Protegida pela própria censura, ela não hesitava em fazer proibições ridículas, segura de que elas não chegariam ao conhecimento público. Houve muitos outros episódios que seriam cômicos, se não fossem humilhantes para o País. A Censura, parte do Estado autoritário, o protegia e, protegendo-o, protegia a si.

Reimão (2011, p. 3) acentua que, especificamente os jornais, por serem “impedidos de noticiar que haviam sido censurados”, utilizavam estratégias de publicar algo inusual no espaço dos textos censurados tais como: poesias; trechos de obras literárias; receitas culinárias; figuras de demônios; “[...] espaços em branco (estratégia não vista com bons olhos pelos censores) [...]”, tarjas pretas etc., pois “a censura prévia era, muitas vezes, feita no jornal já diagramado, com a composição já paginada, e que refazer eliminando espaços deixados pelos textos censurados implicaria gastos e tempo extras”.

Ou seja, conforme supracitado, o Governo, durante a ditadura militar, atuou com veemência sobre a literatura mostrando o quanto o mediador precisa estar alerta aos sinais de tentativas de abafamento das vozes discordantes do Governo, pois tanto obras quanto os próprios mediadores que emprestam suas vozes para ecoá-las podem ser atacados por regimes autoritários oficialmente firmados ou velados.

Gouvêa (2019) aponta essa questão da proteção à liberdade de expressão brasileira salientando que:

[...] a constituição de 1988 foi a sétima da nossa história, e a única a explicitar a proteção à liberdade de expressão e de pensamento com tamanha amplitude. Ao longo de mais de 150 anos, a postura do poder constituído frente às ideias dissonantes que emergiam da sociedade variou de uma repressão ferrenha à relativa liberalização, por vezes centrando fogo nas questões políticas, outras posicionando-se em defesa de uma suposta moral da família brasileira.

A partir do exposto, é possível observar que as ações governamentais podem influenciar os encontros narrativos devido à focalização na literatura. O mediador pode ser a favor ou contra as ações do Governo e isso refletir na seleção das obras para mediação oral ou ter um acervo bibliográfico com poucas vozes divergentes, empobrecendo o diálogo. Com relação ao leitor-ouvinte, na hora de participar ou não

do encontro narrativo por considerar as vozes mediadas contrárias ou favoráveis à ideologia do Governo que aprecia.

Em ambos os casos, como não há passividade diante de um enunciado, o leitor-narrador e o leitor-ouvinte agem de maneira consciente, mesmo que seja imperceptível, somente com a palavra interior, respondendo afirmativamente ou negativamente aos enunciados recebidos.

Com relação ao bibliotecário, “o Código de Ética e Deontologia do Bibliotecário brasileiro, que fixa as normas orientadoras de conduta no exercício de suas atividades profissionais” explicita no parágrafo único, do artigo 2º, algo que não pode ser esquecido pelo bibliotecário na hora de exercer sua profissão, o que inclui a mediação de obras literárias:

O bibliotecário repudia todas as formas de censura e ingerência política, apoia a oferta de serviços público e gratuitos, promove e incentiva o uso de coleções, produtos e serviços de bibliotecas e de outras unidades de informação, segundo o conceito de acesso aberto e universal (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA, 2018).

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-livro (2016, p. 44), aponta que, dentre as “Principais formas de acesso aos livros”⁵⁶, há obras advindas do Governo. Isso demonstra que, dentre os diversos caminhos pelos quais os livros chegam ao leitor, o do Governo se faz presente.

Ainda com relação a esse enunciador, cabe destacar que um povo sem acesso à educação e a cultura atende aos desejos de Governos tiranos de manter o povo sob controle. Logo, os mediadores orais se posicionam como arautos que desvelam o conteúdo das obras aos ouvidos do leitor-ouvinte, sem deixar de lutar por políticas educacionais eficientes e de incentivar a constante busca pela alfabetização e letramento dos leitores-ouvintes que não possuem.

Com relação à esse aspecto, Manguel (1997, p. 132) relata como a arte de ler em voz alta “[...] tinha uma história longa e itinerante e que mais de um século antes, na Cuba espanhola, ela se estabelecera como uma instituição dentro dos limites rígidos da economia cubana”.

⁵⁶ As percentagens da pesquisa (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p. 44), com base em 2.798 leitores, foram: Comprados em lojas físicas ou pela Internet (43%); Presenteados (23%); Empréstados por alguém da família ou amigos (21%); Empréstados em bibliotecas de escolas (18%); Distribuídos pelo governo ou pelas escolas (9%); Baixados da Internet (9%); Empréstados por bibliotecas públicas ou comunitárias (7%); Empréstados em outros locais (5%); Fotocopiados, xerocados ou digitalizados (5%); Não sabe/Não respondeu (7%).

Cuba passava por uma situação econômica caótica, com alto índice de desemprego, quando ocorreu uma epidemia de cólera em 1855. Então, trabalhadores charuteiros se reuniram e formaram um sindicato para melhorar suas condições de vida. Logo depois, “em 1865, Saturnino Martínez, charuteiro e poeta, teve a idéia de publicar um jornal, o *La Aurora*, para os trabalhadores da indústria de charutos, abordando não somente a política, mas publicando também artigos sobre ciência e literatura, poemas e contos”, além de denunciar a tirania dos donos das fábricas e sofrimento dos trabalhadores.

Em 22 de outubro de 1865, “[...] com o apoio de vários intelectuais cubanos, Martínez lançou o primeiro número de *La Aurora* [...]”. (MANGUEL, 1997, p. 132, grifo do autor). Todavia, “[...] Martínez logo percebeu que o analfabetismo impedia que *La Aurora* se tornasse realmente popular [...]”. Por isso, “a fim de tornar o jornal acessível a todos os trabalhadores, ele teve a idéia de realizar uma leitura pública” e conseguiu o apoio da escola. “Um dos operários foi escolhido como *lector* oficial, e os outros pagavam do próprio bolso” para ouvir leituras diversas, incluindo literárias (MANGUEL, 1997, p. 133, grifo do autor). O sucesso foi estrondoso e outras fábricas seguiram o exemplo. Logo, as leituras em voz alta foram consideradas “subversivas” e impedidas pelo Governo, através de decreto.

No entanto,

Apesar da proibição, ainda ocorreram leituras clandestinas durante algum tempo, mas por volta de 1870 elas haviam praticamente desaparecido. Em outubro de 1868, com a deflagração da guerra dos Dez Anos, *La Aurora* também acabou. Contudo, as leituras não foram esquecidas. Já em 1869 ressurgiram em solo americano, pelas mãos dos próprios operários (MANGUEL, 1997, p. 134, grifo do autor).

Por conseguinte, Manguel (1997, p. 315) afirma que:

Como séculos de ditadores souberam, uma multidão analfabeta é mais fácil de dominar; uma vez que a arte da leitura não pode ser desaprendida, segundo melhor recurso é limitar seu alcance. Portanto, como nenhuma outra criação humana, os livros têm sido a maldição das ditaduras. Os poderes absolutos exigem que todas as leituras sejam leituras oficiais; em vez de bibliotecas inteiras de opiniões, a palavra do governante deve bastar.

Plank⁵⁷ (2001 apud ASSUMÇÃO, 2008, p. 87) esclarece sobre o não interesse das políticas educacionais brasileiras em proporcionar o acesso igualitário à educação, refletindo também na questão do acesso aos livros e a leitura, pois

[...] desde o seu início, ainda no século 19, as políticas educacionais brasileiras, excetuando breves períodos, ainda no começo do século 20, nunca tiveram como fim o desenvolvimento de uma sociedade menos desigual. Pelo contrário, salientaram as diferenças, promoveram a nítida separação entre uma educação de elite e outra para os pobres.

Essa separação entre a educação de elite e outra para os pobres pode ser observada ainda na contemporaneidade com o sucateamento das instituições públicas de ensino. Apesar disso, as instituições de ensino de uma forma geral são enunciadores literários, temática abordada na próxima subseção.

6.4 INSTITUIÇÕES DE ENSINO

O sujeito leitor recebe enunciados no âmbito escolar do ensino infantil ao ensino superior, caso percorra todo processo estudantil. Enunciados dos livros didáticos, paradidáticos, colegas de classe, diretores, coordenadores pedagógicos, dentre outros profissionais ligados à educação. Ao longo da vida estudantil há respostas positivas ou negativas relativas aos enunciados recebidos, em especial, dos professores, conforme indicação desse profissional da educação no despertar do gosto pela leitura, na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-livro (2016).

Lajolo e Zilberman (2009, p. 124) apontam a histórica relação entre os enunciadores escola/professores, iniciando com o processo de alfabetização dos colonizados, afirmando o seguinte:

Campanhas de leitura fazem parte da história do Brasil desde as primeiras décadas da colonização, no século XVI. Como eram ágrafos os habitantes do território americano que coube aos portugueses na partilha sacramentada pelo Tratado de Tordesilhas (1494), os jesuítas concluíram que só poderiam catequizá-los se os introduzissem no universo da escrita e da leitura.

⁵⁷ David N. Plank - professor e especialista nas áreas de política educacional e financiamento da educação.

Além disso, Lajolo e Zilberman (2009, p. 124) complementam que:

Data dessas primeiras iniciativas a associação entre a leitura e a escola, já que a catequese exigia a aprendizagem da língua do colonizador e, simultaneamente, a gramaticalização da língua do colonizado. O professor, entendido como o principal agente na introdução de um indivíduo no mundo da escrita, ocupou-se da formação de leitores. E, assim, um sistema triangular tomou forma no decorrer da história brasileira, organizado em torno a esses ângulos - professor, escola e aluno -, sendo confiadas aos dois primeiros uma tarefa e uma responsabilidade, e ao terceiro, uma obrigação.

Logo, caso o professor não aprecie literatura erudita e/ou de massa, determinado gênero literário, autor, obra, encontros narrativos, entre outros aspectos, pode influenciar no perfil leitor dos alunos e - alguns deles - são futuros profissionais ligados à literatura, como professores, pedagogos, bibliotecários, teatrólogos etc. podendo - ou não - perpetuar, como em um círculo, enunciados contrários à leitura literária, especialmente, a literatura não legitimada pelo campo escolar. O que é preferível, ler solitariamente o livro indicado para a prova ou participar de um encontro narrativo de outra obra? Ir a encontros narrativos para ler de ouvido ou ler uma obra solitariamente para aprender a gramática normativa?

O leitor pode ler solitariamente um livro indicado ou censurado pela escola, participar de encontros narrativos aprovados - ou desaprovados - pela instituição de ensino etc. Todavia, conforme Bakhtin (2016), sempre há respostas, e uma delas pode ser a positividade de participar apenas de mediações autorizadas pela escola, limitando dessa forma, o leque de obras literárias lidas pelos alunos.

Ademais, Lajolo e Zilberman (1999, p. 219) ressaltam que, “[...] raras vezes as leituras que produzem prazer circulam em ambiente sancionado, como a escola”, e destacam o seguinte:

As obras escolhidas por crianças e adolescentes, quando eles escapolem da rígida rotina escolar de leitura, parecem responder às exigências da fantasia, pela qual, em acumulação infinita, articulam-se a outras de ficção ou as conhecidas por meio da transmissão oral, como as ouvidas de contadoras. O fato de incendiarem a imaginação explica e reforça a clandestinidade dessas leituras, que pouco ensinam de prático, mas que provocam consumo contínuo. Os admiradores de Júlio Verne ou Ponson de Terrail querem tão-somente terminar um livro para ler outro, e mais outro, numa espiral sem fim (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 227).

Manguel (1997, p. 142) ao discorrer sobre a leitura em voz alta em ambientes informais também cita a diferença entre a leitura livre e as institucionalizadas, onde a

primeira causa uma recepção prazerosa e a segunda seu antônimo: “eram tão descontraídas essas reuniões, tão livres dos constrangimentos das leituras institucionalizadas, que os ouvintes (ou o leitor) podiam transferir mentalmente o texto para seu próprio tempo e lugar”.

Outro tipo de cerceamento escolar é apresentado por Sodré (1970 apud LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 231) ao lembrar o caso extremo de proibição de qualquer tipo de leitura em uma escola onde estudou por serem consideradas pecaminosas, conforme relato do próprio: “[...] a leitura era ali mal vista e até mesmo perseguida, considerada como ociosidade e como hábito pernicioso, de que se deviam afastar os adolescentes, sob pena de severos castigos e de maléficas consequências”. Contudo, o Sodré respondeu negativamente aos enunciados proibitivos da escola e isso o impulsionou a ler com assiduidade.

Todavia, há exemplos contemporâneos de repressão de obras literárias pela escola - também utilizadas em encontros narrativos - tais como: *A triste história de Eredegalda*, de José Mauro Brant (SEMIS, 2017), tida por incestuosa por abordar de maneira lúdica essa temática; *Caçadas de Pedrinho e Negrinha* (GOULART, 2012), do Monteiro Lobato, consideradas racistas; *Harry Potter*, de J.K. Rowling (GALILEU, 2019), acusada de conter magias e feitiços; e *Meninos sem Pátria*, de Luiz Puntel (MOLICA, 2018), vista como sendo de esquerda porque fala da ditadura. Tais exemplos mostram como sujeitos/instituições e seus múltiplos sujeitos podem atuar sobre a literatura, por conseguinte, na mediação de determinadas obras. Questões valorativas da literatura atribuídas pelas vozes dominantes de cada época, morais e religiosas sempre são obstáculos para o real conhecimento da literatura.

Ou seja, o bibliotecário-narrador, ao mediar no ambiente escolar - ou fora dele porque o controle ultrapassa os muros das instituições de ensino - obras literárias, pode, sob a ótica censória escolar, receber enunciados proibitivos para não mediá-las, mesmo que a mediação tenha por objetivo uma roda de conversa ao término do encontro narrativo; ou ser pressionado a mediar obras contrárias ao gosto dos estudantes, mas que fazem parte do currículo escolar, com didatismo, por exemplo, tarefa para a criança encontrar no texto as palavras “nh” etc.

A respeito do didatismo, a literatura é utilizada com esse objetivo. Reduzir ou impedir essa questão é anular uma das muitas funcionalidades que a sociedade, em especial, a escola, atribuiu ao gênero do discurso literário. A literatura é multiúso. Contudo, não cabe ao bibliotecário mediar com esse objetivo, mas sim o de dialogar

com as muitas vozes contidas nas obras, por exemplo, ler em voz alta ou narrar o poema *Pronominais*, de Oswald de Andrade, sem ensinar a gramática normativa como se o leitor estivesse dentro de uma sala de aula, em frente a uma lousa escolar e não do bibliotecário-narrador.

O objetivo de apresentar os múltiplos sujeitos enunciadoreis do campo instituições de ensino é mostrar que os encontros narrativos também são influenciados por essas vozes pelo foco na literatura e não apontá-los como um instrumento doutrinador, afinal, dentro do campo escolar há diversas vozes, logo, o aluno recebe variados enunciados durante a jornada estudantil e responde de alguma forma a esses enunciados.

Ademais, de maneira alguma o presente trabalho nega a importância dos enunciados das instituições de ensino, mas é importante desvelar a existência desses enunciados - talvez únicos na vida do aluno - que incentivará, ou não, a leitura literária erudita e de massa, o diálogo com as vozes contidas entre as páginas de um livro, ou outro suporte da palavra.

Silva e Arena (2012, p. 11) destacam o importante papel da escola/professor mediador junto aos alunos desde a pequena infância nesse processo de formação literária, pois

Cabe à escola e ao professor cuidarem para que as crianças tenham contato com os diferentes gêneros discursivos, durante os anos de escolaridade e ampliem sua capacidade de manejar o mais possível a diversa heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), suas variações estilísticas e suas possibilidades de intervir e de dialogar com eles. Assim, as crianças poderão se apropriar dos gêneros discursivos que circulam socialmente e se constituir gradativamente como leitores e como leitores literários.

A respeito do enunciador instituição de ensino e seus múltiplos sujeitos, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-livro (2016, p. 129, grifo nosso), aponta que:

Os mais escolarizados leem relativamente mais que os menos escolarizados todos os tipos de material de leitura abordados na pesquisa, indicando uma diferença não apenas quantitativa, mas também qualitativa, dada a diversidade de materiais com a qual esses indivíduos têm contato.

Tal consideração mostra a importância desse enunciador no incentivo à leitura literária. Uma instituição, do ensino infantil ao superior, que pode ser parceira

dos encontros narrativos em bibliotecas e participar de uma Hora do Conto para doutorandos; Batalha de Poesia, ou *Slam* para alunos do ensino médio; Círculo de Leitura para mestrandos; Leitura Dramatizada para graduandos; Rodas de Leitura para alunos do ensino fundamental II; Sarau Literário para os professores; Tertúlia Literária Dialógica para alunos do ensino fundamental I; e Rodas de Conversa para todos.

6.5 INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS

Os penúltimos enunciadores apresentados neste trabalho são os pertencentes ao campo das instituições religiosas.

O leitor já nasce em uma sociedade com múltiplas religiões enunciando suas regras relativamente estáveis. Até no seio familiar podem ser encontrados seguidores, devotos etc. de instituições religiosas afins que trazem ao leitor seus enunciados que são aceitos, ou não, devido à característica intrínseca do enunciado que sempre requer uma resposta. Inclusive, há sujeitos que dizem ser de determinada instituição religiosa, defendem-na, mas não frequentam o centro, templo, terreiro etc.

A história mostra que já foram feitas até listas de livros proibidos, como o *Index Librorum Prohibitorum*, pela Igreja Católica Apostólica Romana, abordado por Manguel (1997) e Lajolo e Zilberman (2009), para coibir determinadas obras, desvelando o campo de ação religioso além dos muros das instituições religiosas ao intervir em outras áreas, como a literária, com os quais, em tese, não está ligada por não ser literatura religiosa.

Essa influência religiosa na área da leitura é abordada por Lajolo e Zilberman (2009, p. 93) ao informar que:

A história da leitura no Ocidente expõe um dado paradoxal: sua expansão entre diferentes camadas e gêneros de leitores, desde os primeiros séculos da modernidade, vem acompanhada do crescimento das instâncias de discriminação e repressão. A mais óbvia dessas instâncias é a censura, praticada pelo poder civil e religioso há alguns séculos.

Braga (2014) apresenta algumas obras literárias - ou não - e escritores listados pela Igreja Católica no *Index Librorum Prohibitorum*, como o Thomas Hobbes que teve todas as obras proibidas, mas destaca *O Leviatã*; *Madame Bovary*,

de Gustave Flaubert; *Os Miseráveis* e *O Corcunda de Notre-Dame*, de Victor Hugo e Alexandre Dumas que teve várias obras proibidas, mas focaliza *O Conde de Monte Cristo*. Além disso, certifica que:

O Index foi criado como uma defesa da Igreja diante da invenção da prensa (e conseqüente popularização dos livros) e da Reforma Protestante, que ameaçavam a autoridade católica. A primeira edição, oficializada em 1559 pelo papa Paulo⁵⁸ 4º, tinha 550 obras censuradas. A 32ª e última edição, de 1948, tinha 4 mil títulos.

Entretanto, existindo explícita ou implicitamente uma lista oficial de livros proibidos por motivos diversos, com relação à Igreja Católica, “[...] até hoje autoridades do clero podem emitir um alerta sobre os riscos de algumas publicações, o *admonitum* (“advertência” em latim)”, conforme salienta Braga (2014, grifo do autor). Relativo à outras religiões, em cultos podem ser enunciados a proibitiva de determinadas leituras, por exemplo, com temáticas contrárias aos dogmas da religião do leitor.

Além do mais, quando a religião está atrelada a outros enunciadores, como o Governo, há verdadeira “caça às bruxas”, provocando até autocensura entre os autores. Oliveira (2020) relata o caso brasileiro, ocorrido nos anos 2019 e 2020, onde representantes do Governo neopentecostais, sob o próprio viés religioso e não laicidade do País, condenaram determinadas temáticas provocando reações de concordância e discordância:

O Governo brasileiro tem o maior programa de compra e distribuição de livros didáticos e literários do mundo [...] de acordo com números do Ministério da Educação (MEC), são comprados, anualmente, 120 milhões de livros didáticos e mais de 30 milhões de obras de literatura [...]. “Com um Executivo apoiado por grupos neo-pentecostais, eles querem produzir seu próprio material. O editor que quiser publicar uma obra com bruxas vai pensar 30 vezes antes de fazê-lo, porque sabe que ele não será comprado pelo poder público”, argumenta a escritora [Rosana Rios⁵⁹].

⁵⁸ Lajolo e Zilberman (2009, p. 94, grifo do autor) esclarecem que “[...] em 1564, o papa Pio IV divulgou o *index librorum prohibitorum*, que proibia a circulação de boa parte da literatura antiga e contemporânea na Europa católica e em suas colônias; depois, em 1576, [...] alvará de D. Sebastião, de Portugal, determinou “que se não imprimissem livros sem licença do Desembargo do Paço, mesmo que tivessem sido vistos e aprovados pela Inquisição”.

⁵⁹ Rosana Rios - escritora e presidente da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ).

Será que uma obra como *Na cama com Bruna Surfistinha* é benquista por religiosos? Ou *Lolita*, de Vladimir Nabokov? Ou *Tereza Batista cansada de guerra*, de Jorge Amado? Ou *A Máquina de Brincar*, de Paulo Bentancur, objeto de crítica por ser considerada satanista?⁶⁰ Ou *Manual prático de bruxaria*, de Malcolm Bird⁶¹, acusada de ensinar bruxaria às crianças.

Apesar das obras supracitadas enfocarem práticas condenáveis pelo cristianismo, quando se trata de religião, há de se considerar que no Brasil, por exemplo, há vários grupos religiosos como apresentado nos resultados do censo de 2010 realizado pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012) os quais

[...] mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil. A proporção de católicos seguiu a tendência de redução observada nas duas décadas anteriores, embora tenha permanecido majoritária. Em paralelo, consolidou-se o crescimento da população evangélica, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. Dos que se declararam evangélicos, 60,0% eram de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8 %, evangélicos não determinados. A pesquisa indica também o aumento do total de espíritas, dos que se declararam sem religião, ainda que em ritmo inferior ao da década anterior, e do conjunto pertencente às outras religiosidades.

Ou seja, de forma direta ou indireta, questões religiosas diversas podem influenciar os encontros narrativos pelo foco na literatura, pois o sujeito recebe enunciados dos grupos religiosos que participa e pode se sentir incomodado em mediar ou participar de mediações de obras contrárias ao professado. Caso o sujeito não tenha religião, pode se sentir incomodado em mediar ou ouvir contos folclóricos, auto etc.

Marques (2014) na dissertação *Lendas de Exu sob os holofotes da educação* relata o caso de intolerância religiosa sofrida por uma professora de língua portuguesa ao utilizar nas aulas e contar histórias da obra *Lendas de Exu*, de Adilson Martins, em uma escola da rede municipal de Macaé-RJ. Uma obra disponível no acervo da biblioteca da referida escola, distribuída pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE, do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE, em 2009. Entretanto, “a direção do colégio insistia que a

⁶⁰ Obra infantojuvenil considerada satanista por um senador do Estado de Goiás (WILDER, 2017).

⁶¹ Obra criticada por uma representante do Ministério do Governo brasileiro (OLIVEIRA, 2020).

professora aludia a uma religiosidade que não havia no local, e que a comunidade era formada de evangélicos, a questão, na verdade, tomou rumos diferentes do educacional” (MARQUES, 2014, p. 28). Houve repercussão midiática sobre o caso e processo administrativo. Os envolvidos foram afastados e, “por muito tempo, todos ganhavam salários, sem trabalhar, férias coletivas, até que tudo se estagnasse, completamente, não se sabe se foi um recurso apropriado ou uma estratégia” (MARQUES, 2014, p. 31).

Entretanto,

[...] o resultado final foi que todos voltassem para seu ambiente de trabalho, pois ninguém errou, e esse foi o veredicto do inquérito administrativo. Isto posto, dar-se-ia o seu retorno na mesma escola, com os mesmos diretores. Diante desse obstáculo, era preferível assinar o seu atestado de derrota, não houve retorno. E desde então, a contadora de lendas se encontra como coordenadora de um Núcleo de Estudos Afros, até os dias de hoje [2014] (MARQUES, 2014, p. 31).

Outro fato importante relacionado à religiosidade é apontado na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-livro (2016), onde livros religiosos, principalmente a Bíblia, são os mais lidos.

Isso mostra que os participantes reais e potenciais dos encontros narrativos também podem ser leitores religiosos e, de certa forma, ocorrer algum tipo de resposta negativa, uma das possibilidades considerando a responsividade em Bakhtin (2016), quando esse tipo de leitura é comparado à obra mediada, ou seja, a literária.

Como visto, as instituições religiosas e seus múltiplos sujeitos podem influenciar os encontros narrativos devido à focalização nas obras literárias mediadas. Os leitores participam de diversos campos da atividade humana, não só o da instituição democrática biblioteca, por isso, cabe ao mediador oral estar preparado para responder às demandas conflituosas que podem surgir ao mediar determinadas obras literárias.

6.6 MERCADO EDITORIAL

O último campo enunciador com seus múltiplos sujeitos tratado no presente trabalho é o mercado editorial. As obras literárias, quando vistas como mercadoria, são propagadas para angariar compradores, ou seja, consumidores, tendo a

literatura erudita, de certa forma, compradores garantidos, como as escolas, academias e bibliotecas; e a literatura de massa, os leitores em geral.

A compra assegurada dos primeiros advém do fato da leitura de obras eruditas solicitada em provas, vestibulares; aquisição de obras literárias para distribuição aos alunos e composição de acervos bibliográficos de bibliotecas escolares, por exemplo. Ou seja, há ligação entre o mercado editorial e as instituições de ensino nesse quesito.

Com relação a venda da literatura de massa, os autores, tal como os folhetinistas do passado, precisam cativar os leitores e as editoras para garantir seu espaço no mercado editorial. Isso, em tese, não desqualifica esse tipo de produção, mas é uma posição diferenciada do autor erudito que tem apoio de várias instâncias de legitimação. Cabe lembrar que muitos autores eruditos do passado escreviam literatura erudita e literatura de massa (SODRÉ, 1988).

Essa prática pode influenciar os leitores-narradores e os leitores-ouvintes dos encontros narrativos, pois os primeiros, dentre outros aspectos, podem optar por adquirir obras propagadas como de magnífica excelência pelo marketing livresco e os últimos, escolher participar de encontros narrativos por motivo similar, rejeitando encontros com mediação de obras de autores não fomentados pelo mercado editorial.

Lajolo e Zilberman (1999, p. 14) apresentam a transformação do sujeito em consumidor de livros para a lucratividade desse mercado, declarando que:

A história do leitor principiou na Europa, aproximadamente, no século XVIII, quando convergiam fatores que vinham tendo desdobramento autônomo. Nessa época, a impressão de obras escritas deixou de ser um trabalho quase artesanal, exercido por hábeis tipógrafos e gerenciado pelo Estado, que, por meio de alvarás e decretos, facultava, ou não, o aparecimento dos livros. Tornou-se uma atividade empresarial, executada em moldes capitalistas, dirigida para o lucro e dependente de uma tecnologia que custava cada vez menos e rendia cada vez mais.

Lajolo e Zilberman (1999, p. 14) complementam que:

Esse objetivo, no entanto, só começou a se realizar plenamente quando o negócio de livros passou a contar com clientela capaz de consumir o produto, isto é, pessoas que dominavam com a necessária desenvoltura a habilidade de ler, o que adveio do fortalecimento da escola e da obrigatoriedade do ensino.

Ou seja, retirando a aura sagrada em torno do livro, é possível perceber as obras literárias encaradas como produtos mercadológicos⁶² que dependem de leitores compradores dos textos, não inutilizando a importância dos enunciados do autor.

Zaid (2004, p. 47) elucida que: “tudo bem considerar que os livros não sejam uma mercadoria, mas diálogo e revelação; entretanto, em vez de conduzir à rejeição do comércio, isso nos deve fazer compreender que, no final das contas, nada é simplesmente uma mercadoria”.

A exemplificação da ação enunciativa do mercado editorial e seus múltiplos sujeitos sobre obras que chegarão - ou não - ao leitor é retratada por Abreu (2006) pela descrição de uma “pegadinha” realizada pelo jornal Folha de São Paulo com algumas editoras, mostrando o quanto a visão mercadológica atua sobre as obras literárias que conseguem chegar nos acervos das bibliotecas para mediação oral nos encontros narrativos. E também sobre as obras que talvez nunca cheguem nas mãos dos leitores, pelo menos através da editora onde os originais enviados para avaliação foram rejeitados.

Sobre a “pegadinha”, Abreu (2006, p. 45-46) relata que:

Em 1999, a Folha de S.Paulo fez uma “pegadinha” com as editoras Companhia das Letras, Objetiva, Rocco, Record, L&PM e Ediouro, oferecendo para publicação o pouco conhecido livro Casa Velha, de Machado de Assis. A “pegadinha” consistia em não dizer para ninguém que era um livro de Machado de Assis: os supostos originais, digitados e impressos em impressora comum, foram encadernados numa papelaria de esquina e enviados sem título sob um falso nome de autor. Para correspondência, era indicado um endereço eletrônico criado especialmente para esse fim. Seis meses depois de recebê-lo, três editoras nem sequer haviam dado alguma resposta, enquanto outras três entraram em contato com o fictício autor, dizendo que não tinham interesse na publicação.

Abreu (2006, p. 48) também traz alguns questionamentos que desvelam tópicos avaliativos do mercado editorial, que talvez fossem diferentes caso houvesse

⁶² Zilberman (2001, p. 80) informa que “Uma ciência da leitura coloca o leitor na posição de protagonista; contudo, não pode excluir o objeto a que se dirige a atenção dele, o livro, mercadoria que dispõe de mecanismos próprios de distribuição e circulação. O livro confere materialidade à literatura, e seu consumo participa da lei da oferta e da procura que movimentam a sociedade capitalista, gerando lucros, acionando indústrias e abarcando trabalhadores assalariados. Um deles detém um estatuto particular, o escritor, cuja situação social e econômica depende do grau de envolvimento e compromisso com o mercado”.

indicação prévia explícita sobre a autoria da obra da “pegadinha”, o Machado de Assis⁶³:

Sem saber quem era o autor, os avaliadores devem ter considerado: há mercado para esse tipo de enredo? Esse arcaísmo lingüístico será um empecilho à leitura? Ou os leitores acharão graça numa história à moda antiga? Temos muitos livros do mesmo tipo em catálogo? Há interesse, no momento, por romances históricos?

No entanto,

Se as editoras tivessem sido procuradas para publicar um livro de Machado de Assis, provavelmente a resposta seria outra. Sabendo quem era o autor do livro, as editoras nem sequer precisariam considerar questões estéticas e tomariam sua decisão de publicar levando em conta critérios como: baixa concorrência (não há edições deste livro no mercado); isenção de pagamento de direito autoral (70 anos após a morte do autor, cessam os direitos autorais); público cativo (obrigatoriedade da leitura de textos de Machado de Assis em escolas e faculdades; presença do autor em listas de livros para exames vestibulares); economia com propaganda (não é necessário divulgar o nome do autor) etc. (ABREU, 2006, p. 48).

Lajolo (1986, p. 12) também cita a atuação do mercado livresco em pesquisar as vozes que os leitores querem consumir para vender e ter lucro financeiro. Com isso, mostram a dificuldade das outras vozes, as não lucrativas em termos comerciais, serem ouvidas:

[...] em segmentos extremamente modernos e requintados da sociedade, livros de grande sucesso - os best-sellers - são escritos por uma espécie de trabalho em linha industrial: a produção da obra começa com um levantamento das expectativas do público: tipo de história que prefere, tolerância maior ou menor a sexo e violência, cenários e ambientes de maior IBOPE⁶⁴, coisas assim. Com base nesta pesquisa escreve-se um romance por assim dizer sob medida para o público. Como investimento comercial, livros deste figurino correm riscos mínimos em termos de retorno financeiro.

Zaid (2004, p. 70, grifo do autor) ao tratar sobre o custo da leitura igualmente declara que “gastar muito em promoção e publicidade só faz sentido para os *best-*

⁶³ Abreu (2006, p. 49-50) ressalta que: “As condições em que se produziu a leitura dos especialistas contratados pelas editoras são semelhantes, assim como têm características comuns as pessoas que a realizaram. São profissionais das letras, vivem em grandes cidades, ganham a vida lendo continuamente textos escritos por gente que quer se tornar escritor, lêem com uma finalidade específica: identificar debaixo de uma pilha de originais quais são os textos que podem ter interesse para alguma fatia do mercado, que podem aumentar o capital simbólico e financeiro da editora para a qual trabalham de forma que mantenha seu emprego ou melhore sua posição na empresa (por exemplo, tirando a sorte grande de descobrir o próximo escritor de sucesso)”.

⁶⁴ Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - IBOPE.

sellers - se houver certeza de que se está lidando com um". Ou seja, há várias questões que impedem certas vozes de serem ouvidas.

Somando-se ao supracitado, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-livro (2016), aponta, entre outros motivos para escolha de um livro pelo leitor, itens relacionados ao mercado livresco, tais como: tema ou assunto; autor; título do livro; capa; críticas/resenhas; publicidade/anúncio e editora.

Logo, caso o bibliotecário faça a seleção de obras a serem mediadas apenas pelos enunciados do mercado livresco, muitos autores independentes ou fora de padrões eruditos/*best-sellers* nunca serão mediados. Isso não significa que o mercado editorial não deva ser ouvido de forma crítica pelo mediador.

Todavia, independente dos enunciadores literários, Petit (2009, p. 26) declara que o leitor é quem tem a resposta final sobre o texto lido, pois

[...] não se pode jamais estar seguro de dominar os leitores, mesmo onde os diferentes poderes dedicam-se a controlar o acesso aos textos. Na realidade, os leitores apropriam-se dos textos, lhes dão outro significado, mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas: é toda a alquimia da recepção. Não se pode jamais controlar o modo como um texto será lido, compreendido e interpretado.

Como visto nessa seção, há sujeitos/instituições e seus múltiplos sujeitos que enunciam sobre a literatura, mas que refletem nos encontros narrativos que visam sua mediação. Essa questão se revela importante para o dialogismo (BAKHTIN, 2016) porque o sujeito social recebe esses enunciados e responde de alguma forma, concordando ou discordando dessas vozes. O bibliotecário-narrador e os leitores ouvintes não aceitam passivamente nenhum enunciado, mas dialogam ativamente num ato responsivo.

Por isso, a presente investigação, como uma lanterna direcionada para um determinado foco, mas que clareia outros pontos, trouxe reflexões sobre vários assuntos.

7 METODOLOGIA

Essa pesquisa, do ponto de vista da sua natureza, é considerada como aplicada, pois "objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais" (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20).

Pelo ângulo da forma de abordagem, como quali-quantitativa porque segundo Silva e Menezes (2005, p. 20), a pesquisa quantitativa "considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las" e a pesquisa qualitativa "considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números".

Sob a ótica de seus objetivos, como exploratória-descritiva porque, conforme salienta Gil (2008, p. 27), "as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores" e a pesquisa descritiva:

[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. (GIL, 2008, p. 28).

Com relação ao instrumento de pesquisa, foi realizada a técnica de observação direta extensiva através da aplicação de um questionário online, respondido de forma anônima, preparado na ferramenta *Google Formulários*. A elaboração do questionário seguiu diretrizes de Gil (2008), Marconi e Lakatos (2003) e Silva e Menezes (2005). Além disso, especificamente sobre a aplicação de questionário, Marconi e Lakatos (2003, p. 201, grifo nosso) salientam que:

[...] é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e *sem a presença do entrevistador*. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo.

Para análise dos dados, optou-se pelo método dedutivo, pois este:

[...] é o método que parte do geral e, a seguir, desce ao particular. Parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica (GIL, 2008, p. 9).

Primeiramente, foi aplicado um questionário de pré-teste⁶⁵, com 31 perguntas mescladas entre abertas, fechadas e de múltiplas escolhas para os bibliotecários que atuam em projetos de incentivo à leitura literária; e 3 perguntas, uma fechada e duas abertas, para os profissionais que não atuam em tais projetos.

A Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB) da UNIRIO divulgou, a pedido dos pesquisadores, o questionário de pré-teste com uma nota⁶⁶ sobre a natureza da pesquisa, aos discentes - todos bibliotecários - do Mestrado Profissional em Biblioteconomia. O questionário ficou disponível para o recebimento de respostas no período de 06 a 20/05/2019.

Após o questionário de pré-teste, constatou-se, devido às leituras realizadas no processo de investigação, a necessidade de incluir a seguinte pergunta para aclarar o enfoque da pesquisa: *Você faz a Mediação Oral da Literatura, ou seja, lê em voz alta ou narra as histórias?* Além do acréscimo da opção *Religião* na pergunta *Quais desses sujeitos influenciam na escolha de obras para mediação?*

Por sugestão da banca de qualificação, ocorreu a troca do termo *Promoção da Leitura Literária* por *Incentivo à Leitura Literária*. No entanto, por questões técnicas, não foi possível realizar a troca antes da aplicação do questionário definitivo. Entretanto, a terminologia não prejudicou o objetivo da pesquisa.

O questionário online definitivo, com 32 perguntas mescladas entre abertas, fechadas e de múltiplas escolhas foi enviado aos bibliotecários que atuam em projetos de incentivo à leitura literária; e 3 perguntas, uma fechada e duas abertas, para os profissionais que não atuam em tais projetos

⁶⁵ Marconi e Lakatos (2003, p. 203) informam que “depois de redigido, o questionário precisa ser testado antes de sua utilização definitiva, aplicando-se alguns exemplares em uma pequena população escolhida”.

⁶⁶ Conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 201), “junto com o questionário deve-se enviar uma nota ou carta explicando a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de obter respostas, tentando despertar o interesse do recebedor, no sentido de que ele preencha e devolva o questionário dentro de um prazo razoável”.

O questionário seguiu com uma nota (MARCONI; LAKATOS, 2003) sobre a natureza da pesquisa, no dia 6 de dezembro de 2019 e reenviado no dia 11 de dezembro de 2019, pois o primeiro link apresentou erro.

O questionário ficou disponível para o recebimento de respostas até o dia 06/03/2020 e os pesquisadores não tiveram, em nenhum momento, contato direto com os pesquisados. Abaixo, quadro 08, com as perguntas, opções de resposta e síntese dos objetivos das perguntas.

Quadro 08 - Objetivos das perguntas do questionário

Pergunta	Opção de resposta	Objetivo da pergunta
1. Você é bibliotecário do Estado do Rio de Janeiro?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não ⁶⁷	Selecionar apenas bibliotecários do Estado do Rio de Janeiro.
OS PORQUÊS DA LITERATURA⁶⁸		
2. Como bibliotecário(a). Qual o seu conceito sobre o que é de literatura?	Resposta aberta.	Obter uma conceituação sobre o que é literatura para os bibliotecários.
3. Considerando que há diferenças entre literatura de proposta (cultura/erudita/clássica) e de massa (popular/entretenimento). Para você. O que é literatura de fato?	Resposta aberta.	Saber o que é literatura de fato para os bibliotecários devido à dicotomia entre literatura erudita e literatura de massa.
4. Para você. O que é Promoção da Leitura Literária?	Resposta aberta.	Saber o que é incentivo à leitura literária para os bibliotecários, visto que a literatura é estudada e incentivada em diversos campos da atividade humana.
5. Você considera que a promoção da leitura literária é importante, ou fundamental para os usuários?	Resposta aberta.	Saber se os bibliotecários consideram o incentivo à leitura literária como importante ou fundamental para os leitores.
PERFIL DOS BIBLIOTECÁRIOS		
6. Qual o seu gênero?	<input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	Identificar o gênero dos bibliotecários que atuam, ou não, com o incentivo à leitura literária, pois há uma associação da mediação oral da literatura ao gênero feminino. O objetivo é ratificar ou retificar essa proposição.
7. Qual a sua idade?	<input type="checkbox"/> 0-18 <input type="checkbox"/> 19-39 <input type="checkbox"/> 40-59 <input type="checkbox"/> A partir de 60 anos	Saber a idade dos bibliotecários que atuam, ou não, em projetos de incentivo à leitura literária para entender se há relação da idade do bibliotecário com a atuação na mediação da literatura.

⁶⁷ Ao marcar a opção "Não", o respondente foi direcionado para a seguinte mensagem: "Agradeço o seu interesse em responder o formulário. Entretanto, ele é destinado aos bibliotecários do Estado do Rio de Janeiro".

⁶⁸ Esse tópico englobou os bibliotecários que atuam, ou não, em projetos de incentivo à leitura literária.

8. Você trabalha ⁶⁹ em algum projeto de promoção da leitura literária?	() Sim () Não ⁷⁰	Identificar os bibliotecários que atuam, ou não, em projetos de incentivo à leitura literária.
PROJETOS DE INCENTIVO À LEITURA LITERÁRIA		
9. Qual o nome do Projeto ⁷¹ ?	Resposta aberta.	Conhecer o nome dos projetos dos bibliotecários que atuam com o incentivo à leitura literária.
10. O Projeto está vinculado a alguma instituição de ensino?	() Sim () Não () Outro ⁷² :	Identificar se os projetos estão vinculados, ou não, à instituição de ensino devido ao fator pedagógico desse campo.
11. O Projeto está sob responsabilidade de um(a) bibliotecári(a)?	() Sim () Não () Outro:	Identificar se o bibliotecário tem algum tipo de responsabilidade nos projetos.
12. Qual a sua função dentro desse Projeto?	Resposta aberta.	Saber a função do bibliotecário no projeto de incentivo à leitura literária.
13. Você faz a Mediação Oral da Literatura, ou seja, lê em voz alta ou narra as histórias?	() Sim () Não () Outro:	Saber se o bibliotecário utiliza a própria voz para descortinar as vozes das obras literárias aos ouvidos dos leitores.
14. Qual o público-alvo principal da mediação da leitura literária?	() Crianças (até 11 anos) () Adolescente (12 a 17 anos) () Adultos (a partir dos 18 anos)	Identificar o público-alvo atendido pelos projetos de incentivo à leitura literária.
15. Em qual região do Estado do RJ onde o Projeto é desenvolvido?	() Região Metropolitana () Região do Médio Vale do Paraíba () Região Centro-Sul Fluminense () Região Serrana () Região das Baixadas Litorâneas () Região Norte Fluminense () Região Noroeste	Saber a região do estado do Rio de Janeiro onde há projetos de incentivo à leitura literária.

⁶⁹ Por sugestão da banca de qualificação, ao longo do trabalho o termo “trabalha” foi substituído por “atua”.

⁷⁰ Ao marcar a opção “Não”, o respondente foi direcionado para as perguntas 33 e 34.

⁷¹ Essa informação não consta na presente investigação.

⁷² Como o questionário foi elaborado no *Google Formulários*, a terminologia “Outro” é padronizada pela ferramenta. Nessa opção, o respondente pode colocar respostas abertas.

	Fluminense () Região da Costa Verde () Outro:	
16. Além do profissional bibliotecário, existem outros profissionais no Projeto?	() Sim () Não	Identificar a presença de outros sujeitos sociais nos projetos de incentivo à leitura literária.
17. Em caso afirmativo, quais as profissões deles.	() Professores () Pedagogos () Estudantes de Biblioteconomia () Estudantes de outras áreas () Outro:	Identificar a profissão dos sujeitos que atuam, em parceria com o bibliotecário, em projetos de incentivo à leitura literária.
18. Quais atividades são desenvolvidas por você nesse Projeto?	() Batalha de <i>Slam</i> () Cineclube () Círculos de Leitura () Concursos de Poesia, Contos e Crônicas () Encontro com o autor ⁷³ e/ou Ilustrador () Leituras Dramatizadas () Oficinas Literárias () Rodas de Conversa () Rodas de Leitura () Saraus Pôeticos () Tértulias Literárias () Outro:	Obter uma especificação das ações realizadas pelos bibliotecários para incentivar a leitura literária.
19. Quais atividades são desenvolvidas, de uma forma geral, pelos outros membros nesse Projeto?	() Sou o único membro no Projeto () Batalha de <i>Slam</i> () Cineclube () Círculos de Leitura () Concursos de Poesia, Contos e Crônicas () Encontro com o autor e/ou Ilustrador () Leituras Dramatizadas () Oficinas Literárias () Rodas de Conversa () Rodas de Leitura () Saraus Pôeticos () Tértulias Literárias () Outro:	Obter uma especificação das ações realizadas pelos sujeitos que atuam, em parceria com o bibliotecário, no projeto de incentivo à leitura literária.
OBRAS LITERÁRIAS		

⁷³ Ao longo da investigação foi identificado mais adequada a terminologia *Encontro com o Autor* tanto para escritor quanto para ilustrador, pois ambos são autores.

20. Quais os tipos de obras escolhidas para mediação da leitura literária?	<input type="checkbox"/> Proposta (ou erudita, ou culta, ou clássica) <input type="checkbox"/> Massa (ou popular, ou de entretenimento) <input type="checkbox"/> Utilitária <input type="checkbox"/> Outro:	Saber se os bibliotecários realizam a mediação da literatura com base na dicotomia entre literatura erudita e literatura de massa.
21. Quais os tipos de obras preferidas para mediação da leitura literária?	<input type="checkbox"/> Adulta <input type="checkbox"/> Infantil <input type="checkbox"/> Juvenil <input type="checkbox"/> Outro:	Saber se os bibliotecários escolhem o tipo de obra para mediação de acordo com o público-alvo atendido pelo projeto ou se escolhem obras afins para mediação.
22. Quais os tipos de suporte preferido para mediação da leitura literária?	<input type="checkbox"/> Audiolivros <input type="checkbox"/> E-books <input type="checkbox"/> Jornais <input type="checkbox"/> Livros impressos <input type="checkbox"/> Revistas <input type="checkbox"/> Televisivo <input type="checkbox"/> Outro:	Saber se os mediadores literários têm alguma preferência com relação ao suporte das obras para mediação.
23. Quais os gêneros mais utilizados na mediação da leitura literária?	<input type="checkbox"/> Autoajuda <input type="checkbox"/> Bíblia <input type="checkbox"/> Contos <input type="checkbox"/> Cordel <input type="checkbox"/> Crônicas <input type="checkbox"/> Haicais ⁷⁴ <input type="checkbox"/> História em quadrinhos, Gibis, Mangá ou RPG <input type="checkbox"/> Novelas <input type="checkbox"/> Paradidático <input type="checkbox"/> Poesias <input type="checkbox"/> Religiosos <input type="checkbox"/> Romances <input type="checkbox"/> Outro:	Identificar os gêneros mais utilizados na mediação da literatura.
24. Quais desses sujeitos influenciam na escolha de obras para mediação?	<input type="checkbox"/> Amigos <input type="checkbox"/> Bibliotecários <input type="checkbox"/> Críticos literários <input type="checkbox"/> Editoras <input type="checkbox"/> Familiares <input type="checkbox"/> Professores <input type="checkbox"/> Propagandas em Mídias Sociais (Facebook, Twitter, Youtube, WhatsApp, Instagram, Blogs, etc) <input type="checkbox"/> Propagandas radiofônicas <input type="checkbox"/> Propagandas televisivas <input type="checkbox"/> Religião <input type="checkbox"/> Usuários [da biblioteca] <input type="checkbox"/> Não me considero influenciado por nenhum sujeito	Identificar quais sujeitos/instituições e seus múltiplos sujeitos que influenciam direta ou indiretamente nas escolhas das obras mediadas.

⁷⁴ Apesar de Haicai ser poesia, optou-se pelo destaque.

	() Outro:	
FONTE DE CAPACITAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS		
25. Qual a sua principal fonte de capacitação para mediação da leitura literária?	() Graduação () Pós-Graduação Lato Sensu (especialização) () Pós-Graduação Stricto Sensu () Doutorado () Cursos de curta duração () Cursos de longa duração () Outro:	Confirmar, ou não, a premissa que os cursos de graduação não formam bibliotecários para mediar literatura.
ESTUDO DE USUÁRIOS/FEEDBACK		
26. O Projeto realiza algum estudo de usuários para conhecer o público atendido?	() Sim () Não () Outro:	Saber se os bibliotecários mediadores estão preocupados em conhecer os leitores-ouvintes que participam das ações de incentivo à leitura literária.
27. Existe um espaço para os participantes fornecerem <i>feedback</i> das atividades para demonstrar como a literatura mediada teve influência positiva ou mesmo negativa na vida deles?	() Sim () Não () Outro:	Identificar se os bibliotecários mediadores estão preocupados em saber as respostas dos leitores com relação às ações de incentivo à leitura literária por eles realizada.
28. Em caso afirmativo, qual o principal canal de recebimento desse <i>feedback</i> ?	() Não é realizado um <i>feedback</i> () Impresso () Online (através do envio de formulários, site do Projeto, e-mail, etc.) () Outro:	Identificar os canais utilizados pelos bibliotecários para recebimento do <i>feedback</i> dos leitores.
WEBSITE/RESUMO DO PROJETO⁷⁵		
29. Qual o website do Projeto, caso possua?	Resposta aberta. Preenchimento opcional.	Conhecer o website dos projetos de incentivo à leitura literária.
30. Resuma o Projeto	Resposta aberta. Preenchimento opcional.	Conhecer o projeto através da voz do bibliotecário mediador.
31. Você autoriza que o nome e região do Projeto sejam citados na Dissertação de Mestrado como um mapeamento dos Projetos de Promoção da Leitura Literária realizada por bibliotecários no Estado do Rio	() Sim () Não	Obter, ou não, autorização para publicizar o nome/região do projeto.

⁷⁵ Essa informação não consta na presente investigação.

de Janeiro?		
CONTATO DO ENTREVISTADO (preenchimento opcional)⁷⁶		
32. Caso haja necessidade de mais informações, qual o seu e-mail e telefone de contato?	E-mail Telefone de contato, com o DDD	Resposta opcional para sanar possíveis dúvidas com relação ao projeto.
BIBLIOTECÁRIOS QUE NÃO ATUAM EM PROJETOS DE INCENTIVO À LEITURA LITERÁRIA		
33. Você já teve interesse em participar de algum Projeto de Promoção da Leitura Literária?	() Sim () Não () Outro:	Identificar se os bibliotecários que não atuam em projetos de incentivo à leitura literária teriam algum interesse em atuar nesse campo.
34. Descreva os motivos pelos quais você não trabalha com a promoção da leitura literária	Resposta aberta.	Identificar os motivos pelos quais os bibliotecários não atuam no incentivo à leitura literária.

Fonte: A autora (2020).

Para a divulgação do questionário definitivo foi solicitado o apoio do Conselho Regional de Biblioteconomia da 7ª Região (CRB-7). O pedido ao CRB-7 foi por esse abarcar apenas bibliotecários do Estado do Rio de Janeiro.

Da perspectiva do delineamento técnico, a pesquisa é caracterizada como pesquisa bibliográfica, pois “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p. 50).

Por isso, para fundamentar o tema dessa pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico, com estratégia de busca que envolveu palavras-chaves em língua portuguesa e, quando a base permitia, uso dos operadores booleanos AND, OR e NOT, truncagem, aspas duplas etc. O corte temporal foi entre os anos de 2008 a 2018.

Os seguintes termos foram pesquisados: Bibliotecário Mediador da Literatura; Bibliotecário Mediador Oral da Literatura; Círculo de Bakhtin; Gêneros do Discurso; Leitura Literária; Literatura Erudita⁷⁷; Literatura de Massa⁷⁸; e Promoção da Leitura Literária⁷⁹.

⁷⁶ Essa informação não consta na presente investigação e os investigadores não entraram em contato com nenhum entrevistado.

⁷⁷ Sinônimos incluídos: *Alta Literatura*, *Grande Literatura*, *Literatura Clássica*, *Literatura Culta* e *Literatura de Proposta*.

A pesquisa foi realizada em bases de dados, portais, bibliotecas digitais e repositórios. Dentre os recursos informacionais pesquisados, destacamos os resultados da Base de Dados em Ciência da Informação - BRAPCI⁸⁰, pelo foco em Ciência da Informação, e do Repositório Benancib⁸¹, por apresentar trabalhos dos Encontros Nacionais de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB), conforme quadro 09 abaixo:

Quadro 09 - Documentos Recuperados na Base BRAPCI e Repositório Benancib: delineamento técnico: 2008-2018

Termos	Base BRAPCI		Repositório Benancib	
	Recuperados	Contabilizados como válidos	Recuperados	Contabilizados como válidos
Bibliotecário Mediador da Literatura	1	1	13	2
Bibliotecário Mediador Oral da Literatura	0	0	15	2
Círculo de Bakhtin	1	0	0	0
Gêneros do Discurso	1	0	7	0
Leitura Literária	9	1	22	1
Literatura Erudita	0	0	5	0
Literatura de Massa	0	0	5	0
Promoção da Leitura Literária	0	0	24	1

Fonte: Resultados da Pesquisa (2019).

Além do levantamento nas bases supracitadas, outra fonte que contribuiu sobremaneira para essa pesquisa foram as disciplinas *Biblioteconomia, Comunicação e Mediação* e *O círculo de Bakhtin e seus pressupostos para análise do discurso em Biblioteconomia*, ministradas pelo Professor Doutor Gilberto de

⁷⁸ Sinônimos inseridos: *Literatura de Entretenimento* e *Literatura Popular*.

⁷⁹ Sinônimo adicionado: *Incentivo à Leitura Literária*.

⁸⁰ Estratégia de busca aplicada no campo "termo(s) de busca" - opção "palavras-chave" - "Delimitação da busca" 2008 a 2018.

⁸¹ Estratégia inserida na busca avançada: - "Palavra-chave" - "Nome do GT" 3 (GT 3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação) - "Ano do evento" 2008 a 2018.

Castro no Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB) da UNIRIO, respectivamente no segundo semestre de 2018 e primeiro semestre de 2019.

No decorrer da investigação também foram consultados websites de jornais, revistas, associações, institutos, fundações, secretarias de educação e cultura, entre outros, para obter exemplificações pontuais sobre determinada problemática.

A respeito do levantamento bibliográfico dos termos dos encontros narrativos, a estratégia de busca, com delimitação temporal de 2008 a 2018, também envolveu o uso de palavras-chaves em língua portuguesa e, quando a base permitia, uso dos operadores booleanos AND, OR e NOT, truncagem, aspas duplas etc.

Os termos pesquisados, com destaque para Base BRAPCI e Repositório Benancib, foram: Batalha de Poesia ou *Slam*; Contação de Histórias; Círculo de Leitura⁸²; Hora do Conto; Leitura Dramatizada⁸³; Rodas de Conversa; Rodas de Leitura; Sarau Literário; e Tertúlia Literária Dialógica, conforme quadro 10 abaixo:

Quadro 10 - Documentos recuperados na Base Brapci e Repositório Benancib: encontros narrativos: 2008-2018

Termos	Base BRAPCI		Repositório Benancib	
	Recuperados	Contabilizados como válidos	Recuperados	Contabilizados como válidos
Batalha de poesia ou <i>Slam</i>	0	0	0	0
Contação de Histórias	9	6	8	0
Círculo de Leitura	1	1	20	0
Hora do Conto	3	1	0	0
Leitura Dramatizada	0	0	20	0
Rodas de Conversa	0	0	1	0
Rodas de Leitura	0	0	20	0
Sarau Literário	0	0	0	0
Tertúlia Literária Dialógica	0	0	0	0

Fonte: Resultados da Pesquisa (2019).

⁸² Sinônimos incluídos: *Círculo de Literatura*, *Clube de Leitura*, *Clube do Livro* e *Oficina de Leitura*.

⁸³ Sinônimo inserido: *Leitura Dramática*.

8 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nessa seção é apresentada a descrição e análise dos dados obtidos através do questionário online enviado por e-mail aos bibliotecários do Estado do Rio de Janeiro.

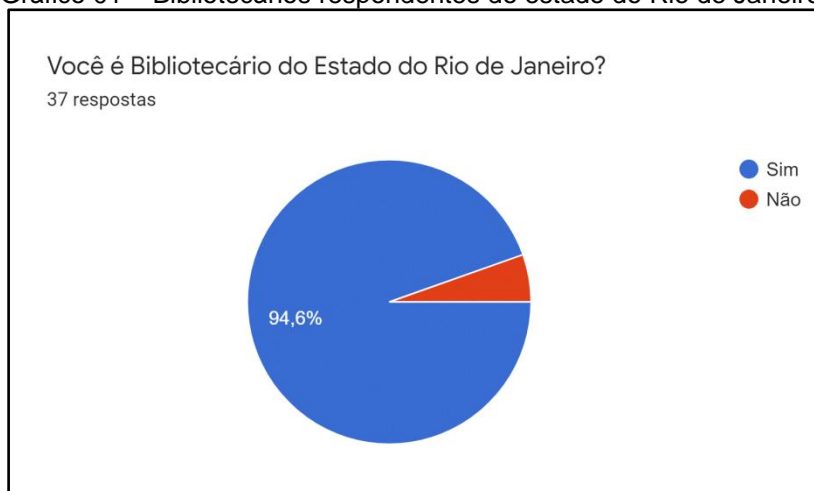
As subseções foram agrupadas em: perfil dos bibliotecários; os porquês da literatura; ações de incentivo à leitura literária; estudo de usuários/*feedback*; e bibliotecários que não atuam em projetos de incentivo à leitura literária.

As respostas dos bibliotecários que atuam, ou não, em projetos de incentivo à leitura literária foram descritas e analisadas para observar se há visões contrastantes entre os profissionais que atuam diretamente com o incentivo à leitura literária e os que não atuam.

8.1 PERFIL DOS BIBLIOTECÁRIOS

O gráfico 01 ilustra a quantidade de bibliotecários do estado do Rio de Janeiro que responderam o questionário online:

Gráfico 01 – Bibliotecários respondentes do estado do Rio de Janeiro



Fonte: Google Formulários (2020).

A primeira pergunta do questionário *Você é bibliotecário do estado do Rio de Janeiro?* Apresentou duas opções de resposta, *sim* e *não*, com o objetivo de selecionar apenas bibliotecários que exercem sua atividade profissional no estado do Rio de Janeiro. Um recorte de pesquisa visando certa especificidade, tendo em vista que o Brasil possui 26 estados e o Distrito Federal, ou seja, 27 unidades

federativas. Uma amplitude não necessária para os objetivos da presente investigação.

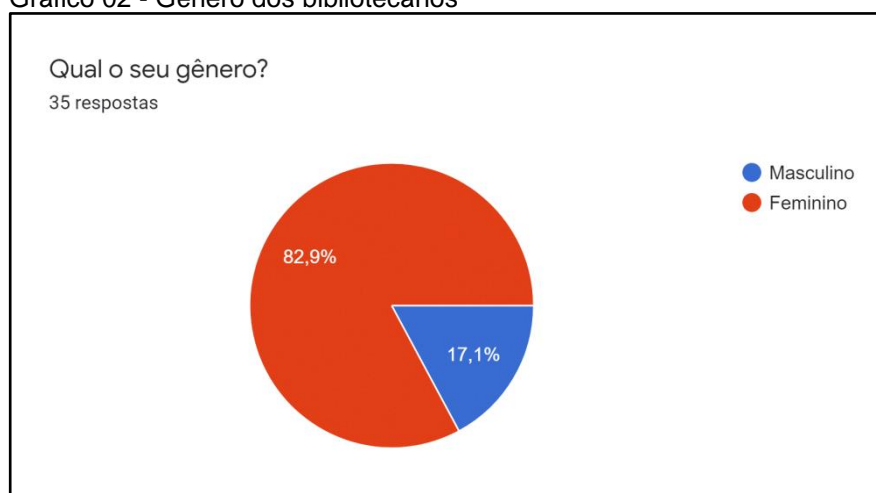
Segundo e-mail recebido em 22 de outubro de 2019, de Silva (2019)⁸⁴, do CRB-7, sobre o total de bibliotecários do Estado do Rio de Janeiro, há “[...] 7.180 inscritos, dos quais 2.928 se encontram ativos, no Estado do RJ”.

O questionário foi acessado por 94,6% (35) bibliotecários do estado do Rio de Janeiro e 5,4% (2) bibliotecários que, por não serem desse estado, foram direcionados à seguinte mensagem: “Agradeço o seu interesse em responder o formulário. Entretanto, ele é destinado aos bibliotecários do Estado do Rio de Janeiro”.

Logo, o quantitativo de respondentes na presente investigação é de 94,6% (35) bibliotecários do estado do Rio de Janeiro. Esse resultado pode ser compreendido em Marconi e Lakatos (2003), pois ressaltam que uma das desvantagens do questionário é a “percentagem pequena dos questionários que voltam”. Similar limitação do questionário é citada por Gil (2008, p. 122), onde essa técnica de pesquisa “[...] não oferece a garantia de que a maioria das pessoas devolvam-no devidamente preenchido, o que pode implicar a significativa diminuição da representatividade da amostra”. No entanto, o percentual de respondentes não anulou os objetivos propostos pelos pesquisadores.

O gráfico 02 ilustra o gênero dos bibliotecários respondentes:

Gráfico 02 - Gênero dos bibliotecários



Fonte: Google Formulários (2020).

⁸⁴ Adriano da Silva, Diretor Técnico do CRB-7.

A pergunta *Qual o seu gênero?* Com duas opções de resposta, *masculino* e *feminino*, similar à especificação de gênero da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-livro (2016), teve por objetivo identificar o gênero dos bibliotecários que atuam, ou não com o incentivo à leitura literária, pois há uma associação da mediação oral da literatura ao gênero feminino, como mães, avós, tias, babás, professoras, pedagogas etc.

Dos 94,6% (35) bibliotecários respondentes, 82,9% (29) são do gênero feminino e 17,1% (6) do gênero masculino. Nota-se pelos resultados que a maioria dos bibliotecários respondentes são do gênero feminino.

Tais resultados, conjugados aos resultados da pergunta *Você trabalha em algum projeto de promoção da leitura literária?* Que teve por objetivo identificar os bibliotecários que atuam, ou não, em projetos de incentivo à leitura literária, sendo os primeiros, com maior probabilidade de usar a própria voz para mediar oralmente a literatura, de estar em interlocução com os leitores, 48,6% (17) responderam que atuam em projetos de incentivo à leitura literária e 51,4% (18) responderam que não atuam em tais projetos.

Dos 17 bibliotecários que responderam que atuam em projetos de incentivo à leitura literária, 16 são do gênero feminino e 1 do gênero masculino. Com relação aos 18 bibliotecários que não atuam em tais projetos, 13 são do gênero feminino e 5 do gênero masculino.

Os resultados permitiram confirmar que a maioria dos bibliotecários que atuam com incentivo à leitura literária são do gênero feminino, mesmo com uma proximidade de resultado com relação aos que não atuam com essa tipologia de projeto.

O fator a ser levado em consideração para os resultados supracitados são: apesar de não ser uníssono, há na literatura forte atribuição, como em Tahan (1961), da arte de contar histórias, uma ação de incentivo à leitura literária, ao feminino. Na obra, diversas passagens e ilustrações⁸⁵, inclusive da capa e contracapa, apontam com mais ênfase para o feminino, apesar da existência de exemplificações masculinas. O segundo fator é a Biblioteconomia ser considerada uma profissão predominantemente feminina.

⁸⁵ Em Barcellos e Neves (1995) também há ilustrações do contador de histórias reportando ao feminino.

Em sua pesquisa, Oliveira (2017, p. 40) aponta uma universidade no estado do Rio de Janeiro, a UNIRIO⁸⁶, onde “[...] os cursos de Biblioteconomia da UNIRIO são, em sua maioria, procurados por pessoas do sexo feminino”. Apesar da especificação “sexo feminino”, no item “Caracterização do entrevistado” (OLIVEIRA, 2017, p. 84), do instrumento de pesquisa, é apresentado “gênero” com três opções: feminino, masculino e outro⁸⁷, demonstrando que o respondente marcou a resposta por gênero e não sexo.

Ornellas (2014, p. 81) ao pesquisar os bibliotecários de referência, não especificamente do estado do Rio de Janeiro, pois o critério geográfico utilizado foi a região⁸⁸ de residência desse profissional, também “[...] confirma a informação que a profissão de Biblioteconomia é dominada pelo gênero feminino [...]”.

Então, podemos conjecturar que o fato da arte de contar histórias ser atribuída ao feminino, somado a uma profissão também considerada predominantemente feminina, ratifica a premissa do feminino ser mais propenso ao engajamento em projetos de incentivo à leitura literária.

Entretanto, concordamos com Bortolin (2010, p. 56) que, “[...] acredito que a narrativa oral de histórias, ao contrário do que muitas pessoas pensam, não é tarefa apenas das mães, avós, babás e professoras. Narrar histórias não é só para mulheres”.

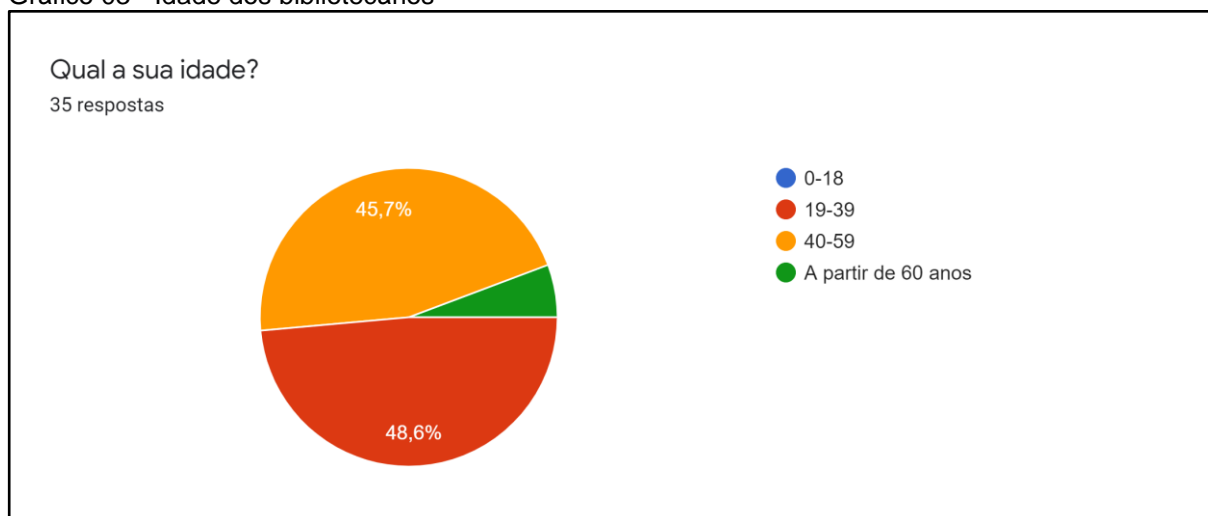
⁸⁶ No estado do Rio de Janeiro, três universidades federais ofertam o curso de Biblioteconomia: a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO; a Universidade Federal Fluminense - UFF e a Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Isso não quer dizer que os respondentes da presente investigação se formaram no Rio de Janeiro e nem que a pesquisa de Oliveira (2017), focada nos discentes de Biblioteconomia da UNIRIO, representa todos os cursos dessa área no Brasil ou no estado do Rio de Janeiro. O exemplo foi um recorte no estudo da pesquisadora para parametrizar a presente investigação sobre a premissa do feminino nesses cursos.

⁸⁷ Oliveira (2010, p. 40) também informa que “Três pessoas registram a opção ‘outros’, identificando-se como agênero, transgênero e gênero fluido [...]”, ratificando, de certa maneira, que as respostas foram por gênero e não sexo.

⁸⁸ Divisão do Brasil nas cinco regiões: Sudeste; Sul; Nordeste; Centro-oeste e Norte.

O gráfico 03 ilustra a idade dos bibliotecários respondentes:

Gráfico 03 - Idade dos bibliotecários



Fonte: Google Formulários (2020).

A fim de saber a idade dos bibliotecários que atuam, ou não, em projetos de incentivo à leitura literária para entender se há relação da idade do bibliotecário com a atuação na mediação da literatura, foi elaborada a seguinte pergunta: *Qual a sua idade?*

No que concerne a *idade* dos respondentes, dos 35 respondentes, 0% têm de 0-18 anos; 48,6% (17) têm de 19-39 anos; 45,7% (16) tem de 40-59 anos e 5,7% (2) têm a partir de 60 anos.

Dos bibliotecários que atuam em projetos de incentivo à leitura, não consta nenhum, de ambos os gêneros, na faixa etária de até 18 anos; na faixa etária de 19-39 anos, 1 do gênero masculino e 7 do gênero feminino; na faixa etária de 40-59 anos, nenhum do gênero masculino e 7 do gênero feminino; na faixa etária a partir dos 60 anos, nenhum do gênero masculino e 2 do gênero feminino.

Nota-se pelos resultados que, quando atuantes, a faixa etária dos bibliotecários ligados ao incentivo à leitura literária se inicia após os 19 anos e continua a partir dos 60 anos. Um resultado possível considerando que a idade de entrada em um curso superior, em geral, tem início aos 18 anos e a duração média de um curso de graduação em biblioteconomia é de quatro anos. A idade a partir dos 60 anos pode ser devido à aposentadoria do profissional.

Dos bibliotecários que *não* atuam em projetos de incentivo à leitura, não consta nenhum, de ambos os gêneros, na faixa etária de até 18 anos; na faixa etária

de 19-39 anos, 4 do gênero masculino e 5 do gênero feminino; na faixa etária de 40-59 anos, 1 do gênero masculino e 8 do gênero feminino; na faixa etária a partir dos 60 anos, nenhum de ambos os gêneros.

Percebe-se que os resultados supracitados são similares aos dos bibliotecários que atuam em projetos de incentivo à leitura literária. Isso demonstra que a idade, independente do gênero, não é um fator determinante para atuação em projetos de incentivo à leitura literária.

Abaixo, o quadro 11 condensa a atuação, ou não, de bibliotecários em projetos de incentivo à leitura literária, por gênero e idade.

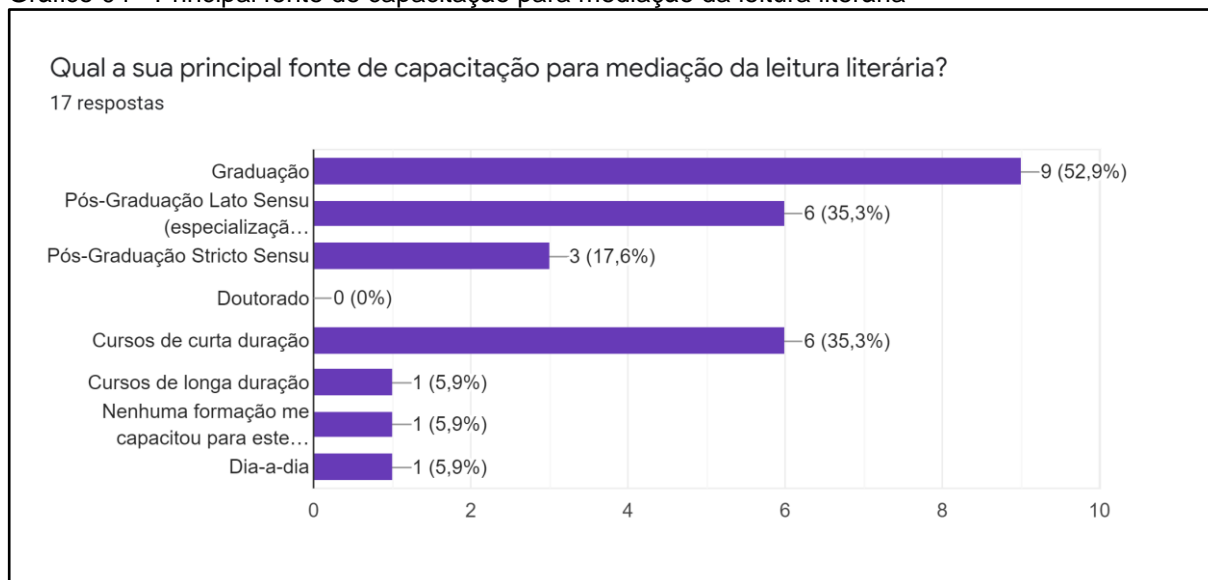
Quadro 11 - Bibliotecários que atuam, ou não, em projetos de incentivo à leitura literária: por gênero e idade

Bibliotecários que atuam em Projetos de Incentivo à Leitura Literária				
Gênero	0-18 anos	19-39 anos	40-59 anos	a partir de 60 anos
Masculino	0	1	0	0
Feminino	0	7	7	2
Bibliotecários que não atuam em projetos de Incentivo à Leitura Literária				
Masculino	0	4	1	0
Feminino	0	5	8	0

Fonte: Google Formulários (2020).

O gráfico 04 ilustra a principal fonte de capacitação dos bibliotecários que sinalizaram que atuam com mediação da leitura literária:

Gráfico 04 - Principal fonte de capacitação para mediação da leitura literária



Fonte: Google Formulários (2020).

Com o objetivo de confirmar, ou não, a premissa que os cursos de graduação não formam bibliotecários para mediar literatura, sendo mais voltada ao tecnicismo, tendo o bibliotecário que buscar outras formas de capacitação para mediar literatura, entre essas, cursos de pós-graduação stricto sensu, cursos de curta e média duração etc., foi elaborada a pergunta *Qual a sua principal fonte de capacitação para mediação da leitura literária?*

Dos respondentes, 52,9% (9) marcaram Graduação; 35,3% (6) Pós-Graduação Lato Sensu (especialização); 17,6% (3) Pós-Graduação Stricto Sensu; 0% Doutorado; 35,3% (6) Cursos de curta duração; 5,9% (1) Cursos de longa duração; 5,9% (1) “Dia-a-dia”; 5,9% (1) “Nenhuma formação me capacitou para este trabalho, além de uma única disciplina na Universidade. É baixo o interesse nesse tipo de formação, ao meu ver”.

Observa-se pelos resultados que a graduação foi sinalizada como a principal fonte de capacitação. Um resultado que contrasta com a premissa formuladora da questão; com o abordado por Oliveira (2017), ao mostrar que os currículos de Biblioteconomia, em sua maioria, focam no tecnicismo; e com Bortolin (2010) quando declara que os cursos de Biblioteconomia no Brasil, em sua maioria, não preparam os bibliotecários para serem mediadores de leitura, seja literária ou não.

Além do mais, Oliveira (2017), ao abordar disciplinas do curso de Biblioteconomia de uma universidade no Estado do Rio de Janeiro, a UNIRIO, declara que "[...] são poucas as disciplinas que abordam diretamente a temática da mediação de leitura como prática biblioteconômica".

Uma das razões para os bibliotecários respondentes da pesquisa terem marcado a graduação pode ser o enunciado de um, ou vários, docentes que ao ministrarem sobre os enfoques da profissão (VALENTIM; ALMEIDA; SILVA, 2015), tenham enunciado de tal forma o cunho social da profissão atrelado ao incentivo à leitura literária que tenham obtido uma resposta afirmativa desses bibliotecários e, por isso, decidiram atuar profissionalmente com esse gênero do discurso. Conforme explicitado por Bakhtin (2016), todo enunciado gera algum tipo de resposta.

A respeito da Pós-Graduação Lato Sensu; Pós-Graduação Stricto Sensu; Cursos de curta duração e Cursos de longa duração são resultados condizentes com a oferta de cursos de capacitação de mediadores literários ofertados por diversas instituições de ensino onde o bibliotecário pode obter uma educação continuada focada no literário. Está última, defendida por Ornellas (2014).

A resposta "Dia-a-dia", tomando por base que esse dia-a-dia são enunciados recebidos no cotidiano de mediadores literários de áreas afins do conhecimento, é possível de acordo com as premissas de Bakhtin (2016), pois o sujeito pode compreender a arte de mediar literatura através dos enunciados recebidos e molda a própria maneira de mediar.

Referente à resposta "Nenhuma formação me capacitou para este trabalho, além de uma única disciplina na Universidade. É baixo o interesse nesse tipo de formação, ao meu ver", é possível identificar algum enunciado recebido no ensino universitário, atrelado a outros dos campos aos quais o respondente participa. Mesmo que o sujeito não perceba, por viver em sociedade, recebe e transmite enunciados.

8.2 OS PORQUÊS DA LITERATURA

O quadro 12 apresenta as respostas dos 48,6% (17) bibliotecários que atuam em projetos de incentivo à leitura literária e dos 51,4% (18) que não atuam em projetos de incentivo à leitura literária, com relação à seguinte pergunta: *Como bibliotecário(a). Qual o seu conceito sobre o que é literatura?*

Quadro 12 - Conceito de literatura pelos bibliotecários do RJ

Bibliotecários que atuam em projetos de incentivo à leitura literária	Bibliotecários que não atuam em projetos de incentivo à leitura literária
A arte de transmitir saberes por meio da palavra escrita.	A literatura funciona como registro do pensamento do autor e exposição da sua visão de mundo, no tempo e espaço, os quais incentivam a criatividade dos leitores e a formação dos seus próprios conceitos, valores, percepções e etc.
A literatura é a manifestação que se utiliza da linguagem para descrever histórias. Os autores produzem suas obras literárias contando suas experiências, suas emoções. As obras tem [sic] assuntos variados para que cada leitor escolha o que tem mais interesse.	A melhor forma de divulgar a leitura, ou seja, através dos livros relativos a literatura.
A literatura é tanto a obra escrita como a oral que nos apresenta um algo. Seja de forma cultural, sentimental, conceitual, etc.	Arte recriada através do escrito, textos, poesias, versos...
A literatura é uma manifestação que pode ser representada por meio da escrita e da oralidade, pode ser artística, informativa ou didática. Apresentada em diversos tipos de suporte, utilizada por lazer ou como ferramenta de ensino, acompanha a humanidade desde que surgiu a necessidade de comunicação entre os indivíduos.	Conjunto de obras literárias
Conjunto de obras que englobam diversos gêneros literários e que proporcionam ao leitor viajar em sua [sic] frases e páginas.	É a arte de escrever e expor textos em prosa, por meio de técnicas de escritas.
É a arte de expressar desejos, pensamentos, ideias, fatos e imaginação através da escrita.	É a arte de se expressar através das letras, da palavra escrita.
É a forma lúdica de aprendizado e apreensão do conhecimento tanto para crianças quanto para jovens e adultos.	É uma manifestação artística que corrobora para aumentar o entendimento das pessoas.
É tudo aquilo que permite ao leitor uma visão de mundo, a maior parte em forma de palavras/imagens, por isso em geral, apresentada nos livros.	Existem diversas definições e tipos de literatura, pode ser uma arte, uma profissão, um conjunto de produções, e etc. Literatura é a arte de criar e compor textos ...

Entendo como sendo um conceito amplo abrangendo as duas vertentes citadas: culta/erudita/clássica + popular/entretenimento. Existe público para ambos segmentos	Literatura é o material de carácter ficcional e criativo.
Leitura por prazer	Literatura é uma arte, uma manifestação das ideias do ser humano, nas mais variadas formas de expressão.
Literatura é viajar sem sair do lugar; é buscar conhecimentos profundos sobre determinados assuntos, é crescer pessoalmente, alimentar o intelecto, sonhar acordado, tempo de relaxamento, cura para doenças da alma. Todo mundo deveria ter um momento de leitura por dia.	Narrativas ficcionais com potencial transformador [sic] pela via do conhecimento sensível.
Literatura está ligada ao desenvolvimento do hábito de ler e escrever	Para mim é a materialização da capacidade cognitiva do autor, com o objetivo de alcançar leitores com as suas palavras.
Manifestação de linguagem escrita desenvolvida pelo ser humano que pode ser informativa ou artística.	Para mim literatura é tanto um conceito mais geral que abrange qualquer produção bibliográfica, seja científica ou de ficção. Quanto especificamente livros de ficção que servem para entretenimento e lazer.
Media entre o usuário e a informação, agente com responsabilidade social.	Penso que literatura diz respeito à produção cultural de um povo, seja de cunho erudito ou popular.
Para mim, literatura é assim como as artes, a dança, a música. É expressão humana por meio da linguagem e escrita, considerando as diversas formas de variações e criatividade.	Técnica em linguagem [sic] escrita, respeitando determinados critérios.
Produção textual voltada para um determinado público leitor (pode ser literatura acadêmica, infantil, juvenil, etc...)	Textos que promovam o desenvolvimento do pensamento e que envolva o leitor.
Uma forma de ler o mundo imaginário	Toda forma de texto (pode ser somente figuras) que descrevem alguma história, podendo ser: culta, erudita, clássica, literária...
[em branco]	Um [sic] forma de comunicação por vezes lúdica, que permite a ambientação virtualizada por outros ambientes, a partir do suporte Livro (Eletrônico ou físico)

A fim de obter uma conceituação sobre o *que é literatura* para os bibliotecários, considerando que cada leitor/profissional/campo do conhecimento tende a ter um conceito sobre literatura, foi formulada a pergunta *Como bibliotecário(a). Qual o seu conceito sobre o que é literatura?*

A pergunta foi respondida por 35 bibliotecários do estado do Rio de Janeiro, 48,6% (17) que atuam em projetos de incentivo à leitura literária e 51,4% (18) que não atuam em projetos de incentivo à leitura literária.

Constata-se, pelos resultados obtidos, certa similaridade na conceituação de literatura pelos bibliotecários que atuam, ou não, em projetos de incentivo à leitura literária.

Tal como explicitado por Lajolo (1986), conceituar literatura não é uma tarefa fácil. Apesar disso, muitos respondentes reconhecem as vozes dos textos literários como distinta dos textos não literários. A palavra com suas múltiplas facetas, capaz de refletir e refratar qualquer manifestação humana (VOLÓCHINOV, 2017).

Ornellas (2014, p. 51), como profissional do campo biblioteconômico, apresenta uma característica do texto literário ao informar que “[...] nos textos literários há o uso estético da palavra que é evidenciada pelo conceito de literariedade que, por sua vez, são os signos linguísticos somados à intenção do autor de produzir um sentimento no leitor”.

Apesar da problemática na conceituação de literatura, a voz do autor-criador como um sujeito social que transpassa, através das próprias palavras e do discurso do outro, as muitas vozes da sociedade, são reconhecidos pelos respondentes e esses enunciados, conforme defesa de Bakhtin (2016) e Castro (2014b), estão presentes nas obras literárias.

Além do supracitado, os bibliotecários também reconhecem, de certa forma, a existência da classificação atribuída pelas instâncias de legitimação, a dicotomia entre literatura erudita e literatura de massa, explicitada por Abreu (2006).

Apesar do atrelamento da literatura como advinda do escrito, alguns respondentes também consideram a literatura em outras linguagens, como os textos orais, como defendido por Bortolin (2010).

A presente investigadora conceitua literatura como um gênero do discurso repleto de enunciados dos autores, e de outros sujeitos sociais, que dialogam com os leitores da época/localização geográfica em que foram escritos e também, de forma atemporal, com leitores de localidades afins e épocas vindouras.

O quadro 13 apresenta as respostas dos 48,6% (17) bibliotecários que atuam em projetos de incentivo à leitura literária e dos 51,4% (18) que não atuam em projetos de incentivo à leitura literária à seguinte pergunta: *Considerando que há diferenças entre literatura de proposta (cultura/erudita/clássica) e de massa (popular/entretenimento). Para você. O que é literatura de fato?*

Quadro 13 - Literatura de fato para os bibliotecários do RJ

Bibliotecários que atuam com incentivo à leitura literária	Bibliotecários que não atuam com incentivo à leitura literária
A diferença está na maneira como cada proposta se apresenta, ou seja na linguagem formal ou informal. Literatura de fato, é uma forma de arte que se manifesta pela linguagem	Acredito que a literatura seja um conjunto de expressões culturais manifestadas pelas ações do ser humano em forma de expressão artística.
Acredito que ambos são literaturas, pois acrescenta algo para o leitor. Não é por algo ser feito para entreter que não vai agregar algo na vida da pessoa. Mesmo que sejam momentos de felicidade.	Ambas são literatura, cada uma criada a seu tempo para entreter o leitor de sua respectiva época. Muitas vezes abordando [sic] fatos do cotidiano.
Ambas são literatura, porém uma permite formação de senso crítico, liberdade de expressão, autonomia ao cidadão. Enquanto a outra é repetição de um modelo de pouca formação, baixo desenvolvimento. Muitas vezes é preciso utilizar-se da literatura de massa para começar um trabalho de formação de leitor, apresentando de forma literária aquilo que já é conhecido, em um campo confortável ao leitor, para depois ir evoluindo o repertório, a partir do gosto criado pela leitura.	Arte de escrever em prosa ou verso
Ambas são viés distintos, mas são ambas literatura.	Como dito anteriormente, a literatura pode abranger as duas modalidades, desde livros de grande erudição, como Guimarães Rosa, a literatura de cordel, de cunho popular.

<p>Aquela que cada leitor se identifica. Tem material para todo tipo de público, quadrinhos, romances, biografias, jornais, revistas, textos científicos, literatura infantojuvenil etc.</p>	<p>Considero ser um registro escrito direcionado aos mais variados tipos de público.</p>
<p>É a possibilidade do conhecimento e do lazer.</p>	<p>É a arte da escrita independente de sua classificação</p>
<p>É todo e qualquer livro que o usuário se interesse. Para mim não deveria haver diferenciação do que é lido, como clássico ou popular.</p>	<p>É a arte de escrever textos em prol do seu bem estar e incentivar o leitor a conhecer a realidade de outrem.</p>
<p>Entendo como sendo as duas áreas. Ambas convivem pacificamente e atendem demandas específicas de públicos distintos ou não.</p>	<p>É aquela que consegue unir as diferenças e aplacar os ânimos exaltados.</p>
<p>Forma de arte da linguagem com diferentes estilos que transmite conhecimento e serve também como fonte de lazer.</p>	<p>É tudo que manifeste um interesse no cidadão.</p>
<p>Leitura do que vem através do que se gosta e não imposta</p>	<p>Exatamente o dito anteriormente pois todas possuem potencia [sic] transformadora [sic] e considerar [sic] entretenimento como algo menor me parece algo problemático. Estilos diferentes para públicos [sic] diferentes. Hierarquizar por essa via é um movimento elitista e parcial.</p>
<p>Literatura com a proposta clássica popular</p>	<p>Literatura é a área do conhecimento que influencia as demais áreas pelo poder da palavra</p>
<p>Literatura é a fusão dos dois conceitos</p>	<p>Literatura é uma possibilidade de as pessoas se verem refletidas e a partir daí desenvolverem a sua própria voz no mundo.</p>

<p>Literatura é manifestação artística de forma que o autor expressar sua visão de mundo e de si. A literatura como potência de mudança em um indivíduo e como ninguém consegue sair ileso de uma leitura, e que todos têm o direito ao acesso a literatura, e os aparelhos culturais devem garantir e assegurar esse acesso. A literatura, por meio do livro, tem o poder transformar pessoas, seu impacto nas vidas das pessoas (reflexão, afirmação, reconstrução, negação, etc) e como isso refleti no ver e agir no mundo.</p>	<p>O objeto do conhecimento, que pode ser estudado.</p>
<p>Literatura⁸⁹ é viajar sem sair do lugar; é buscar conhecimentos profundos sobre determinados assuntos, é crescer pessoalmente, alimentar o intelecto, sonhar acordado, tempo de relaxamento, cura para doenças da alma. Todo mundo deveria ter um momento de leitura por dia.</p>	<p>Obras de/para entretenimento e acúmulo cultural</p>
<p>Prazer.</p>	<p>Obras para leitura, livros...</p>
<p>Trabalho em escola, então divido a literatura infantil e infanto-juvenil em dois segmentos: a de qualidade, e a que não tem qualidade. A literatura juvenil e adulta, quem decide é o que é literatura é a comunidade para qual eu presto serviço. Basicamente, literatura no contexto que eu me encaixo, é o que atende a minha comunidade. Por exemplo, pode ser uma poesia/peça de Shakespeare, ou o livro do [sic] Larissa Manuela.</p>	<p>Para mim, literatura é composta de um bom texto, tem que envolver o leitor, pode ser "de proposta" ou "de massa".</p>
<p>Ver conceito.</p>	<p>Toda a forma de manifestação artística através da palavra escrita.</p>

⁸⁹ Esse bibliotecário colocou igual resposta nas seguintes perguntas: *Como bibliotecário(a). Qual o seu conceito sobre o que é literatura? Considerando que há diferenças entre literatura de proposta (cultura/erudita/clássica) e de massa (popular/entretenimento). Para você. O que é literatura de fato?*

[em branco]	Toda forma de conteúdo que tenha significado para quem lê.
-------------	--

Fonte: Google Formulários (2020).

Com o objetivo de saber o que é literatura de fato para os bibliotecários, devido à dicotomia literatura erudita e literatura de massa, foi elaborada a seguinte pergunta: *Considerando que há diferenças entre literatura de proposta (cultura/erudita/clássica) e de massa (popular/entretenimento). Para você. O que é literatura de fato?*

A pergunta foi respondida por 35 bibliotecários do estado do Rio de Janeiro, 48,6% (17) que atuam em projetos de incentivo à leitura literária e 51,4% (18) que não atuam em projetos de incentivo à leitura literária.

Observa-se, pelos resultados obtidos, certa similaridade na conceituação de literatura de fato pelos bibliotecários que atuam, ou não, em projetos de incentivo à leitura literária.

Abreu (2006) discorre sobre a existência dessa dicotomia, entre outros fatores, devido às classificações de uma ou mais instâncias de legitimação. Em Bakhtin (2016) e Volóchinov (2017), é possível afirmar que essa dicotomia faz parte da própria construção dos gêneros do discurso, uma vez que são palco de vozes sociais.

Castro (2011), além de ratificar a classificação da literatura pelas instâncias de legitimação, afirma que o leitor comum não é o responsável por dividi-la, mas como lhe é enunciado essas classificações, acaba sendo construído sobre essas influências. Logo, o bibliotecário, como qualquer outro leitor, também recebe esse tipo de enunciado e as respostas, de uma forma geral, refletem, que reconhecem a existência da dicotomia.

Uns respondem afirmativamente às pontuações das instâncias de legitimação de que a literatura erudita é melhor do que a literatura de massa e outros respondem negativamente, rejeitando a dicotomia.

A visão da literatura com o poder de transformar o sujeito, possível dependendo do tipo de responsividade dado pelo leitor aos enunciados do autor (BAKHTIN, 2016); e também de entreter são refletidas nas respostas. Esse entretenimento, citado por Sodré (1988) como uma forma de escrita destinada a acalantar e também uma forma do leitor projetar-se como herói das histórias pode

ser considerada uma atribuição de alguns gêneros literários, independente de ser literatura erudita ou de massa, e como estilística de determinados autores, pois a literatura é um gênero do discurso múltiplo que comporta diversificados aspectos, não apenas o entretenimento, como sinônimo de lazer, prazer, satisfação etc.

A presente investigadora conceitua literatura de fato aquela onde o autor, de forma ideológica, através da linguagem literária, leva o leitor a refletir sobre dada realidade, concordando ou discordando dos enunciados advindos da sociedade, sendo a classificação pejorativa à literatura de determinados grupos como uma forma de silenciar e menosprezar as vozes não dominantes na conceituação literária de uma dada época, perpetuando a visão preconceituosa de que a boa literatura é aquela que advém ou é aprovada pelas vozes dominantes.

O quadro 14 apresenta as respostas dos 48,6% (17) bibliotecários que atuam em projetos de incentivo à leitura literária e dos 51,4% (18) que não atuam em projetos de incentivo à leitura literária à seguinte pergunta: *Para você. O que é Promoção da Leitura Literária?*

Quadro 14 - O que é promoção da leitura literária para os bibliotecários do RJ

Bibliotecários que atuam com incentivo à leitura literária	Bibliotecários que não atuam com incentivo à leitura literária
Ações que incentivem pessoas a estabelecer o contato com a leitura literária, com mediação ou de forma independente, com o intuito de tornar a leitura um hábito prazeroso. Tais ações visam contribuir com melhoras na escrita, na oralidade e na leitura de mundo.	A prática da leitura como atividade integrante no processo de formação de leitores.
Atividades e programas voltados para aproximar o leitor da palavra escrita, respeitando suas particularidades, mas ao mesmo tempo apresentando uma gama variada de textos literários para que ele tenha mais opções de formar sua bagagem como leitor.	Atividades e ações que estimulem a leitura literária, a leitura por fruição.
Como mediadora da leitura, é forma leitores críticos.	Consiste em promover o hábito da leitura como lazer/entretenimento.
É dar oportunidade ao sujeito para que este cresça como cidadão consciente de mundo, de que não está sozinho e que há culturas e assuntos que pode explorar através da leitura.	Divulgação de determinada literatura para um público alvo específico

<p>É dar oportunidade de acesso, sendo o primeiro passo para o contato com os livros. É também divulgar, estimular a leitura de diversas formas.</p>	<p>Divulgação de livros e/ou hábito de literatura</p>
<p>É o incentivo da leitura do livro como forma de prazer (tanto da literatura erudita, como da popular) e de conhecimento. Hoje em dia com a quantidade de acesso as redes sociais, é difícil dizer que as pessoas não lêem [sic]. No entanto, o livro em si ainda tem sido deixado de lado.</p>	<p>É a partir dos referenciais pessoais/palavra mundo dos sujeitos promover uma troca de narrativas mais do que para o leitor desenvolver tal promoção [sic] com o leitor que deve ser ouvido. Trabalhar com a arte no caso a literária é .antes de tudo um gesto de escuta.</p>
<p>É promover o acesso à literatura publicada ao maior número de leitores possível.</p>	<p>É aumentar o público que tenha interesse e/ou chegar aqueles que não tenha oportunidade de consultar sobre.</p>
<p>É promover o hábito de ler</p>	<p>É divulgar e estimular o usuário a ler livros de entretenimento,[sic] mas sem perder [sic] o seu senso crítico.</p>
<p>É todo o trabalho que desempenhamos ao longo deste ano com nossa comunidade. Fizemos 6 eventos para aproximar autores/ilustradores, de pais e alunos. Fizemos aulas semanais com crianças de 3 a 10, nas quais lemos livros, fizemos atividades relacionadas, e promovemos autores indicados para cada faixa etária. Fizemos uma semana inteira de evento com a temática indígena, apresentando a literatura e a cultura para toda nossa comunidade. Além de ações de marketing para chamar atenção para os livros. Acima de tudo, fizemos cada ato com amor, dedicação e atenção, para que pudéssemos impactar positivamente todas as pessoas envolvidas.</p>	<p>É incentivar a leitura dos clássicos, da ficção, da poesia, do teatro, dos ensaios e etc.</p>
<p>É uma forma de incentivo à leitura como como [sic] aporte da educação para formação de leitores críticos, que estimula melhoria da escrita, a interpretação e amplia sua capacidade de compreensão de mundo, pois através da leitura o sujeito desenvolve a interpretação, a oralidade e a escrita.</p>	<p>É levar apresentar a literatura de todas as suas formas a um público-alvo diversificado.</p>

Incentivo à leitura de livros não-didáticos.	É o estímulo a esta modalidade de leitura, que abrange a produção cultural de um povo.
Incentivo a literatura culta, de qualidade literária e que pode enriquecer culturalmente o indivíduo e levá-lo a verdadeiras viagens "virtuais".	É o trabalho de divulgação de literatura clássica.
Incentivo ao hábito da leitura, independente do gênero.	é você divulgar , fazer contação de histórias, concursos de leitura dentro do seu espaço de trabalho
Oferecer, divulgar, compartilhar, incentivar e proporcionar ações de leitura, dar acesso a livros de qualidade, diversificados e de forma gratuita. Agir de forma proativa, não esperar, simplesmente, que o livro saia da estante sozinho e seja utilizado.	Mostrar e demonstrar o valor da leitura para a formação crítica do ser.
Oferta de gêneros diversos onde o leitor pode se divertir, emocionar e aprender.	Promover a leitura de textos que não sejam de livros técnicos ou didáticos.
Os mecanismos de incentivo e facilitação do acesso aos livros.	São atividades que promovem a arte de ler, de se expressar, de manter viva toda a forma de manifestação cultural na sociedade.
Promoção de leitura literária promove o contato com o livro e a literatura, uma vez que essa última promove o aprendizado do idioma e da história através da literatura, ajudando crianças e adolescentes a vivenciar outras experiências e a viajar em novos mundos, criando diversas possibilidades de ampliação de seus horizontes.	São medidas e estratégias adotadas por um ou vários indivíduos, ou ainda instituições, com a finalidade de despertar o interesse do público para a leitura de literatura.
[em branco]	Uma forma de divulgação.

Fonte: Google Formulários (2020).

Com a finalidade de saber o que é incentivo à leitura literária por parte dos bibliotecários, visto que a literatura é estudada e incentivada em diversos campos da atividade humana, foi elaborada a seguinte pergunta: *Para você. O que é Promoção da Leitura Literária?*

A pergunta foi respondida por 35 bibliotecários do estado do Rio de Janeiro, 48,6% (17) que atuam em projetos de incentivo à leitura literária e 51,4% (18) que não atuam em projetos de incentivo à leitura literária.

Nota-se, pelos resultados obtidos, certa similaridade nas respostas dos

bibliotecários que atuam, ou não, em projetos de incentivo à leitura literária. No entanto, é possível perceber que há recorrência do *incentivo ao hábito de ler livros*, ou seja, ler texto escrito no formato livro⁹⁰.

No entanto, conforme Castro (2007, p. 48, grifo do autor):

A idéia do livro como representação metonímica da leitura, portanto, apesar de toda a tecnologia hoje vigente, ainda goza de grande poder e energia. Mas esse imaginário sobre a leitura, ao contrário do que comumente se pensa, não foi a escola sozinha que colocou na nossa cabeça. Na verdade, o discurso sobre a centralidade do livro como fonte única da leitura começa na família - até pais não-leitores cobram que os filhos leiam livros! Fora dela, o discurso ganha força na escola e é também reiterado constantemente em outros ambientes sociais e, principalmente, nos jornais, nas revistas e na televisão. Podemos ler, ver e ouvir nesses veículos, da parte de intelectuais e de educadores, que o brasileiro não lê, que os jovens não lêem mais como antes, que é urgente que se recupere o *hábito da leitura* para nos salvar da barbárie intelectual - como se algum dia, no Brasil, um país de escolarização tão recente e ainda tão precária, afundado que está num número infundável de analfabetos funcionais⁹¹, tivesse havido alguma situação ideal em que as pessoas vivessem debatendo os problemas da nação e devorando livros!

Assunção (2008) também aponta o fator histórico para o brasileiro não ser um leitor do texto escrito. Logo, esse hábito não pode ser à volta a um passado que nunca existiu, pelo menos para a maioria pobre da população, excluída até das produções literárias, tal como apontado por Abreu (2006).

Talvez o desejo de um leitor solitário do texto escrito (PROUST, 2011), em conjunto com os enunciados familiares, escolares etc., de que é preciso decodificar as letras obedecendo às regras da gramática normativa, ler o texto escrito com fluidez, ler para “ser alguém na vida”, entre outros aspectos, tenha contribuído para afastar, não apenas os bibliotecários, do incentivo às múltiplas leituras, como se além do texto escrito não existisse leitura, como das imagens, do som, da ambiência dos encontros narrativos, a leitura do mundo (FREIRE, 2017). Ou que a televisão e o cinema, por exemplo, não permitissem a leitura de obras literárias adaptadas para a linguagem cinematográfica ou televisiva, como o *Auto da Compadecida*, do escritor Ariano Suassuna ou *O contador de histórias*, do escritor Roberto Carlos Ramos etc.

⁹⁰ Lembrando que, com relação aos bibliotecários que atuam em projetos de incentivo à leitura, referente a pergunta: *Quais os tipos de suporte preferido para mediação da leitura literária*, 100% (17) dos respondentes sinalizaram livros impressos, conforme Gráfico 13 - Obras, por suporte, preferidas para mediação.

⁹¹ O Brasil é um País que em pleno século XXI ainda possui um número considerável de analfabetos funcionais e funcionalmente alfabetizados, conforme dados do Instituto Paulo Montenegro (c2017).

Com relação ao hábito de leitura, será que o desejo implícito dentro desse substantivo são leitores de um livro por ano, mas que dialoguem com as vozes das obras literárias ou leitores que preencham satisfatoriamente estatísticas de empréstimos com vários livros não lidos?

Em Bakhtin (2016), podemos afirmar que incentivar à leitura literária é enunciar cotidianamente aos sujeitos os diversos poderes da literatura (COMPAGNON, 2009; PATTE, 2012; PETIT, 2009, 2010, 2013), pois são múltiplos, principalmente, por ser um gênero do discurso com diversas vozes sociais para dialogar com os leitores.

Enunciar a linguagem televisiva, radiofônica, cinematográfica, teatral etc., como inimiga da considerada “verdadeira” leitura, a do texto escrito, pode afastar leitores ao invés de ter alguma resposta positiva com relação ao suporte ou linguagem.

Qual telespectador vai responder afirmativamente que é preciso abandonar a televisão com seus múltiplos programas atrativos para ler um livro? Será que provar que é possível desfrutar da linguagem televisiva e literária de maneira salutar não é uma opção plausível, não haverá uma resposta positiva com relação ao livro ou outro suporte da literatura?

“Afim o que é mediação de leitura literária? Conceituo mediação de leitura literária como a interferência casual ou planejada visando a levar o leitor a ler literatura *em diferentes suportes e linguagens*” (BORTOLIN, 2010, p. 115, grifo nosso).

A presente investigadora conceitua incentivo à leitura literária como a ação de estimular a leitura de obras literárias, em qualquer suporte, formato ou linguagem, visando o diálogo com as vozes impregnadas nesse gênero do discurso. Vozes que dialogam com os leitores e transformam vidas sob a perspectiva desse sujeito responder afirmativamente ou negativamente aos enunciados contidos nas obras.

O quadro 15 apresenta as respostas dos 48,6% (17) bibliotecários que atuam em projetos de incentivo à leitura literária e dos 51,4% (18) que não atuam em projetos de incentivo à leitura literária à seguinte pergunta: *Você considera que a promoção da leitura literária é importante, ou fundamental para os usuários?*

Quadro 15 - Considerações sobre o incentivo à leitura literária para os bibliotecários do RJ

Bibliotecários que atuam com incentivo à leitura literária	Bibliotecários que não atuam com incentivo à leitura literária
Acredito ser fundamental sim. Ainda existem muitas coisas que apenas o livro consegue transmitir	Creio ser importante, fundamental não creio.
Fundamental	É fundamental para criar o hábito da leitura.
Depende do público; para crianças e jovens, fundamental; para adultos, importante, pois o momento de vida é outro. E, havendo formação desde a infância, os adultos reconhecerão a importância.	É importante e fundamental para a difusão de um dos papéis do bibliotecário e da biblioteca.
Extremamente fundamental para a formação do ser humano.	É importante. Fundamental é saber o que de fato o usuário determina como prioridade de pesquisa e não forçá-lo a algo
Fundamental	Fundamental
Sim	Fundamental
Importante e de direito a todos cidadãos	Fundamental
Importante e fundamental	Fundamental
Sim, sem dúvida	Fundamental, de suma importância para os leitores e afins.
Fundamental	Importantíssima, pois, a promoção da leitura literária contribui e muito para o desenvolvimento intelectual do ser humano em todas as etapas da vida.
É fundamental	Muito importante.
Sim	O contato com a literatura é fundamental para o desenvolvimento geral de qualquer usuário. A literatura é peça-chave na formação de cidadania das pessoas.
Fundamental	Sim
É fundamental para os usuários	Sim
Sim	Sim
Sim, esse estímulo deve começar dentro de casa, com as nossas crianças, assim criará vínculos para toda a vida	Sim, formar pessoas com opiniões, senso crítico
Os dois.	Sim, a promoção da leitura é fundamental.
[em branco]	Sim, fundamental.

Fonte: Google Formulários (2020).

Com o objetivo de saber se os bibliotecários consideram o incentivo à leitura literária como importante ou fundamental para os leitores, esperando uma resposta

positiva por parte dos bibliotecários que atuam em projetos de incentivo à leitura literária e uma pontuação da literatura em segundo plano pelos bibliotecários que não atuam em projetos de incentivo à leitura literária, foi feita a seguinte pergunta: *Você considera que a promoção da leitura literária é importante, ou fundamental para os usuários?*

A pergunta foi respondida por 35 bibliotecários do estado do Rio de Janeiro, 48,6% (17) que atuam em projetos de incentivo à leitura literária e 51,4% (18) que não atuam em projetos de incentivo à leitura literária.

Percebe-se certa similaridade nos resultados obtidos, pois tanto os bibliotecários que atuam, ou não, em projetos de incentivo à leitura literária consideram, de uma forma geral, esse incentivo como importante e fundamental.

Nos dois grupos de bibliotecários, muitos responderam com a palavra "sim", "fundamental" e/ou "importante".

Cabe destacar as seguintes respostas dos bibliotecários que atuam em projetos de incentivo à leitura literária:

- “Acredito ser fundamental sim. Ainda existem muitas coisas que apenas o livro consegue te transmitir”. Foco no incentivo à leitura do livro, desconsiderando outros suportes, formatos e linguagens onde a literatura habita (BORTOLIN, 2010).
- “Depende do público; para crianças e jovens, fundamental; para adultos, importante, pois o momento de vida é outro. E, havendo formação desde a infância, os adultos reconhecerão a importância”. Será que não é fundamental e importante para todos os leitores, independente da faixa etária?
- “Extremamente fundamental para a formação do ser humano”. Um dos vários poderes atribuídos à literatura, de certa forma, compatível com o sujeito ser um conglomerado de enunciados de outros sujeitos e da responsividade aos enunciados que gera algum tipo de resposta imediata ou posterior nos interlocutores (BAKHTIN, 2016).
- “Importante e de direito a todos cidadãos”. O último, conforme defendido por Candido (2004).
- “Sim, esse estímulo deve começar dentro de casa, com as nossas crianças, assim criará vínculos para toda a vida”. Onde estão os bibliotecários, as bibliotecas escolares e infantis, por exemplo, junto à família? Além desse questionamento, não podemos esquecer dos adultos que não tiveram a

oportunidade de conhecer a literatura na mais tenra idade e precisam de incentivo para ler literatura.

Dos bibliotecários que não atuam em projetos de incentivo à leitura literária, destacamos as seguintes respostas:

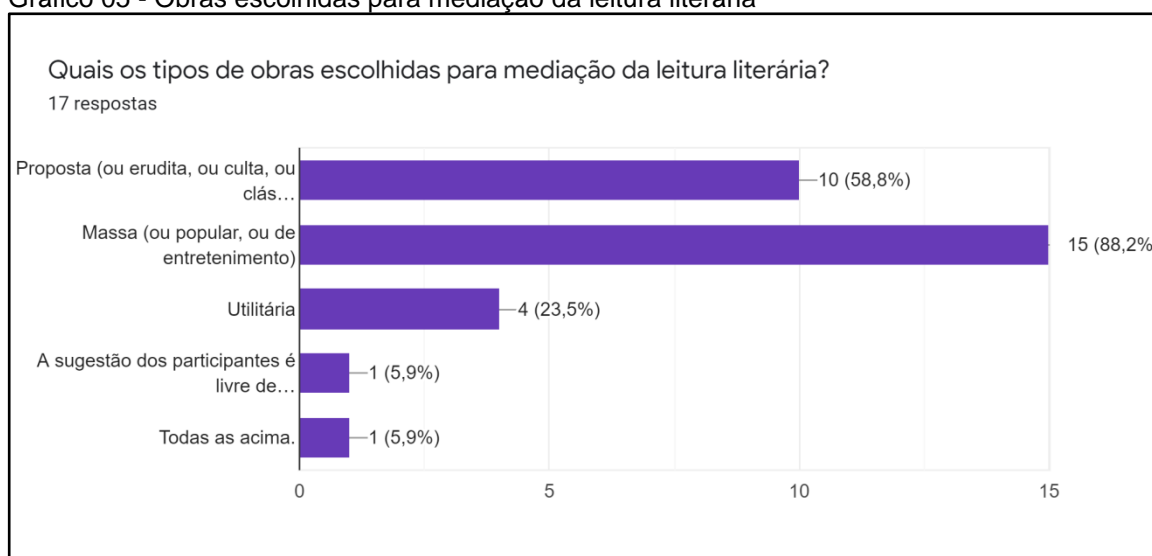
- "É importante e fundamental para a difusão de um dos papéis do bibliotecário e da biblioteca". E os leitores, comumente chamados de usuários nas bibliotecas, onde estão? Será que o incentivo à leitura literária não deve focar nos leitores e, como consequência, modificar a imagem do bibliotecário e da biblioteca na sociedade? A imagem do bibliotecário como a do enigmático Trickster (NÓBREGA, 2009).
- "O contato com a literatura é fundamental para o desenvolvimento geral de qualquer usuário. A literatura é peça-chave na formação de [sic] cidadania das pessoas"; e "Sim, formar pessoas com opiniões, senso crítico". Ambos, poderes atribuídos à literatura (COMPAGNON, 2009; PATTE, 2012; PETIT, 2009, 2010, 2013).
- "É importante. Fundamental é saber o que de fato o usuário determina como prioridade de pesquisa e não forçá-lo a algo contribui e muito para o desenvolvimento intelectual do ser humano em todas as etapas da vida". Será que a literatura deve ser vista apenas como objeto de pesquisa? Caso o bibliotecário não incentive à leitura literária - isso não é forçar - como o leitor vai responder afirmativamente ou negativamente aos enunciados presentes nesse gênero do discurso?
- "Fundamental para criar o hábito de leitura". O hábito não é mais importante que a prática leitora, o diálogo com as vozes das obras literárias.

Fundamental e importante são sinônimos, onde o primeiro pode ser considerado como imprescindível e o segundo que tem importância, logo, conjecturando com base em Candido (2004), podemos afirmar que a literatura, independente da tipologia da biblioteca, é um direito dos *leitores* e, como um direito, deve ser incentivada pelo bibliotecário/biblioteca/campo biblioteconômico (AMARO, 2017; BORTOLIN, 2010; OLIVEIRA, 2017; ORNELLAS, 2014).

A presente investigadora considera a literatura imprescindível, pois é uma autorreflexão sobre o ser humano e suas relações.

O gráfico 05 ilustra as obras escolhidas para mediação da leitura literária:

Gráfico 05 - Obras escolhidas para mediação da leitura literária



Fonte: Google Formulários (2020).

Tendo por base que a literatura é classificada como erudita e de massa, entre outros fatores, por instâncias de legitimação, e que o mediador pode ser influenciado por essa classificação e mediar apenas a literatura considerada de qualidade inquestionável, a literatura erudita, ao invés de realizar uma mediação múltipla, oportunizando o contato com a alteridade, foi formulada a questão *Quais os tipos de obras escolhidas para mediação da leitura literária?*

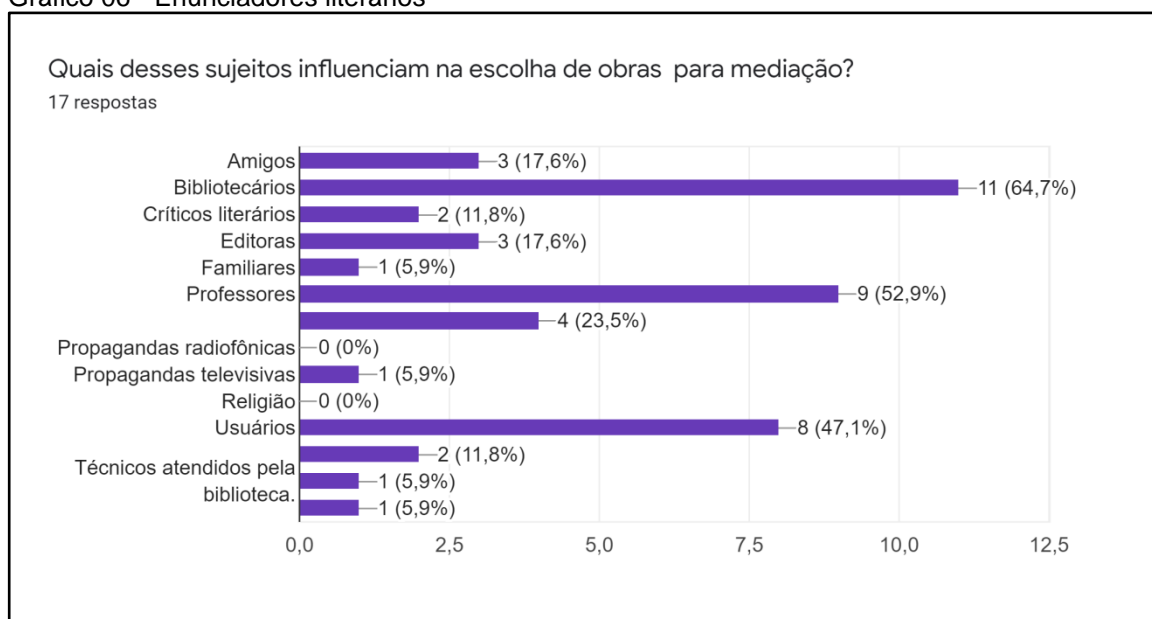
Dos respondentes, 58,8% (10) marcaram literatura de Proposta (ou erudita, ou culta, ou clássica); 88,2% (15) Massa (ou popular, ou de entretenimento); 23,5% (4) literatura utilitária; 5,9% (1) “A sugestão dos participantes é livre de restrições”; 5,9 (1) “Todas acima”.

Nota-se pelas respostas que os bibliotecários, em geral, realizam uma mediação mista.

O resultado pode ser o fato apontado por Bortolin (2010) e pelos resultados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, do Instituto Pró-livro (2016), sobre o consumo de uma literatura híbrida. Outra explicação é baseada em Bakhtin (2016), sobre o gênero do discurso estar, entre outros, atrelados ao contexto histórico, pois Santaella (2008) informa que a divisa entre literatura erudita e literatura de massa foi historicamente ofuscada.

O gráfico 06 ilustra os enunciadores literários dos encontros narrativos:

Gráfico 06 - Enunciadores literários



Fonte: Google Formulários (2020).

Tendo por objetivo identificar quais sujeitos/instituições e seus múltiplos sujeitos que influenciam direta ou indiretamente nas escolhas das obras mediadas, logo, nos encontros narrativos, considerando que os sujeitos participam de diversos campos ao longo de sua existência, foi elaborada a pergunta *Quais desses sujeitos influenciam na escolha de obras para mediação?*

Dos respondentes, 17,6% (3) marcaram a opção Amigos; 64,7% (11) Bibliotecários; 11,8% (2) Críticos literários; 17,6% (3) Editoras; 5,9% (1) Familiares; 52,9% (9) Professores; 23,5% (4) Propagandas em Mídias Sociais (Facebook, Twitter, YouTube, WhatsApp, Instagram, Blogs, etc.); 0% Propagandas radiofônicas; 5,9% (1) Propagandas televisivas; 0% Religião; 47,1% (8) Usuários; 11,8% (2) Não me considero influenciado por nenhum sujeito; 5,9% (1) “Técnicos atendidos pela biblioteca”; 5,9% (1) “Nos atentamos as dicas de livros que profissionais capacitados dão através dos cursos que fazemos, e plataforma sociais como Instagram e Facebook”.

Observa-se pelos resultados obtidos que múltiplos sujeitos/instituições e seus múltiplos sujeitos influenciam as escolhas das obras literárias para mediação, ou seja, transmitem enunciados que são respondidos afirmativamente ou negativamente pelo mediador, como defendido por Bakhtin (2016). Até na resposta “Não me considero influenciado por nenhum sujeito”, pois o sujeito recebe enunciados de outros, mesmo que não tenha noção desse fato.

Comparando os resultados obtidos aos itens “Fatores que influenciam na escolha de um livro”⁹² (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p. 26) e “Pessoas que influenciaram o gosto pela leitura”⁹³ (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p. 75), da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, é possível observar, entre outros influenciadores, que os bibliotecários não são citados.

Uma das razões possíveis para a expressiva marcação, na presente investigação, do bibliotecário como influenciador é o respondente se autoconsiderar influenciador das escolhas ou ter contato com bibliotecários ligados à mediação literária, como os citados por Patte (2012) e Petit (2009, 2010).

A respeito dos outros sujeitos influenciadores, podemos observar que as pesquisas indicam relativa ou nenhuma influência na escolha das obras literárias para mediação. Esse resultado ratifica a importância do incentivo à leitura abarcar não apenas o público infantojuvenil (PATTE, 2012), mas adultos em geral, inclusive professores e bibliotecários.

O influenciador amigos, por exemplo, na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-livro (2016, p. 52, grifo nosso), só aparece no item “Principais fatores que influenciam a escolha de um livro para compra”⁹⁴, juntamente com familiares, professores, críticas e resenhas, publicidade ou anúncio, editora, recomendações em sites especializados, blogs ou redes etc.

A respeito da marcação usuários, na presente investigação, o resultado está atrelado ao campo biblioteca. Ranganathan (2009) informa que a biblioteca deve prestar serviços aos leitores, logo, há influência desse sujeito nas ações de mediação realizadas pelos bibliotecários.

⁹² Os percentuais da pesquisa (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p. 26), com base em 2.798 leitores são: o *tema ou assunto* figuram no topo da lista com 30%; em seguida aparecem: *autor* (12%), *dicas de outras pessoas* (11%), *título do livro* (11%), *capa* (11%), *dicas de professores* (7%), *críticas/resenhas* (5%), *publicidade/anúncio* (2%), *editora* (2%), *redes sociais* (2%), *outro* (1%) e *não sabe/não respondeu* (8%).

⁹³ Com relação às “pessoas que influenciaram o gosto pela leitura” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p. 75), com base em 5.012 entrevistados, a mãe ou responsável do sexo feminino figuram no topo da lista com 11%, mas há uma representatividade sobre a influência de *algum professor ou professora* (7%); *pai ou responsável do sexo masculino* (4%); *algum outro parente* (4%), *outra pessoa* (4%), *marido, esposa ou companheiro(a)*, 1%; *padre, pastor ou algum líder religioso* (1%). Cabe destaque para a resposta *não/ninguém em especial* com 67%.

⁹⁴ Os percentuais da pesquisa (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p. 52), com base em 3.237 leitores são: Tema ou assunto (55%); Recomendações de amigos ou familiares (20 %); Autor (19 %); Título do livro (17%); Preço (16 %); Recomendações de professores (12 %); Capa (7 %); Críticas ou resenhas (4 %); Ilustrações (4%); Publicidade ou anúncio (2 %); Editora (3 %); Recomendações em sites especializados, blogs ou redes sociais (3%); Outro motivo (2%); Não sabe/ Não respondeu (3 %).

No entanto, apesar de múltiplos programas culturais, dicas de leitura, propagandas em linguagem televisiva e radiofônica, adaptações de obras literárias para outras linguagens, com ampla divulgação pelos meios de comunicação de massa e/ou entretenimento, na presente investigação, as propagandas televisivas aparecem com 5,9% (1) de influência e as propagandas radiofônicas não são consideradas influenciadoras na escolha de obras para mediação.

Será que há uma rejeição em considerar a televisão e o rádio como influenciadores? Ambos estão presentes na vida de muitos brasileiros desde seus surgimentos, diferentemente do livro, que ainda ocupa pouquíssimos lares. Em concordância com Castro (2007, p. 52, grifo do autor), podemos afirmar que:

Está na hora de nos livrarmos da idéia de que o *cinema, a TV e adjacências são tudo mesmo uma grande porcaria (!)*, já que essa avaliação, na maioria das vezes, está impregnada da contraposição a um tipo particular de leitura e de literatura, cuja validade e especificidade têm história, constituição e natureza diferentes.

Nesses meios de comunicação de massa/entretenimento há enunciadores literários e, por isso, geram respostas positivas e negativas nos ouvintes/telespectadores. Quantos leitores conheceram os personagens do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, primeiro pela televisão e influenciados foram em busca das obras nas bibliotecas? Quantos ouviram no rádio a divulgação de um livro infantil, como, por exemplo, *Flávia e o bolo de chocolate*, da jornalista e escritora Miriam Leitão, e decidiram procurá-lo na biblioteca?

Na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-livro (2016), a televisão e o rádio⁹⁵ figuram como preferência entre leitores e não leitores demonstrando que ambos estão presentes na vida de muitos sujeitos, leitores reais ou potenciais dos encontros narrativos, de forma prazerosa, entre esses sujeitos pode estar, por exemplo, o bibliotecário.

⁹⁵ Na questão “O que gosta de fazer em seu tempo livre (% de sempre): Leitor x Não leitor” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p. 40), com base em 5.012 entrevistados, assistir televisão está em primeiro lugar e escutar rádio na segunda posição tanto entre os leitores quanto entre os não leitores. Com relação ao livro, entre os leitores, ficou na 9ª posição; e entre os não leitores na 16ª posição. As opções apresentadas na pesquisa foram: *assiste televisão; escuta música ou rádio; usa a Internet; reúne-se com amigos ou família ou sai com amigos; assiste vídeos ou filmes em casa; usa WhatsApp; escreve; usa Facebook, Twitter ou Instagram; lê jornais, revistas ou notícias; lê livros em papel ou livros digitais; pratica esportes; passeia em parques e praças; desenha, pinta, faz artesanato ou trabalhos manuais; vai a bares, restaurantes ou shows; joga games ou videogames; vai ao cinema, teatro, concertos, museus ou exposições; não faz nada, descansa ou dorme.*

8.3 AÇÕES DE INCENTIVO À LEITURA LITERÁRIA

O gráfico 07 ilustra o vínculo de projetos de incentivo à leitura literária com instituições de ensino:

Gráfico 07 - Vinculação de projetos de incentivo à leitura literária com instituições de ensino



Fonte: Google Formulários (2020).

Buscou-se através da pergunta *O projeto está vinculado a alguma instituição de ensino?* Identificar os projetos vinculados, ou não, às instituições de ensino, sendo os primeiros com maior probabilidade de ter um olhar pedagógico sobre as ações de mediação oral da literatura, pois os gêneros do discurso no âmbito dessas instituições são mais voltados à educação do que, por exemplo, os campos culturais.

Quanto ao vínculo dos projetos às instituições de ensino, 70,6% (12) apontaram associação; 23,5% (4) responderam que não; e 5,9% (1) especificou “hospital de ensino”.

Os resultados permitem visualizar que a maioria dos projetos de incentivo à leitura literária são vinculados às instituições de ensino. Logo, a mediação da literatura nessas instituições pode ser restrita a obras aprovadas por essa instância de legitimação, tendo o leitor a oportunidade, ou não, de conhecer obras diversificadas em projetos de incentivo à leitura literária ligados a outros campos do conhecimento.

Isso é um alerta sobre o exposto por Lajolo e Zilberman (1999) sobre a raridade de leituras prazerosas em ambientes sancionados como a escola e por Marques (2014) sobre as possíveis proibições de mediar vozes não aprovadas por instituições de ensino.

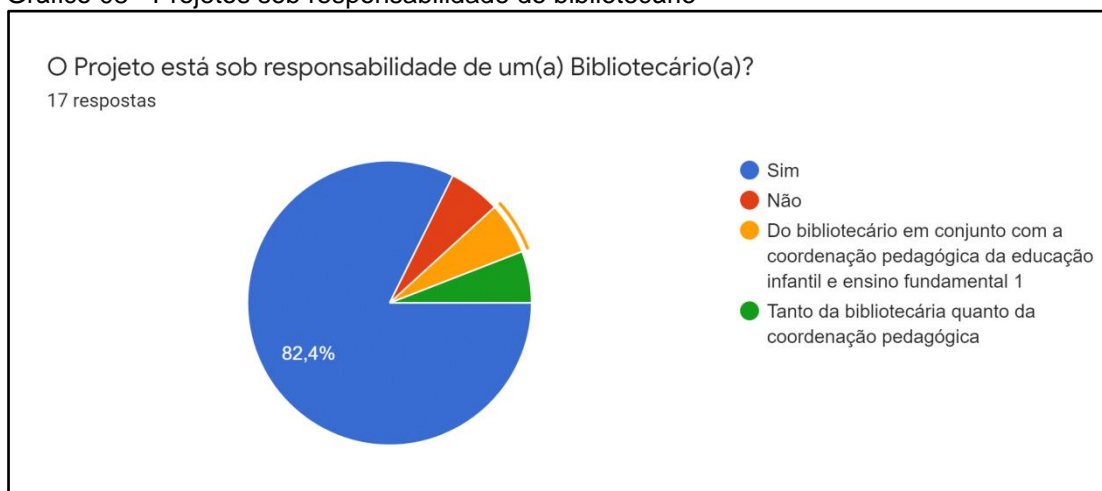
Patte (2012) também mostra a importância da não atribuição pedagógica às mediações literárias. No entanto, sabemos que há essa rotulação à literatura, muito utilizada nas salas de aula como recurso didático, mas não cabe ao bibliotecário mediá-la sob essa perspectiva, conforme aponta Bajard (2007) ao diferenciar o papel do mediador não professor, como o bibliotecário, e do mediador professor.

Além disso, o leitor tem direito ao bovarismo (PENNAC, 1995). No entanto, como exercer esse direito com a obrigatoriedade de responder o que a “ficha do livro” pede ou a interpretação de determinada obra literária para não ser reprovado na prova, no vestibular?

É preciso compreender que o leitor convive em diversos campos e cada um deles apresenta enunciados relativamente estáveis (BAKHTIN, 2016), como os do campo escolar. Isso faz parte da sociedade e não deixará de existir enquanto sociedade. Cabe ao bibliotecário mediador catalisar a interlocução do leitor com as vozes que os livros carregam, pois “[...] a literatura deve cumprir uma função formadora sem didatismo” (BORTOLIN, 2010, p. 108).

O gráfico 08 ilustra a responsabilidade do bibliotecário nos projetos de incentivo à leitura literária:

Gráfico 08 - Projetos sob responsabilidade do bibliotecário



Fonte: Google Formulários (2020).

Para saber se o bibliotecário tem algum tipo de responsabilidade nos projetos, a função exercida e se utiliza a própria voz para descortinar as vozes das obras literárias aos ouvidos dos leitores, uma posição dialógica, para assim ter condições

de selecionar as vozes a serem mediadas, escolher o tipo de encontro narrativo, mediar oralmente, estar face a face com os leitores etc. Uma posição que contrasta com a do mediador que coloca as obras nas estantes e retira para entregar aos leitores ou daquele profissional que apenas cede o espaço da biblioteca para que os encontros narrativos aconteçam, foram elaboradas as seguintes questões: *O Projeto está sob responsabilidade de um(a) bibliotecário(a)? Qual a sua função dentro desse Projeto? Você faz a Mediação Oral da Literatura, ou seja, lê em voz alta ou narra as histórias?*

No que se refere à responsabilidade do bibliotecário frente aos projetos, 82,4% (14) afirmam ser responsáveis; 5,9% (1) respondeu não; 5,9% (1) respondeu sob responsabilidade compartilhada com a coordenação pedagógica da educação infantil e ensino fundamental I; e 5,9%(1) respondeu sob responsabilidade compartilhada com a coordenação pedagógica.

As respostas mostram funções diversificadas e também vagas dentro dos projetos, como a menção da profissão “bibliotecário(a)”. Isso não especifica se o profissional faz a seleção do material a ser mediado, escolha do tipo de encontro, etc. No entanto, de uma forma geral, por estar envolvido com projetos de incentivo à leitura literária indica uma inserção no enfoque social da profissão, conforme classificação de Valentim, Almeida e Silva (2015).

Percebe-se pelos resultados a participação ativa, a voz dos bibliotecários nos projetos. O que é importante pelo fato demonstrado por Petit (2009) em mediar determinadas obras, mas não impedir a leitura de outras.

As respostas supracitadas, quando conjugadas à pergunta *Você faz a Mediação Oral da Literatura, ou seja, lê em voz alta ou narra as histórias?*⁹⁶, demonstra que 11 bibliotecários, além de exercerem outras funções dentro do projeto, usam a voz para mediar literatura, conforme defesa de Bortolin (2010). Um resultado que coloca o bibliotecário em interlocução com os leitores e autores das obras mediadas. Logo, há transmissão e recepção de enunciados orais, escritos e não verbais contribuidores da formação da consciência do homem, tal como expresso por Bakhtin (2016) e Volóchinov (2017).

Dos 6 profissionais que participam de projetos de incentivo à leitura literária,

⁹⁶ Os resultados apresentados foram: 64,7% (11) responderam afirmativamente; 17,6% (3) não; e na opção “Outro” para respostas livres, cada qual com 5,9% cada apresentaram as seguintes respostas: “Catalogo os livros que serão usados na leitura”, “Resumo e apresento a proposta do livro” e “Demos uma pausa nisso por conta da demanda x pessoal e uma deu uma pausa”.

mas não são mediadores orais, é possível observar que 3 explicitaram através da palavra “não” e 3, com respostas discursivas, indicam que a função no projeto é voltada ao tecnicismo: “Catalogo os livros que serão usados na leitura” e “Resumo e apresento a proposta do livro”; a última informa que realizava a mediação oral, mas por escassez de funcionários deu uma pausa. Geralmente, ações de segundo plano são as primeiras a serem eliminadas ou pausadas em prol de atividades consideradas essenciais, utilitárias, por exemplo, a catalogação dos livros.

O quadro 16, abaixo, compara as respostas da função exercida dentro do projeto e a ação de mediar oralmente a literatura. A última, mais importante por colocar o bibliotecário em interação dialógica com os leitores e, ambos, com os autores das obras mediadas.

Quadro 16 - Função do bibliotecário no projeto e a mediação oral da literatura

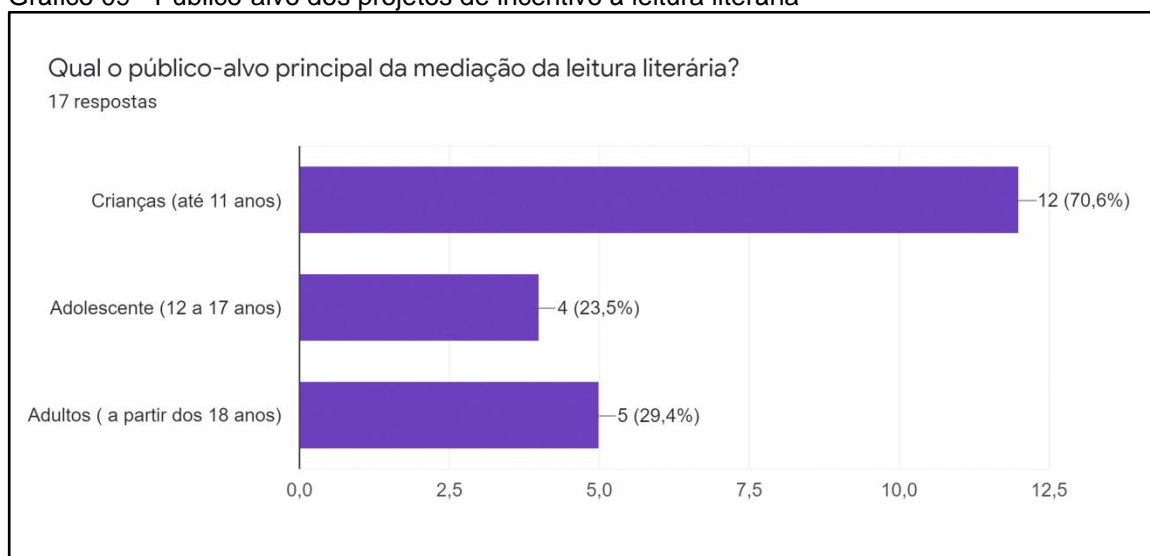
Qual a sua função dentro desse Projeto?	Você faz a Mediação Oral da Literatura, ou seja, lê em voz alta ou narra as histórias?
Análise do material	Sim
Bibliotecária	Sim
Bibliotecário	Catalogo os livros que serão usados na leitura
Chefia	Não
Contaçõ de história com mediação e atividades diversificadas para cada série.	Sim
Coordenadora	Sim
Coordeno na totalidade. Escolho os convidados, os horários que eles vão se apresentar, as editoras que venderão livros, faço os textos para divulgação e pesquisa de satisfação, organizo a estrutura do local onde ocorrerá o evento, e também a tecnologia que será usada, planejo café da manhã para os trabalhos [sic] envolvidos, organizo café, água [sic] e frutas para os convidados, e apresento o evento.	Sim
Disseminar os vários títulos e gêneros literários ofertados pelo projeto, incentivando o leitor a trocar experiências e sugerir leituras.	Resumo e apresento a proposta do livro.

Idealizadora	Sim
Organizar o acervo para disponibilizá-lo para os voluntários e pacientes do hospital	Não
Orientar alunos que participam do projeto	Não
Planejo das atividades e por vezes execuções	Sim
Promover a leitura com a troca de livros	Sim
Promover a leitura no cotidiano dos alunos, mostrando-os que ler é divertido, não uma obrigação	Demos uma pausa nisso por conta da demanda x pessoal
Promover debates na biblioteca da escola , sobre autores , obras e personagens mais importantes do autor, das obras adotadas como paradidáticas a serem trabalhadas na escola, bem como a leitura de lazer	Sim
Referência	Sim
Responsável pela criação e execução dos projetos	Sim

Fonte: Google Formulários (2020).

O gráfico 09 ilustra o público-alvo dos projetos de incentivo à leitura literária:

Gráfico 09 - Público-alvo dos projetos de incentivo à leitura literária



Fonte: Google Formulários (2020).

A fim de identificar o público-alvo atendido pelos projetos de incentivo à leitura literária, tendo por premissa que os encontros narrativos não devem ser realizados

apenas para as crianças⁹⁷, pois adolescentes, jovens, adultos e idosos também gostam e necessitam de encontros narrativos; que a mediação oral é uma forma democrática de alfabetizados, ou não, dialogarem com os autores, foi elaborada a seguinte pergunta: *Qual o público-alvo principal da mediação da leitura literária?*

No que diz respeito à faixa etária de participantes, 70,6% (12) marcaram crianças até 11 anos; 23,5% (4) adolescentes de 12 a 17 anos; e 29,4% (5) adultos com idade a partir de 18 anos.

Esse resultado ratifica, em parte, com Bortolin (2010) sobre os encontros, em sua maioria, serem destinados ao público infantil e com Chartier (1999) que aborda a leitura de voz alta como reduzida a relação adulto-criança, pois os bibliotecários sinalizaram ações de mediação destinadas aos adolescentes e adultos, tal como defendido na presente investigação, mediação oral para todas as faixas etárias, por Bortolin (2010) e Lisboa (2015).

Ademais, com o objetivo de saber se os bibliotecários escolhem o tipo de obra para mediação de acordo com o público-alvo atendido pelo projeto ou se escolhem obras afins para mediação, considerando que um adulto que não teve acesso à literatura infantil ou juvenil na idade oportuna⁹⁸ pode gostar de ouvir para dialogar com os autores; uma criança pode ouvir uma obra adulta por meio de adaptações vocais do mediador, com bom senso⁹⁹, como exemplificado por Monteiro Lobato (2020), através da personagem Dona Benta, foi elaborada a questão *Quais os tipos de obras preferidas para mediação da leitura literária?*

Dos respondentes, 29,4% (5) marcaram adulta; 70,6% (12) infantil; 64,7% (11) juvenil. Esses resultados apontaram que a relação tipo de obra escolhida está diretamente ligada ao público-alvo atendido pelo projeto.

Vários especialistas (COELHO, 2006; PATTE, 2012; PETIT, 2009) apontam a leitura da literatura infantojuvenil nos encontros narrativos destinados a esse público,

⁹⁷ Fora do campo biblioteca, podemos observar mediadores *orais*, de campos afins do conhecimento, levando a literatura em asilos, hospitais, orfanatos, presídios etc. Então, por que nas bibliotecas devem ser realizados apenas para o público infantil? O objetivo principal é auxiliar na alfabetização, como no campo escolar ou oportunizar o diálogo com as diversas vozes contidas nas obras literárias para, entre outros benefícios, contribuir para a formação da consciência dos leitores em qualquer idade?

⁹⁸ Como os enunciados sempre visam a um interlocutor (BAKHTIN, 2016), os autores o fazem para atingir esse tipo de público, mas isso não quer dizer que outros leitores não possam dialogar com a obra. Há leitores com escassez de enunciados devido à extrema desigualdade social no País. Sem acesso à uma educação de qualidade, a cultura, ao lazer etc., o sujeito, quando consegue, trabalha para sobreviver, muitos, desde a mais tenra idade.

⁹⁹ Manguel (1997) trata sobre o bom senso na seleção de obras a serem mediadas oralmente. Devem ser socialmente aceitáveis.

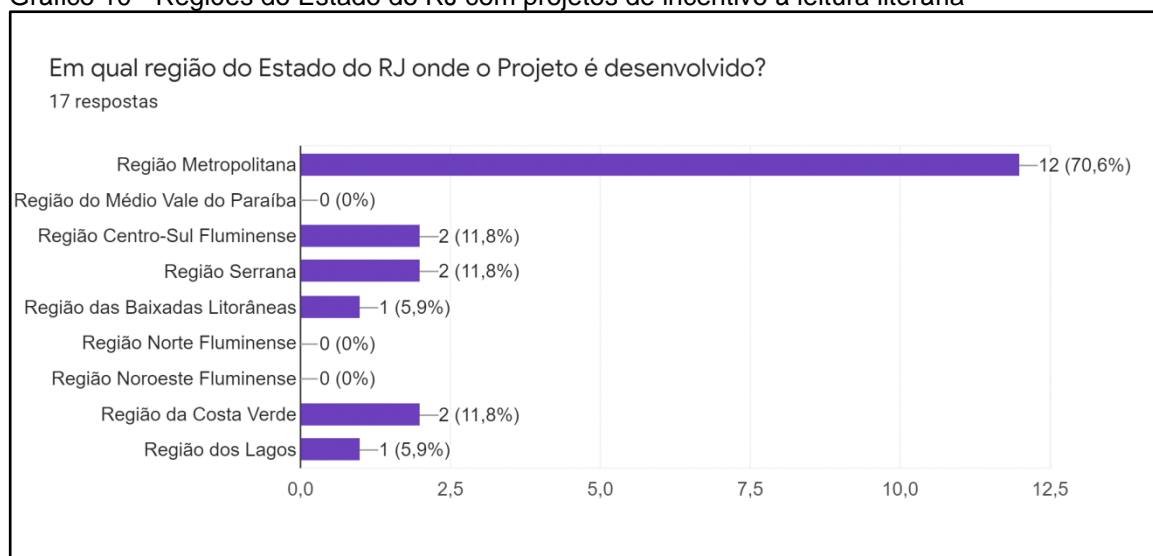
mas isso é o esperado. Literatura de crianças para crianças. De adolescentes para adolescentes e assim por diante. Logo, os respondentes mostraram que a literatura pouco ultrapassa o público-alvo ao qual é destinado e o gênero do discurso literário fica dentro das intencionalidades de público dos autores, editoras, faixa etária etc.

Os bibliotecários, de certa forma, respondem afirmativamente ao enunciado de público da obra reduzindo a potencialidade da literatura e ratificando e não retificando a literatura com divisões classificatórias.

É como se o leitor adulto fosse impedido de acessar a estante de livros infantis para ler *As Aventuras do Capitão Cueca*, de Dav Pilkey, e uma criança censurada ao folhear o *Finnegans Wake*, de James Joyce.

O gráfico 10 ilustra a região dos projetos de incentivo à leitura literária dentro do estado do Rio de Janeiro:

Gráfico 10 - Regiões do Estado do RJ com projetos de incentivo à leitura literária



Fonte: Google Formulários (2020).

Para saber a região do estado do Rio de Janeiro onde há projetos de incentivo à leitura literária, considerando a imensidão do estado e, de antemão, que o quantitativo maior seria na região metropolitana por ter o Município do Rio de Janeiro, sede do Governo Estadual e, em comparação a outros municípios, o que concentra bairros nobres e investimentos, entre outros, em cultura e educação, pois a desigualdade social no estado é latente, foi formulada a questão *Em qual região do Estado do RJ onde o Projeto é desenvolvido?*

A concentração de projetos por região foi a seguinte: 70,6% (12) Região

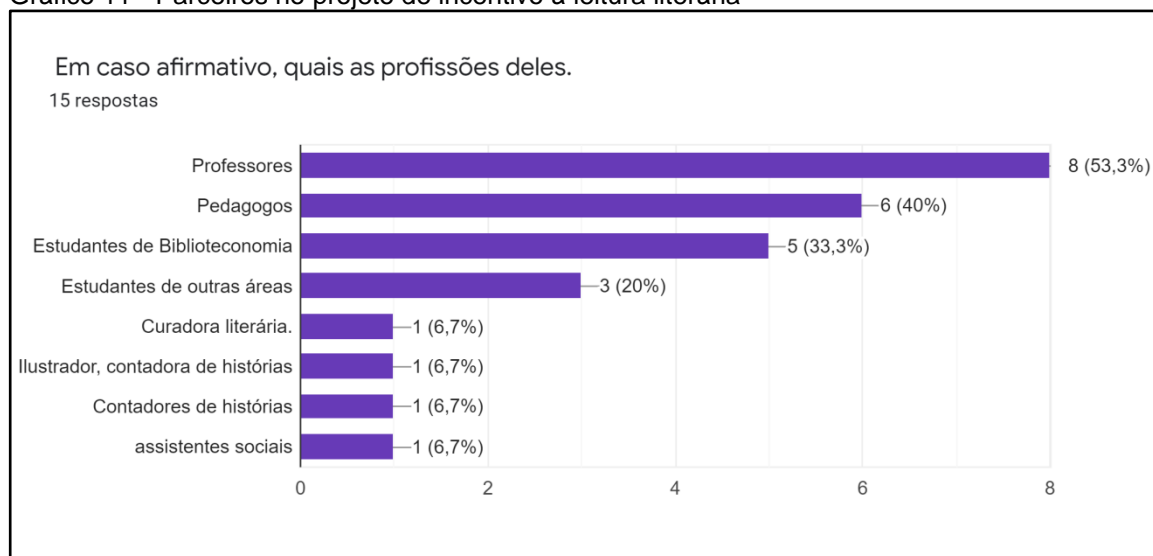
Metropolitana; 11,8% (2) Região Centro-Sul Fluminense; 11,8% (2) Região Serrana; 11,8% (2) Região da Costa Verde; 5,9% (1) Região das Baixadas Litorâneas; 5,9% (1) Região dos Lagos, pertencente à Região das Baixadas Litorâneas; 0% Região do Médio Vale do Paraíba; 0% Região Norte Fluminense; 0% Região Noroeste Fluminense.

Pelo resultado obtido, foi confirmada a concentração de projetos na região metropolitana e também mostra como há regiões no estado com pouquíssimas ou nenhuma representatividade de projetos de incentivo à leitura literária.

Esse é um dos diversos pontos que mostram o quão distante o País se encontra com relação à falta de bibliotecas (BRASIL, 2015) e de uma continuidade histórica de desigualdades no acesso à cultura escrita (ASSUMÇÃO, 2008), entre outras.

O gráfico 11 ilustra os parceiros nos projetos de incentivo à leitura literária:

Gráfico 11 - Parceiros no projeto de incentivo à leitura literária



Fonte: Google Formulários (2020).

Para identificar a presença de outros sujeitos sociais nos projetos de incentivo à leitura literária, em geral, atribuídos como uma ação de professores e pedagogos, foram elaboradas as seguintes perguntas: *Além do profissional bibliotecário, existem outros profissionais no Projeto? Em caso afirmativo, quais as profissões deles.*

Dos 17 respondentes, 88,2% (15) responderam que sim e 11,8% (2) responderam que não.

Na descrição dos profissionais, dos 88,2% (15) bibliotecários que confirmaram

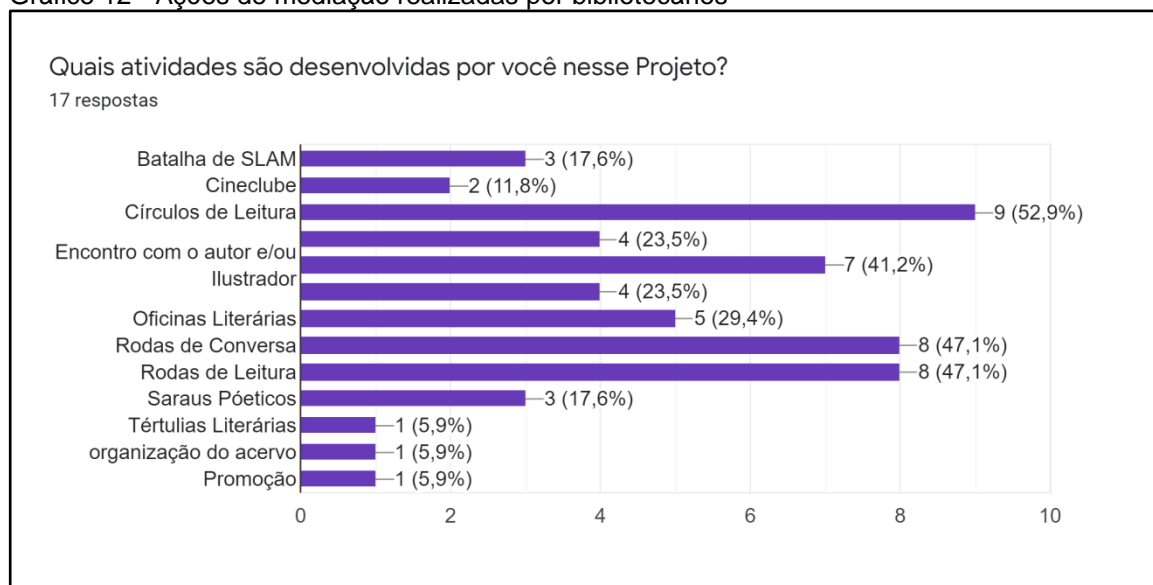
projetos com parcerias de outros sujeitos, 53,3% (8) sinalizaram professores; 40% (6) pedagogos; 33,3% (5) estudantes de Biblioteconomia; 20% (3) estudantes de outras áreas; 13,40% (2) contadores de histórias; 6,7% (1) assistentes sociais; 6,7% (1) Ilustrador e 6,7% (1) Curadora literária.

A hipótese inicial da pergunta foi confirmada pela presença dos professores e pedagogos, mas foi além, ao mostrar parcerias com estudantes de Biblioteconomia, futuros bibliotecários, estudantes de outras áreas e profissionais ligados à literatura e também de áreas afins, como os assistentes sociais.

Esse resultado permite verificar que a literatura é um gênero do discurso que pode estar presente em campos afins do conhecimento, pois a literatura é importante por si só (COMPAGNON, 2009).

O gráfico 12 ilustra as ações de mediação realizadas por bibliotecários do estado do Rio de Janeiro:

Gráfico 12 - Ações de mediação realizadas por bibliotecários



Fonte: Google Formulários (2020).

Com o objetivo de especificar as ações realizadas por bibliotecários, e por parceiros, para o incentivo à leitura literária, tendo por premissa que a Hora do Conto é uma atividade usual nas bibliotecas, principalmente, nas escolares e públicas, foram elaboradas as seguintes perguntas: *Quais atividades são desenvolvidas por você nesse Projeto? Quais atividades são desenvolvidas, de uma forma geral, pelos outros membros nesse Projeto?*

Com relação à primeira pergunta, 17,6% (3) marcaram Batalha de *SLAM*; 11,8% (2) Cineclube; 52,9% (9) Círculos de Leitura; 23,5% (4) Concursos de Poesia, Contos e Crônicas; 41,2% (7) Encontro com o autor e/ou ilustrador; 23,5% (4) Leituras Dramatizadas; 29,4% (5) Oficinas Literárias; 47,1% (8) Rodas de Conversa; 47,1% (8) Rodas de Leitura; 17,6% (3) Saraus Poéticos; 5,9% (1) Tertúlias Literárias; 5,9% (1) “Promoção”; 5,9% (1) “Organização do acervo”.

A respeito da segunda pergunta, similar a primeira, com acréscimo da opção Sou o único membro do Projeto, com 0% de resposta; as respostas foram as seguintes: 11,8% (2) Batalha de *Slam*; 11,8% (2) Cineclube; 47,1% (8) Círculos de Leitura; 35,3% (6) Concursos de Poesia, Contos e Crônicas; 29,4% (5) Encontro com o autor e/ou Ilustrador; 35,3% (6) Leituras Dramatizadas; 29,4% (5) Oficinas Literárias; 41, 2% (7) Rodas de Conversa; 52,9% (9) Rodas de Leitura; 29,4% (5) Saraus Poéticos; 0% Tertúlias Literárias 5,9% (1) “Participação de Professor de Música (dia de fantasia); Apresentação de Projeto Ambiental (Oficina de reciclagem e contação de história), Projeto Ambiental (Importância da Conservação de área protegida)”; 5,9% (1) “Oficinas: hospital do livro (formação do leitor e uso da biblioteca), museu dos autores (apresentar novos autores às crianças), fábrica de palavras (aumento do vocabulário), oficina de sinais (ampliação do conhecimento geral - ex.: reciclagem, trânsito)”; 5,9% (1) “Promoção e organização”.

Nota-se pelas respostas que não foi citado a Hora do Conto¹⁰⁰, uma ação de mediação explicitada na literatura como “[...] uma das mais importantes, em termos de estímulo à leitura” (BARCELLOS; NEVES, 1995, p. 11) e frequente em bibliotecas escolares e infantis, tal como aponta Bortolin (2010, p. 25, grifo do autor):

A observação cotidiana, a leitura de publicações em nível nacional e internacional, a troca de informação com bibliotecários de diferentes cidades e regiões brasileiras, além da pesquisa efetuada na minha dissertação de mestrado, me fizeram perceber que a atividade mais realizada nas bibliotecas escolares e infantis é a denominada *Hora do Conto*.

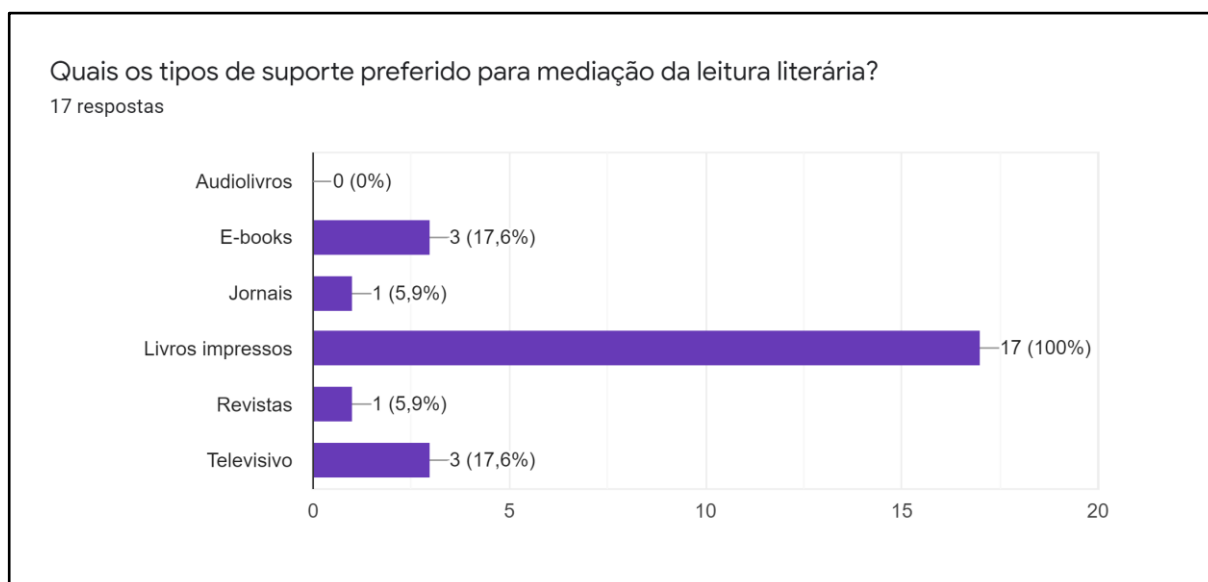
Em contrapartida, encontros com pouca representatividade nas pesquisas bibliográficas realizadas foram marcados, como a Batalha de *SLAM* e as Tertúlias Literárias. Podemos concluir que são ações desenvolvidas no âmbito das

¹⁰⁰ Essa opção de resposta, Hora do Conto, não foi adicionada pelos pesquisadores com o intuito de constatar se esse encontro narrativo era o mais usual em bibliotecas, ou seja, seria citado pelo respondente na opção “Outro”, mas isso não ocorreu. Talvez por não ser realizado nas bibliotecas ou por não ter, para os mediadores, a importância atribuída pela literatura voltada ao incentivo à leitura literária.

bibliotecas, mas pouco disseminadas nos gêneros científicos ou indexadas com terminologias afins, dificultando sua localização.

O gráfico 13 ilustra os tipos de suporte preferidos para mediação:

Gráfico 13 - Obras, por suporte, preferidas para mediação



Fonte: Google Formulários (2020).

Para saber se os mediadores literários têm alguma preferência com relação ao suporte de mediação, partindo do pressuposto que há uma valorização dos livros impressos pelo próprio histórico das bibliotecas, criadas para salvaguardar esse tipo de suporte (SERRAI, 1975); pelo fato da desigualdade social brasileira onde a internet ainda não se faz presente em muitas bibliotecas e lares brasileiros, permitindo a disponibilização e acesso aos livros digitais; por questões do acervo de muitas bibliotecas serem formados a partir de doação de livros impressos pela falta de recursos financeiros para compra de acervos, entre outros motivos, foi elaborado a pergunta *Quais os tipos de suporte preferido para mediação da leitura literária?* Esperava-se, pelos motivos supracitados, que os livros impressos fossem predominantes.

Dos respondentes, 0% marcou audiolivros; 17,6% (3) marcou e-books; 5,9% (1) marcou jornais; 100% (17) livros impressos; 5,9% (1) revistas; 17,6% (3) televisivo.

Percebe-se pelos resultados que o livro impresso é preferência entre os mediadores, confirmando a hipótese inicial.

Considerando que leitores de obras em determinado tipo de suporte também

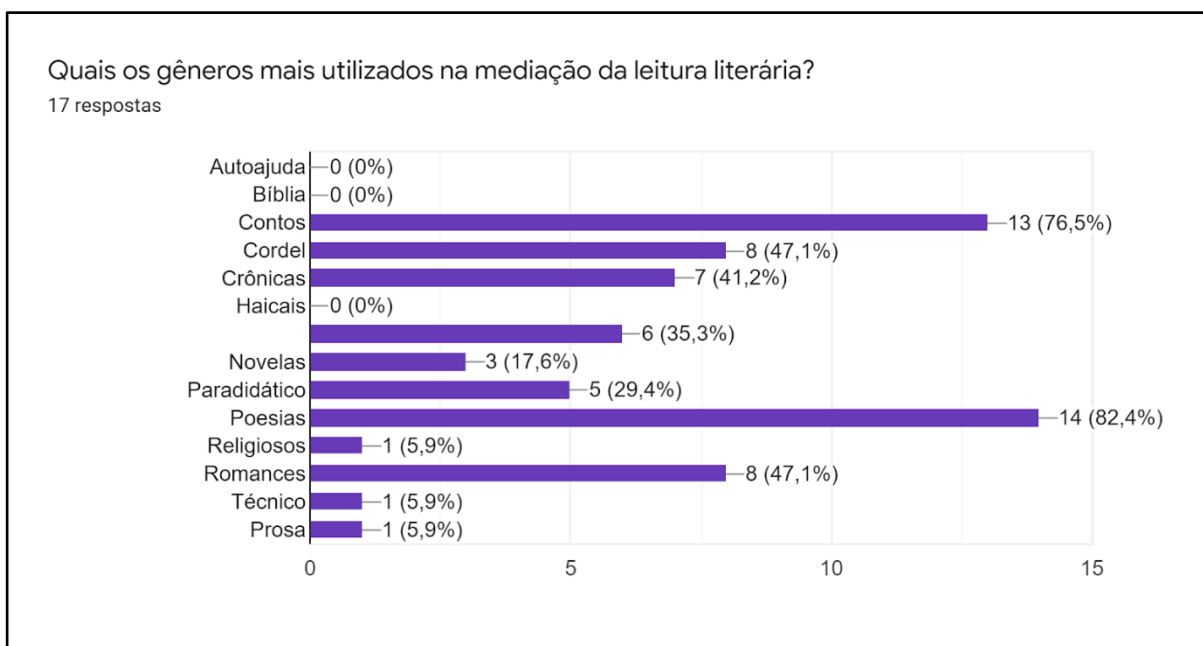
podem realizar mediação de obras nesse suporte pela resposta positiva ao suporte, seja pela familiaridade (único tipo disponível para mediação) ou preferência, a presente investigação comparou o resultado com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-livro (2016).

A comparação revelou uma baixíssima quantidade de não leitores de audiolivros; considerável representatividade de leitura de jornais e revistas; um expressivo resultado para assistir televisão como uma atividade que gosta de fazer no tempo livre.

No que tange aos livros impressos e digitais, apesar da supracitada pesquisa unir o suporte papel ao formato digital, foi possível localizar a preferência pelo papel no item “Local de leitura de livro por suporte”¹⁰¹ (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p. 33), pois independente do local (Casa; Sala de aula; Trabalho; Bibliotecas da escola ou da faculdade; Ônibus, trem, metrô ou avião; Consultórios, salões de beleza ou barbearia; Bibliotecas públicas; Parques, praças, shopping, praia ou clubes; Livrarias; Outros lugares; Bibliotecas comunitárias, mantidas por moradores ou estabelecimentos; Cafeteria ou bares), exceto em Cyber Café ou Lan House, o suporte em papel prevalece.

O gráfico 14 ilustra os gêneros literários mais utilizados na mediação:

Gráfico 14 - Obras, por gênero, mais utilizadas na mediação



Fonte: Google Formulários (2020).

¹⁰¹ A pergunta realizada pelo Instituto Pró-livro (2016, p. 33) foi a seguinte: “E no(a) _____ o(a) sr(a) costuma ler livros em papel, digital ou ambos?”

Com o objetivo de saber os gêneros literários mais utilizados pelos mediadores, tendo por base que obras que requerem menos tempo para leitura em voz alta ou narração seriam as mais citadas, foi elaborada a pergunta *Quais os gêneros mais utilizados na mediação da leitura literária?*

Dos respondentes, 0% marcou Autoajuda; 0% Bíblia; 76,5% (13) Contos; 47,1% (8) Cordel; 41,2% (7) Crônicas; 0% Haicais; 35,3% (6) História em quadrinhos, Gibis, Mangá ou RPG; 17,6% (3) Novelas; 29,4% (5) Paradidático; 82,4% (14) Poesias; 5,9% (1) Religiosos; 47,1% (8) Romances; 5,9% (1) Técnico; 5,9% (1) Prosa.

Nota-se pelos resultados que o gênero mais utilizado é a poesia, seguida dos contos. Há sinalização de outros gêneros demonstrando uma mediação literária múltipla, mas baseada, em geral, em obras que demandam pouco tempo para leitura em voz alta ou narração, com exceção do romance, por exemplo.

Tahan (1961) aborda a questão da seleção de obras correlacionada ao gênero escolhido, tipo de estilística adotada pelo mediador e o tempo para a leitura ou narração. Para o público infantojuvenil, entre 6 a 20 minutos e para o público adulto, até 35 minutos. "A duração pode ser um pouco maior, ou menor, conforme o maior ou menor índice de motivação dos ouvintes" (TAHAN, 1961, p. 104).

Barcellos e Neves (1995) e Coelho (2006) também apresentam diretrizes para escolha das obras literárias, em especial para o público infantojuvenil, de acordo com a faixa etária.

A respeito de obras religiosas, na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-livro (2016, p. 130),

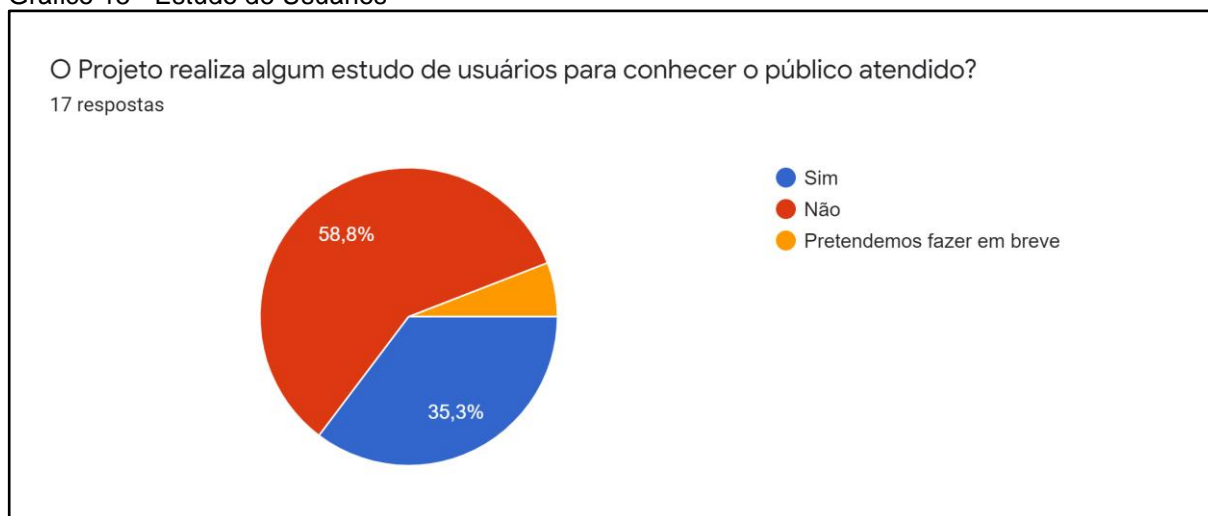
Livros religiosos (principalmente a bíblia), seguem sendo os tipos mais lidos pelos brasileiros, independente do fato de estarem estudando ou não, embora os estudantes tenham contato com tipos de materiais mais variados que os não estudantes. O mesmo ocorre com os mais escolarizados.

No entanto, no quesito mediação, livros religiosos não são prioridade para leitura em voz alta ou narração, pelo menos para os bibliotecários respondentes.

8.4 ESTUDO DE USUÁRIOS/FEEDBACK

O gráfico 15 ilustra o estudo de usuários realizado ou não pelos bibliotecários que atuam em projetos de incentivo à leitura literária:

Gráfico 15 - Estudo de Usuários



Fonte: Google Formulários (2020).

Com a finalidade de saber se os bibliotecários mediadores estão preocupados em conhecer os leitores-ouvintes que participam das ações de incentivo à leitura literária e, dessa forma, preparar encontros narrativos para dialogar com esses leitores, considerando a especificidade de cada sujeito, foi elaborada a seguinte pergunta: *O Projeto realiza algum estudo de usuários para conhecer o público atendido?*

Dos respondentes, 58,8% (10) bibliotecários responderam que não realizam; 35,3% (6) realizam; 5,9% (1) sinalizou o desejo em realizar, ou seja, também não realiza estudo de usuários.

Esse resultado é preocupante, pois como o bibliotecário pode fazer uma identificação aproximada dos enunciados formativos de cada leitor-ouvinte para, entre outros aspectos, escolher o gênero do discurso do encontro narrativo (tipo de encontro) e literário? Como dialogar com as vozes presentes? O encontro narrativo não é para o bibliotecário oralizar o texto escrito como se fosse um leitor automático que lê, mas não conhece os interlocutores.

O estudo de usuários (FIGUEIREDO, 1994), uma prática defendida no campo biblioteconômico, é essencial para que as ações de incentivo à leitura literária não sejam programações burocráticas para o preenchimento de estatísticas de usos do espaço da biblioteca, dos livros lidos durante os encontros narrativos ou dos empréstimos domiciliares.

O estudo permite diversificar o cardápio literário mediado aos leitores, levando literatura erudita onde só há literatura de massa; literatura de massa onde só é

mediada literatura erudita. Tertúlia literária onde os leitores só conhecem Hora do Conto. Literatura em quadrinhos onde só há poesia etc.

O gráfico 16 ilustra o *feedback* dos encontros narrativos realizados, ou não, pelos bibliotecários:

Gráfico 16 - *Feedback*



Fonte: Google Formulários (2020).

Com o objetivo de saber se os bibliotecários mediadores estão preocupados em conhecer as respostas positivas e/ou negativas dos leitores que participam dos encontros narrativos; se esses sujeitos recebem algum tipo de enunciado; se a mediação literária teve algum impacto na vida deles, entre outros aspectos, foram formuladas as seguintes perguntas: *Existe um espaço para os participantes fornecerem feedback das atividades para demonstrar como a literatura mediada teve influência positiva ou mesmo negativa na vida deles? Em caso afirmativo, qual o principal canal de recebimento desse feedback?*

Dos respondentes, 58,8% (10) sinalizaram que realizam; 35,3% (6) marcaram não; 5,9% (1) indicou que realiza pessoalmente.

Percebe-se pelos resultados que, com relação ao *feedback*, há uma preocupação por parte dos bibliotecários em saber as respostas (positivas ou negativas) dos leitores, o diálogo se faz presente e como todo diálogo, enunciados são recebidos e transmitidos.

Com relação à segunda pergunta, 23,5% (4) dos respondentes marcaram Não é realizado um *feedback*; 5,9% (1) Impresso; 11,8% (2) Online (através do envio

de formulário, site do Projeto, e-mail, etc.); 5,9% (1) “os debates e as produções textuais sobre as obras lidas”; 5,9% (1) “In box [sic] do Facebook e do Instagram [sic]”; 5,9% (1) “Não há”; 5,9% (1) “Caixinha de elogios/críticas/sugestões”; 5,9% (1) “Redes sociais, e-mail, presencialmente”; 5,9% (1) “nas atividades e nas rodas de conversa”; 5,9% (1) “Verbal e no grupo de whatsapp do projeto”; 5,9% (1) “Presencial durante a troca dos livros”; 5,9% (1) “Relatos após o evento”; 5,9% (1) “Pessoalmente”.

Pelos resultados é possível perceber que o *feedback*, de uma forma geral, abrange enunciados orais, escritos e não verbais (quando o leitor está presente é possível identificar esse tipo de enunciado).

Quando há *feedback* único através do registro impresso, isso pode ser um constrangimento para os leitores não alfabetizados e reduzir a quantidade de respostas, sem citar o fato de silenciar esses leitores dando voz apenas aos alfabetizados.

O *feedback* único pela via da oralidade, exceto se for gravado, por exemplo, pode ser um agravante para a preservação da memória dos encontros narrativos e futura tomada de decisão por parte dos mediadores que não estavam presentes nos encontros.

Isso se aplica ao *feedback* apenas por enunciados não verbais, por exemplo, onde o bibliotecário pede aos leitores que gostaram da história para bater palmas.

Pelas pontuações supracitadas, o *feedback* misto é a opção mais democrática por englobar leitores alfabetizados e não alfabetizados. Cabe o bibliotecário/biblioteca adotar a melhor estratégia.

8.5 BIBLIOTECÁRIOS QUE NÃO ATUAM EM PROJETOS DE INCENTIVO À LEITURA LITERÁRIA

O gráfico 17 ilustra o interesse, ou não, dos bibliotecários em participar de projetos de incentivo à leitura literária:

Gráfico 17 - Interesse em participar de projetos de incentivo à leitura literária



Fonte: Google Formulários (2020).

Com a finalidade de identificar se os bibliotecários que não atuam em projetos de incentivo à leitura literária teriam algum interesse em atuar nesse campo, supondo-se que seria a minoria, entre outros motivos, pela falta da imagem do bibliotecário voltada ao incentivo à leitura literária, foram elaboradas as questões *Você já teve interesse em participar de algum Projeto de Promoção da Leitura Literária? Descreva os motivos pelos quais você não trabalha com a promoção da leitura literária.*

Nota-se pelos resultados que, dos 51,4% (18) bibliotecários¹⁰² que responderam que não atuam em projetos de incentivo à leitura literária, 94,4% (17) responderam que têm interesse em participar de projetos de incentivo à leitura literária; e 5,6% (1) responderam que não.

Por isso, optou-se por elaborar um quadro com as 17 respostas para identificar os motivos pelos quais os bibliotecários têm interesse, mas não atuam em projetos de incentivo à leitura literária; e também a resposta do bibliotecário que informou que não tem interesse em participar de projetos de incentivo à leitura literária.

Abaixo, quadro 17, com as 18 respostas dos bibliotecários divididas por gênero e faixa etária, com pontuações da pesquisadora, que mostram que os motivos são diversos, independente de idade ou gênero, mas de uma forma geral há uma resposta positiva sobre o atuar com o incentivo à leitura literária.

¹⁰² Na pergunta "Você trabalha em algum projeto de promoção da leitura literária?", 48,6% (17) responderam que atuam em projetos de incentivo à leitura literária e 51,4% (18) responderam que não.

Quadro 17 - Motivos de não atuar em projetos de incentivo à leitura literária

Do gênero feminino, na faixa etária de 19-39	
Respostas dos bibliotecários	Pontuações da pesquisadora
De certa forma, em minha profissão, já trabalho com a promoção da leitura literária, mas no momento não estou podendo me comprometer a nenhum projeto fora do meu trabalho por falta de tempo.	Aparentemente, o incentivo à leitura literária está intrinsecamente ligado à profissão bibliotecário. O ser bibliotecário não objetiva que todos atuem no incentivo à leitura literária. Conforme explicita Valentim, Almeida e Silva (2015), há cinco enfoques principais de atuação do profissional da informação e não apenas o social. Além disso, a resposta apresenta o incentivo como uma ação fora do local de trabalho. Ou a biblioteca não viabiliza esse tipo de interlocução ou o incentivo à leitura literária é considerado como uma missão pessoal e não profissional (ORTEGA Y GASSET, 2006).
Não é o foco profissional no momento.	Resposta compreensível, tomando por base Valentim, Almeida e Silva (2015) sobre os cinco enfoques principais de atuação do profissional da informação. O bibliotecário pode focar em atuações diversificadas ao longo de sua vida profissional.
Não ter experiência em como começar um projeto.	Isso mostra que falta capacitação formal e interlocução para construção de projetos, mas é algo possível de ser sanado.
Trabalho com contação de histórias seria isso?	A resposta manifesta que o bibliotecário desconhece a ação realizada como sendo de incentivo à leitura literária.
Trabalho em uma biblioteca especializada em determinada área do conhecimento. Não atuo diretamente com a gestão e planejamento da área de referência da biblioteca. Mas agora os responsáveis por essa área estão promovendo uma espécie de troca-troca de livros de literatura (ficcionais, auto-ajuda [sic] etc.), esperamos que promova a leitura entre os usuários da biblioteca.	A tipologia da biblioteca e o setor onde trabalha são apresentados como impedimento para atuação no âmbito do incentivo à leitura literária. No entanto, apesar dos gêneros do discurso de cada biblioteca, das “regras” relativamente estáveis que permitem diferenciar uma da outra (BAKHTIN, 2016), o bibliotecário, caso seja permitido exacerbar sua estilística, pode inovar o espaço da biblioteca, independente de não ser do setor de referência. A ação de incentivo à leitura literária ultrapassa o setor de referência. Por isso, na presente investigação não é focalizada nenhuma tipologia de biblioteca ou setor. O bibliotecário também pode atuar como voluntário em projetos de incentivo à leitura literária, usar a voz para dialogar com os leitores e autores das obras mediadas.
Do gênero feminino, na faixa etária de 40-59	
Atualmente estou em processo de finalização de outra graduação.	<i>Essa foi a única respondente que marcou que não tem interesse em participar de projetos de incentivo à leitura literária. Como há citação de outra graduação, esse pode ser um fator de afastamento. Não pelo estudo, mas pela falta de tempo.</i>
Dificuldade de engajar pessoas no projeto.	Essa dificuldade pode estar relacionada à importância dada ao incentivo à leitura literária para diálogo pelos bibliotecários e parceiros convidados. Dependendo da tipologia da biblioteca, projetos onde há leituras

	consideradas utilitárias recebem uma adesão maior, por exemplo, destinados à alfabetização e ao letramento, em parceria com professores. No entanto, Petit (2009) defende a não oposição entre as leituras, pois são igualmente benéficas para o ser humano. Ou seja, cabe ao bibliotecário incentivar a leitura literária e ao professor, as duas.
Falta de oportunidade.	Possivelmente, esse profissional não pode utilizar sua estilística no local onde exerce sua profissão e também não conhece instituições que aceitam voluntários, por exemplo, para atuar com mediação da leitura literária em escolas, hospitais, asilos, penitenciárias etc. Onde não há oportunidade, o bibliotecário pode fazer a diferença e ser um Trickster (NÓBREGA, 2009).
Hoje minha atuação contempla outras atividades.	Conforme supracitado, uma resposta compreensível, tomando por base Valentim, Almeida e Silva (2015) sobre os cinco enfoques principais de atuação do profissional da informação. O bibliotecário pode focar em atuações diversificadas ao longo de sua vida profissional.
Não conheço nenhum projeto desse gênero, principalmente na minha região.	A falta de enunciados (BAKHTIN, 2016) de outros projetos/mediadores literários pode ser uma das razões dessa afirmativa.
No momento não estou desenvolvendo nenhum projeto na instituição onde trabalho atualmente, embora já tenha desenvolvido alguns anteriormente em outras instituições. Pretendo começar a desenvolver alguns projetos que tenho em mente ainda este ano.	Os enunciados permitem identificar um profissional que já atuou e pretende voltar a atuar em projetos de incentivo à leitura literária. Uma das razões pode ser a de enxergar algum poder na literatura (COMPAGNON, 2009; ORNELLAS, 2014; PATTE, 2012; PETIT, 2009, 2010, 2013).
Tempo, trabalho o dia inteiro em outro foco de atividade.	A falta de tempo, considerando que os projetos de incentivo à leitura literária requerem um tempo para dialogar com os autores (ler as obras literárias de antemão, fazer levantamento biobibliográfico do autor mediado etc.) e estar nos encontros narrativos para fomentar a interlocução dos participantes com os autores também é mencionada por Zaid (2004, p. 33), pois "Hoje a conversação inteligente e o lazer contemplativo custam infinitamente mais que o acúmulo de tesouros culturais. Agora, temos mais livros do que podemos ler". Ou seja, a biblioteca pode ter ótimos acervos de literatura, mas falta tempo para convidar o leitor e, juntos, dialogar com os autores, pois outras atividades, como catalogar os livros adquiridos ou simplesmente emprestá-los sem um prévio diálogo, tomam o tempo.
Trabalho em uma Biblioteca de memória no setor técnico [sic]. Na verdade meu caminho de promoção [sic] da leitura tem sido pela via acadêmica na produção [sic] textual de meu Doutorado em andamento.	Essa resposta demonstra que o incentivo à leitura está desvinculado do estar com o leitor. Apenas a produção de enunciados escritos dentro do gênero do discurso acadêmico sobre o assunto não é suficiente para abarcar a potencialidade do incentivo à leitura literária. O bibliotecário precisa estar face a face com os leitores e emprestar sua voz para descortinar a voz dos autores aos ouvidos do leitor (PETIT, 2010).

Do gênero masculino, na faixa etária de 19-39 anos	
Falta de tempo.	A falta de tempo para atuar em atividades relacionadas à literatura é um apontamento constante. Isso demonstra que outras atividades, em tese, consideradas mais importantes no âmbito da biblioteca ou pelo próprio bibliotecário são realizadas. É como se a literatura não fosse necessária na vida dos leitores, ficando para algum plano posterior, para quando surgir um tempo livre. O que geralmente não acontece. A prioridade de investir o tempo são para atividades mais valiosas, mas o incentivo à leitura literária também é imprescindível, além de ser um direito de todos (CANDIDO, 2004).
Pois, estou iniciando um trabalho em um novo espaço, mas acredito que seja importantíssima [sic] o incentivo de promoção a [sic] leitura. Logo, pretendo em parceria com toda a equipe desenvolver a elaboração de um projeto de forma que promova a leitura literária.	Como supracitado, os enunciados permitem identificar um profissional que já atuou e pretende voltar a atuar em projetos de incentivo à leitura literária. Uma das razões pode ser a de enxergar algum poder na literatura (COMPAGNON, 2009; ORNELLAS, 2014; PATTE, 2012; PETIT, 2009, 2010, 2013).
Trabalho no campo acadêmico.	Essa justificativa explicita que o incentivo à leitura literária não deve estar presente no âmbito acadêmico. Contudo, nas universidades existe a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, logo, a literatura pode não estar em uma determinada universidade, mas ser objeto de ensino, pesquisa ou atividades extensionistas em outras. A literatura, ou o incentivo à sua leitura, não é uma ação menor. Essa faz parte da sociedade, é um palco de diversas vozes, e deve ser respeitada como tal. Deve ser incentivada no ensino infantil, fundamental, médio e superior. Além de campos extraeducacionais.
Trabalho numa biblioteca especializada, que contém livros de literatura em seu acervo, mas não é a sala que atuo. Trabalho com a parte mais específica do acervo.	Os enunciados permitem identificar que o profissional atrela o setor onde trabalha com a permissividade em atuar com mediação da literatura. Talvez a biblioteca não permita que profissionais de diferentes setores atuem no incentivo à leitura literária, separando um tempo dentro da jornada de trabalho para que esse profissional consiga ficar, não como responsável, mas parceiro do projeto. Uma triste realidade, principalmente no âmbito do serviço público, onde há falta de servidores e o bibliotecário fica sobrecarregado com serviços tecnicistas, gerenciais, com o atendimento no setor de referência etc., impedindo o diálogo, as trocas com os leitores e autores. Petit (2009, p. 180), citando relato de um leitor, informa que “muitos lamentam que não haja mais intercâmbios e temem que os bibliotecários se convertam em uma espécie de ‘caixas de supermercado’”, substitutos do computador que ficam apenas com a função de verificar códigos de barras.
Do gênero masculino, na faixa etária de 40-59	
Ainda não tive contato com profissionais bibliotecários que já desempenhem atividades literárias, pelo contrário vejo	Como supracitado, a falta de enunciados (BAKHTIN, 2016) de outros projetos/mediadores literários pode ser uma das razões dessa afirmativa.

alguns docentes envolvidos nesta tarefa.	
--	--

Fonte: Google Formulários (2020).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação procurou trazer a ótica bakhtiniana para a mediação oral da literatura, contribuindo dessa forma com estudos na Ciência da Informação e Biblioteconomia ao focar a Mediação Oral da Literatura como uma ação social da Biblioteconomia que coloca o bibliotecário em interlocução com os leitores, autores e as muitas vozes contidas nas obras literárias.

A tipologia da biblioteca não foi especificada na presente investigação pelo foco do trabalho ser o bibliotecário mediador oral, o cunho social da profissão, e não na tipologia de biblioteca. É preciso quebrar o paradigma que encontros narrativos são realizados unicamente por bibliotecas infantis, escolares, públicas e parques para o público infantojuvenil.

Os gêneros do discurso do campo biblioteca diferenciam uma biblioteca da outra, mas como os enunciados são relativamente estáveis, possibilitam que a literatura esteja presente em diversas tipologias de bibliotecas, como as especializadas e universitárias. Cabe ao bibliotecário identificar oportunidades para inserir encontros narrativos na programação da biblioteca para dialogar com os leitores, autores e as muitas vozes contidas nas obras literárias.

A contribuição bakhtiniana teve por base, em especial, os gêneros do discurso classificados por linguagem, em orais, escritos e não verbais; por complexidade, em primários e secundários; com destaque para as características intrínsecas ao gênero, como a estilística, a responsividade e a relativa conclusibilidade.

Com relação ao bibliotecário-narrador, as contribuições do filósofo Bakhtin colocam o bibliotecário como um dos interlocutores necessários da interação dialógica nos encontros narrativos, pois a linguagem verbal oral, escrita e não verbal, base das interações dos sujeitos sociais, permeia todos os campos da atividade humana. Não é diferente no campo biblioteconômico onde o bibliotecário se comunica com sujeitos afins por meio dos enunciados relativamente estáveis, os

gêneros do discurso do campo biblioteca, e também com gêneros do discurso de outros campos, como o literário presente nos encontros narrativos.

Por isso, o trabalho defende que o bibliotecário seja o leitor-narrador dos encontros narrativos, que utilize o aparelho vocal para ler em voz alta ou narrar obras literárias aos leitores de qualquer idade para fomento da recepção e transmissão de enunciados através da interlocução.

Uma ação que fortalece o cunho social da profissão, contribui para a formação da subjetividade dos participantes dos encontros narrativos pela alteridade e modifica a imagem do bibliotecário como um profissional voltado ao tecnicismo.

A ação mediadora de colocar as obras literárias nas mãos do leitor e não descortinar o conteúdo por meio da leitura em voz alta ou narração não oportuniza, raras exceções, que o bibliotecário dialogue com os leitores sobre a leitura realizada, assim como favorece apenas os leitores que dominam a linguagem verbal escrita, caso a literatura esteja nesse tipo de linguagem.

A respeito dos encontros narrativos, Bakhtin contribui, entre outros aspectos, com a elucidação dos gêneros do discurso, seja primário ou secundário, das regras relativamente estáveis, de cada encontro narrativo para mediação de outro gênero do discurso, o literário. Cada qual com sua ideologia imanente. Esses encontros possibilitam, de forma diversificada, a interlocução.

Há recepção e transmissão de enunciados, múltiplas leituras dos enunciados orais, escritos e não verbais; do contexto histórico, social, ideológico em que as obras foram produzidas etc. O encontro é sobre literatura, mas ultrapassa o literário, abrangendo outros assuntos. O diálogo se faz presente, com modulação dos enunciados para compreensão de todos.

Os encontros narrativos apresentados ao longo da pesquisa, Hora do Conto, Batalha de Poesia, ou *Slam*, Círculo de Leitura, Leitura Dramatizada, Rodas de Leitura, Sarau Literário, Tertúlia Literária Dialógica e Rodas de Conversa, são apenas uma amostra das múltiplas possibilidades de incentivar a leitura literária porque na literatura há muitas vozes para dialogar.

Concernente à literatura erudita e à literatura de massa, Bakhtin contribui por nos fazer enxergar esse gênero do discurso, a literatura, além de uma fonte de prazer, entretenimento, didatismo etc., mas como um palco onde há diversas vozes representadas através dos personagens, como o do trabalhador explorado, do injustiçado, da desigualdade social, da corrupção política e religiosa, do filho

oprimido etc. Além disso, através do Bakhtin foi possível entender a dicotomia literatura erudita e literatura de massas como reflexo da divisão de classes, onde há o erudito oficial prestigiado, a Literatura com “L” maiúscula, e as outras literaturas com adjetivos, como a literatura marginal, infantil, africana, indígena etc.

Relativo aos enunciadores literários que atuam sobre a literatura, refletindo sobre os encontros narrativos, Bakhtin contribui por mostrar que os sujeitos são sociais e, por isso, convivem em diversos campos da atividade humana e, cada um desses campos, com seus múltiplos sujeitos, enunciam sobre a literatura, ora com respostas positivas de incentivo à sua leitura, ora respostas negativas de que é doutrinadora e deve ser banida, entre outros motivos.

Contudo, o bibliotecário, assim como outros leitores, responde afirmativamente ou negativamente aos enunciados recebidos. Há enunciadores que concordam e discordam entre si porque não há barreiras no campo de influência de nenhum enunciator. Como nos enunciadores do campo religioso, político e educacional que enunciam sobre o campo literário como se tivessem todos os direitos de censurar a literatura.

Outra questão sobre os enunciadores é o reconhecimento que o leitor não participa apenas do campo biblioteca e não lê apenas livros. Por isso, o bibliotecário precisa incentivar a leitura literária em seus variados suportes e linguagens, como os advindos dos meios de comunicação de massa e/ou entretenimento, pois fazem parte da sociedade, os sujeitos sociais respondem aos seus enunciados. Os outros meios de propagação da literatura não deixarão de existir para que o livro e a biblioteca sejam únicos. Incentivar a leitura literária é muito mais que incentivar a leitura do texto escrito contido nos livros.

Dentre inúmeros enunciadores literários, destacamos os meios de comunicação de massa e/ou entretenimento; família; governo; instituições de ensino, instituições religiosas e o mercado editorial, exemplificando, na medida do possível, com publicações contemporâneas de jornais, revistas, websites etc.

Com o objetivo de focar nos bibliotecários que atuam, ou não, em projetos de incentivo à leitura literária, sendo os primeiros, com maior probabilidade de utilizar a voz para mediar literatura, de estar em interlocução com os leitores, foi enviado um questionário aos bibliotecários do Estado do Rio de Janeiro.

De uma forma geral, os resultados obtidos na pesquisa revelam que os bibliotecários atuam, ou têm o desejo de atuar, com mediação da literatura, mas

nem todos utilizam a voz para ler ou narrar as obras literárias. Ou seja, não há fomento da interlocução com os leitores, autores e as muitas vozes contidas nas obras para recepção e transmissão de enunciados.

O questionário também permitiu apresentar uma amostragem sobre o que é e qual a importância da mediação da literatura na perspectiva dos bibliotecários; apresentar uma amostragem sobre o que é literatura de fato para os bibliotecários, considerando que há diferenças entre literatura de proposta (cultura/erudita/clássica) e de massa (popular/entretenimento), pois ao longo da investigação foi apontado que há diversas definições para literatura e o bibliotecário também possui os próprios enunciados sobre essa temática.

Observou-se no processo investigatório, certa escassez de produções científicas sobre os encontros narrativos. Em contrapartida, muitos bibliotecários marcaram como ações de mediação realizadas no âmbito de projetos de incentivo à leitura literária. Ou seja, são ações pouco disseminadas nos gêneros científicos ou indexadas com terminologias afins, dificultando sua localização.

Por isso, sugere-se a criação de um *tesauro sobre encontros narrativos* para auxiliar os bibliotecários na indexação dos documentos produzidos sobre essa temática. Com relação à literatura, os pesquisadores encontraram, com destaque para versão preliminar, o *tesauro sobre literatura*, do IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (1985); e *tesauro de literatura infantil e juvenil*, de Ferreira, *et al.* (2008).

A presente investigação também sugere a realização de um *Estudo de leitores-ouvintes para os encontros narrativos* (Apêndice A) - de preferência em ambiente online, por exemplo, o *Google Formulários*, que gera gráficos que facilitam a tomada de decisão - para escolha do tipo de encontro narrativo e obras literárias a serem mediadas, de acordo com os enunciados dos leitores.

É recomendável que o questionário também seja preenchido na biblioteca pelo bibliotecário, pois ao enviar o questionário online, independente do canal, supõe-se que o leitor seja alfabetizado e a biblioteca também precisa ouvir os leitores não alfabetizados.

Referente à tipologia de encontro, ressaltamos que o bibliotecário seja o leitor-narrador principal, ou um dos leitores-narradores, e escolha entre ler em voz alta ou narrar as obras a serem mediadas.

Com relação à literatura, independente da dicotomia entre erudita e de massa, recomenda-se que ambas sejam mediadas. Por isso, sugere-se que o questionário aplicado aos leitores não apresente esse tópico, mas sim no *Controle dos Encontros narrativos: modelo sugestivo* (Apêndice B).

Recomenda-se ao término de cada encontro narrativo, um *feedback* para constante diálogo com os participantes e melhoria das ações de mediação desenvolvidas. Por este motivo, apresentamos um modelo sugestivo no Apêndice C.

A pesquisa apresenta enunciados que podem contribuir com estudos sobre o dialogismo na Ciência da Informação e Biblioteconomia e a mediação oral da literatura fora do escopo hábito de leitura (por remeter ao quantitativo de obras, em texto escrito, decodificadas e não de diálogos efetivamente realizados), didatismo, entretenimento ou prazer, mas como o encontro com muitas vozes disponíveis para dialogar com os leitores catalisando a recepção e transmissão de enunciados.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006.

AGUIAR, Vera Teixeira de. **O verbal e o não verbal**. São Paulo: Unesp, 2004.

ALESSI, Viviane Maria. **Rodas de conversa**: uma análise das vozes infantis na perspectiva do círculo de Bakhtin. Orientador: Gilberto de Castro. 2011. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/25924>. Acesso em: 14 jul. 2019.

AMARO, Vagner da Rosa. **Mediação da leitura em bibliotecas**: revendo conceitos, repensando práticas. Orientador: Patrícia Vargas Alencar. 2017. 101 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppgb/arquivo/vagner-da-rosa-amaro/view>. Acesso em: 25 set. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO. **O rádio no Brasil**: no ar há 91 anos. Brasília, DF, 25 set. 2013. Disponível em: <https://www.abert.org.br/web/index.php/component/k2/item/21354-o-radio-no-brasil-no-ar-ha-91-anos>. Acesso em: 29 fev. 2020.

ASSUMÇÃO, Jéferson. Leitura cultural, crítica ou utilitária. *In*: AMORIM, Galeno (org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-livro: Imprensa Oficial, 2008. p. 83–94. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/antigo/1815.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2018.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. 200 anos da Primeira Biblioteca Pública do Brasil: considerações histórico-biblioteconômicas acerca dessa efeméride. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.17, n.2, p. 2-25 abr./jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v17n2/a02v17n2.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2020.

BAHIA. Secretaria de Cultura. Fundação Pedro Calmon. Biblioteca Central. **Círculo de Leitura**: o auto da Compadecida. Salvador, 18 dez. 2017. Disponível em: <http://www.cultura.ba.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=14838>. Acesso em: 02 set. 2019.

BAHIA. Secretaria de Cultura. Fundação Pedro Calmon. Biblioteca Juracy Magalhães Jr (Itaparica). **Roda de Conversa**: 180 anos de Machado de Assis. Salvador, 30 maio 2019a. Disponível em: <http://www.fpc.ba.gov.br/2019/05/1475/Roda-de-conversa-celebra-nascimento-de-Machado-de-Assis.html>. Acesso em: 13 jul. 2019.

BAHIA. Secretaria de Cultura. Fundação Pedro Calmon. Biblioteca Juracy Magalhães Jr (Itaparica). **Sarau literário simplesmente Cecília**. Salvador, 15 abr. 2019b. Disponível em:

<http://www.fpc.ba.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=1786&tit=a-href=http-wwwfpcbagoobr-modules-noticias-articlephpstoryid=1786Sarau-Literario-faz-homenagem-a-poetisa-Cecilia-Meireles-a>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BAJARD, Élie. **Da escuta de textos à leitura**. São Paulo: Cortez, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, pós-fácio e notas Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. Notas da edição russa Serguei Botcharov.

BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bitencourt. **Hora do conto**: da fantasia ao prazer de ler: subsídios a sua realização em bibliotecas públicas e escolares. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1995.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura**: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando. Orientador: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior. 2010. 233 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, 2010. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103349>. Acesso em: 07 abr. 2019.

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco. Mediação da literatura para leitores-ouvintes. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 207-226, mar. 2014. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362014000100013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jul. 2019.

BORTOLIN, Sueli; SANTOS, Zineide Pereira dos. Clube de Leitura na Biblioteca Escolar: manual de instruções. **Inf. Prof.**, Londrina, v. 3, n. 1/2, p. 147 - 172, jan./dez. 2014. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/21012>. Acesso em: 08 mar. 2020.

BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. Ensino da literatura infantojuvenil na graduação e pós-graduação em Ciência da Informação. **Rebecin**, v.2, n.2, 2015. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/72524>. Acesso em: 13 jan. 2020.

BRAGA, Nathália. Quais livros já foram proibidos pela Igreja Católica?

Superinteressante, São Paulo, 18 ago. 2014. Disponível em:

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-livros-ja-foram-proibidos-pela-igreja-catolica/>. Acesso em: 09 out. 2019.

BRAIT, Beth; CAMPOS, Maria Inês Batista. Da Rússia czarista à web. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin e o círculo**. São Paulo: Contexto, c2009. p. 15-30.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 371-401, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n2/02.pdf>. Acesso em: 02 set. 2019.

BRASIL, Bruno. Gazeta do Rio de Janeiro. *In*: FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **BNDIGITAL**. Rio de Janeiro, 06 jul. 2015. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/gazeta-do-rio-de-janeiro-2/>. Acesso em: 23 fev. 2020.

BRASIL. **Decreto-lei nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970**. Dispõe sobre a execução do artigo 153, § 8º, parte final, da Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, [21--?]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/De1077.htm. Acesso em: 21 out. 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm. Acesso em: 27 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Edital de Convocação 02/2018 – CGPLI**. Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras literárias para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://www.fnede.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/11568-edital-pnld-liter%C3%A1rio>. Acesso em: 08 out.2019.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Especial da Cultura. **Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas**. Brasília, DF: MTUR, 2015. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/bibliotecaspublicas/>. Acesso em: 12 ago 2019.

BUONOCORE, Domingo. **Diccionario de bibliotecología**: términos relativos a la bibliología, bibliografía, bibliofilia, biblioteconomía, archivología, documentología, tipografía y materias afines. 2.ed. aum. Buenos Aires: Marymar, 1976.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 4. ed. reorganizada pelo autor. São Paulo: Duas Cidades; Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2004. p. 169-191.

CASCAIS (Portugal). Câmara Municipal. Biblioteca Municipal de Cascais. **Os pilares da história**: hora do conto para adultos. Cascais, 7 out. 2019. Facebook: Câmara Municipal de Cascais @CMCascais. Disponível em: <https://www.facebook.com/CMCascais/photos/os-pilares-da-hist%C3%B3ria-hora-do-conto-para-adultos-no-pr%C3%B3ximo-s%C3%A1bado-12-de-outubr/10156593297437584/>. Acesso em: 18 out. 2020.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do gato, 2011.

CASTRO, Gilberto de. [orelha do livro]. *In*: HOFFMANN, Elaine. **O leitor no espelho**: um estudo a partir de memórias. Blumenau: Edifurb, 2014a.

CASTRO, Gilberto de. **Discurso citado e memória**: ensaio bakhtiniano sobre Infância e São Bernardo. Chapecó, SC: Argos, 2014b.

CASTRO, Gilberto de. Livro X TV em revistas nacionais de informação: contribuição ao debate sobre nossa subjetivação como leitores. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL, 2., FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 5., 2008, Torres. **Anais [...]** Torres: ULBRA, 2008. p. 1-16.

CASTRO, Gilberto de. O discurso sobre a leitura em revistas nacionais de informação: a formação do imaginário do leitor sobre o best-seller. **Atos de Pesquisa em Educação - PPGE/ME FURB**, Blumenau, v. 6, n. 1, p. 115-131, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/2351/1546>. Acesso em: 10 ago. 2019.

CASTRO, Gilberto de. O discurso sobre o livro, a leitura e o leitor na mídia escrita brasileira e suas implicações educacionais. **Leitura: teoria & prática**, Campinas, n.49, ano 25, p. 47-52, nov. 2007.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

COELHO, Betty. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2006.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. **Resolução nº 207, de 07 de novembro de 2018**. Aprova o Código de Ética e Deontologia do Bibliotecário brasileiro, que fixa as normas orientadoras de conduta no exercício de suas atividades profissionais. Brasília, DF: CFB, 2018. Disponível em: <https://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2018/11/Resolu%C3%A7%C3%A3o-207-C%C3%B3digo-de-%C3%89tica-e-Deontologia-do-CFB-1.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2020.

CORRÊA, Hércules Tolêdo. Rodas de leitura. *In*: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/roda-de-leitura>. Acesso em: 13 jul. 2019.

COSSON, Rildo. Círculo de leitura. *In*: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/circulo-de-leitura> . Acesso em: 13 jul. 2019.

COSTA, Emanuelle Caroline de Souza Pereira. **Os enunciados semióticos e as práticas escolares de promoção à leitura**. Orientador: Gilberto de Castro. 2015. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/43813>. Acesso em: 02 set. 2019.

CRUZ FILHA, Fernanda. **Sarau**: um ritual da voz. Orientador: Elderson Melo de Miranda. 2018. 123 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9297> . Acesso em: 17 jul. 2019.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34113>. Acesso em: 18 set. 2019.

DIAS, Luiz Francisco. Efeitos de sentido. *In*: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/efeitos-de-sentido>. Acesso em: 19 fev. 2020.

DINI, Aline. A história por trás do livro de Ana Maria Machado, que gerou a polêmica do engasgo com a maçã. **Crescer**, São Paulo, 10 set. 2018. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/historia-por-tras-do-livro-de-ana-maria-machado-que-gerou-polemica-do-engasgo-com-maca.html>. Acesso em: 08 out.2019.

DOMINGUES, Petrônio. Cultura popular: as construções de um conceito de produção historiográfica. **História (São Paulo)**, Franca, v. 30, n. 2, p. 401-419, dez. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742011000200019>. Acesso em: 07 set. 2019.

EBERT, Carlos. Pequena história da cinematografia no país. *In*: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CINEMATOGRAFIA. **Artigos**. Rio de Janeiro: ABC, c2018. Disponível em: <https://abcine.org.br/site/pequena-historia-da-cinematografia-no-pais/> . Acesso em: 22 fev. 2020.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **Rádio MEC celebra Dia da Literatura Brasileira nesta sexta-feira (1/5)**. [Brasília, DF]: EBC, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://www.ebc.com.br/radio-mec-celebra-dia-da-literatura-brasileira-com-programacao-especial>. Acesso em: 22 out. 2020.

ESCOLA MUNICIPAL FRANÇA. **Sala de Leitura Viriato Correia**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://emfranca2011.blogspot.com/>. Acesso em: 24 ago. 2019.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 37-60.

FERREIRA, Glória Isabel Sattamini *et al.* **Tesouro de Literatura Infantil e Juvenil**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/fabico/graduacao/biblioteconomia/tesouro-de-literatura-infantil-e-juvenil>. Acesso em: 16 mar. 2020.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Estudos de usos e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/handle/1/452>. Acesso em: 14 jul. 2019.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Tradução de Ilana Heineberg. L&PM, 2003. *E-book*. Disponível em: https://ler.amazon.com.br/kp/embed?asin=B00A3D8OFW&preview=newtab&linkCode=kpe&ref_cm_sw_r_kb_dp_C5nDEb9NRGY5X. Acesso em: 20 mar. 2020.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2.ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2017. *E-book*. Disponível em: https://ler.amazon.com.br/kp/embed?asin=B0758JC9H2&preview=newtab&linkCode=kpe&ref_cm_sw_r_kb_dp_FrnDEbYVKSHSG. Acesso em: 20 mar. 2020.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Hemeroteca Digital**. Rio de Janeiro: FBN, c2020. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 out. 2020.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO. FAPESP na mídia. **Linha do tempo da Internet. Do mundo para a Amazônia!** São Paulo, 05 jun. 2018. Disponível em: <https://namidia.fapesp.br/linha-do-tempo-da-internet-do-mundo-para-a-amazonia/158134>. Acesso em: 23 fev. 2020.

GALILEU. **Por "magia e feitiços", escola católica proíbe Harry Potter nos EUA**. São Paulo: Ed. Globo, 03 set. 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/09/por-magia-e-feiticos-escola-catolica-proibe-harry-potter-nos-eua.html>. Acesso em: 09 nov. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOULART, Nathalia. Caso da proibição a livro de Monteiro Lobato vai ao STF. **Veja**, São Paulo, 25 set. 2012. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/educacao/caso-da-proibicao-a-livro-de-monteiro-lobato-vai-ao-stf/>. Acesso em: 9 out. 2019.

GOUVÊA, Viviane. O que podemos saber? *In*: ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Que república é essa?**: portal estudos do Brasil republicano. Rio de Janeiro, 12 fev. 2019. Disponível em: <http://querepublicaeessa.an.gov.br/temas/136-censura-no-brasil.html>. Acesso em: 20 nov. 2019.

HOFFMANN, Elaine. **O leitor no espelho**: um estudo a partir de memórias. Blumenau: Edifurb, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Comunicação Social. **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. [Rio de Janeiro]: IBGE, 29 jun. 2012. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>. Acesso em: 01 out. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Tesouros sobre literatura**. Brasília, DF: IBICT, 1985. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/1010>. Acesso em: 16 mar. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. **TV INES**: contação de histórias. [Rio de Janeiro]: INES, c2020. Disponível em: http://tvines.org.br/?page_id=16877. Acesso em: 22 out. 2020.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Indicador de Alfabetismo Funcional**. [São Paulo]: IPM, c2017. Disponível em: <https://www.ipm.org.br/inaf>. Acesso em: 02 ago. 2019.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 4.ed. São Paulo: IPL, 2016. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/index.php/atuacao/25-projetos/pesquisas/3900-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-48>. Acesso em: 20 set. 2019.

INSTITUTO VLADIMIR HERZOG. **Portal Memórias da Ditadura**. [S.l.: s.n.], [2009]. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/sequencias-didaticas/literatura-e-memoria/>. Acesso em: 02 out. 2019.

ITAÚ CULTURAL. **Leitura dramática**. São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nelson-rodrigues/leitura-dramatica/?content_link=0. Acesso em: 19 jul. 2019.

LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura**. 7.ed. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1999.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura em seus discursos**. São Paulo: Ática, 2009.

LIMA, Marinalva Vilar de. O problema do popular e do erudito na literatura de folhetos brasileira. **Artcultura**, Uberlândia, v.11, n.18, p. 177-194, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/7312>. Acesso em: 02 set. 2019.

LISBOA, Fabio. Por que contar histórias para bebês, crianças e adultos: um novo paradigma para a humanidade. *In*: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen (org.). **Contaço de histórias**: tradição, poéticas e interface. São Paulo: Edições SESC, 2015.

LOBATO, Monteiro. **Dom Quixote das crianças**. [S.l.]: Ed. Heráclito, 2020. *E-book*. Disponível em: https://ler.amazon.com.br/kp/embed?asin=B084JPSTQD&preview=newtab&linkCode=kpe&ref_cm_sw_r_kb_dp_MZmDEb0SPNYF3. Acesso em: 20 mar. 2020.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 151-166.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARIANO, Juliana Camargo. **A literatura infantil e o autoritarismo no século XX**: um estudo comparativo entre Ruth Rocha e José Cardoso Pires. Orientador: Maria Lúcia Pimentel de Sampaio Góes. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-09012013-122910/publico/2012_JulianaCamargoMariano_VCorr.pdf. Acesso em: 9 out. 2020.

MARIGO, Adriana; MELLO, Roseli; AMORIM, Sabrina. Tertúlia literária dialógica e educação de pessoas jovens e adultas: encontro entre literatura e vida. **Leitura: teoria & prática**, Campinas, n.58, ano 30, p. 1497-1505, jun.2012. Suplemento Especial 18º COLE.

MARQUES, Maria Cristina. **Lendas de Exu sob os holofotes da educação**. Orientador: Sérgio Luiz de Souza Costa. 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Relações Etnicorraciais) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/22_Maria%20Cristina%20Marques.pdf. Acesso em: 10 dez. 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Os maia**s: retrato da decadente aristocracia portuguesa, na segunda metade do século XIX, através da trágica história de uma tradicional família lisboeta. [S.l.]: Globo Comunicações e Participações, c2020. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/minisseries/os-maixas/> .Acesso em: 29 fev. 2020.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção**: biblioteca centro de cultura. 4. ed. rev. e ampl. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 167-176.

MOLICA, Fernando. Escola católica do Rio censura livro acusado de ser de esquerda. **Veja**, São Paulo, 02 out. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/escola-catolica-do-rio-censura-livro-acusado-de-ser-de-esquerda/> . Acesso em: 09 out. 2019.

MOURA, Ranielle Leal. História das Revistas brasileiras: informação e entretenimento. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8., 2011, Guarapuava, PR. **Anais** [...]. [São Paulo]: Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Historia%20das%20Revistas%20brasileiras%202013%20informacao%20e%20entretenimento.pdf/view> . Acesso em: 23 fev. 2020.

MUSEU DA TV. **A Tv no Brasil**. São Paulo: Pró-Tv - Associação dos Pioneiros, Profissionais e Incentivadores da Televisão Brasileira, [1995?]. Disponível em: <http://www.museudatv.com.br/> . Acesso em: 22 fev. 2020.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615>. Acesso em: 8 jul. 2019.

NÓBREGA, Nancy Gonçalves. No espelho, o trickster. *In*: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; ROSING, Tania M.K. **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009. p. 95-112.

OLIVEIRA, Cilene Alves de. **O comportamento leitor dos alunos da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)**. Orientador: Elisa Machado. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppgb/arquivo/cilene-alves-de-oliveira>. Acesso em: 5 set. 2019.

OLIVEIRA, Joana. 'Caça às bruxas' de Damares provoca autocensura no mercado literário infantil: declarações de autoridades como a ministra demonizam seres imaginários como dragões e duendes e marcam tabus nas obras para crianças. **El País**. São Paulo, 13 fev. 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/cultura/2020-02-13/caca-as-bruxas-de-damares-provoca-autocensura-no-mercado-literario-infantil.html?ssm=FB_CC&fbclid=IwAR167mt3iDVmSu-LRrLYhJMi2LQ4NvbItzQW2WjZsJtkJIQuXrjLRc4QNQo. Acesso em: 28 fev. 2020.

ORNELLAS, Adriana da Silva. **O bibliotecário de referência e a necessidade de uma atuação empática na contemporaneidade**: uma análise sobre influência da leitura literária. Orientador: Patrícia Vargas Alencar. 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado Profissional de Biblioteconomia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppgb/arquivo/adriana-ornellas>. Acesso em: 9 ago. 2019.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

PAES, José Paulo. Por uma literatura brasileira de entretenimento (ou: o mordomo não é o único culpado). *In*: PAES, José Paulo. **A aventura literária**: ensaios sobre ficção e ficções. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 25–38.

PANTOJA, Ana Cláudia Freitas. "Era uma vez..." do oral para a TV: a apropriação dos contos populares na microssérie "Hoje é Dia de Maria". *In*: LEITE, Eudes Fernando; FERNANDES, Frederico (org.). **Trânsito da voz**: estudos de oralidade e literatura. Londrina: EDUEL, 2012. p. 121-146.

PATTE, Geneviève. **Deixem que leiam**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. 2.ed. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo, Editora 34, 2013.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Tradução Celina Olga de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

PINHEIRO, Ana Virginia. Gabinete secreto. *In*: FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **BNDIGITAL**: gabinete de obras máximas e singulares. Rio de Janeiro, c2020. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/gabinete-de-obras-maximas-e-singulares/gabinete-secreto/>. Acesso em: 14 set. 2019.

PRIMEIRAS Manifestações Literárias. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, c2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo12160/primeiras-manifestacoes-literarias>. Acesso em: 23 de fev. 2020.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. 5.ed. Tradução de Carlos Vogt. Campinas, SP: Pontes, 2011.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009.

REIMÃO, Sandra Lucia Amaral de Assis. **Repressão e resistência**: censura a livros na ditadura militar. 2011. 126 f. Tese (Livre Docência em Comunicação e cultura) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/100/tde-21082015-151559/pt-br.php>. Acesso em: 08 out. 2019.

REMÍGIO, Ana. A escrita memorialística em vida - vida, de Maria Helena Cardoso. **Revista de Letras**, v. 12, n.27, jan./dez. 2005, p. 67-73. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revletras/article/view/2290>. Acesso em: 11 fev. 2020.

RIO DE JANEIRO (Estado). Bibliotecas Parque. **Sarau dos sambistas**. Rio de Janeiro: Bibliotecas Parque, [2019]. Disponível em: <http://www.bibliotecasparque.rj.gov.br/estadual/programacoes/sarau-dos-sambistas/>. Acesso em: 18 jul.2019.

RIO DE JANEIRO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Rioeduca.net**: a maior rede de educação municipal da América Latina. Rio de Janeiro: SME, [201-]. Disponível em: <http://antigo.rioeduca.net/>. Acesso em: 24 ago. 2019.

RODRIGUES, Jéssica Nascimento; RANGEL, Mary. Da linguagem à ideologia: contribuições bakhtinianas. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1115-1142, abr. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/31826>. Acesso em: 20 set. 2019.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Cultura. **Leitura Dramática**: Eva Wilma e Thalles Cabral em “Ensina-me a viver”. São Paulo, 26 set. 2017. Facebook: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo @SaoPauloCultura. Disponível em: <https://www.facebook.com/SaoPauloCultura/photos/a.324680334299327.54795.309387589161935/1160360550731297/?type=3&theater>. Acesso em: 15 jun.2019.

SEMIS, Laís. MEC decide recolher livro infantil que traz conto sobre incesto. **Nova Escola**, São Paulo, 08 jun. 2017. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4998/mec-decide-recolher-livro-infantil-que-traz-conto-sobre-incesto>. Acesso em: 09 out. 2019.

SERRAI, Alfredo. História da biblioteca como evolução de uma ideia e de um sistema. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 141-161, set. 1975. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>. Acesso em: 01 out. 2019.

SILVA, Adriano da. [Resposta de e-mail: bibliotecários do Estado do RJ_Pesquisa]. Destinatário: Regiane Cristina Lopes da Silva. Rio de Janeiro, 22 de out. de 2019. 1 mensagem eletrônica.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em:

https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf. Acesso em: 20 ago. 2019.

SILVA, Greice Ferreira da; ARENA, Dagoberto Buim. O pequeno leitor e o processo de mediação de leitura literária. **Álabe 6**. Espanã, n.6, nov./dic. 2012. p. 1-14. Disponível em: <http://revistaalabe.com/index/alabe/issue/view/6>. Acesso em: 28 fev. 2020.

SILVA, Ivanice Prado da; SILVA, Winglyd Thais do Nascimento da; LOURENÇO, Adriana. Contação de histórias como Mediação de Leitura: contribuição na formação do Bibliotecário. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v.3, n.2, p. 10-17, set. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/2542>. Acesso em: 17 mar. 2020.

SLAM LETRA PRETA. **Batalha de Poema**. Trindade, SP, 26 maio. 2018. Facebook: Slam Letra Preta @SlamLetraPreta. Disponível em:

<https://www.facebook.com/events/207673520041811/>. Acesso em: 12 ago. 2019.

SLAM nacional e a copa do mundo de poesia. [S.l.: s.n.], 2019. Disponível em: <https://grandpoetryslam.com/>. Acesso em: 10 ago. 2019.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. A censura durante o regime autoritário. **Revista Brasileira de ciências sociais**, Rio de Janeiro, n.10, v. 4, jun. 1989. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/publicacoes-sp-2056165036/rbcs/227-rbcs-10>. Acesso em: 20 nov. 2019.

SOBRAL, Adail. Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 103-121.

SODRÉ, Muniz. **Best-seller: a literatura de mercado**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1988.

SOUZA, Rodrigo Matos de. Leitores, leitura e círculos: uma perspectiva metodológica. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 6, n. 1, p. 92-107, 2012. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4897>. Acesso em: 13 jul. 2019.

STELLA, Marcello Giovanni Pocai. A Batalha da Poesia...:o slam da Guilhermina e os campeonatos de poesia falada em São Paulo. **Ponto Urbe - Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n.17, São Paulo, 15 dez. 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/2836>. Acesso em: 8 jul. 2019.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 2.ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

TARGINO, Maria das Graças. Ranganathan continua em cena. **Ci. Inf.** Brasília, DF, v. 39, n. 1, p. 122-124, jan./abr. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652010000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 01 ago. 2019.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. **Correio Braziliense ou armazem literario**. São Paulo: USP, 2001. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6867>. Acesso em: 23 fev. 2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Instituto de Estudos da Linguagem. Biblioteca Antonio Candido. **Coleção "Brito Broca"**. Campinas: UNICAMP, [20--?]. Disponível em: https://www.iel.unicamp.br/br/content/cole%C3%A7%C3%A3o-brito-broca_bib. Acesso em: 11 fev. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Biblioteca Flor-do-Cerrado. **Clube da Tertúlia Literária**. Goiânia: UFG, 31 out. 2018. Disponível em: <https://bc.ufg.br/n/111317-biblioteca-flor-do-cerrado-lanca-o-projeto-clube-da-tertulialiteraria>. Acesso em: 18 jul.2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa. **Tertúlias Dialógicas**. São Carlos, SP:UFSCar, c2020. Disponível em: <http://www.niase.ufscar.br/tertulias-dialogicas>. Acesso em: 07 fev. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Sistema de Biblioteca da Universidade Federal de Sergipe. **SIBIUFS promove Roda de Leitura na BICEN**. Sergipe: UFS, 3 abr. 2019. Disponível em: <http://bibliotecas.ufs.br/conteudo/63220-sibiufs-promove-roda-de-leitura-na-bicen>. Acesso em: 19 out. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Biblioteca Central. Biblioteca Infantojuvenil. **Hora do Conto online**. Rio de Janeiro: UNIRIO, c2020. Disponível em: <http://www.unirio.br/bibliotecacentral/biblioteca-infantojuvenil/hora-do-conto-online>. Acesso em: 18 out. 2020.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim; ALMEIDA, Daniela Pereira dos Reis de; SILVA, Elaine da. Desafios e oportunidades para a formação e atuação do profissional da informação na era digital. *In*: ENCUESTRO IBÉRICO EDICIC, 7. 2015, Madrid. **Actas do [...]**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2015. p. 1-14. Disponível em: http://eprints.sim.ucm.es/34621/1/267-Pomim_formacao-atuacao-profissional-inf.pdf. Acesso em: 24 ago. 2019.

VARGAS, Suzana. Rodas de Leitura: o que são, de onde vieram, para onde vão? **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v.16 n.29, p. 60-66, 1997.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **Seleção de materiais de informação: princípios e técnicas**. 3. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2010.

VIEIRA, Célia. A leitura dramatizada como atividade pedagógica e teatral. *In*: PEREIRA, José Dantas Lima.; VIEITES, Manuel Francisco; LOPES, Marcelino de Sousa (Coords.). **As artes na educação**. Chaves: Intervenção, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ismai.pt/handle/10400.24/466>. Acesso em: 10 jun.2019.

VIEIRA, Divino Gomes. **Leitura dramática no ensino de literatura**: arte e ousadia em sala de aula. Orientador: Sueli Maria de Regino. 2016. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5614>. Acesso em: 10 jul. 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

WILDER Morais critica adoção de livros com conteúdo satanista em escolas públicas. **Senado Notícias**, Brasília, 14 mar. 2017. Social. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/03/14/wilder-morais-critica-adocao-de-livro-com-conteudo-satanista-em-escolas-publicas>. Acesso em: 29 dez. 2019.

YUNES, Eliana. Círculos de Leitura: teorizando a prática. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v.18 n.33, p. 17-21, 1999.

ZAID, Gabriel. **Livros demais!**: sobre ler, escrever e publicar. São Paulo: Summus, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: SENAC, 2001.

APÊNDICE A - Estudo de leitores-ouvintes: modelo sugestivo.

ESTUDO DE LEITORES-OUVINTES
<p>Nome do leitor (ou deixar como anônimo)</p> <p>*Campo que permite, por exemplo, identificar os futuros membros do Círculo de Leitura.</p>
<p style="text-align: center;">Grau de Instrução</p> <p>() Educação Infantil () Ensino Fundamental I () Fundamental II () Ensino Médio () Graduação () Pós-Graduação</p> <p>() Completa () Incompleta () Cursando</p> <p>() Analfabeto funcional () Funcionalmente alfabetizados () Alfabetizados</p> <p>*Campo que permite conhecer o possível nível de compreensão da obra a ser mediada.</p>
<p style="text-align: center;">Faixa etária</p> <p>() até 5 anos () 6-10 () 11-15 () 16-18 () 19-22 () 23-59 () a partir de 60</p> <p>*Campo para decisão - por bom senso - das obras a serem mediadas.</p>
<p style="text-align: center;">Gênero dos leitores</p> <p>() masculino () feminino () outro</p> <p>*Campo que possibilita, entre outros aspectos, formar uma roda de conversa por gênero.</p>
<p style="text-align: center;">Nacionalidade</p> <p>() Brasileira () Estrangeira</p> <p>Em caso de estrangeira, qual? _____.</p> <p>*Campo que possibilita identificar as possíveis vivências do leitor</p>
<p style="text-align: center;">Região geográfica onde reside</p> <p>() Região do Médio Vale do Paraíba () Região Centro-Sul Fluminense () Região Serrana () Região das Baixadas Litorâneas () Região Norte Fluminense () Região Noroeste Fluminense () Região da Costa Verde () Outro: _____.</p> <p>*Campo que permite identificar minimamente os enunciados geográficos dos leitores. As regiões apontadas referem-se ao Estado do Rio de Janeiro.</p>
<p style="text-align: center;">Biblioteca</p> <p>Já frequentou alguma biblioteca?</p> <p>() sim () não</p> <p>Qual o tipo de biblioteca?</p> <p>() Escolar () Especializada () Nacional () Pública () Universitária () Outras.</p> <p>*Campo que permite identificar se os leitores conhecem os gêneros do discurso do campo</p>

biblioteca. Em caso negativo, o bibliotecário pode enunciar aos leitores.

Literatura

Você já leu sozinho ou alguém leu para você alguma obra literária?

Sim Não

Qual o tipo de literatura que você gosta?

infantil juvenil adulta

Qual gênero literário que você gosta?

Contos Cordel Crônicas História em quadrinhos, Gibis, Mangá ou RPG
 Novelas Poesias Romances Outro:_____.

*Campo que permite identificar os possíveis enunciados literários do leitor. Além disso, caso a maioria dos respondentes goste de crônicas, o bibliotecário pode realizar uma Hora do Conto de Crônicas. No entanto, isso não impede, a partir do estudo de leitores, a sugestão de algo novo para esses leitores. Que tal um Sarau de Cordel? Ademais, o leitor pode não saber o gênero, mas citar uma obra que permite identificar o gênero literário. Por exemplo, histórias de fadas. Um tesouro literário pode ajudar na escolha da terminologia adequada. Dependendo do público atendido, o bibliotecário pode optar por deixar as seguintes opções: gênero narrativo, lírico e dramático.

Encontros narrativos

Você já participou de algum encontro narrativo?

Sim Não

Em caso afirmativo, qual (is)?

Batalha de Poesia, ou *Slam* Círculo de Leitura Hora do Conto Leitura Dramatizada
 Rodas de Conversa Rodas de Leitura Saraus Literários Tertúlia Literária Dialógica
 Outro:_____.

*Campo que permite identificar se o leitor já conhece os enunciados dos encontros a serem realizados. Caso não conheça, cabe ao bibliotecário explicar os enunciados relativamente estáveis de cada encontro.

Sugestão de encontro narrativo

Assinale os encontros narrativos que você deseja participar aqui na biblioteca. Caso desconheça alguns deles, o bibliotecário pode explicar:

Batalha de Poesia, ou *Slam* Círculo de Leitura Hora do Conto Leitura Dramatizada
 Rodas de Conversa Rodas de Leitura Saraus Literários Tertúlia Literária Dialógica
 Outro:_____.

*Campo para decisão sobre a prioridade de encontros narrativos a serem realizados na biblioteca. Contudo, o leitor pode participar dos encontros que desejar

Sugestão de dias/horários para os encontros

Para você. Qual o melhor dia e horário para participar dos encontros narrativos na biblioteca?

segunda-feira terça-feira quarta-feira quinta-feira sexta-feira sábado
 domingo

manhã tarde noite

*Campo que permite identificar o melhor dia/horário para realização dos encontros narrativos. O bibliotecário, caso não tenha disponibilidade de ser o mediador oral em determinado dia/horário, e não tenha outro bibliotecário para ser o narrador, não deve colocar essa opção, pois é necessário que tenha um bibliotecário nos encontros, como mediador oral.

Contatos

Deixe seus contatos e entraremos em contato com você para divulgarmos os encontros narrativos realizados na biblioteca.

*Campo opcional, mas importante para manter contato com o leitor antes e depois do encontro narrativo.

APÊNDICE B – Controle dos Encontros narrativos: modelo sugestivo

CONTROLE DOS ENCONTROS NARRATIVOS
Data do encontro: _____ .
Público-alvo: _____ . *Campo para registrar o público convidado para o encontro. Com esse dado o bibliotecário evita repetir tipologias de encontro narrativo, obras, autores, gêneros literários mediados, etc., para o público-alvo convidado.
Nome do bibliotecário-narrador: _____ . *Caso a biblioteca tenha mais de um bibliotecário, esse campo pode ajudar no revezamento de narradores para que todos os interessados participem.
Tipo de encontro narrativo
() Batalha de Poesia, ou <i>Slam</i> () Círculo de Leitura () Hora do Conto () Leitura Dramatizada () Rodas de Conversa () Rodas de Leitura () Saraus Literários () Tertúlia Literária Dialógica () Outro:_____ . *Campo para registrar o tipo de encontro narrativo, com base no estudo de leitores-ouvintes.
Parceiros do encontro narrativo
() Professores () Pedagogos () Estudantes de Biblioteconomia () Estudantes de outras Áreas () Outro:_____ . *Campo para marcar os parceiros do encontro narrativo.
Literatura selecionada para mediação oral
() Proposta (ou erudita, ou culta, ou clássica) () Massa (ou popular, ou de entretenimento) * Esse campo permite mesclar encontros com literatura erudita e literatura de massa, para que ambas sejam mediadas.

Literatura, por faixa etária, escolhida para mediação oral

() Adulta () Infantil () Juvenil () Outro:_____.

*Esse campo permite sinalizar a literatura, por faixa etária, escolhida para mediação. O bibliotecário pode mediar obras infantis para adultos e vice-versa, por meio da adaptação oral, mas com bom senso.

Gênero literário a ser mediado

() Contos () Cordel () Crônicas () História em quadrinhos, Gibis, Mangá ou RPG () Novelas () Poesias () Romances () Outro:_____.

* Esse campo permite que o bibliotecário tenha um controle dos gêneros mediados. É possível com os dados levantados, oferecer um cardápio literário diversificado.

Referência da obra mediada

* Campo para identificar as vozes convidadas para o diálogo. Para evitar constantes repetições, o bibliotecário pode oportunizar que autores emudecidos que habitam há anos as prateleiras sem circulação sejam convidados para os encontros e saiam das estantes.

APÊNDICE C - *Feedback* dos encontros narrativos: modelo sugestivo

FEEDBACK DOS ENCONTROS NARRATIVOS
<p>Data: *Campo para registrar a data e a hora do encontro narrativo.</p>
<p>Marque o encontro narrativo que você participou.</p> <p>() Batalha de Poesia, ou <i>Slam</i> () Círculo de Leitura () Hora do Conto () Leitura Dramatizada () Rodas de Conversa () Rodas de Leitura () Saraus Literários () Tertúlia Literária Dialógica () Outro:_____.</p> <p>*Campo para registrar o tipo de encontro narrativo.</p>
<p>Você gostou da forma que o bibliotecário leu em voz alta ou narrou?</p> <p>() Sim () Não () Outro:_____.</p> <p>* Campo para registrar o ponto de vista do leitor com relação ao bibliotecário.</p>
<p>Caso tenha outros mediadores do encontro, você gostou da mediação oral deles?</p> <p>() Sim () Não () Outro:_____.</p> <p>* Campo para registrar o ponto de vista do leitor com relação aos outros leitores-narradores.</p>
<p>Você gostou da obra mediada?</p> <p>() Sim () Não () Outro:_____.</p> <p>* Campo para registrar o ponto de vista do leitor com relação à obra mediada.</p>
<p>Você gostou do espaço da mediação?</p> <p>() Sim () Não () Outro:_____.</p> <p>* Campo para registrar o ponto de vista do leitor com relação ao espaço da mediação. Aqui ele pode relatar a questão de sujidade, climatização, organização, ambiência etc.</p>
Espaço para elogios, críticas e sugestões
<p>Deixe aqui seus elogios, críticas e sugestões para os próximos encontros: *Campo para registrar, de forma discursiva, os apontamentos dos leitores.</p>
Contatos
<p>Quer falar com o bibliotecário? Entre em contato através do telefone, e-mail, página do Facebook, WhatsApp, blog etc.</p> <p>*Campo que permite ao bibliotecário manter uma interlocução constante com os leitores.</p>